

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Tiago Guelssi Armoa Vieira

**ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS POR ALUNOS E
PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL**

Taubaté – SP

2021

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Tiago Guelssi Armoa Vieira

**ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS POR ALUNOS E
PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Contextos, Práticas Sociais e Desenvolvimento Humano

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Diana B. de S. e C. Ortiz Monteiro

Taubaté – SP

2021

TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA

**ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
POR ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Contextos, Práticas Sociais e Desenvolvimento Humano

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Diana B. de S. e C. Ortiz Monteiro.

Data: 26/10/2021

Resultado: aprovado

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Diana Edith Belfort de Souza e Camargo Ortiz Monteiro - Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Prof. Dr. Ronaldo Luiz Beleze - Instituto Federal do Maranhão, Campus Barreirinhas.

Assinatura: 

Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti - Universidade de Taubaté

Assinatura: 

A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.

(MARCEL PROUST)

RESUMO

Buscou-se conhecer as representações sociais de alunos e professores do ensino profissional sobre o ecoturismo nos Lençóis Maranhenses. Sabe-se que as representações desses atores são relevantes para o desenvolvimento da atividade turística, visto que o processo de formação visa à inserção no mercado de trabalho, dado o papel acadêmico da instituição de ensino da qual provêm os alunos e professores. A partir do referencial teórico das Representações Sociais, o compartilhamento da realidade pelos sujeitos foi o resultado deste trabalho. A pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, foi realizada em uma Instituição de Ensino Profissionalizante do Estado do Maranhão, localizada no município de Barreirinhas-MA, região dos Lençóis Maranhenses. A população estudada foi constituída de 61 alunos do curso Técnico em Agenciamento de Viagens e de 30 docentes que ministram aula nesse curso. Foram utilizados questionários sociodemográficos, para caracterização de professores e alunos. Para os professores foram realizadas entrevistas semiestruturadas, e os dados coletados foram tratados pelo software IRAMUTEQ, que apontou 6 classes de análise. A partir dos relatórios gerados pelo software, foi realizada análise de conteúdo. As RS dos professores sobre o turismo nos Lençóis Maranhenses demonstram que os serviços de atendimento ao turista e a gestão pública têm dificultado o desenvolvimento da atividade turística na região. O grupo estudado reconheceu que há grande potencialidade na atividade, em razão da estrutura de meios de hospedagem e do patrimônio natural, e que a cidade de Barreirinhas-MA é economicamente favorecida pela atividade do turismo. Para o grupo dos alunos foram realizados grupos focais. O material coletado nas reuniões foi separado em 3 tópicos da área do turismo. Cada tópico gerou uma nuvem de palavras, a partir da análise de conteúdo. Pôde-se observar que as RS dos alunos evidenciaram a necessidade de investimento em infraestrutura por parte dos gestores públicos e a necessidade de solucionar problemas ligados ao saneamento básico. Os alunos também consideraram que, para a manutenção do patrimônio público, é necessário que haja conscientização dos moradores da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais, Educação Profissional, Desenvolvimento Humano, Turismo, Ecoturismo

ABSTRACT

This study aims to know the social representations of students and teachers of professional education about ecotourism in Lençóis Maranhenses. It is known that the representations are relevant for the development of tourist activity, as the process of formation of a visa for insertion in the labor market, given the academic role of the educational institution from which students and teachers come. As for the theoretical framework of Social Representations - SR, the sharing of reality by the subjects to the result of this work. The qualitative, exploratory and descriptive research was carried out in the Institution of Vocational Education of the State of Maranhão, located in the city of Barreirinhas-MA, Lençóis Maranhenses region. The studied population was found of 61 students of the Technical Course in Travel Agency and 30 professors who teach in this course. Sociodemographic questionnaires were used to characterize teachers and students. For the teachers, they were deviated without structure, and the collected data were treated by the IRAMUTEQ software, which indicated 6 classes of analysis. From the reports generated by the software, content analysis was performed. The SR of the professors on tourism in Lençóis Maranhenses demonstrates that the services provided to tourists and public management have hampered the development of tourist activity in the region. The studied group recognized that there is great potential in the activity, due to the structure of accommodation facilities and the natural heritage, and that the city of Barreirinhas-MA is economically favored by the tourism activity. For the group of students, focus groups were carried out. The material collected at the meetings is separated into 3 areas of the tourism area. Each topic generated a word cloud from the content analysis. It was possible to observe that the students' SR show the need for investment in infrastructure on the part of public managers and the need to solve problems related to basic sanitation. Students also consider that, for the maintenance of public property, it is necessary to raise awareness among the city's residents.

KEYWORDS: Social Representations, Professional Education, Human Development, Tourism, Ecotourism

LISTA DE SIGLAS

ACT'S – Atividades Características do Turismo
CHD – Classificação Hierárquica Descendente
COMTUR – Conselho Municipal do Turismo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IEP – Instituição de Ensino Profissionalizante
INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC – Ministério da Educação
MTUR – Ministério do Turismo
OMT – Organização Mundial do Turismo
ONG – Organização Não Governamental
PIB – Produto Interno Bruto
PNLM – Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
RS – Representações Sociais
SISTUR – Sistema do Turismo
TRS – Teoria das Representações Sociais
UC – Unidade de Conservação
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNITAU – Universidade de Taubaté

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Barreirinhas-MA.....	18
Figura 2: Composição do PIB do município de Barreirinhas-MA.....	18
Figura 3: Localização do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.....	20
Figura 4: Trabalhos selecionados para investigação detalhada.....	25
Figura 5: O turismo na perspectiva de diferentes disciplinas.....	34
Figura 6: Sistema turístico de Leiper.....	38
Figura 7: Modelo referencial do SISTUR.....	41
Figura 8: Atividades e produtos característicos do turismo.....	48
Figura 9: Variáveis que influenciam a demanda.....	67
Figura 10: Canais de distribuição.....	79
Figura 11: Segmentos turísticos do Polo dos Lençóis.....	83
Figura 12: Dendrograma de classe de palavras.....	141
Figura 13: Temas e subtemas das classes de palavras.....	142
Figura 14: Mapa conceitual - Classe 2 - “Oferta Turística Derivada”.....	143
Figura 15: Subtemas e palavras da Classe 2.....	144
Figura 16: Nuvem de palavras: prestação de serviços ao turista.....	145
Figura 17: Nuvem de palavras – estrutura de equipamentos turísticos.....	148
Figura 18: Mapa conceitual - Classe 4 - “Poder Público”.....	152
Figura 19: Subtemas e palavras da Classe 4.....	153
Figura 20: Nuvem de palavras: Gestão Pública.....	154
Figura 21: Nuvem de palavras: Meio Ambiente e Geração de Renda.....	158
Figura 22: Mapa conceitual - Classe 3 - “Recursos Turísticos”.....	162
Figura 23: Subtemas e palavras da Classe 4.....	164
Figura 24: Nuvem de palavras: Atrativos Naturais.....	165
Figura 25: Nuvem de palavras: Atrativos Culturais.....	168
Figura 26: Mapa conceitual - Classe 3 “Recursos Turísticos”.....	171
Figura 27: Subtemas e palavras da Classe 3.....	172
Figura 28: Nuvem de palavras: Perfil de Origem da Demanda Turística...	172

Figura 29: Procedência dos Turistas Nacionais de Barreirinhas-MA.....	175
Figura 30: Nuvem de palavras: Aspectos da Oferta Turística Original.....	175
Figura 31: Mapa conceitual - Classe 6 “Formação Profissional”.....	179
Figura 32: Subtemas e palavras da Classe 6.....	180
Figura 33: Nuvem de palavras: Ensino Médio Técnico.....	181
Figura 34: Nuvem de palavras: Mercado de Trabalho.....	183
Figura 35: Mapa conceitual - Classe 1 “Infraestrutura Urbana”.....	186
Figura 36: Subtemas e palavras da Classe 1.....	187
Figura 37: Nuvem de palavras: serviços básicos.....	188
Figura 38: Nuvem de palavras: comunidade local e turismo.....	190
Figura 39: Nuvem de palavras: poder público e turismo.....	193
Figura 40: Nuvem de palavras: atrativos naturais e culturais.....	195
Figura 41: Nuvem de palavras: mercado turístico receptivo.....	198

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de Professores por Gênero.....	112
Gráfico 2 – Professores das Etapas da Educação Básica segundo o gênero.....	113
Gráfico 3 – Distribuição de Professores por Faixa Etária.....	114
Gráfico 4 – Distribuição Professores do Ensino Profissional por Faixa Etária.....	115
Gráfico 5 – Residência Fixa dos Professores.....	116
Gráfico 6 – Estado Civil dos Professores.....	119
Gráfico 7 – Turnos de Trabalho dos Professores.....	120
Gráfico 8 – Tempo como Professor no Ensino Profissional.....	122
Gráfico 9 – Quantidade de instituições em que trabalha como docente.....	123
Gráfico 10 – Titulação dos Professores.....	123
Gráfico 11 – Nível de Graduação dos Professores do Ensino Profissional.....	123
Gráfico 12 – Professores Pós-graduados do Ensino Profissional no Brasil e no Maranhão.....	124
Gráfico 13 – Disciplinas do Eixo de Turismo.....	126
Gráfico 14 – Área dos professores pesquisados e a divisão da carga horária do curso.....	127
Gráfico 15 – Distribuição de Alunos por Gênero.....	128
Gráfico 16 – Proporção de Homens e Mulheres.....	129
Gráfico 17 – Distribuição de Alunos por Idade.....	130
Gráfico 18 – Distribuição de Área de Domicílio.....	131
Gráfico 19 – Familiares de Alunos que Trabalham com Turismo.....	132
Gráfico 20 – Contribuição na Renda dos Familiares que Trabalham com Turismo.....	133
Gráfico 21 – Número de pessoas que contribuem com a renda familiar.....	134
Gráfico 22 – Alunos que Recebem Auxílio Estudantil.....	134
Gráfico 23 – Com quem os Alunos Moram.....	135
Gráfico 24 – Origem Formativa dos Alunos no Ensino Fundamental.....	136
Gráfico 25 – Alunos que exercem atividade remunerada.....	137
Gráfico 26 – Expectativa dos Alunos em Trabalhar com Turismo.....	138
Gráfico 27 – Desempenho dos alunos no ENEM 2014, por dependência administrativa.....	139

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problema.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo Geral.....	17
1.2.2 Objetivos Específicos.....	17
1.3 Delimitação do Estudo.....	17
1.4 Relevância do Estudo / Justificativa.....	21
1.5 Organização da Dissertação.....	21
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	23
2.1 As Pesquisas Realizadas sobre o Tema de Estudo.....	23
2.2 Antecedentes Históricos da Atividade Turística.....	31
2.3 Conceituação e Abordagens do Turismo.....	33
2.3.1 Teoria dos Sistemas Aplicado ao Turismo.....	36
2.4 Aspectos Gerais do Sistema do Turismo – SISTUR.....	39
2.4.1 Conjunto das Relações Ambientais.....	42
2.4.1.1 Subsistema Ecológico.....	43
2.4.1.2 Subsistema Econômico.....	46
2.4.1.3 Subsistema Social.....	50
2.4.1.4 Subsistema Cultural.....	55
2.4.2 Conjunto da Organização Estrutural.....	58
2.4.3 Conjunto das Ações Operacionais.....	65
2.5 Caracterização da Segmentação Turística do Polo Turístico dos Lençóis	81

Maranhenses.....	
2.6 A Educação Profissional no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer.....	86
2.7 Teoria das Representações Sociais e seu Conceito.....	90
2.7.1 A Gênese das Representações Sociais.....	93
2.7.2 Representações Sociais: Objetivação e Ancoragem.....	94
3 MÉTODO.....	98
3.1 Tipo de Pesquisa.....	98
3.2 População / Amostra.....	99
3.3 Instrumentos.....	100
3.3.1 Análise Documental.....	100
3.3.2 Questionários.....	101
3.3.3.....	101
Entrevistas.....	
3.3.4 Grupo Focal.....	102
3.4 Procedimentos para Coleta de Dados.....	103
3.4.1 Coleta de Dados dos Professores.....	103
3.4.2 Coleta de Dados dos Alunos.....	104
3.5 Procedimentos para Análise de Dados.....	106
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	108
4.1 Contexto do Turismo em Barreirinhas-MA.....	108
4.2 Perfil sociodemográfico dos Sujeitos da Pesquisa.....	111
4.2.1 Perfil Sociodemográfico dos Professores.....	111
4.2.1.1 Caracterização dos professores: Gênero.....	111
4.2.1.2 Caracterização dos professores: Faixa Etária.....	113
4.2.1.3 Caracterização dos professores: Residência Fixa.....	115
4.2.1.4 Caracterização dos professores: Estado Civil.....	117
4.2.1.5 Caracterização dos professores: Turnos de Trabalho.....	118
4.2.1.6 Caracterização dos professores: Tempo de Trabalho na Instituição.....	120

4.2.1.7 Caracterização dos professores: Instituições em que trabalha como docente.....	121
4.2.1.8 Caracterização dos professores: Titulação.....	122
4.2.1.9 Caracterização dos professores: Área de Atuação no Curso de Agenciamento de Viagens.....	125
4.2.2 Perfil sociodemográfico dos alunos.....	128
4.2.2.1 Caracterização dos Alunos: Gênero.....	128
4.2.2.2 Caracterização dos Alunos: Idade.....	129
4.2.2.3 Caracterização dos Alunos: Área de Domicílio.....	130
4.2.2.4 Caracterização dos Alunos: Familiares que Trabalham com Turismo.....	131
4.2.2.4 Caracterização dos Alunos: Pessoas que contribuem com a Renda Familiar.....	133
4.2.2.5 Caracterização dos Alunos: Alunos que Recebem Auxílio Estudantil.....	134
4.2.2.6 Caracterização dos Alunos: Com Quem Mora Atualmente.....	135
4.2.2.7 Caracterização dos Alunos: Formação no Ensino Fundamental.....	136
4.2.2.8 Caracterização dos Alunos: Exerce Atividade Remunerada.....	137
4.2.2.9 Caracterização dos Alunos: Qual Setor do Turismo Gostaria de Trabalhar.....	137
4.3 Análise de Discurso dos Professores.....	140
4.3.1 Mapa Conceitual da Análise do Conteúdo do Grupo dos Professores.....	140
4.3.1.1 Classe 2: “Oferta Turística Derivada”.....	142
4.3.1.1.1 Subtema: “Prestação de Serviços ao Turista”.....	144
4.3.1.1.2: Subtema: “Estrutura de Equipamentos Turísticos”.....	148
4.3.1.2 Classe 4: “Poder Público”.....	151
4.3.1.2.1. Subtema “Gestão Pública”.....	153
4.3.1.2.2: Subtema: “Meio Ambiente e Geração de Renda”.....	157
4.3.1.3 Classe 5: “Recursos Turísticos”.....	161
4.3.1.3.1 Subtema: “Atrativos Naturais”.....	164
4.3.1.3.2 Subtema: “Atrativos Culturais”.....	168
4.3.1.4 Classe 4: “Mercado Turístico Receptivo”.....	170
4.3.1.4.1. Subtema “Perfil de Origem da Demanda	172

Turística”.....	
4.3.1.4.2: Subtema: “Aspectos da Oferta Turística Original”.....	175
4.3.1.5 Classe 6: “Formação Profissional”.....	178
4.3.1.5.1 Subtema: “Ensino Médio Técnico”.....	180
4.3.1.5.2 Subtema: “Mercado de Trabalho”.....	182
4.3.1.6 Classe 1: “Infraestrutura Urbana”.....	185
4.3.1.6.1. Subtema “Serviços Básicos”.....	187
4.3.1.6.2 Subtema: “Comunidade Local e Turismo”.....	189
4.3.2 Análise de Discurso do Alunos.....	192
4.3.2.1 Tema: “Poder Público”.....	192
4.3.2.2 Tema: “Atrativos Naturais e Culturais”.....	195
4.2.3.3 Tema: “Mercado Turístico Receptivo”.....	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS.....	207
APÊNDICES	221
APÊNDICE I – Instrumento para Coleta de Dados - Caracterização Sociodemográfica dos Professores.....	221
APÊNDICE II – Instrumento para Coleta de Dados - Caracterização Sociodemográfica dos Alunos.....	222
APÊNDICE III – Instrumento para Coleta de Dados - Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....	223
APÊNDICE IV – Instrumento Para Coleta de Dados - Roteiro do Grupo Focal com os Alunos.....	224
APÊNDICE V – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido.....	225
APÊNDICE VI - Termo De Assentimento Livre e Esclarecido.....	226
APÊNDICE VII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores	227

de 18 Anos.....	
APÊNDICE VIII – MODELO DE OFÍCIO.....	228
APÊNDICE IX – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	229

1. INTRODUÇÃO

Cursar e desenvolver uma pesquisa acadêmica com reflexos diretos no meu campo de trabalho foi uma aspiração fruto da carreira que escolhi. Hoje atuo como professor em uma Instituição de Ensino Profissionalizante – IEP, e desde que ingressei na faculdade, em 2003, mantive laços estreitos com a formação técnica e tecnológica.

Devido a minha trajetória pessoal, o tema escolhido para o estudo foi desenvolvido a partir da minha experiência profissional como docente em um município de vocação turística.

Formado em Turismo em 2008, ingressei no Serviço Público como Assistente em Administração em uma IEP localizada no município de São Roque. Em 2011, fui aprovado para ingresso na carreira de Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico em uma IEP que faz parte da mesma rede na qual fui formado e em que já era servidor.

Essa IEP, da qual faço parte do quadro docente, conta com cursos nos eixos de Produção Alimentícia, Recursos Naturais e Hospitalidade, Lazer e Turismo. Imerso nesse contexto, compreendi a necessidade da formação dos alunos, bem como a construção do curso pelos professores alinhada às necessidades da região, que tem no turismo sua principal atividade econômica.

Segundo dados da Organização Mundial do Turismo – OMT, a atividade tem relevante importância na economia mundial. O turismo movimenta o equivalente a 10% do Produto Interno Bruto mundial. Um em cada dez empregos no mundo é ligado à atividade turística. (OMT, 2016). Em decorrência disso, o turismo constitui-se num grande fator de desenvolvimento social e econômico, em virtude das oportunidades de trabalho que oferece e da geração de renda que propicia. Por conseguinte, viabiliza melhores índices de desenvolvimento humano.

Dentre os vários segmentos da atividade turística, o Ecoturismo vem ganhando notoriedade, pois é uma categoria que opera com sustentabilidade o patrimônio natural e cultural, visto que estimula sua conservação por meio de conscientização ecossistêmica da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (MTUR, 2010). Segundo Ruschmann (1993), o turismo ecológico liga o desenvolvimento econômico à educação ambiental de que o homem moderno necessita, por meio da experiência com a natureza.

Para a OMT (2002), o ecoturismo apresenta uma série de características inerentes que acabam por pautar sua definição. Relaciona-se às formas de turismo em que a principal motivação dos turistas é a observação e apreciação da natureza e também das culturas tradicionais que prevalecem nas áreas naturais, Constitui, portanto, uma atividade que conduz

a uma educação ambiental. Complementa a OMT (2012), em sua definição, que o ecoturismo proporciona a manutenção das áreas naturais utilizadas como atrativos turísticos, porque gera benefícios econômicos para as comunidades hospedeiras, organizações e autoridades que manejam áreas naturais com fins de conservação. Além disso, traz oportunidades alternativas de emprego e renda para as comunidades locais e conscientização sobre a importância da preservação do legado natural e cultural, tanto dos moradores quanto dos turistas.

O ecoturismo, ou turismo ecológico, atividade que explora os elementos naturais existentes em uma localidade para fins de lazer, recreação e contemplação, tem sido, nos últimos anos, um grande objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas. O uso do legado natural pelo turismo tem proporcionado diversas discussões sobre os impactos positivos ou negativos que pode causar na natureza e nas comunidades locais, a partir de fatores como comportamento do turista e organização local.

A partir dos debates sobre a imprescindibilidade de conservação do meio ambiente, o ecoturismo emerge como uma alternativa de desempenhar a atividade turística de maneira mais responsável. Logo, sua origem está alinhada aos conceitos de desenvolvimento sustentável que visam harmonizar a expansão econômica de maneira que seus dividendos atendam à igualdade social e à preservação da natureza (LINDBERG; HAWKINS, 1995).

O ecoturismo, no seu aspecto conceitual, está na interface entre a atividade turística e a preocupação com a questão ambiental. Tem como propósito fornecer subsídios para a conservação de ecossistemas e, concomitantemente, ser uma atividade econômica que possibilite benefícios aos interessados, prioritariamente às comunidades locais. A atividade, além de promover postos de trabalho e gerar inclusão social, oportuniza a valorização do patrimônio natural (ROCKTAESCHEL, 2006).

O ecoturismo traz a abordagem ambiental e possibilita a emergência da discussão sobre os impactos socioambientais da atividade turística (COSTA, 2002). Promove a participação em ações que visem à proteção ambiental e respeita as culturas autóctones das destinações com características singulares (KINKER, 2002).

Além dos aspectos econômicos e sociais, o ecoturismo é relevante em outros setores. Pires (1998), ao refletir sobre o ecoturismo, identificou os setores da sociedade que têm interesse em seu desenvolvimento.

O trade turístico, que é composto por agências de turismo, empresas de hotelaria e guias de turismo, está interessado na promoção e na força do prefixo 'eco' que, convenientemente, está associado ao turismo.

Os órgãos governamentais responsáveis pela elaboração de políticas públicas observam o ecoturismo como fator de desenvolvimento regional. Já as organizações não-governamentais – ONGs enfatizam os aspectos ambientais da atividade.

O público turista interessa-se pelo ecoturismo, em atenção a motivações e expectativas pessoais. Já as comunidades anfitriãs enfatizam seu envolvimento com ecoturismo nos aspectos de planejamento e de benefícios gerados pela atividade.

Por fim, a comunidade acadêmica tem seu interesse pelo ecoturismo como objeto de estudo, pois prima pelo esforço de não reduzir os conceitos premeditadamente e aprofundar as reflexões teórico-conceituais sobre o tema.

Assim, o ecoturismo pode ser observado por diversos ângulos, em virtude da gama de dimensões em que repercute. Dessa forma, nesta pesquisa o tema é abordado a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS), que possibilita estudar a relação entre o indivíduo e o seu meio a partir da compreensão da construção de crenças, comportamentos e valores (GUARESCHI, 2000).

Nesse contexto, o Ecoturismo é considerado como um objeto social, conseqüentemente, de representação social (RS), ao refletir um saber que os alunos e docentes elaboram e compartilham acerca do seu funcionamento. Portanto, por meio do conhecimento das representações sociais, é possível contribuir para o processo formativo no eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer de uma IEP.

Assim, neste estudo procura-se elucidar de que forma alunos e docentes refletem e desenvolvem suas representações sociais sobre o ecoturismo no município de Barreirinhas.

1.1 Problema

As crenças e valores que alunos e professores da educação profissional compartilham sobre o ecoturismo são importantes, pois eles são atores que participam ou participarão diretamente da atividade econômica proeminente de Barreirinhas.

Ao conhecer e identificar esses significados, tem-se a possibilidade de propor alternativas para a melhoria na educação técnica vigente. Oliveira (2005) infere que a qualidade no ensino, como conceito, não tem padrões preestabelecidos, bem como não pode ser predeterminada, pois é construída socialmente.

Partindo da premissa de que as representações sociais orientam práticas sociais, cuja constituição de ideias se dá pela interpretação coletiva sobre o real, por meio do compartilhamento de ideias entre os grupos sociais com base em valores e crenças, nesta

pesquisa buscou-se investigar como alunos e professores representam o turismo, Para isso, questionou-se: Quais são as representações sociais de alunos e docentes do ensino profissionalizante sobre o ecoturismo no município de Barreirinhas-MA?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar as representações sociais por discentes e docentes do curso técnico de Agenciamento de Viagens sobre o Ecoturismo no município de Barreirinhas-MA

1.2.2 Objetivos Específicos

- Elaborar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa;
- Apreender os valores, as crenças, as atitudes e as opiniões dos discentes e docentes do curso técnico em Agenciamento de viagens sobre o Ecoturismo no município de Barreirinhas-MA; e
- Conhecer e analisar o sistema de Turismo do município de Barreirinhas-MA.

1.3 Delimitação do Estudo

A pesquisa foi realizada com 36 alunos e 15 professores de uma IEP do município de Barreirinhas, no estado do Maranhão.

Na Figura 1, o município é apresentado no mapa do estado do Maranhão.

Barreirinhas-MA está localizado na microrregião dos Lençóis Maranhenses, pertencente à mesorregião Norte Maranhense. A população estimada é de 62.458 habitantes. A extensão territorial é de 3.026,54 km², com densidade demográfica de 17,45 habitantes por quilômetro quadrado IBGE (2015). A localização do município é privilegiada para o atendimento da atividade turística: está na parte mais ocidental do estado, adjacente aos estados do Piauí e Ceará. Em toda essa faixa litorânea há atrativos naturais de beleza cênica que constituem importantes destinos turísticos do segmento de sol e praia.

Figura 1: Localização do município de Barreirinhas-MA



Fonte: Abreu (2017).

Criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) agrega, em seu cálculo, índices de longevidade dos cidadãos, renda *per capita* e qualidade da educação. Esse índice é medido de 0 a 1, sendo 0 IDH baixo, e 1, IDH máximo.

No último relatório, de 2010, Barreirinhas obteve a pontuação 0,57. No estado do Maranhão, Barreirinhas está classificada na 119ª posição, entre 217 municípios, e no Brasil está na 4936ª posição, entre 5565 municípios.

O PIB de Barreirinhas – MA é de R\$ 380.737,00. Na Figura 2, demonstra-se que sua formação tem cerca de 40% provenientes do setor de serviços, em virtude do fato de ter no turismo, hotelaria e lazer sua principal atividade econômica.

Figura 2: Composição do PIB do Município de Barreirinhas-MA

ATIVIDADE ECONÔMICA	VALOR EM R\$	PERCENTUAL
AGROPECUÁRIA	39.714,25	8,76%
INDÚSTRIA	32.277,63	7,12%
SERVIÇOS	187.776,60	41,41%
ADMINISTRAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO PÚBLICAS E SEGURIDADE SOCIAL	193.727,03	42,72%
TOTAL	453.495,51	100%

Fonte: IBGE (2020)

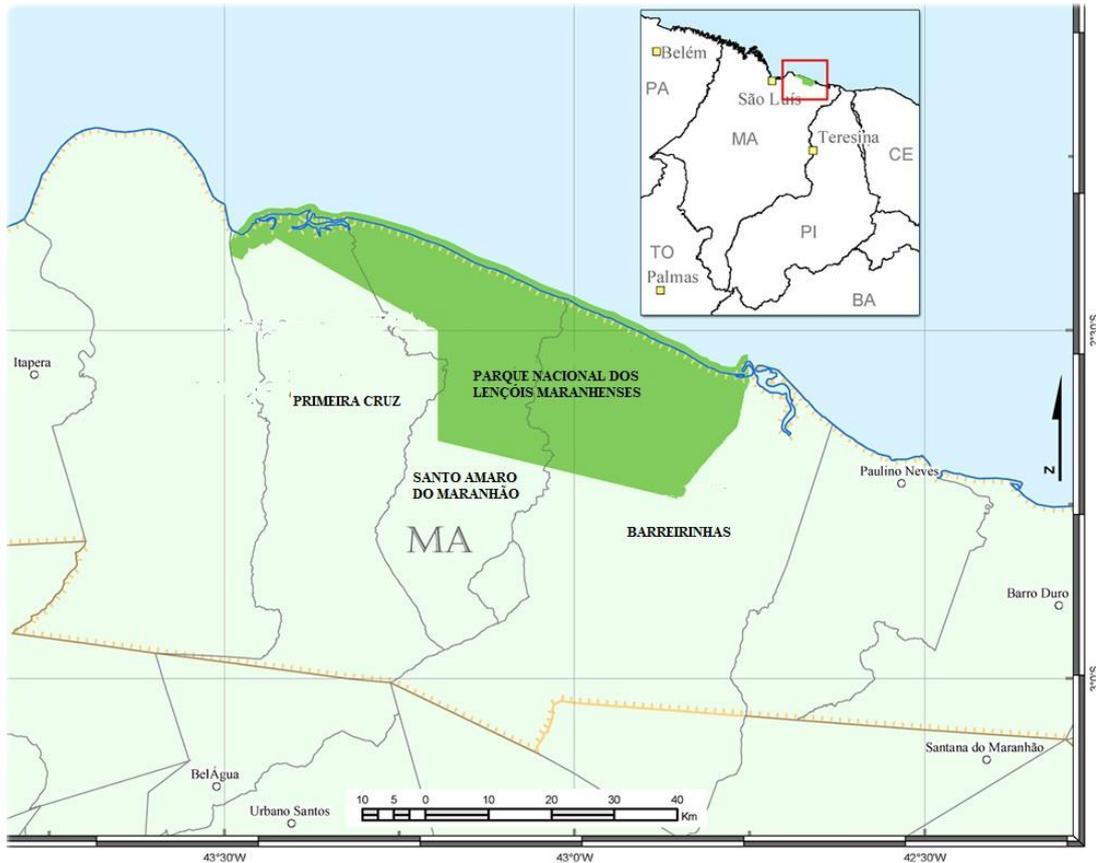
O principal atrativo turístico do estado do Maranhão, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM) (ver Figura 3), limita-se com os municípios de Primeira Cruz, Santo Amaro do Maranhão e Barreirinhas. Este último, em razão da sua infraestrutura de hospedagem, restaurantes e transportes, é considerado o portal de entrada para os Lençóis Maranhenses (CARVALHO, 2007).

Ab'Saber (2001, p. 98) assim descreve o PNLM:

[...] trata-se de um campo de dunas da ordem de aproximadamente 1500 km quadrados, completados a leste por dois pequenos lençóis. As dunas regionais se estendem ao longo da costa leste - oeste, por 75 a 80 km, adentrando de 25 a 30 km na mancha central. Em seu corpo total, os Lençóis Maranhenses têm o formato de um pastel alongado com terminações bem marcadas para outros setores e ecossistemas da planície costeira do nordeste maranhense.

Além do PNLM, o município de Barreirinhas conta com outros atrativos turísticos, como a praia do Atins, o passeio de lancha no rio Preguiças e as atividades de flutuação no rio Formiga. Barreirinhas também faz parte da Rota das Emoções, que passa pelo litoral de três estados do nordeste brasileiro: Maranhão, Piauí e Ceará. Nesse roteiro, o turista pode conhecer três Unidades de Conservação - UC de nível federal. Além do PNLM, no Maranhão, o roteiro é composto pela Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba, no Piauí e pelo Parque Nacional de Jericoacoara, no Ceará. Todas essas atividades fazem parte da principal fonte econômica do município de Barreirinhas: o Ecoturismo (CARVALHO, 2007).

Figura 3: Localização do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses



Fonte: IBAMA (2002).

A IEP da qual os alunos e docentes participantes da pesquisa são provenientes faz parte da Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica. Possui instituições de ensino em todo o território nacional, tendo iniciado suas atividades há mais de 100 anos, como Escola de Aprendizagem e Artífices. Devido à necessidade de responder às demandas da industrialização crescente no Brasil, transformou-se em Escolas Técnicas, nos anos 1960, que nos anos 1980 passaram a ser denominadas Centros de Educação Tecnológica. Em 2008, alcançou o *status* atual de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, habilitando-se a oferecer cursos em todas as modalidades de ensino. No Maranhão, a instituição atualmente possui 26 *campi* distribuídos por todo o estado (BRASIL, 2018).

No município de Barreirinhas o campus foi inaugurado em 2008 e, atualmente, conta com 520 alunos matriculados em cursos de nível técnico e nível superior. São oferecidos cursos nos eixos tecnológicos de Produção Alimentícia, Recursos Naturais e Turismo Hospitalidade e Lazer (BRASIL, 2018).

No Eixo de Hospitalidade e Lazer são oferecidos, atualmente, os cursos técnicos em Hospedagem, na modalidade do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional

com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e o curso técnico em Agenciamento de Viagens na modalidade integrado ao Ensino Médio, cujos alunos e docentes constituem os sujeitos desta pesquisa.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

A pesquisa sobre as Representações Sociais de discentes e docentes de uma IEP a respeito da atividade turística é relevante, pois visa contribuir para o desenvolvimento da principal atividade econômica da região. Isso porque a Instituição de Ensino em questão tem como principal missão a formação técnica profissional. Assimilando como se dá a formação das RS por alunos e docentes, a pesquisa busca elucidar pontos relevantes a serem aperfeiçoados no que se refere ao processo educacional focalizado.

Ao buscar compreender a formação das RS, a pesquisa poderá colaborar para o desenvolvimento da atividade turística da região e, conseqüentemente, para seu desenvolvimento econômico. Com a melhoria da atividade econômica, os índices de Desenvolvimento Humano também poderão ser elevados, justificando-se, assim, o cunho social da pesquisa acadêmica.

Para Carvalho (2007, p. 19), a relevância dos estudos em representações sociais relacionados a esta esfera

[...] reside no fato da crescente importância que se atribui nas hostes acadêmicas, políticas e administrativas aos processos de participação social (...). E ao fato, entre outros, que a maioria dos estudos sobre o turismo não toma em consideração plena, ideias e noções, enfim as representações sociais dos atores.

A pesquisa também poderá trazer avanços sobre a construção do saber técnico da área de Turismo. Dessa forma, justifica-se o estudo, pois haverá um retorno dos resultados, por meio de atualizações que a instituição de ensino julgue necessárias, ao considerar a possibilidade de atualizar a base curricular dos cursos e refletir sobre a importância do ecoturismo.

1.5 Organização da Dissertação

Este texto está organizado em quatro capítulos. No primeiro deles, intitulado introdução, apresentam-se o tema, os objetivos, a delimitação da pesquisa e sua relevância.

A Revisão da Literatura constitui o segundo capítulo. São tratados os conceitos e aspectos do turismo, a segmentação do ecoturismo, bem como a educação profissional no eixo

de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Complementarmente, o capítulo aborda a Teoria das Representações Sociais sua formação e suas funções.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia: o tipo de pesquisa, a amostra participante e os procedimentos para coleta e análise dos dados.

Os resultados dos levantamentos realizados, as discussões relevantes e as considerações finais são apresentadas no quarto capítulo.

Na sequência do texto, as Considerações finais, a listagem das referências bibliográficas e os apêndices.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 As Pesquisas Realizadas sobre o Tema de Estudo

Tendo o foco desta pesquisa o tripé composto pelo Turismo como objeto social, alunos e professores da educação profissional como sujeitos, e a Teoria das Representações Sociais como referencial teórico-metodológico, buscou-se conhecer o estado da arte referente a esses tópicos. Para Ferreira (2002), o mapeamento da produção científica e acadêmica é a base da revisão da literatura, a partir da pesquisa bibliográfica da matéria que será estudada.

As bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Scientific Electronic Library (SciELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram as plataformas utilizadas para a realização do levantamento. Ademais, realizaram-se buscas em periódicos nacionais do turismo e pesquisas no Banco de Dissertações da Universidade de Taubaté – UNITAU.

Como critério para o levantamento bibliográfico, foram utilizados os descritores “Representações Sociais”, “Turismo” e “Educação Profissional”. O período 2009 - 2020 foi o recorte temporal utilizado como parâmetro nas pesquisas, a fim de abarcar os trabalhos mais recentes.

Com a combinação dos descritores “Representações Sociais” e “Turismo”, na plataforma da CAPES foram encontrados 97 artigos, na BDTD foram encontradas 32 teses/dissertações, e na SciELO, 5 artigos. Quando utilizados os descritores “Representações Sociais” e “Educação Profissional”, na CAPES encontraram-se 48 artigos, na BDTD a busca retornou 24 teses/dissertações, e na SciELO, 8 artigos. E por fim, ao utilizar os termos “Turismo” e “Educação Profissional”, a CAPES trouxe 41 resultados, na BDTD encontraram-se 21 resultados e a SciELO apresentou um artigo com essa combinação.

Santos e Rejowski (2013), analisando comunicação científica em turismo no Brasil, afirmam que periódicos acadêmicos da área do turismo não integram a base de dados da SciELO, que é o principal indexador científico nacional. Neste sentido, buscando respaldar um levantamento bibliográfico que abrangesse a produção científica nessa área, realizou-se uma busca nos periódicos nacionais de turismo. Como critério de seleção, utilizou-se a avaliação do sistema Qualis, desenvolvido pela CAPES para classificar os periódicos nacionais, tendo a nota B2 como mínimo necessário.

Seis publicações da área do turismo cumpriam esse requisito: Caderno Virtual de Turismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Revista Turismo em Análise, da

Universidade de São Paulo; Revista Turismo Visão e Ação, da Universidade do Vale do Itajaí; Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo; Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, da Universidade Caxias do Sul; e a Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, da Universidade do Grande Rio.

Nas publicações supracitadas, foram pesquisados artigos, utilizando-se os descritores “representações sociais” e “educação profissional”, com o recorte temporal 2009 - 2020. Com o descritor “representações sociais” foram encontrados 13 artigos, e com o descritor “educação profissional”, 14 artigos.

Para o descritor “Representações Sociais”, o periódico que trouxe mais resultados foi a revista Rosa dos Ventos, com 5 artigos. Já as publicações Turismo em Análise e Turismo Visão e Ação não apresentaram resultados para esse descritor. Com a utilização do descritor “Educação Profissional”, encontraram-se 4 resultados. Esse periódico foi aquele em que o termo foi mais encontrado. As demais publicações apresentaram ao menos uma publicação, quando esse descritor foi utilizado.

Após este levantamento inicial, uma segunda etapa foi empreendida, a leitura dos resumos, para identificar trabalhos com temáticas pertinentes que poderiam colaborar no desenvolvimento da pesquisa. A Figura 4 apresenta os trabalhos selecionados.

Os estudos elencados para uma leitura detalhada foram escolhidos por sua correlação com o objeto de estudo e com a linha teórica utilizada. Assim, foram selecionados os temas que relacionassem educação profissional e o turismo, como também trabalhados norteados pela investigação do tema proposto nesta pesquisa, a partir da abordagem da Teoria das Representações Sociais. Temas em destaque foram a prática pedagógica do ensino do turismo, e investigações de RS de grupos sociais que participam da atividade turística e da educação profissional.

Figura 4: Trabalhos selecionados para investigação detalhada

TÍTULO	AUTOR	PUBLICAÇÃO	ANO	BASE DE DADOS
Trajetórias de Posicionamento Profissional no Setor Hoteleiro Capixaba	MELLO, A. S.; PIMENTEL, T. D.; SILVA, A. R. L	ARTIGO	2011	CAPES
O Poder Simbólico das Representações Sociais: Territorialidades Conflitivas nas Relações Homem e Natureza no Distrito de Lavras Novas-MG	DUTRA, C.A.	DISSERTAÇÃO	2012	BDTD
O Papel de Condutores Ambientais Locais e de Cursos de Capacitação no Ecodesenvolvimento Turístico e as Expectativas Sociais no Sul do Brasil	RIBAS, L. C. C.; HICKENBICK, C. O	ARTIGO	2012	PERIÓDICOS DE TURISMO
Uma leitura sobre a praia de Iracema - Fortaleza (CE): transformação socioespacial do lugar e suas representações	EVANGELISTA, I.M.	TESE	2013	BDTD
Os Caminhos do Frio no Desenvolvimento do Brejo Paraibano	CORDEIRO, R.S.	DISSERTAÇÃO	2014	BDTD
Análise das Representações Sociais dos comerciantes ambulantes e suas implicações no planejamento turístico	COSTA, S.P.; SONAGLIO, K.E.	ARTIGO	2014	CAPES
Demanda e Competências dos Profissionais: estudo em agências de viagens e hotéis em Aracaju, Sergipe	CORRÊA, J. M. F. G.; TEIXEIRA, R. M.	ARTIGO	2014	PERIÓDICOS DE TURISMO
Representações sociais e o turismo: consubstanciação de geossímbolos	GARCIA, R.M.P.	ARTIGO	2015	PERIÓDICOS DE TURISMO
As Representações Sociais dos Gestores sobre a Qualidade na Educação Infantil	LACERDA, P.G	DISSERTAÇÃO	2015	UNITAU
Representações Sociais da Educação Ambiental para Professores no Ensino Fundamental II	MONTEIRO, I.F.C.	DISSERTAÇÃO	2015	UNITAU
As representações sociais sobre turismo em comunidades do Rio Negro/Iranduba-AM	SIMONETTI, S.R.; NASCIMENTO, E.P.; CHAVES, M.P.	ARTIGO	2016	CAPES
Representações Sociais e Percepção Ambiental: A Balneabilidade de Praias de São Luís e São José de Ribamar, Maranhão, Brasil	MACEDO-SILVA, W.; THAICKA, L.; SÁ-SILVA, J.R.	ARTIGO	2016	PERIÓDICOS DE TURISMO
Política de Educação Profissional e Curso Técnico em Turismo: Desafios no Estado do Paraná, Brasil	MEIRA, C.M.; AMORIM, M.L.	ARTIGO	2016	PERIÓDICOS DE TURISMO
Representações Sociais de Profissionais da Educação Infantil sobre Alimentação Escolar	VALLE, P.	DISSERTAÇÃO	2016	UNITAU
Com a Fala o Professor: As Representações e a Produção de Sentido sobre o Turismo no Currículo Escolar	JULIÃO, D.V.	DISSERTAÇÃO	2018	BDTD
Trabalho como Princípio Educativo: Representações Sociais de Trabalho de Alunos do IFRO	PEREIRA DE ANDRADE, J. A.; PEREIRA, T. A.; AZEVEDO, R. O. M.	ARTIGO	2018	CAPES
As Representações Sociais de Docentes da Educação Básica quanto a Qualidade de Vida/Trabalho	SILVA, V.C.B.	DISSERTAÇÃO	2018	UNITAU

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Os estudos para leitura detalhada foram escolhidos por sua correlação com o objeto de estudo e com a linha teórica utilizada na pesquisa, ou seja, aqueles que pudessem relacionar a educação profissional e o turismo, e também aqueles que apresentaram fundamentação na Teoria das Representações Sociais. Destacaram-se: o tema prática pedagógica do ensino do turismo e investigações de RS de grupos sociais que participam da atividade turística e da educação profissional.

Os trabalhos citados nos próximos parágrafos, estudados de forma significativa, contribuíram para tecer o arcabouço teórico.

Com a Fala o Professor: As Representações e a Produção de Sentido sobre o Turismo no Currículo Escolar (Julião, 2018) demonstra como a atividade turística pode ser observada na prática pedagógica dos professores. A autora procurou compreender como professores do ensino médio da rede pública representavam o turismo. Como o professor é intercessor de variados saberes, as representações do turismo foram refletidas como exteriorização de interdisciplinaridade. A pesquisa também constatou que, para os professores, o turismo pode ser visto como um elo entre a teoria e a prática curricular. Dessa forma, emerge na prática pedagógica aliada ao turismo a possibilidade de educação para a cidadania.

Os Caminhos do Frio no Desenvolvimento do Brejo Paraibano (CORDEIRO, 2014) investiga as relações entre os diversos agentes que participam do desenvolvimento turístico na Rota Cultural Caminhos do Frio. Destaca-se que, nas RS apontadas sobre desenvolvimento, a pesquisa encontrou a predominância do viés econômico, em detrimento das dimensões cultural, social e histórica. Ao entender como se dão as conexões entre tais agentes, a dissertação enfatiza que na localidade há potencialidades culturais e econômicas que vêm sendo desenvolvidas a partir do amadurecimento da atividade turística.

O Poder Simbólico das Representações Sociais: Territorialidades Conflitivas nas Relações Homem e Natureza no Distrito de Lavras Novas-MG (Dutra, 2012) estuda as atividades não agrícolas que vêm se estabelecendo no meio ambiente rural, dentre as quais o turismo. A tese investiga as tensões entre os diferentes grupos sociais e demonstra ser muitas vezes conflituosa a relação entre a população local e os forasteiros que vêm se estabelecer no campo. Ainda que a melhora na infraestrutura seja percebida, a população local aponta o desenvolvimento descontrolado como causador de problemas de esgoto na cidade. Devido às condições econômicas, sociais e políticas, grupos recém-estabelecidos na área rural acabam por determinar o processo decisório, divergindo da população local. Para a autora, embora a atividade turística procure reduzir as discrepâncias sociais por meio da melhora de vida das populações autóctones, o resultado tem sido antagônico. Assim, o turismo acaba fazendo com

que a concentração de renda crie em um mesmo território visões de mundo opostas e incompatíveis

Uma Leitura sobre a Praia de Iracema - Fortaleza (CE): Transformação Socioespacial do Lugar e suas Representações (Evangelista, 2013) discorre a respeito do processo de transição da Praia de Iracema, em Fortaleza (CE), a partir da RS de moradores. Considerando a importância dessa localidade como polo de atração turística da cidade, a pesquisa demonstra que as inferências socioespaciais ocorridas na região foram amparadas por interesses político-econômicos, muitas vezes diferentes dos interesses dos moradores do lugar.

Os cidadãos compreenderam e aceitaram as mudanças ocorridas na região; no entanto, a autora afirma que é preciso que os olhares de moradores e do poder público se entrecruzem novamente, permitindo um aprofundamento das experiências vividas entre os que residem e os que visitam o espaço geográfico.

As representações sociais sobre turismo em comunidades do Rio Negro/Itanduba-AM, (Simonetti; Nascimento; Chaves, 2016), analisa como os povos ribeirinhos percebem a atividade turística incipiente na região. A população está em diferentes povoados, separados geograficamente, e os autores percebem que os conflitos internos e as visões de mundo são divergentes entre as comunidades e que o turismo é visto de forma distinta, em cada uma delas. Neste sentido, concluem os autores que a falta de envolvimento e de laços comunitários enfraquecem a atividade turística na região.

Representações sociais e o turismo: consubstanciação de geossímbolos (Garcia, 2016) debate de que forma símbolos são operados e vivenciados, a partir de uma realidade concreta, instalada nas representações de turistas. A pesquisa teve como propósito manifestar como se dão as apropriações das representações simbólicas concernentes ao turismo e notadamente ao turista. Tal apropriação ocorre ao longo da experiência turística, a partir de significados atribuídos a lugares ou momentos. O trabalho aborda também a finalidade de inúmeras representações simbólicas que orientam a sociedade atual, cujo material “[...] estão justapostos, sobrepostos e intrincados” (2016, p. 194). Sugere a autora que se trata de promoção de uma conduta estandardizada por meio de ideias preconcebidas.

Trajatórias de Posicionamento Profissional no Setor Hoteleiro Capixaba (Mello; Pimentel; Silva, 2011) recorre à TRS para compreender como se dá a concepção das decisões, para funcionários e gestores, no que se refere ao desenvolvimento profissional. Supondo que tais decisões não se limitam a escolhas meramente formais dentro da carreira laboral, a pesquisa reconhece o papel da subjetividade ao longo da construção das trajetórias. Neste sentido, afirmam os autores que os posicionamentos assumidos pelos profissionais se submetem a duas vertentes

principais. Uma, em que experiências vivenciadas no hotel levaram ao desenvolvimento de formação educacional, e outra, em que a formação acadêmica conduziu de forma preponderante as escolhas profissionais.

Análise das Representações Sociais dos Comerciantes Ambulantes e suas Implicações no Planejamento Turístico (Costa; Sonaglio, 2014) discute como, a partir da compreensão das RS de ambulantes na praia de Ponta Negra/RN, é possível municiar dados para elaboração de futuras estratégias de planejamento na área do turismo. Segundo o trabalho, ainda que periféricamente, no que diz respeito às ações deliberativas, as opiniões desse grupo social são relevantes, porque eles vivenciam as particularidades dos visitantes.

Representações Sociais e Percepção Ambiental: A Balneabilidade de Praias de São Luís e São José de Ribamar, Maranhão, Brasil (Macedo-Silva; Tachaicka; Sá-Silva, 2014) procura conhecer a visão de comerciantes, moradores e banhistas sobre as condições das praias e, conseqüentemente, de que forma tais condições impactam no turismo, na economia e na saúde. O estudo verificou que os sujeitos entendem que as condições de balneabilidade das praias são impróprias. Procurou-se também analisar as propostas sugeridas pelos entrevistados, que destacaram falta de eficiência na fiscalização, despoluição de rios, reestruturação do sistema de saneamento básico e melhoria na comunicação sobre a qualidade das praias.

Trabalho como Princípio Educativo: Representações Sociais de Trabalho de Alunos do IFRO (Andrade; Gonçalves; Azevedo, 2018) estuda as visões de discentes em relação à função da atividade laboral. Com o aporte da TRS, o trabalho demonstrou que, para a maioria dos alunos, o trabalho é correlacionado a subsistências e aquisição de bens materiais. Neste sentido, os autores verificam que há correlação entre a educação profissional e a visão de que os alunos procuram uma educação para o trabalho.

Demanda e Competências dos Profissionais: estudo em agências de viagens e hotéis em Aracaju, Sergipe (Corrêa; Teixeira, 2014) analisa o perfil profissional requerido por empresas do ramo turístico. O estudo elucida que as empresas têm necessidade de funcionários qualificados e com experiência. A ausência de profissionais qualificados pode ter relação com a qualidade do serviço prestado no setor turístico. No entanto, destaca o trabalho que a baixa remuneração no setor pode ser um dos fatores da desarmonia entre oferta e demanda.

O Papel de Condutores Ambientais Locais e de Cursos de Capacitação no Ecodesenvolvimento Turístico e as Expectativas Sociais no Sul do Brasil (Ribas; Hickenbick, 2012) reflete sobre o papel da atividade de Condutor Ambiental Local. Considera o papel dessa ocupação, com reconhecimento ainda incipiente, de relevante importância, quando observada a capacidade de projeção do ecoturismo e da conservação da biodiversidade no

Brasil. O estudo propõe uma análise nas práticas formativas do Instituto Federal de Santa Catarina. Como essa atividade é reconhecida pelo ICMBio em nível federal, esse perfil profissional pode atuar em Unidades de Conservação.

Política de Educação Profissional e Curso Técnico em Turismo: Desafios no Estado do Paraná, Brasil (Meira; Amorim, 2016) procura realizar um estudo comparativo entre a orientação de documentos oficiais e a infraestrutura ofertada em uma Unidade de Educação Profissional voltada para o Turismo. O estudo aponta para a não conformidade com o exigido pela legislação. Ademais, o trabalho investigou o corpo docente quanto ao conhecimento das Diretrizes de Educação Profissional orientadas no Paraná.

Realizada esta etapa da pesquisa, complementarmente recorreu-se ao Banco de Dissertações do Mestrado Profissional em Educação e do Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté – UNITAU. Por meio da seleção e leitura de trabalhos realizados com base na TRS, tal iniciativa visou dilatar o entendimento desse campo de pesquisa.

Após a leitura dos resumos, selecionaram-se quatro pesquisas, que foram estudadas de forma mais profícua.

As Representações Sociais dos Gestores sobre a Qualidade na Educação Infantil (Lacerda, 2015) buscou, por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva, identificar as RS de profissionais da educação que ocupam cargos gerenciais. Foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos para a coleta de dados, por meio de entrevistas semiestruturadas, questionários e registros iconográficos. Como resultados, a pesquisa constatou uma feminilização da carreira. A formação e a competência técnica não apareceram de maneira enfática no discurso do grupo pesquisado, a respeito do desempenho da função gerencial. Neste sentido, o ato de gerir é orientado por uma propensão pela liderança. Reconhece a autora a relevância da apreensão das RS, cujo resultados obtidos podem “[...] apresentar elementos norteadores para a atuação junto à equipe gestora, promovendo ações e intervenções por parte do poder público” (LACERDA, 2015, p. 184).

A pesquisa *Representações Sociais da Educação Ambiental para Professores no Ensino Fundamental II* (MONTEIRO, 2015), que visou apreender e examinar as RS de professores de todas as disciplinas a respeito da Educação Ambiental, foi realizada em cinco escolas diferentes. A coleta de dados teve 4 etapas distintas: análise documental, questionários sociodemográficos, entrevistas gravadas por meio de áudio e aplicação de técnica de desenhos. A pesquisa aferiu que as a organização das RS se deu por meio de reflexões que associam o campo teórico e a prática escolar, por meio de compartilhamento de atribuições entre sociedade, família e escola.

Constatou-se que as RS de Educação Ambiental dos docentes são elaboradas por meio de ponderações que apontam para o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã que, simultaneamente, engloba atores distintos visando melhoria de qualidade de vida e sustentabilidade. O conceito de interdisciplinaridade foi apontado pelos docentes como fundamental para a Educação Ambiental, devido à importância de as disciplinas atuarem de forma integrada. Ainda que haja certa insegurança para a efetivação de ações de Educação Ambiental, a prática em sala de aula foi apontada como um dos elementos estruturantes das RS dos docentes.

Representações Sociais de Profissionais da Educação Infantil sobre Alimentação Escolar (VALLE, 2016) considerou a relevância da escola como formadora de opinião quanto aos hábitos alimentares. Partindo desse pressuposto, a pesquisa investigou as RS de gestores, docentes e cozinheiras escolares. A coleta de dados foi realizada com a aplicação de questionários sociodemográficos e entrevistas semiestruturadas. A técnica de análise de conteúdo foi utilizada para estudar os dados coletados. Como ferramenta auxiliar, a pesquisa utilizou o programa de computador IRaMuTeQ, que cria categorias e classes a partir da fala dos entrevistados e permite emergência de representações. Como principal RS identificada no estudo, o fato de os participantes diferenciarem alimentação escolar e merenda. Enquanto a primeira relaciona-se com qualidade e acompanhamento de profissionais de nutrição, a segunda é representada como um alimento de qualidade ruim, conforme visão dos entrevistados no passado, em seu tempo de estudantes. Ademais, o trabalho caráter assistencialista esteve presente no discurso dos grupos pesquisados, que apresentam RS distintas da Alimentação Escolar.

As Representações Sociais de Docentes da Educação Básica quanto a Qualidade de Vida/Trabalho (SILVA, 2018) averiguou as RS de docentes da educação básica pública a partir de um referencial teórico interdisciplinar, quanto à qualidade de vida e do trabalho desses atores. O trabalho utilizou a análise de conteúdo e a triangulação de dados para identificar a objetivação de professores quanto a fatores profissionais relacionados a cultura e a insatisfação com os rendimentos financeiros de seu ofício.

A partir das leituras dos trabalhos levantados neste subcapítulo, uma extensa gama de referências teóricas pôde ser assimilada. A absorção desse conhecimento mediante a análise das referências bibliográficas utilizadas permitiu que houvesse notável ampliação de conhecimento sobre o tema.

Percebe-se que o campo de estudo que engloba a Teoria das Representações Sociais está em expansão. Em virtude de sua adaptabilidade, em relação aos grupos de sujeitos a serem estudados e os objetos de pesquisa, a apreciação dos trabalhos refletiu isso.

A revisão da literatura permitiu também substanciar a escolha pela temática da pesquisa. Os estudos da área do turismo que se alicerçam na TRS ainda não são em grande número, conforme os dados levantados, e considerando o estudo da RS de grupos de docentes e discentes do ensino técnico, não foram encontrados trabalhos que tivessem como objeto de pesquisa a área do turismo. Portanto, reforça-se a necessidade de estudos que relacionem tais elementos, em razão de sua singularidade.

2.2 Antecedentes Históricos da Atividade Turística

Assim como diversas atividades econômicas, o Turismo sofreu grandes mudanças a partir da Revolução Industrial. Antes desse período, a atividade turística era privilégio da classe mais abastada, que tinha nas viagens a oportunidade de estudos no exterior e de conhecer novas culturas.

Evidentemente, não se pode deixar de refletir que a história da humanidade está intrinsecamente ligada aos seus deslocamentos. Considerando-se a História Ocidental, o homem viajou por desertos e mares, fazendo comércio e realizando trocas culturais entre os mais diferentes povos. Com a ascensão do Império Romano, as estradas que foram abertas, são caminhos utilizados até os dias de hoje (BARBOSA, 2002).

As viagens, segundo Ignarra (2003), podem ser historicamente contextualizadas:

O fenômeno turístico está relacionado com as viagens, a visita a um local diverso do da residência das pessoas. Assim, em tempos históricos, ele teve início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, principalmente motivado pela necessidade de comércio com outros povos. É aceitável, portanto, admitir que o turismo de negócios antecedeu o de lazer. [...] Era também econômica a motivação para grandes viagens exploratórias dos povos antigos, que buscavam conhecer novas terras para sua ocupação e posterior exploração. Dessa maneira, o turismo de aventura data de milênios antes de Cristo (2003, p. 2).

Devido à abrangência do tema, não é objetivo deste estudo aprofundar pressupostos históricos do surgimento do Turismo. Assim, como forma de contextualização, consideram-se dois marcos dessa atividade: as viagens conhecidas como *Grand Tour*, com seu caráter educativo cultural, e o empreendimento de Thomas Cook, em que as viagens que mais se aproximam da atividade turística são realizadas nos dias atuais, em razão dos seus aspectos socioeconômicos (BARRETO, 1999; BARBOSA, 2002; IGNARRA 2003).

Como forma de complementar a educação formal da época, as famílias mais ricas enviavam seus filhos para conhecer a cultura de outros países. Do século XVI ao XIX, jovens acompanhados pelos seus tutores realizavam viagens que duravam até oito anos. Alemanha, França e Itália eram os destinos principais, e os tutores eram como os guias de hoje, atuando como tradutores e orientando o comportamento adequado a cada local. Segundo Rejowski (2002), se os nobres não passassem ao menos um ano viajando pela Europa, não teriam atingido uma educação integral.

Segundo Abreu (2012), o filósofo Jean-Jacques Rousseau defendia a experiência adquirida nas viagens como prática pedagógica, em seu tratado pedagógico natural, *Emílio* (1762).

A obra *Emílio*, cujo título refere-se ao personagem fictício, divide-se em cinco partes, sendo que cada uma delas trata de uma maneira particular da aprendizagem [...] A quinta parte, ou Livro V, que compreende dos vinte aos vinte e cinco anos, é chamada pelo autor de idade da sabedoria [...] A formação do aprendiz, nessa última etapa descrita por Rousseau, se dará por meio de viagens a outros países, e será exigido um estudo mais aprofundado dessas culturas e lições de direito político, justamente nas regiões consideradas berço da civilização ocidental. Trata-se de viagens de exploração, observação e experimentação, tal qual os *Grand Tours* (2012, p. 56).

Nessa época, as viagens caras, e os transportes, precários, muitas vezes eram perigosos. Ademais, mesmo pequenos deslocamentos eram feitos em vários dias, o que os tornava restritos a pequena parte da população: a classe alta.

Segundo Barreto (1999, p. 51), o surgimento do turismo como é conhecido hoje não foi um fato isolado. Sempre houve a ligação da atividade turística com o modo de produção e o desenvolvimento tecnológico. Para a autora, [...] “o modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo”.

Foi no contexto histórico da Revolução Industrial que o inglês Thomas Cook se tornou um dos principais precursores do turismo na modernidade. Barreto (1999, p. 51) assim descreve o empreendedorismo de Cook:

Em 1841, um vendedor de bíblias chamado Thomas Cook, andara 15 milhas para um encontro de uma liga contra o alcoolismo em Leicester. Para um outro encontro, em Loughbourough, ocorreu-lhe a ideia de alugar um trem para levar outros colegas. Juntou 570 pessoas, comprou e revendeu os bilhetes, configurando a primeira viagem agenciada. Em 1846, realizou uma viagem similar de Londres a Glasgow (Escócia) com 800 pessoas, utilizando os serviços de guias turísticos. Era o começo do turismo coletivo.

Para Rejowski (2002, p. 54), o feito de Cook teve um caráter social, ao tirar da aristocracia a prática do turismo:

Cook começou a tratar as viagens que organizava, porque acreditava que elas abriam a mente e aumentavam a sede pelo conhecimento, no processo de quebra de barreiras de classes e nacionalidades, promovendo a tolerância e a benevolência cristã entre os homens. Também argumentava a favor dos benefícios do contato com a natureza e da recreação. Para ele, todos, ricos e pobres, tinham o direito de viajar, e a ferrovia havia chegado para tornar isso possível.

Assim, segundo Barreto (1999), a atividade recreacional possibilitada pelo turismo foi uma das reivindicações dos trabalhadores da Inglaterra, na época em que lutavam por melhores condições e qualidade de vida. O turismo, segundo a autora, representava uma alternativa para o tempo livre, em detrimento do consumo de álcool e da frequência aos *Pubs*.

Em virtude das grandes guerras na primeira metade do século XX, somente depois a Segunda Guerra Mundial o turismo se tornou uma indústria internacional. Ruschmann (1997) aponta os fatores, que levaram uma parcela crescente da população mundial a buscar o lazer com a atividade turística. Em síntese, os três fatores que levaram a atividade turística, que era exclusiva da aristocracia, àquilo que se denomina “turismo de massa” foram: maior tempo livre, aumento de renda e facilidade nos transportes (Ruschmann, 1997; Barreto, 1999).

Colocados esses pressupostos históricos, tem-se a atividade turística apresentada por dois pontos de vista: de um lado, as motivações que levam as pessoas a conhecer novos lugares, desfrutar experiências, descobrir novas paisagens, e de outro lado, uma atividade econômica que mobiliza diversas ramificações da sociedade, que é relativamente nova e que ainda está em desenvolvimento. Logo, pretende-se apresentar aqui, de maneira conceitual, o fenômeno do Turismo.

2.3 Conceituação e Abordagens do Turismo

Por ser um campo de pesquisa relativamente recente, há múltiplas definições e conceituações para turismo. Em virtude de sua relevância social, quanto ao seu atual estágio de desenvolvimento, observa-se um campo de estudo que revela características interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares (Beni, 2001; Dencker 2002; Rejowski, 2010; Rodrigues, 1997; Tribe; 2008).

A Agência especializada das Nações Unidas e a Organização Mundial do Turismo (OMT) assim definem o Turismo:

[...] as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros (1995, p. 1).

Como a definição cunhada pela agência governamental está embasada na lógica mercadológica, destaca o papel da atividade na economia. Entretanto, como se trata de

conceituação limitada a esse critério, teóricos da área procuram desenvolver abordagens que reflitam outros aspectos do turismo.

Para Cooper *et al.* (2001, p. 34), há dificuldade para conceituar turismo, porque “é uma temática que inclui diversos setores econômicos e disciplinas acadêmicas”. A atividade turística, complementa o autor, consiste em uma série de organizações que operam vários setores, todos eles responsáveis pela atividade denominada turismo.

Tais características multifacetadas acabam por apontar diversas formas de abstração do turismo. Por seu alcance, segundo Perez (2007), o turismo pode ser observado por diferentes pontos de vistas, como é exemplificado na Figura 5.

Figura 5: O turismo na perspectiva de diferentes disciplinas

DISCIPLINA	PERSPECTIVA
ECONOMIA	O turismo é uma indústria de serviços. É uma atividade econômica observada por meio de análises de custo e lucro.
GEOGRAFIA	O turismo é a deslocamento de pessoas de um lugar para outro. A geografia do turismo estuda os movimentos de turistas no espaço e os processos de desenvolvimento turístico.
DIREITO	O turismo é um exercício do direito à liberdade de circulação. A partir da sua relação com o turismo, o Direito estuda a legislação das atividades turísticas.
SOCIOLOGIA	O turismo é uma prática social inserida no tempo de lazer do turista. A sociologia analisa-o, ordinariamente na sua própria sociedade, como fenômeno social contemporâneo.
ANTROPOLOGIA	O turismo é um fenômeno sociocultural complexo que possibilita a turistas e residentes a experiência da alteridade. É a dinâmica de encontros entre locais e visitantes, produtores e consumidores de bens turísticos.
ECOLOGIA	O turismo como atividade humana realizada em meio ambiente específico, o qual é afetado por ele.

Fonte: Perez (2009) adaptada.

Para Barreto (1991) o turismo baseia-se nas atividades que decorrem da relação entre o núcleo receptor e o turista, por meio do movimento de pessoas e da assistência a suas carências. Nessa relação, oportuniza-se ao sujeito sair do seu cotidiano. Nas mais diversas definições de Turismo, segundo a autora, alguns componentes são fundamentais: o tempo de permanência e características não lucrativas da visita.

Krippendorff (1998), ao humanizar o turismo, idealiza-se uma atividade em que o viajante está em busca da cultura do local a ser frequentado. Entretanto, para o autor, o que prevalece durante a viagem são relações comerciais tradicionais habitualmente estabelecidas

pela sociedade. Beni e Moecsh (2017) reafirmam o caráter humanístico do Turismo, cuja função perpassa o enfoque econômico.

Segundo Ruschmann (1997), o turismo estratifica a sociedade por meio de seu aspecto comportamental, criando um estilo de vida. Para a autora, o turismo engloba o atendimento de necessidades passivas ou ativas de recreação, de trabalho, de passeio. Para isso, acaba por utilizar uma série de equipamentos e serviços concebidos para esse fim: estilo de vida que se criou a partir da atividade turística, pois envolve tempo livre.

Para Tribe (2008), o turismo pode ser observado a partir de suas características empresariais e de suas características não empresariais. Nas mesmas linhas, ao investigar os mais variados conceitos que procuram definir o Turismo, Dias (2003) observou duas correntes principais: a que estuda o Turismo como uma prática cultural e social e a que estuda o Turismo como um sistema econômico.

Por meio das relações entre turistas e comunidade anfitriã, o turismo pode ser observado como um fenômeno social. O convívio entre visitantes e moradores acaba por gerar influências culturais e sociais e mudanças em ambos os grupos. Ademais, o turismo também pode ser visto como um sistema econômico, voltado para atender aos anseios do turista quanto à configuração de sua viagem. Nesse movimento, profusos setores econômicos são ativados, o que acarreta o incremento das receitas.

Visando a uma definição que venha a captar a amplitude do fenômeno, Goelnder, Ritchie e McIntosh (2002) fundamentalmente consideram quatro elementos: o turista, a empresa, a comunidade anfitriã e o governo. A procura pela experiência faz do turista o cliente, ao longo da viagem. A empresa visa ao lucro, ao oferecer serviços nas mais diversas áreas, para possibilitar ao turista a realização de uma experiência. A geração de emprego e renda é percebida pela comunidade anfitriã por meio da atividade turística. E o governo, no âmbito legislativo e executivo, tem no turismo a oportunidade de impulsionar a economia, promovendo a geração de renda e angariando impostos. Para os autores, a interação entre esses elementos, ao longo do processo de atração e recepção, acaba por definir o turismo.

Beni (2006) aponta três tendências para a conceituação do turismo: a técnica, a econômica e a holística. A definição técnica refere-se às informações que classificam e que compõem a atividade turística, que a partir dos anos 1930, por conta do crescimento da atividade, se tornaram necessárias para os órgãos governamentais e para a iniciativa privada, que necessitava classificar os turistas. A definição econômica, por sua vez, reconhece essencialmente as implicações empresariais e econômicas da atividade. Por fim, a definição holística visa abranger a totalidade do tema. Dessa maneira, o autor define o Turismo como:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si, para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios (BENI, 2006, p. 37).

Observa-se, assim, que a tentativa de alinhamento de conceitos por parte dos teóricos faz como que definições sobre as área não formem uma rede distinta. Tribe (2008) observa que o ponto de encontro entre as definições do Turismo é o seu objeto de estudo. Em outras palavras, o próprio turismo.

Algumas linhas de pesquisa têm sido adotadas com vistas a analisar o turismo de maneira epistemológica. Barreto (2005) refere a necessidade da adoção de paradigmas, cujas diretrizes venham a orientar as pesquisas.

Paradigmas são considerados a soma de técnicas, crenças e valores aceitas e de comum acordo entre membros de um determinado grupo científico, no que tange a modelos e padrões de uso coletivo que possibilitem a explanação de diversas perspectivas da realidade. Como dizem respeito a um lapso temporal, tendem a ser transitórios. Neste sentido, ao conceber definições sobre o turismo, faz necessário estabelecer qual conjunto de conceitos-padrões serão adotados (Beni; Moesch, 2017).

Panosso Netto e Nechar (2014), ao discutirem acerca das escolas epistemológicas atuais do turismo, identificaram seis abordagens com maior destaque acadêmico: positivista, marxista, sistêmica, fenomenológica, hermenêutica, e a teoria crítica. Cada uma dessas escolas apresenta padrões distintos que orientam seu modelo teórico com vistas a investigar o turismo, ainda que sejam passíveis de crítica.

Conforme os objetivos deste estudo, adotou-se o modelo sistêmico para apresentar o fenômeno do turismo. A Teoria Geral de Sistemas é a escola mais difundida e utilizada para estudos do Turismo no mundo, principalmente na América Latina (Lohmann; Panosso Netto, 2003).

2.3.1 Teoria dos Sistemas Aplicada ao Turismo

Reconhecendo que as leis da Física não poderiam ser aplicadas em sua totalidade para a compreensão da Biologia, o cientista Ludwig von Bertalanffy pressupôs um campo de pesquisa que pudesse responder a vários questionamentos. Ao publicar o livro Teoria Geral dos Sistemas (1968), Bertalanffy apresentou uma proposta que permitia investigar o todo e as

relações entre suas diferentes partes. Tal estudo permitia dividir o todo em diferentes partes que pudessem ser estudadas de forma individual, com um objetivo comum.

O pensamento sistêmico surge em oposição ao paradigma cartesiano, hegemônico naquele período. Tal pensamento afirmava que a complexidade de um fenômeno poderia ser investigada por meio da análise das especificidades de seus componentes.

Oliveira (2002, p. 35) define esse sistema como “[...] um conjunto de partes interagentes e interdependentes que, conjuntamente, formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuam determinada função”.

Os sistemas poder ser classificados como fechados ou abertos. Quando fechados, tal como um sistema mecânico, não realizam trocas e não são influenciado pelo ambiente externo. Já um sistema aberto deve conter os seguintes elementos em sua estrutura: um ambiente, no qual o sistema se encontra; unidades, que são as diferentes partes do sistema; qualidades inerentes ao sistema ou as partes que o compõem, também denominadas de atributos; *input*, ou o que alimenta o sistema; *output*, ou o que sai do sistema; *feedback*, denominado controle que o mantém em funcionamento; e, um modelo ou desenho para sua compreensão (Lohmann. Panosso Netto, 2014).

Por ter caráter unificador, a Teoria Geral de Sistemas permite transpassar universos particulares das mais variadas disciplinas, tendo a unidade de uma ciência como principal objetivo (Chiavenato, 1993). Nessa perspectiva, tratando-se de uma abordagem interdisciplinar, pode ser replicada nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como administração, computação ou biologia.

Segundo Vasconcelos (2005), como na atividade turística há inter-relacionamento de seus atores, devido à sua complexidade dinâmica, o modelo sistêmico é considerado aquele que melhor compreende o fenômeno do turismo.

Historicamente, Cuervo (1967) é considerado pioneiro na aplicação do pensamento sistêmico para explicar o fenômeno do turismo. Para ele, comunicação, hospedagem, agências de turismo, entre outros atores, fariam parte de um grande sistema que explicaria o turismo. Velasquez e Oliveira (2018) pontuam que o sistema proposto por Cuervo não mostrava de que forma se dariam as conexões entre as diferentes partes, bem como não elencou quais componentes executariam o papel de *input* e de *output* no sistema.

No modelo sistêmico proposto por Lieper em 1979 e atualizado em 1990, conforme observado na Figura 6, há elementos que interagem de acordo com o meio ambiente: humano, sociocultural, tecnológico, físico, político, legal, etc. Três desses elementos são geográficos: região geradora, região receptora e rota de trânsito. Um elemento é dinâmico – o turista, e outro

elemento é considerado econômico – a indústria turística. A atratividade de um determinado destino é a força energizante de todo o sistema (Barreto, 1991; Cooper *et al.*, 2001).

Figura 6: Sistema turístico de LEIPER



Fonte: COOPER *et al.* (2001).

O sistema proposto por Molina em 1991 procurou abarcar os então incipientes cibernéticos. Também buscava incorporar um modelo fenomenológico, em substituição ao modelo econômico. Segundo Barreto (1991), Molina buscava posicionar o turismo, não apenas como um produto de consumo, mas também em uma perspectiva humana pela autorrealização.

Outros teóricos contribuíram significativamente para o entendimento científico do turismo, elaborando trabalhos com argumentos sistêmicos. Sessa (1985) apresentou uma proposta com características teórico-conceituais, que buscava envolver o desenvolvimento regional. Boullón (1985) faz menção a um único sistema multifacetado, em contraposição à elaboração de diversos sistemas, colocando foco na relação oferta/demanda. Acerenza (1994), a partir do modelo proposto por Lieper, enfoca a gestão e o planejamento, expondo diversos elementos da atividade turística (Velasquez; Oliveira, 2018).

A partir desse arcabouço desenvolvido pelos teóricos acima citados, Mario Carlos Beni (1998) apresentou sua proposta para análise do fenômeno turístico, denominada SISTUR. O modelo, proposto a partir de sua tese de doutorado, foi posteriormente publicado em livro.

Partindo da premissa de que os modelos até então apresentados possibilitavam a averiguação de um ou mais elementos de maneira única, o autor questionou de que maneira os elementos surgiriam, e como se dariam as ligações que formariam o fenômeno.

Ao apresentar o SISTUR, o autor teve como objetivo:

Organizar o plano de estudos da atividade de turismo, considerando a necessidade, há muito tempo demonstrada nas obras teóricas e pesquisas publicadas em diversos países, de fundamentar as hipóteses de trabalho, justificar posturas e princípios científicos, aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigação para instrumentar análises e ampliar a pesquisa, com a consequente descoberta e desenvolvimento de novas áreas de conhecimento em turismo (BENI, 2001, p. 45).

Perante a incerteza de modelos que pudessem expor a totalidade dos processos e suas trocas constantes, que são executados para explicar o Turismo, Beni propôs um sistema robusto, que permitia captar os agrupamentos heterogêneos e observar os inputs e outputs de forma intuitiva e clara.

Para Santos (2004), o modelo apresentado por Beni tem como vantagem o fato de que enumera os elementos de turismo adequadamente. Em comparação outros sistemas propostos, não apresenta lacunas e superposições. Velasquez e Oliveira (2018) enaltecem a robustez do SISTUR, cujo modelo foi capaz de abranger a totalidade do fenômeno.

O modelo proposto por Beni foi amplamente assimilado pela comunidade acadêmica nacional e, no que se refere aos estudos do turismo com base sistêmica, é o paradigma vigente (BORGES; SILVA, 2016). Ademais, é o autor mais citado em periódicos científicos de turismo no Brasil (Santos; Panosso Netto; Wang, 2017).

Cientificamente, uma abordagem do turismo a partir da Teoria Geral dos Sistemas permite aplicações de análise em diversas áreas. Desse modo, nesta pesquisa o fenômeno turístico é apresentado a partir do modelo SISTUR: sua estrutura, seus elementos e suas conexões.

2.4 Aspectos Gerais do Sistema do Turismo – SISTUR

Além do objetivo geral de organizar o plano de estudos para a atividade do Turismo, Beni também elencou uma série de propósitos específicos para o SISTUR. Para Santos (2004), uma vantagem comparativa entre o SISTUR com os outros modelos sistêmicos foi declaração de objetivos a que o modelo se propunha.

Pinto (2007) aponta que muitos dos objetivos específicos apontados no SISTUR, guardam conexão entre si e são interdependentes.

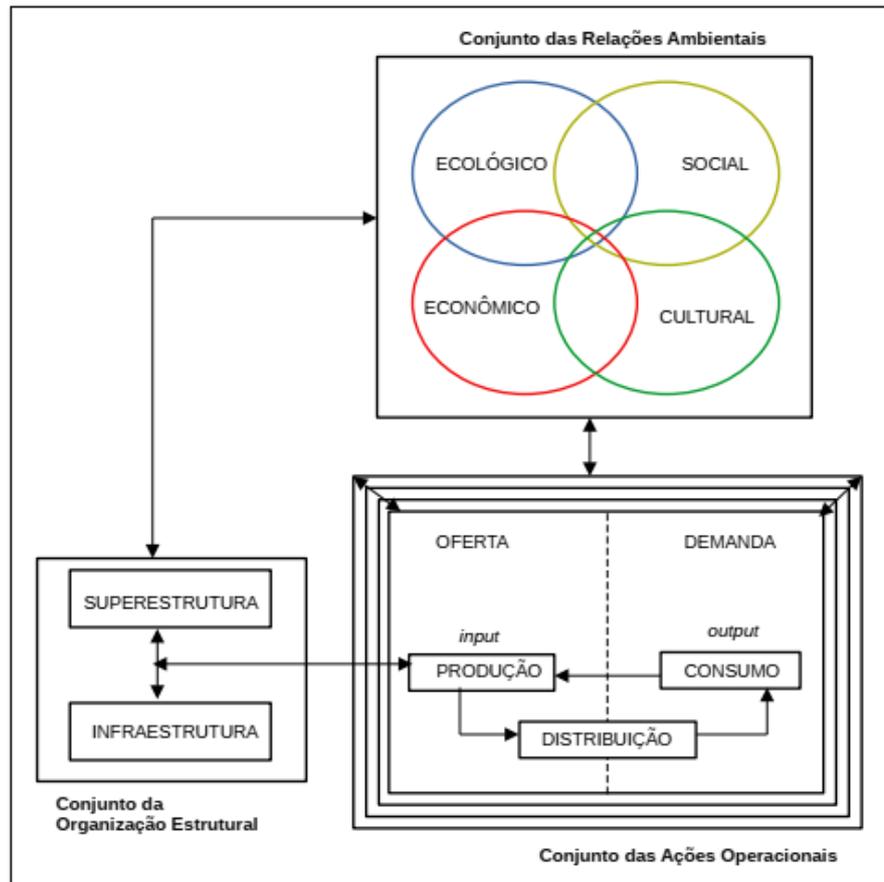
Beni (2001, p. 45-46) elencou os seguintes objetivos específicos:

- Identificar características e classificar os fatores que determinam as motivações de viagens e a escolha das áreas de destinação turístico-recreativa;
- Inventariar, de forma estruturada e sistêmica, o potencial de recursos turísticos naturais e culturais do território para a exploração racional da atividade de turismo e recreação;

- Dimensionar a oferta existente e/ou projetada de transportes e equipamentos, instalações e serviços para o processo de ocupação turística-recreativa do território;
- Qualificar e determinar a demanda existente e/ou projetada de bens e serviços turísticos;
- Diagnosticar deficiências, pontos críticos, de estrangulamento e desajustes entre a oferta e a demanda;
- Permitir a previsão do comportamento do mercado através de tendências;
- Formular diretrizes de reorientação de programas de ação para determinar o planejamento e estratégico de desenvolvimento do setor;
- Planejar e executar o desenvolvimento do produto turístico, mediante a preparação de um plano integral de marketing;
- Avaliar e executar campanhas de promoção;
- Analisar o significado econômico do Turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento nacional;
- Organizar a atividade de Turismo na estrutura administrativa do setor público;
- Elaborar a estrutura otimizada do órgão nacional de Turismo;
- Indicar procedimentos de execução e de controle de gestão setorial e global e políticas ágeis em seus subconjuntos;
- Criar modelos formais e matemáticos das matrizes de relações das funções e operadores turísticos.

Conhecer o comportamento do mercado turístico, analisando a oferta e demanda turística, realizar o inventariado dos atrativos turísticos, realizar ações de planejamento turístico e perceber o papel do poder público no fenômeno são alguns dos objetivos específicos do SISTUR. A proposta do SISTUR apresentada por Beni (1998) pode ser observada em seu modelo referencial (Figura 6).

Figura 6: Modelo referencial do SISTUR



Fonte: Beni (1998).

Os elementos centrais do diagrama do SISTUR são os conjuntos de subsistemas. Em razão das inter-relações ocorridas dentro de cada conjunto e entre os conjuntos, houve a necessidade de realizar tal desmembramento (BENI, 2001). Compõem o SISTUR:

- 1 Conjunto das relações ambientais, composto dos subsistemas ecológico, social, econômico e cultural;
- 2 Conjunto da organização estrutural, composto dos subsistemas superestrutura e infraestrutura;
- 3 Conjunto das Ações Operacionais, composto dos subsistemas mercado, oferta, demanda, produção, distribuição e consumo.

Neste estudo, analisa-se a constituição de cada elemento e suas influências, de maneira que se possa compreender a atividade turística de forma integral. Cada conjunto investigado e seus subsistemas são apresentados no subitem que segue.

2.4.1 Conjunto das Relações Ambientais

Nos estudos baseados na Teoria Geral dos Sistemas, o ambiente é considerado como o contexto externo em que está o sistema analisado. Sendo o SISTUR um sistema aberto, em que se realiza trocas e em que ocorrem influências externas, cabe analisar como se dá esse processo. Para Beni (2001, p. 51) o SISTUR “[...] mantém um processo contínuo de relações dialéticas de conflito e colaboração com o meio circundante.”

Enquanto componentes de um sistema, o conjunto de relações ambientais é constituído pelos ambientes ecológico, econômico, social e cultural.

Ressalta-se que cada um dos subsistemas que compõem o conjunto de relações ambientais formam um sistema, se for observado de forma separada do SISTUR, por exemplo, o subsistema econômico. Caso não estivesse cumprindo seu papel no SISTUR, o sistema econômico teria o próprio turismo como um dos seus elementos compositivos. O mesmo poderia ocorrer com os outros subsistemas do conjunto de relações ambientais.

Para Velasquez e Oliveira (2018), em uma análise do turismo a partir do enfoque sistêmico não se pode deixar de observar o intercâmbio entre a atividade turística e o ambiente. Devido às incontáveis relações existentes eles o ambiente acaba se tornando o fornecedor da matéria prima-para o desenvolvimento da atividade.

Neste sentido, dentro do SISTUR tais subsistemas cumprem especificamente funções antecedentes e controladoras. Essas funções são determinantes, pois acabam por influenciar toda a atividade do turismo.

Para Beni (2001), as relações ocorridas no conjunto de relações ambientais são conflituosas, pois refletem o embate entre homem e a natureza, entre o ecológico e econômico, e com consequências sociais e culturais. A exponencial deterioração do ambiente ecológico acarreta um ônus econômico. As ações humanas, alterando ecossistemas com vistas a aumentar os rendimentos financeiros, acabam por reduzir a qualidade da experiência turística e a provocar a queda da qualidade dos atrativos naturais.

Entretanto, quando o próprio colapso do sistema se aproxima, com a insatisfação geral emergindo na sociedade, devido aos problemas que não podem ser mais resolvidos *a posteriori*, o SISTUR tende a receber um novo input.

A retroalimentação do sistema a partir das experiências, os conhecimentos teóricos e planejamentos são as ferramentas que buscarão adequar o espaço turístico a um padrão de qualidade superior.

Complementa Ruschmann (1998) que é primordial a manutenção de um meio ambiente salutar, que se trata de um fator essencial para a evolução da atividade turística. Dessa forma, em um primeiro momento cabe conhecer os elementos que compõem o subsistema ecológico.

2.4.1.1 Subsistema Ecológico

Aos longos da história do homem no planeta, sua relação com a natureza foi sendo transformada. Primeiramente, com o advento da agricultura deixou de ter características nômades, passando a se estabelecer em locais fixos. Logo, as relações comerciais criaram as primeiras cidades e, com a revolução industrial e o êxodo rural, deixou para trás uma convivência integral com a natureza, para uma relação de distanciamento.

No entanto, por conta da opressão gerada pelo cotidiano nas metrópoles, para recuperar suas energias em poucos momentos de descanso e lazer, o homem recorre aos ambientes naturais, abertos, que possam lhe propiciar momentos de contemplação e de contato com a natureza.

Ocorre que tal movimento carece de planejamento e organização. Devido ao crescimento demográfico, ou a aspectos de acessibilidade de alcance geográfico ou até mesmo a fatores capitalistas que induzem turistas a balneários superlotados, a experiência turística acaba comprometida no seu objetivo: acesso ao gozo de momentos de ócio e lazer.

Para tanto, Beni (2001) propõe a análise destes fatores no subsistema ecológico: o espaço turístico natural e urbano, com seu planejamento territorial; atrativos turísticos e suas repercussões no meio ambiente; e, preservação da natureza e das paisagens a partir do entendimento de suas funções. Enfatiza-se que o referido autor utiliza o termo ecológico sob aspecto de relação do homem com seu meio de convívio, e não sob o significado ambiental que o termo também se refere.

Acerca do espaço turístico, Beni recorreu ao conceito elaborado por Boullon (1985): estabelecimento de uma delimitação territorial a partir da distribuição dos atrativos turísticos, além de equipamentos e instalações voltados para o turismo. Logo, a metodologia busca compreender o espaço em que o turismo é produzido, estabelecendo um ordenamento físico.

Para Iarvs (2003), os espaços turísticos podem ser classificados em: complexos turísticos integrados, espaços de destinos turísticos e regiões turísticas.

Os complexos turísticos integrados são áreas destinadas à realização do turismo de forma autônoma. Exemplos são os resorts, por oferecerem serviços de hospedagem, alimentação, compras, e opções de lazer. Os espaços de destinos turísticos são áreas de

produção e consumo, em que se encontram diversas opções de atrativos. Por meio de uma rede de estabelecimentos voltados ao turismo, cria-se um espaço especializado. As regiões turísticas integram diferentes espaços e complexos turísticos. Essa semelhança identitária pode ser composta por vários municípios de uma região.

Cruz (2006) afirma que, além de ser uma prática social, o turismo tem no espaço seu principal objeto de consumo. O que diferencia o turismo de outras atividades econômicas é o fato de o espaço ser sua matéria-prima. Nesta acepção, todos os lugares são potencialmente turísticos, pois os fatores de atratividade de um local são frutos de uma construção cultural e histórica.

Ao se apropriar dos espaços, o turismo cria formas diferentes de produção e consumo do lugar. Para atender a uma demanda especializada, os espaços turísticos muitas vezes recorrem a artifícios que visam a um consumo efêmero. Habitantes locais e turistas podem incorrer em conflitos, devido às contradições entre as funções nativas do lugar e seu uso para fins mercantis (Anjos, 2001).

Assim, o planejamento turístico não pode contemplar somente o viés econômico gerado pela atividade, em detrimento da população local. O desenvolvimento do turismo deve ser um projeto elaborado coletivamente, e não direcionado a interesses de grupos sociais específicos.

Na década de 1960, quando o turismo de massa estava no seu auge, foram observados os impactos negativos que a atividade turística poderia gerar. Esses impactos desmistificaram o conceito de que o turismo seria uma “indústria sem chaminés. A gestão do público turista foi colocada em discussão, assumindo-se a ideia de que o turismo poderia ser uma indústria poluidora, caso não houvesse métodos de controle da atividade (Barreto, 1999).

Por conta dessa situação, em 1983, ao longo das discussões no âmbito das Nações Unidas, foi cunhado, em um primeiro momento, o termo “Turismo Verde”, que, nos anos 1990 fosse transformado em “Turismo Sustentável” (MTUR, 2010).

Assim, na elaboração do Código Mundial de Ética do Turismo, a OMT define:

Turismo Sustentável é o que relaciona as necessidades dos turistas e das regiões receptoras, protegendo e fortalecendo oportunidades para o futuro. Contempla a gestão dos recursos econômicos, sociais e necessidades estéticas, mantendo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas de suporte à vida (OMT, 1999).

Ressalta-se a finalidade do estudo do ambiente ecológico no SISTUR, quanto à preservação do meio natural, um dos pilares para o desenvolvimento do turismo. Ao permitir que a balança em que se equilibra economia e ecologia penda para o lado de ganhos capitalistas

sem medir as consequências ao meio ambiente, corre-se o risco da perda de qualidade dos atrativos naturais.

Para Ruschmann (1997), as modificações e o desenvolvimento sequencial ocorrido nas comunidades receptoras são considerados impactos gerados pelo turismo. Independentemente da sua magnitude, quando ocorridos no meio ambiental, tendem a ser irreversíveis. Por não serem consequências de um evento pontual, os impactos ambientais com casualidade turística são fruto de interações complexas entre a comunidade anfitriã e os visitantes. No entanto, não necessariamente são replicadas em locais diferentes, ainda que a atividade turística seja a semelhante.

A exploração turística em atrativos naturais tende a ocorrer em locais onde o equilíbrio do ecossistema é sensível, em virtude da relativa ausência da presença humana. Assim, quando não há planejamento para a ocupação do espaço e sua exploração turística, podem ser ocasionados sérios problemas ao meio natural.

Dentre vários danos, a ocupação indevida do território pode ocasionar: hotéis lançando dejetos sem tratamento em praias ou rios; grandes estabelecimentos causando poluição visual; atividades de lazer que acabam por prejudicar a fauna e flora; excesso de visitantes prejudicando a experiência turística; especulação imobiliária, devido à ocupação indevida do território e consequente redução de áreas arborizadas.

Os turistas também são responsáveis pelos impactos no meio ambiente. Durante suas viagens, são muitas vezes responsáveis pela depredação dos atrativos naturais. Ademais, são responsáveis pela geração de lixo em excesso, que diversas vezes fica esquecido no ambiente natural, e também por incêndios, devido ao fato de jogarem cigarros na mata ou acenderem fogueiras indevidamente.

Algumas orientações devem fazer parte da metodologia para a formulação do desenvolvimento turístico, e o planejamento deve conter estratégias de exploração dos recursos naturais, para que se mantenha a qualidade da experiência turística: preservação dos recursos em risco de extinção; restauração de exploração indevida, por meio de programas de reflorestamento, combate a pragas, tratamento do solo, etc.; maximização da exploração do recurso natural, evitando o desperdício; reutilização ou substituição de recursos, quando houver necessidade; possibilidade de uso integral do recurso natural, ou seja, que não esteja indisponível para a comunidade (BENI, 2001).

Neste sentido, urge a necessidade de uma reformulação de novos paradigmas de um desenvolvimento do turismo sustentável, a partir da sensibilização da sociedade.

Há necessidade de formação de profissionais alinhados com os aspectos de preservação do meio ambiente. Além disso, estratégias de conscientização e capacitação de comunidades locais sobre o tema, por meio de programas de educação ambiental, são fundamentais para o avanço na questão da manutenção dos atrativos naturais.

A participação dos pequenos produtores locais (artesãos, comerciantes ou pequenos produtores) como agentes de mobilização para a preservação do meio ambiente agrega valor humano ao destino. A implementação de estratégias de certificação com base no manejo sustentável torna-se tendência permanente e constitui um fator preponderante para a escolha do destino por parte do turista (IRVING, 2004).

Em uma análise do ambiente na perspectiva do SISTUR, ressalta-se a amplitude do tema: um olhar sobre meio ambiente, com a noção da ocupação do espaço físico e suas consequências na natureza, os impactos na comunidade local, como seu relacionamento conflituoso com a atividade, o comportamento do turista no destino, bem como em seu processo de decisão.

Dentro do conjunto de relações ambientais do SISTUR, no próximo subitem discorre-se sobre subsistema econômico.

2.4.1.2 Subsistema Econômico

Para uma análise do subsistema econômico proposto por Beni, um dos ambientes no qual a atividade turística se desenvolve, deve-se partir da premissa do modelo de produção capitalista vigente majoritariamente nas sociedades contemporâneas.

Essa organização na qual a sociedade está baseada estabelece uma rede de relações de trocas diretas e indiretas. As relações permitem que indivíduos consigam renda ao suprir empresas de fatores produtivos, como capital físico, recurso naturais ou trabalho. Por sua vez, empresas ofertam bens e serviços que são adquiridos por indivíduos que o conseguem por meio de renda. Dessa forma, o homem alcança diversificadas opções de bens de consumo e experiências, que acabam por contentar uma série de conveniências e aspirações que visam satisfazer seus temperamentos (Beni, 2001; Lage; Milone, 2001)

Santos e Kadota (2012) refletem sobre as relações entre a economia e o turismo. Por ser uma atividade econômica, o turismo está condicionado à lógica do mercado, no qual agentes econômicos determinam a produção e o consumo. Como elemento passivo da economia em que o ambiente externo influencia a atividade, o mercado turístico deve conhecer o funcionamento do sistema econômico. Como elemento ativo da economia, a atividade impacta diretamente na

geração de postos de trabalho, de receita, e influencia o bem-estar social de um país ou de uma cidade.

Conforme a finalidade da atividade econômica, agrícola, industrial ou serviços, ela fará parte de um setor que é parte do conjunto produtivo de uma nação. Como atividade econômica, o turismo abrange uma série de serviços que são oferecidos às pessoas durante suas viagens. Entretanto, nem todas as atividades econômicas envolvidas com o turismo são compostas de serviços. Quando consumido por um turista, o produto é considerado turístico. Logo, o aspecto que determina a condição do produto é a demanda, e não a oferta (Beni, 2001; Santos; Kadota, 2012)

Assim, SISTUR investiga o ambiente econômico, para conhecer os fatores de geração de emprego e renda, os efeitos multiplicadores na economia, o comportamento do turista e de empresas que agem em áreas receptoras e emissoras.

A atividade turística proporciona o desenvolvimento da economia e o conseqüente incremento de índices de desenvolvimento social e da melhora do padrão de vida. Como setor de serviços, gera empregos diretos e indiretos. O setor público é impactado com a arrecadação de impostos.

A repercussão do turismo em uma economia pode ser verificada por meio da análise estrutural da renda turística. A composição ocorre por meio de atividades que são diretamente ligadas ao setor, de atividades que de forma parcial e não permanentemente prestam serviços ao turismo, e de setores industriais, agrícolas e de serviços que são afetados indiretamente pela atividade turística (BENI, 2001).

Como atividades envolvidas diretamente com o setor turístico estão os meios de hospedagem, agências de viagens, equipamentos complementares de alimentação, entre outras. Como atividades que compõem a renda turística de forma parcial, as empresas de transporte, os estabelecimentos comerciais, bancos, centros de espetáculos, etc. Finalmente, como alguns dos setores produtivos afetados, o de construção, o agrícola, o de comunicações.

Na Figura 8 estão apresentadas as Atividades Características do Turismo – ACTs. Segundo o IBGE (2012) podem ser classificados como atividades características do turismo, aquelas cujos produtos são passíveis de consumo pelos visitantes.

Figura 8: Atividades e produtos característicos do turismo

Atividades Características do Turismo (ACTs)
1. Serviços de alojamento
1.1 Hotéis e outros serviços de alojamento
1.2 Serviços de segundas residências por conta própria ou gratuitas
2. Serviços de provisão de alimentos e bebidas
3. Serviços de transporte de passageiros
3.1 Serviços de transporte interurbano ferroviário
3.2 Serviços de transporte rodoviário
3.3 Serviços de transporte marítimo
3.4 Serviços de transporte aéreo
3.5 Serviços auxiliares ao transporte de passageiros
3.6 Aluguéis de bens de transporte de passageiros
3.7 Serviços de reparação de bens e equipamentos de transporte de passageiros
4. Serviços de agências de viagens, operadoras e guias de turismo
4.1 Serviços de agências de viagens
4.2 Serviços de operadoras
4.3 Serviços de informação turística e de guias de turismo
5. Serviços culturais
5.1 Representações artísticas
5.2 Museus e outros serviços culturais
6. Serviços recreativos e outros serviços de entretenimento
6.1 Esportes e serviços recreativos esportivos
6.2 Outros serviços relacionados com o lazer
7. Serviços turísticos diversos
7.1 Serviços financeiros e de seguros
7.2 Outros serviços de aluguel de bens
7.3 Outros serviços turísticos

Fonte: OMT (2012).

Para Lage e Milone (2001), os impactos na economia são verificados onde ocorre a atividade turística e são classificados em diretos, indiretos e induzidos. Os impactos diretos são resultado da renda gerada pelos gastos com produtos, no setor do turismo. Os impactos indiretos são aferidos pelos gastos que o setor do turismo tem em bens e serviços que são ofertados pela economia. Finalmente, os impactos induzidos ocorrem quando a renda gerada pelos impactos diretos e indiretos do turismo na economia repercute em novos gastos em consumo, bens e serviços produzidos internamente.

O aumento de renda local por meio de entrada de divisas é um dos impactos do turismo. Considerando que os turistas gastos injetam dinheiro que provém de outra região, o lugar anfitrião será impactado por essa entrada de divisas. Em regiões em desenvolvimento, esse são importantes recursos para a economia local. Ressalte-se que nem todo valor arrecadado com a

entrada de divisas é reinvestido na atividade turística, o que prejudica seu desenvolvimento (LAGE; MILONE, 2001).

Os efeitos na economia tendem a ser finitos em função da necessidade de importações, da arrecadação de impostos e da poupança. Devido às forças do mercado e da necessidade de importações para suprir inúmeras necessidades de atendimento que não podem ser obtidas localmente, parte dessa entrada de divisas tende a migrar para outras economias. Outra parte vai para os governos, com a arrecadação de impostos sobre indivíduos e empresas. Quando se decide poupar parte dos rendimentos provenientes da entrada de divisas, o dinheiro deixa de ser gasto (SANTOS; KADOTA, 2012).

Lage e Milone (2001) definem como efeito multiplicador da economia o fenômeno em que um acréscimo ou decréscimo de gastos iniciais incidirão na elevação ou diminuição mais do que proporcional do nível de renda ou do produto nacional. Ao estabelecer os multiplicadores relacionados ao turismo, possibilita-se conhecer os impactos na economia, o que permite a realização de planejamentos específicos. Pode-se estabelecer relação entre o aumento de renda, de empregos ofertados ou de receitas do governo, pela variação de gastos com turismo.

A atividade turística ocasiona desenvolvimento intersetorial, em decorrência dos investimentos no turismo. O aumento de turistas incorrerá na necessidade do aumento de meios de hospedagem, de locais para alimentação, etc. Isso fará com que outros setores da economia local sejam ativados, o que vem a gerar um grande número de postos de trabalho.

Como diversas oportunidades de emprego demandam mão de obra semiespecializada, o turismo é um setor da economia que gera vagas de maneira rápida e constantemente, desde que ativado (Lage; Milone, 2001). O turismo tem potencial para promover a redução da pobreza no Brasil (Takasago; Mollo, 2008).

Por outro lado, a precarização dos postos de trabalho tende a ser uma constante no setor. Informalidade, baixa remuneração e inclinação à terceirização são características dos empregos ligados ao setor. Fatores como a sazonalidade de demanda acabam por criar dois tipos de empregos, os fixos e os temporários. Outra característica é a concentração de oportunidade de postos permanentes de trabalhadores qualificados, nos grandes centros de emissores de turistas, e de empregados menos qualificados na outra ponta, nas localidades receptoras (Meliani; Gomes, 2010).

Aspectos ligados à pressão inflacionária e à dependência da economia local ao turismo também são reflexos da atividade na economia (Lage; Milone, 2001).

O acesso de turistas às localidades faz com que haja entrada de recursos, devido ao poder aquisitivo dos visitantes, o mercado comporta-se de forma mais agressiva, principalmente na alta temporada, elevando os preços de uma forma geral. Os preços de itens primeira necessidade, como alimentos e habitação são afetados pela atividade. Logo, os preços tornam-se fora da realidade local.

Em uma comunidade, é temerosa a dependência da economia exclusivamente do turismo, que é uma atividade sensível as condições da economia. Diversos outros aspectos influenciam o desenvolvimento do turismo, tais como as condições climáticas de um determinado local. Assim, a retração da atividade reverbera em vários setores da economia local, provocando desemprego.

Neste sentido, as comunidades anfitriãs vêm experimentando efeitos de um processo de marginalização e de acirramento das desigualdades que podem afetar a própria experiência turística (OLIVEIRA, 2005).

Portanto, cabe ao ambiente econômico equacionar as diferentes variáveis de impacto do turismo, por meio de planejamentos estratégicos que visem maximizar os benefícios e minimizar as externalidades negativas que a atividade turística pode proporcionar.

O subsistema social do conjunto de relações ambientais é assunto do próximo subitem.

2.4.1.3 Subsistema Social

Uma sociedade global emerge como resultado dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação e de mobilidade humana. A partir desses fenômenos, a experiência da humanidade está em transformação. “O que realmente está mudando é a maneira de ‘estar no mundo’, o tipo de relação que o homem estabelece com as coisas, com seus semelhantes, com as instituições, com seus próprios valores e consigo mesmo” (BENI, 2001, p. 74).

As relações humanas reestabeleceram um novo conceito de proximidade. Em retrospectiva, a evolução dos meios de comunicação ocorreu com o advento da impressão, telefone, rádios, televisão, internet, aproximando pessoas. Atualmente, os *smartphones*, juntamente com as tecnologias de transmissão de dados móveis, conseguiram a proeza de centralizar todos os esses recursos e adicionaram a isso a portabilidade, fazendo com que as pessoas consigam estar virtualmente em qualquer lugar a qualquer hora.

Congregado à revolução dos meios de comunicação, o século passado também proporcionou ao homem uma revolução nos meios de transporte, levando o mundo a obter uma nova fisionomia. Relações entre sociedades diversas foram criadas, modificando

comportamentos culturais, em um movimento dúbio, pois levam oportunidades e riscos a todos. A mobilidade humana, em escala global ou regional, ocasionou uma proximidade entre o urbano e o rural.

O turismo, por sua vez, é um produto típico dessa mobilidade (Beni, 2001). Como fator socioeconômico, intensifica e aprimora a mobilidade. Por requerer a troca de ambiente espacial e locomoção, a relação entre turismo e mobilidade é interdependente. O turismo, como deslocamento, depende da mobilidade para ocorrer (Coriolano; FERNANDES, 2012).

A mobilidade atrelada ao turismo faz com que viajantes se desloquem a um determinado destino, o que caracteriza o turismo de massa (Krippendorf, 1989).

Assim, o subsistema social proposto por Beni (1998) visa conhecer: os processos de interação da comunidade autóctone em áreas de ocupação turística; motivações, necessidades e expectativas do turista e seu perfil psicossocial; e, os diferentes grupos de turistas por meio da estratificação social.

Entende-se como comunidade autóctone o coletivo humano:

[...] compartilha uma área territorial limitada, que lhe serve de base para realizar a maior parte de suas atividades cotidianas; participa de uma cultura comum; acha-se ordenada em uma determinada estrutura social; revela consciência de sua unicidade e identidade própria como grupo. Em poucas palavras é um povo arraigada a sua terra, com sua história cultura, língua, tradições, costumes, valores e contravalores (BENI, 2001, p. 82).

É na comunidade autóctone, por conta da mobilidade, que ocorre o encontro de diferentes grupos sociais que se inter-relacionam na atividade turística: os turistas, os trabalhadores temporários e o grupo receptor.

O grupo dos turistas, que dispõe de condições socioeconômicas para se dedicar a viajar, é o elemento central do fenômeno social do turismo. Devido a possibilidades econômicas e a questões ambientais, como tempo disponível e distância, os turistas têm objetivos variados que os levam a viajar.

Entender a motivação é essencial para apreender o comportamento do turista. Proveniente de uma série de áreas disciplinares, os estudos da motivação do turista conduzem a uma série de abordagens (Cooper *et al.*, 2001).

A OMT (2010) elencou as principais razões motivadoras do turismo: ócio, recreação e lazer; visita a parentes e amigos; negócios ou motivos profissionais; tratamento de saúde; religião e peregrinação; e, compras. Incluiu também: ‘viajantes em trânsito’ e ‘outros motivos’.

Contudo, trata-se de uma abordagem apenas observável, que não considera o ponto de vista psicológico. A motivação compreende, não somente o que se faz, mas também como a

viagem se relaciona com o homem, com sua visão de mundo, valores e experiências anteriores. Alguns estudos se dedicaram a compreender a motivação para o turismo em nível humano, com foco nas características interiores, e outros trabalhos conciliaram fatores de característica individual com aspectos observáveis (Hirata; Braga, 2017).

Segundo McIntosh, Goeldner e Ritchie (1995, *apud* Cooper *et al.*, 2007), quatro são as categorias de motivação: Motivadores físicos, que visam ao descanso da mente e do corpo, por saúde ou esporte; Motivadores culturais, que buscam conhecimento em culturas distintas; Motivadores interpessoais, para conhecer outras pessoas, visitar amigos e parentes, fugir da rotina dos relacionamentos domésticos ou buscar satisfação pessoal; e, Motivadores de status e prestígio, para procurar desenvolvimento pessoal, enaltecimento do ego e o reconhecimento dos outros.

Ao estabelecer uma íntima relação entre a motivação das viagens e o destino turístico, Plog (1998) desenvolveu um modelo que divide a população em tipos psicográficos. Como psicográfico, entende-se o comportamento pessoal de um determinado grupo. Dessa forma, foram identificados turistas denominados aloecêntricos com perfil aventureiro, psicocêntrico, com perfil conservador, e mesocêntrico, que se encontra entre esses dois extremos.

Os turistas com perfil aloecêntrico são pessoas curiosas, que gostam de desbravar novos destinos. Dificilmente regressam a um lugar já visitado. Procuram lugares com cultura completamente distinta daquela a que estão acostumados. São pessoas com alto poder aquisitivo. Geralmente os pacotes de viagem incluem transporte e hospedagem, o que lhes permite flexibilidade de horário.

O perfil psicocêntrico corresponde a turistas que são conservadores em seus gastos e no seu padrão de viagem. Têm preocupações com pequenas questões, em suas vidas. Preferem destinos turísticos conhecidos e seguros, em ambientes que lhes são familiares. Tendem a retornar aos locais que visitam. Em viagem, seus gastos são menos impulsivos.

Já os turistas com perfil mesocêntrico estão à procura de tendências, lugares em moda. Tendo sua satisfação direcionada ao outro, buscam por diversão. Com têm renda mediana, lugares movimentados com boa estrutura física são de seu agrado. É o perfil com maior número de turistas, responsável pelo turismo de massa.

Outras tipologias podem classificar as motivações do turista. Critérios baseados em aspectos de renda, quanto ao perfil da experiência turística, quanto ao tipo de entretenimento procurado pelo turista ou quanto ao tempo de permanência no destino (Falcão, 2017).

O grupo dos trabalhadores temporários do ramo do turismo e da hotelaria dirige-se aos destinos turísticos em busca de oportunidades de emprego. Sua chegada às destinações

turísticas é motivada por conta da possibilidade de obtenção de renda que seus locais de origem não lhes oferece. Com período de estada maior do que a dos turistas, podem vir a permanecer definitivamente nas localidades turísticas. Há casos de turistas que se tornam trabalhadores temporários, e depois se tornam residentes fixos e atraem novos turistas dos seus antigos locais de residência (Hall; Willians, 2002, *apud* Barreto. 2009).

Em outras situações, depois de incorporados pelo sistema empregatício do turismo, o grupo de trabalhadores temporários passa a viver uma realidade difícil, que contrasta com o ambiente de lazer e diversão das destinações turísticas (Beni, 2001).

Relacionando-se com esses dois grupos externos, de turistas e de trabalhadores sazonais, há o grupo estável receptor. É composto por proprietários de equipamentos turísticos, de trabalhadores que são residentes da comunidade receptora, de prestadores de serviço do comércio e de construção, de profissionais liberais que de alguma forma estão em atividades que se relacionam com o turismo, e de pessoas que tenham contato com o setor, ainda que não seja por meio profissional.

Sendo este grupo social autóctone, recebe influência dos outros dois grupos devido a sua condição de receptor. Não pode ser considerado passivo, haja vista que, por meio dos fluxos de pessoas provenientes dos outros dois grupos que procuram explorar seus recursos, movimenta-se em busca de melhorias sociais e econômicas.

Cada comunidade tem suas próprias características, que devem ser consideradas, quando da implantação da atividade turística. Portanto, é ousado afirmar que o turismo sempre gera desenvolvimento local (Scóloto; Panosso Netto, 2015).

As leis de mercado, muitas vezes geradoras de injustiças sociais, faz com que os grupos entrem em conflitos. Em determinados casos, a comunidade local pode ser preterida, por não ter capacidade de engajamento com a atividade turística.

Por ser excluída do processo de planejamento local para o desenvolvimento, os moradores locais revoltam-se, pois muitas vezes os efeitos econômicos da atividade não são percebidos entre eles (Krippendorf, 1989). O grupo social receptor acaba por sucumbir à especulação imobiliária proveniente do turismo, vendendo sua terra e mal investindo o recurso recebido, caminhando assim para a marginalização social (Beni, 2001). Privatizam-se os ganhos em curto prazo e socializam-se os danos socioambientais em médio e longo prazos (SAMPAIO, 2007).

Além das relações mercantis provenientes do turismo, a comunidade local é influenciada por hábitos, costumes e estilo de vida exógenos.

Para Barretto, Burgos e Frenkel (2003), a relação entre os residentes e os visitantes torna-se um processo histórico que traz aculturação ou intercâmbio decorrente da atividade turística. Caso os moradores locais vejam os visitantes como superiores, tendem a imitá-los e a rejeitar a própria cultura. Se o consideram como iguais, ocorre o intercâmbio. Por outro lado, quando a cultura do visitante é avaliada como inferior, ele buscará adaptar-se aos locais, para não lembrar um forasteiro. Ademais, quando os visitantes são vistos como superiores, há um certo servilismo. Finalmente quando o visitante é visto como inferior pela comunidade local, há uma visão mais pragmática do turista, tratando-o como consumidor, quando não com certo preconceito.

Krippendorff (1989) aponta para um outro modelo de interação, em que se ignora a comunidade local. Há uma relação somente entre o turista e as empresas prestadores de serviços. Em uma atitude colonialista, o turista não se interessa pela cultura local, devido a sua motivação egocêntrica. Para Barreto (2006), a assimetria social, cultural e principalmente econômica também influencia o isolacionismo do turista.

O relacionamento entre turistas e os prestadores de serviço sempre será desigual. Isso ocorre porque um está a serviço do outro, o que pode gerar a gana de se obter a maior vantagem econômica, e também inveja (Barreto, 2006). Krippendorff (1989) cita exemplo de destinações em que, com a chegada do turismo de massa, os trabalhadores locais são obrigados a ser sempre cordiais e alegres, o que faz com que se cansem e se tornem mecânicos, perdendo sua essência.

Entretanto, dado o caráter de desbravamento decorrente da procura por novos destinos, mais comumente a comunidade local acaba sendo influenciada pelo alóctone, ao longo da atividade turística. Em linhas gerais, o choque de culturas resultante da entrada de pessoas estrangeiras, que é de certo modo até incentivado pela possibilidade de lucros pelos membros da comunidade, traz consigo um denso custo social.

Devido ao modo de vida, em geral artificial, que é proposto para o atendimento de certos tipos de turismo, os residentes locais podem vir a perder sua identidade. Uma vida de aparências, que estimula gastos exorbitantes em futilidades, que privilegia práticas hedonistas, tende a persuadir parte da população residente e corrói os valores tradicionais que estruturam as condutas morais (BENI, 2001).

A relação entre turistas e comunidade local, quando marcada por valores capitalistas, acaba por negligenciar ações que enriqueceriam o contato entre culturas distintas.

[...] os habitantes dos lugares turísticos que se beneficiam economicamente com a presença dos turistas, não estão precisamente interessados em receber os turistas como hóspedes e a realizar com eles trocas culturais, mas em receber o dinheiro trazido pelos turistas. Os turistas, por sua vez, veem no habitante local apenas um instrumento para seus fins. Se ele é prestador de serviços, é visto como tal, e, se não é, é visto

como parte da paisagem, destinado a embelezar as fotografias com o seu exotismo (BARRETTO, 2006, p.16).

Assim, por ser uma atividade marcada pela dicotomia, que marca a própria relação do homem com a realização de impulsos a qualquer custo, o turismo traz uma série de benefícios que, se forem mal administrados, acabam por se tornar um engodo para todos os envolvidos na atividade. Pode ser um meio honesto de trabalho, mas também pode ser um meio de exploração de pessoas. Pode oferecer um ambiente de descanso para comunidades, ou um antro de loucuras efêmeras. Pode fazer com que as pessoas se aproximem, mas também pode criar rivalidades irremediáveis (Beni, 2001).

As comunidades receptoras reconhecem que, no desenvolvimento das sociedades atuais, o mecanicismo nas relações está fadado ao fracasso, haja vista a valorização dos consumidores pelo atendimento personalizado e humanista. A isso, soma-se a amplitude das redes sociais, que influenciam e informam os viajantes sobre os locais receptores. Assim, ao turista cabe definir o tipo de experiência que procura, buscando referências de locais que tenham condição de atendê-las, considerando sempre que toda viagem de alguma forma o faz sair do lugar comum.

Discorre-se, no subitem que segue, o subsistema cultural, completando assim o conjunto de relações ambientais.

2.4.1.4 Subsistema Cultural

Para Beni (2001), à consequência da intervenção do homem na superfície terrestre, moldando a natureza pelo trabalho físico e mental, dá-se o nome de espaço cultural. Nesse espaço ocorre a relação entre o turismo e a cultura, por meio da apropriação das manifestações culturais características de cada grupo social.

Entende-se cultura como o conjunto de crenças, valores e técnicas para mediar a relação de um determinado grupo social com o meio ambiente, compartilhadas pelos contemporâneos e transmitida entre as gerações.

Para Laraia (2007), desde tempos remotos tem-se conhecimento da diversidade de culturas. O autor cita alguns exemplos. Confúcio (400 a.C.) já afirmava que ‘a natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantem separados’. Na mesma época, o historiador Heródoto estranhava as diferenças entre o costume do seu povo e o dos escravos. O cidadão romano Tácio, no primeiro século cristão, admirava os rituais de casamento dos germânicos, nos quais o dote era dado pelo homem à mulher, e não o oposto, como acontecia nos costumes romanos.

Neste sentido, estimulado pela curiosidade de se conhecer o que não se pode saber em seus domínios, o homem busca em viagens uma forma de expandir seu entendimento do mundo.

Beni (2001) aponta que o turismo representa uma reação individual ao sistema cultural estabelecido pelos meios de comunicação de massa. Isso ocorre antes da viagem, com a preparação do turista, em suas pesquisas de planejamento, e ao longo da viagem, com a interação entre visitante e visitados, numa troca recíproca de conhecimentos.

O turismo também oportuniza a preservação de valores culturais locais, pois determinados locais levam ao ostracismo a população residente. Muitas vezes cabe ao turismo reativá-la, em virtude de seu interesse peculiar sobre a história e o patrimônio cultural local.

Os bens culturais que estão à disposição da atividade turística são: os acervos dos monumentos históricos; museus e galerias que reúnam as várias modalidades de expressão artística; as manifestações populares religiosas e profanas; o folclore; e, a cultura popular (Beni, 2001).

A assimilação do patrimônio cultural, que decorre da atividade turística, contempla uma acepção educativa, pois medeia o processo de socialização e ocupação dos bens patrimoniais, que são atrativos de localidades turísticas (Melo; Cardoso, 2015).

Ao longo dos anos, o conceito de patrimônio cultural evoluiu. Inicialmente, entendia-se como patrimônio os grandes monumentos artísticos do passado, obras que evidenciavam civilizações. Atualmente, é compreendido como um conjunto de bens culturais, alusivo a identidades coletivas. Dessa forma, tradições, expressões de arte, gastronomia, arquiteturas, documentos e sítios arqueológicos tornaram-se estimados pelo poder público e por comunidades. Logo, o patrimônio pode ter características materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis (Zenirato, Ribeiro, 2006).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2009), responsável pela promoção e coordenação da valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, caracteriza os bens em materiais e imateriais.

Classificado segundo a natureza de bens materiais, o patrimônio material pode ser compreendido como arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e, das artes aplicadas. Esses bens são divididos em imóveis e móveis. Os bens imóveis são os núcleos urbanos e os sítios, arqueológicos e paisagísticos. Já os bens móveis são: coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2009).

Os bens imateriais são alusivos aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, ao modo de ser das pessoas. Assim, são aceitos como bens imateriais: conhecimentos enraizados

no cotidiano das comunidades; manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; rituais e festas que marcam a vivência coletiva da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais (IPHAN, 2009).

Como fator de desenvolvimento econômico local a partir da atividade turística, em que há valorização de saberes regionais, o artesanato exemplifica de que maneira a cultura e o turismo se relacionam.

O artesanato é resultado do ofício das mãos do homem, que coletivamente dá forma, sentido e função a determinados objetos. Com habilidades e conhecimento únicos, cada artesão tem sua identidade única, que guarda estrita com seu local de origem. Representa as tradições de um determinado grupo e é incorporado ao seu cotidiano, transferido comunitariamente como importante meio de preservação da memória cultural (Ramos, 2013).

Para o turista, com a aquisição de artesanato estima-se o valor da recordação materializada em um objeto que evocará memórias significativas. Ademais, crê-se estar adquirindo uma peça única, representante de uma expressão cultural. Logo, ocorre uma transmissão dos elementos criativos do artesão para o turista (Melo-Silva; Emmendoerfer; Araújo, 2017).

Neste sentido, além do fator econômico, pois ocorre uma transferência direta de renda entre o turista e o artesão, há valorização da cultura e do ofício artesanal de um grupo social. Ao dinamizar a comunidade, estimulando um bem de consumo individual, o turismo contribui para a defesa de identidades contra processos culturais padronizados.

Assim, ao recuperar valores e bens culturais que serão utilizados para atividade turística, tais regiões resgatam a própria herança cultural (BENI 2001).

Por meio da difusão que o turismo permite, a atividade torna-se um instrumento com o qual pessoas sentem orgulho da própria cultura. Antes relegadas ao esquecimento, riquezas culturais são reabilitadas, ao se receber o prestígio de pessoas de diversas localidades

Conclui-se aqui a apresentação do conjunto de relações ambientais proposto no SISTUR. Dando prosseguimento a análise da atividade turística a partir desse modelo, retrata-se no próximo subitem o conjunto da organização estrutural.

2.4.2 Conjunto da Organização Estrutural

Ao conjunto da organização estrutural proposto no SISTUR, cabe analisar a compreensão do papel do Estado e de organizações privadas no desenvolvimento da atividade

turística. Seu funcionamento permite que a produção e comercialização dos diferentes produtos turísticos seja harmônica, sob a tutela jurídico-administrativa das instituições oficiais.

Dois subsistemas compõem a organização estrutural. O primeiro deles é o subsistema denominado Superestrutura, que se refere ao arcabouço de legislação, organizações governamentais e privadas, políticas de estado e programas de governo que interferem no planejamento e gestão do turismo. O outro subsistema, denominado infraestrutura, diz respeito aos sistemas de serviços públicos ofertados à população e aos equipamentos públicos e privados que são condicionantes para o desenvolvimento da atividade turística.

Neste sentido, cabe ao poder público liderar o planejamento, para que o turismo se desenvolva partindo das ações de planejamento que contemplem, tanto as necessidades específicas que os visitantes carecem, quanto as premissas essenciais da comunidade local.

Cabe ao aparelhamento estatal cuidar dos interesses da coletividade, em detrimento de favorecimentos de grupos específicos. Como a atividade turística envolve diversos atores, com perfis distintos e por vezes antagônicos, há necessidade de um sistema de gestão que englobe um planejamento que policie tais discrepâncias. Neste sentido, como uma atividade plurissetorial, o turismo demanda uma coordenação que, imprescindivelmente, seja orientada pelo poder público.

Para que se possa desempenhar esse papel, o Estado deve estabelecer políticas públicas voltadas para o setor do turismo. Logo, por meio de uma gestão de práticas inerentes ao desenvolvimento do setor turístico, o Estado pode colaborar expressivamente para o fomento de destinos e para o crescimento da atividade.

As políticas públicas são o conjunto de ações e atividades que os governos desenvolvem, com a participação de entidades públicas e privadas, e de grupos sociais organizados, com o propósito de garantir o bem-estar da população, com base nos direitos garantidos pela Constituição e por outras leis. Depois de delineada e elaborada, as políticas públicas são desmembradas em planos, programas, projetos e ações. Após implementadas, ficam submetidas a sistemas de acompanhamento e avaliação (Souza, 2002).

Como um sistema econômico misto de mercado é encontrado em quase todos os países, juntamente com o Estado as empresas privadas e associações de classe são os tomadores de decisão. Dessa forma, como mediador e articulador dos conflitos que possam ocorrer entre esses atores, o papel do Estado no estímulo da atividade é o de agente indutor. Isso passa a ocorrer a partir da elaboração e implementação de políticas públicas (Brandão, 2010).

Logo, a definição de políticas públicas deverá contemplar diretrizes que indiquem a maneira de atingir metas gerais para o turismo. Contudo, é determinante que esses objetivos

sejam pautados pela defesa e preservação do patrimônio natural e cultural, pois o acesso a eles pelas futuras gerações é um direito irrevogável. A elaboração de políticas públicas em qualquer esfera pública, independentemente da abrangência territorial, deverá ser condicionada, simultaneamente, às perspectivas cultural, social e econômica (Beni, 2001).

Para Dias (2008), o envolvimento do Estado no Turismo concentra-se na coordenação, planejamento, legislação, regulação, oferta de incentivos fiscais, atuação social e promoção da atividade.

Salvati (2004), acerca das atribuições do poder público para prover o progresso do turismo e da elaboração de uma política de turismo, afirma que o Estado deve: estabelecer prioridades e estratégias para o desenvolvimento do turismo; conceber e aplicar leis que estabeleçam normas das atividades turísticas; disponibilizar dados estatísticos, que permitam o direcionamento dos recursos; promover e mobilizar os atores envolvidos nas diversas etapas da operação turística; e, garantir o bem-estar dos turistas e das comunidades receptoras.

Para Beni (2001), os órgãos públicos e as entidades privadas estão envolvidas com políticas de ação e execução em cinco atividades relacionadas ao turismo; como facilitador, no que diz respeito ao ingresso, permanência, deslocamentos internos e saída de turistas; no desenvolvimento da infraestrutura de rodovias, aeroportos, obras públicas em geral; em transportes e comunicações, para facilitar a mobilidade e a conectividade; na educação e capacitação, com a formação de recursos humanos para os diversos níveis de atuação no setor; e, com a prestação de serviços ao turista em geral, por meio de serviços de hospedagem, transportadoras, meios de alimentação, entretenimento, agenciamento de viagens.

Em nível federal, desde 2002 o Brasil conta com um ministério específico para tratar dos assuntos da atividade, o Ministério do Turismo. Para Salvati (2004), a criação do órgão foi um marco importante, pois se trata de um apoio central para a atividade. Para Beni (2001), a orientação do governo ditará a posição hierárquica que o turismo desempenhará na estrutura da administração pública, pois sua principal função é otimizar o crescimento da área, fazendo com que o turismo colabore ao máximo para o desenvolvimento socioeconômico do país.

Em nível estadual, compete aos órgãos que cuidam da obtenção de dados desenvolver a atividade nos seus municípios e fornecer informações para as instâncias federais, operando dessa forma como um elo entre a união e as cidades ou regiões. Também devem implementar ações do Ministério do Turismo, a partir da adoção de estratégias de regionalização turística da sua jurisdição. Para Salvati (2004), é salutar a promoção, por parte dos governos, de Fóruns ou Conselhos estaduais de Turismo, com a participação de entidades privadas e associações

comunitárias. Com funções normativas, consultivas e propositivas, esses órgãos podem legitimar a presença da sociedade civil no desenvolvimento da atividade.

Em nível municipal, o contato direto e permanente com o turista potencialmente são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento do turismo. O MTur (BRASIL, 2007) orienta que os municípios organizem a atividade local por meio de uma secretaria municipal, uma empresa ou agência municipal de turismo, ou ao menos uma assessoria vinculada ao gabinete do prefeito. Como atribuições do poder municipal, estão a elaboração de legislação de ordenamento público, para estabelecer o perfil de ocupação territorial e áreas de interesse específico, e promover a proteção do patrimônio histórico e do meio ambiente.

Para Salvati (2004), é preciso formar um colegiado, em formato de conselho, comitê ou fórum, que congregue gestores públicos, lideranças da comunidade, membros dos setores privados do turismo e do comércio, representantes de associações de classe, como de artesãos, grupos de interesse cultural. Essas instâncias poderão contribuir localmente para a resolução de problemas e para a fiscalização dos órgãos públicos.

A instauração de conselhos de gestão do turismo em nível municipal é relevante, para que se efetive a democratização dos processos de decisão na elaboração, implementação e fiscalização das políticas públicas (BRANDÃO, 2010).

Além da coordenação do Estado, há necessidade de participação social na elaboração do planejamento turístico, cuja função é orientar o crescimento da atividade turística, equilibrando os fatores de ordem social, ambiental e econômico, a partir de metas e objetivos precisos e dimensionando os meios para atingi-los.

Para Brandão (2010), quando da implantação de ações governamentais relativas ao turismo, é preponderante estimular a participação social. Silva e Miranda (2013) inferem que a comunidade deve estar envolvida nas diversas etapas do planejamento e que não se verifique somente o lado comercial da atividade.

Para Barretto (2005), a atividade turística tem caráter mutável. Isso dificulta ações de planejamento, pois há imprevisibilidade do comportamento de residentes e visitantes. Para Dias (2008), geralmente as ações de política de turismo ocorrem com a atividade já existente, e surgem como uma resposta à falta ou carência de planejamento. Portanto, é fundamental que a comunidade esteja envolvida no processo de planejamento do turismo, pois os residentes são os principais afetados pela atividade.

Neste sentido, Brandão (2010) observa que a participação popular tende a ocorrer em resposta a problemas crônicos que evidenciam a falta de gestão. Os atores sociais notam que quando se escolhe um modelo com enfoque majoritariamente econômico eles são afetados

negativamente pela atividade turística. Assim, ao dar visibilidade a tais adversidades, fazem com os gestores públicos se vejam comprometidos com a elaboração de políticas para eliminar, ou ao menos atenuar, tais danos.

Para Valls (2006), o desenvolvimento de uma destinação turística requer o comprometimento da comunidade, que é a primeira interessada em conhecer os benefícios e os riscos da atividade.

Para conduzir um modelo de gestão integral e sustentável, é preciso observar que:

A participação social é fator fundamental de reordenamento das relações de poder e de uma nova articulação entre os diferentes atores sociais para possibilitar maior acesso aos serviços de forma geral, maior integração nos processos coletivos e aumentar a autoestima e a constituição de cada um como sujeito de sua própria história (BENI; 2001, p. 119).

Segundo Valls (2006), os habitantes locais são seus povoadores naturais. Assim, qualquer planejamento deve levar em consideração o modelo já estabelecido. Para o autor, quando não se considera a realidade cultural, econômica e social dos habitantes locais, corre-se o risco de criar uma barreira entre os autóctones e a nova comunidade, estabelecendo focos de conflito.

Para Ruschmann (1977), há um jogo de forças entre a promoção de oportunidades de experiências recreativas ao maior número de turistas e a indispensabilidade de evitar a descaracterização de sítios de beleza singular natural e dos patrimônios culturais locais.

Neste sentido, observa-se que o planejamento turístico deve atender às necessidades dos residentes e dos turistas de forma a equacionar os diferentes sentimentos quanto à destinação do espaço público.

Partindo das premissas ora apresentadas para a formulação de estratégias e dos planos de ação para o desenvolvimento da atividade turística, em nível nacional ou regional, é possível dimensionar o estabelecimento dos equipamentos públicos e privados necessários para a configuração dos produtos turísticos.

Como o turismo é um fenômeno em que há deslocamento de pessoas, de seu lugar de origem a um local de visitação, gerando necessidades de alimentação, hospedagem e recreação por um determinado período de tempo, há necessidade de vias de acesso, restaurantes, hotéis e equipamentos de lazer. Acrescenta-se a essas necessidades a rede de serviços públicos que estão à disposição da população local e que também poderão dar suporte ao visitante.

Assim, o subsistema de infraestrutura analisa os sistemas de transportes, a rede viária e a estrutura urbana instalada, e também verifica a urgência de implantá-los, para suprir uma

possível demanda. Também analisa toda a rede de serviços gerais que o núcleo receptor oferece e de que maneira o turismo influencia na implantação desses serviços.

Essa investigação da infraestrutura que suporta o turismo é caracterizada como geral e específica.

A infraestrutura geral consiste basicamente na rede viária de transportes, nos sistemas de telecomunicações, de distribuição de água, de captação de esgotos e de energia, cujos serviços básicos são essenciais a quaisquer classes de consumidores. São os investimentos que atendem os turistas, a comunidade local, e as atividades produtivas, como a agricultura e a indústria (Beni, 2001).

Complementarmente, a infraestrutura turística deve compor operações básicas para atendimento aos visitantes. Deve-se ter atenção à manutenção e conservação dos locais de vocação turística. Parques, praças, calçadas, *boulevard* e áreas de grande circulação devem ter atenção especial dos gestores, bem como áreas de preservação, tais como reservas naturais.

Como infraestrutura específica, observam-se as obras que têm finalidade específica para o desenvolvimento da atividade turística. São obras que permitem o avanço do turismo, possibilitando novos investimentos, como exemplos: construção de acesso a destinações essencialmente turísticas, como novas rodovias; investimentos em edificações com perspectiva indutora de turismo, como centros de cultura, de exposição e eventos; melhorias na infraestrutura já existente, com a perspectiva de aumento do número de visitantes. Também é considerado investimento de infraestrutura específica a ampliação de aeroportos.

Quando o nível de desenvolvimento urbano é elevado, o núcleo receptor consegue suprir o fluxo de visitantes com sua estrutura de serviços públicos, sem a necessidade de grandes incrementos. A população desses locais já usufrui de índices de urbanização que podem absorver a chegada de visitantes, com a utilização dos serviços gerais, da malha viária existente e dos transportes públicos, interligando lugares de interesse turístico. Nesses casos, em grandes centros urbanos o turismo pode ser um vetor para a requalificação de áreas antes degradadas. Segundo Allis (2012), as cidades têm a oportunidade de aplicação de recursos na transformação de certas partes do tecido urbano, conseguindo elevar a imagem do destino globalmente.

Por outro lado, em locais de interesse com pouca oferta de serviços públicos, o turismo pode provocar investimentos estatais, por representar uma notável fonte de renda e de geração de empregos (BENI, 2001). Ocorre, assim, um efeito multiplicador da economia, com investimentos em obras públicas de acesso e com a iniciativa privada investindo em equipamentos para absorver o crescimento do turismo.

Portanto, faz-se necessário o correto procedimento para a execução de um planejamento dos investimentos em infraestrutura que minimizem os danos sociais, ambientais e culturais que a atividade turística pode provocar. Quando há um crescimento vertiginoso da atividade, deficiências na infraestrutura são um impedimento para a sustentação do destino. Como apontam Ruiz e Gandara (2013), a competitividade de áreas turísticas é uma realidade no mundo globalizado. Assim, o planejamento urbanístico é um fator determinante na escolha dos destinos por parte dos consumidores.

Neste sentido, os serviços urbanos essenciais devem ser dimensionados, para que atendam, tanto a comunidade local, quanto a população sazonal. Para Beni (2001), quando há insalubridade e precarização dos aspectos de higiene, a atividade turística é afetada diretamente. Trentin e Sansolo (2006) observam que propostas para o saneamento básico não são prioritárias em áreas de destinação turística nas diversas esferas públicas. Segundo Santos (2013), entre os fatores determinantes para a satisfação dos turistas estrangeiros no Brasil, constatou-se que a limpeza pública foi um dos principais itens apontados, ficando à frente de fatores como preço e gastronomia. Para Lins, Araújo e Lima (2017), quando a procura do turista é por destinos de sol e mar, o fator da qualidade da água é um dos principais aspectos de atratividade turística, e a ausência de um sistema de saneamento básico tem um impacto negativo.

No que diz respeito às condições de saneamento básico, deve-se incluir no planejamento das destinações turísticas a qualidade do abastecimento de água, a coleta de esgotos e a limpeza pública.

Sabe-se que o aumento do fluxo de turistas gera mais poluentes, que deverão ser tratados. Assim, as destinações devem preparar para minimizar tais danos. Contudo, Salvati (2004) coloca que há necessidade de articulação política entre os municípios que integram a região turística e as instâncias superiores de governo, quanto ao meio ambiente. Para o autor, não cabe somente ao principal município indutor do turismo adotar estratégias de preservação ambiental, se as cidades limítrofes não tomarem atitudes no mesmo sentido. Exemplifica-se a amplitude de uma bacia hidrográfica, em que um mesmo rio banha diversas cidades e a água pode estar poluída em algumas delas.

O fornecimento de energia elétrica e a iluminação pública são serviços que devem ser contemplados no plano de atendimento às destinações turísticas. Notadamente, em destinações turísticas de grande fluxo ocorrem problemas de falta de energia nas horas de grande demanda (Nishimoto; Varajão, 2018).

Quanto à iluminação pública, Almeida, Fumega e Alves (2011) destacam o papel da iluminação artificial como um atrativo das destinações turística. O turismo, como atividade

cosmopolita, pode usufruir da iluminação pública para criar uma alternativa que potencializa a ocupação de territórios. Para os autores, a noite é:

[...] um espaço-tempo de extrema importância na vida das cidades, sobretudo no que respeita às actividades de lazer e turismo que a estas está associado. As inovações na iluminação, a par das importantes mudanças na organização da economia, assim como alterações profundas na sociedade e na cultura, conduziram a um crescimento acelerado das actividades de lazer (2011, p. 62).

Logo, o sistema de iluminação pública permite que se possa ampliar as opções de serviços turísticos, bem como influencia na sensação de segurança do turista no período noturno.

As comunicações, a partir da oferta de serviços de internet e de telefonia celular, são hoje um dos fatores indispensáveis nas destinações turísticas. Obviamente, há localidades remotas que não têm acesso a esses serviços, o que pode constituir um atrativo. No entanto, o turista espera que os serviços de comunicações permitam que as pessoas possam transmitir suas impressões de viagem *in loco* nas redes sociais. Brito e Freitas (2019) sugerem que os destinos turísticos podem até mesmo ser previamente escolhidos pelo impacto nas redes das fotos tiradas durante a viagem.

O sistema viário e o de transportes têm um papel fundamental no desenvolvimento do turismo. O fato de as pessoas percorrerem grandes distâncias em um menor tempo é o grande impulsionador da atividade turística. O acesso do turista à destinação é garantido por um bom sistema viário.

Beni (1999; 2001) aponta que o sistema rodoviário deve ser destacado, porque possibilita a integração e o desenvolvimento de forma mais rápida, e também porque gera mais riquezas, em comparação a outros sistemas. O transporte rodoviário, além de ser o mais comum, permite o deslocamento dentro das localidades turísticas e entre as cidades próximas.

Neste sentido, faz-se necessária a manutenção das vias de acesso, no que se refere a pavimentação, sinalização e adoção de equipamentos de apoio ao motorista.

Além das estradas de acesso aos destinos, a infraestrutura também trata do transporte coletivo. Assim, no núcleo receptor é desejável a oferta de opções para estabelecer o fluxo de deslocamento no perímetro de interesse dos visitantes.

Considera-se, neste sentido, que o planejamento turístico é fundamental para que se possa realizar as estimativas plausíveis para o desenvolvimento sustentável da atividade, a partir do dimensionamento correto da infraestrutura necessária para a manutenção de uma experiência turística satisfatória.

Conclui-se aqui a apresentação do conjunto da organização estrutural. No subitem que segue, apresenta-se o conjunto das ações operacionais, que engloba os subsistemas de mercado, oferta, demanda, produção, consumo e distribuição.

2.4.3 Conjunto das Ações Operacionais

As relações entre o destino turístico e o que lhe é peculiar, com o turista e suas características, são tratadas no conjunto de ações operacionais. A partir da análise dos seus subsistemas e suas inter-relações, verifica-se se há compatibilidade entre aquilo que o turista espera com o que o local de visitação tem a oferecer.

Em suma, trata-se das relações de mercado. No entanto, devido às características únicas que configuram a atividade, tais relações apresentam especificidades inerentes ao turismo. As relações de mercado são baseadas em trocas. Trocam-se produtos, serviços e valores, criando uma relação entre aquele que procura algo e aquele que disponibiliza algo.

Para Kotler e Keller (2006), alguns requisitos são fundamentais para a ocorrência do mercado. Há necessidade de no mínimo duas partes e que tenham, cada uma delas, algo de interesse para a outra parte. Assim, devem crer que realizar uma troca é uma ação favorável. Para tanto, devem estabelecer meios de se comunicar e de efetivar a transferência, de maneira livre, podendo, em último caso, recusar a operação.

Segundo Dias (2005), o mercado é estabelecido quando há procura por um produto ou serviço específico, e quando há condições de a compra ser efetivada. Por outro lado, é preciso que alguém tenha a aspiração de ofertar um produto ou serviço que satisfaça o comprador.

A quantidade de consumidores que querem e têm condições de adquirir um bem ou serviço por um determinado preço em um dado período de tempo é denominada demanda. Como oferta, considera-se a quantidade de bens ou serviços disponibilizados por um determinado preço em um dado período de tempo (Beni, 2001).

Assim, quando empresas ofertantes de produtos ou serviços turísticos buscam atender, em um ambiente de negócios integrado, aos desejos, interesses ou motivações de turistas, estabelece-se o mercado turístico (Maia; Neto, 2015). Como ambiente de negócios, são considerados os fatores externos de uma determinada região que influenciam e determinam o comportamento das empresas.

Considerando o número de empresas de um determinado setor, o volume de compradores dos produtos ofertados por essas empresas, as semelhanças e as diferenças dos produtos ofertados, o mercado de turismo é estruturado a partir da classificação de concorrência

imperfeita. A concorrência imperfeita ocorre quando as empresas buscam a diferenciação dos seus produtos, influenciando a demanda por meio de propaganda.

No entanto, uma especificidade do mercado de turismo se dá por conta da heterogeneidade das partes envolvidas. Para Santos e Kadota (2012), o turismo é caracterizado como um objeto composto por diferentes atividades econômicas que comercializam seus produtos para grupos específicos de consumidores. Beni (2001) considera que o mercado de turismo oferece produtos que não são homogêneos e intercambiáveis, mas diferenciados, tornando a concorrência imperfeita.

Em contrapartida, a heterogeneidade dos turistas que compõem a demanda faz com que o mercado de turismo esteja em constante atualização. Para atender a desejos cada vez mais específicos, produtos são desenvolvidos para que atendam grupos com certo grau de afinidade (Medaglia; Maynar; Silveira, 2013).

Observando esses fatores, a segmentação turística permite que as complexas inter-relações das atividades econômicas do turismo possam ser compreendidas com maior clareza. Trata-se de uma técnica estatística, porque permite decompor uma determinada população para ser estudada em grupos homogêneos. E também uma ferramenta de *marketing*, visto que, por meio da formação de grupos com características comuns, possibilita determinar ações para mercados únicos.

Considera-se a segmentação turística como a forma mais eficiente de atender os desejos dos turistas. Para Lage (1992), quanto maior for o conhecimento das características do público-alvo, melhor serão os esforços de marketing empregados. Neste sentido, poderão ser aplicadas técnicas mercadológicas publicitárias, de relações pessoais, de promoção e de vendas.

Diversas variáveis podem ser utilizadas para segmentar o mercado, individualmente ou de forma combinada. A Figura 9 apresenta as bases de organização de variáveis que influenciam o comportamento da demanda. As principais variáveis de segmentação da demanda são geográfica, demográfica, social, comportamental, psicossocial e econômica (Lage, 1992; Bacha; Strehlau, 2009).

Figura 9: Variáveis que influenciam a demanda

Geográfica	Demográfica e Socioeconômica	Psicográficas (de ordem psicológica)	Padrões de Comportamento	Padrões de consumo e predisposição do consumidor
-------------------	-------------------------------------	---	---------------------------------	---

<ul style="list-style-type: none"> •Fronteiras políticas •Climas •Fronteiras populacionais 	<ul style="list-style-type: none"> •Gênero •Idade •Estado Civil •Composição familiar •Ciclo de vida •Ocupação •Educação •Renda 	<ul style="list-style-type: none"> •Estilo de vida •Atividades •Características de personalidade •Preferências 	<ul style="list-style-type: none"> •Momento das compras, impulso ou preferência por marcas •Número de unidades compradas •Frequência de compras •Hábitos em relação à mídia 	<ul style="list-style-type: none"> •Frequência de uso – muito uso <i>versus</i> pouco •Ocasão •Fidelidade à marca •Propriedade de outros produtos •Conhecimento do produto •Benefícios buscados
---	--	--	---	---

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Brasil (2008).

Ao aplicar técnicas de segmentação, algumas vantagens são percebidas: a identificação de públicos mais rentáveis é facilitada; pode-se conhecer o nível de concorrência dos diversos segmentos; quanto às necessidades dos consumidores, é possível saber quais foram atendidas e quais ainda carecem de atendimento, oportunizando novos negócios; estratégias de investimentos são mais bem definidas, minimizando o desperdício em investimentos; e, a comunicação com o turista consegue ser realizada com linguagem e mensagem adequadas (DIAS, 2005).

A montagem de roteiros baseados na demanda auxilia os destinos a concentrarem esforços no seu potencial turístico. Ressalta-se que os turistas não têm a mesma percepção dos produtos turísticos, devido ao seu histórico próprio com outras experiências. Assim, entende-se que o comportamento do mercado turístico apresenta uma dinâmica específica. A rapidez em assimilar as mudanças constantes no comportamento dos turistas torna-se uma vantagem competitiva e uma estratégia de sobrevivência nesse mercado.

Beni (2001) aponta que o motivo da viagem é o principal meio para segmentar o mercado. Em função da demanda, a partir das suas preferências e motivações, a oferta turística determina sua segmentação. O tipo de turismo que é apresentado ao consumidor está baseado nas características dos seus atrativos naturais ou culturais. Dessa forma, os produtos turísticos são desenvolvidos para caracterizar os segmentos com os quais a destinação se identifica, para assim facilitar a escolha da demanda. Uma localidade pode oferecer mais de um segmento e ter sua imagem relacionada a alguns tipos de turismo, para assim atingir um número maior de turistas.

Além disso, a concorrência entre as localidades é um fator a ser considerado. Essa concorrência acontece entre os diferentes *clusters*. Cada *cluster* compete em seu segmento, podendo ter concorrentes nacionais e internacionais, graças aos processos de globalização.

Os *clusters* são formados pela concentração de atrativos relevantes e de aglomerados de equipamentos turísticos, com a oferta serviços de qualidade destacada, em um espaço geográfico territorial delimitado. No *cluster*, as empresas correlacionam-se, para a formação da cadeia de produção do turismo. Para o turista, os *clusters* apresentam-se aos distintos mercados como produtos turísticos completos, geralmente em forma de pacotes, com tarifas diferenciadas (BENI, 2001).

A competição no mercado turístico tem-se dado com a formação dos clusters e de estratégias de marketing direcionadas ao melhor desenvolvimento das regiões. Assim, não apenas o atrativo turístico é considerado para a tomada de decisão do consumidor de turismo, pois, em longo prazo, a infraestrutura e a qualidade da oferta de serviços tornam-se fatores determinantes. Portanto, é relevante a parceria do poder público com a iniciativa privada, no que diz respeito ao planejamento e à execução de ações integradas para o desenvolvimento da atividade turística.

Para que se possa analisar o mercado turístico faz-se necessário conhecer o comportamento dos atores que interagem diretamente com o turista e os fatores externos que influenciam o funcionamento desse mercado.

Os recursos naturais e culturais são a base da oferta turística. Considerando que a atração de uma localidade se dá pelo interesse desses recursos em motivar as pessoas a conhecê-los, toda uma estrutura se faz necessária para receber os turistas e entretê-los amistosamente, para que possam desfrutar uma experiência singular.

Para Ruschmann (1997), a oferta turística é composta pelos bens e pelos produtos adquiridos e consumidos pelo turista ao longo de sua estadia em uma destinação. Na mesma linha, Lohmann e Panosso Neto (2008) inferem que a oferta turística são os bens e serviços à disposição dos consumidores-turistas por um dado período de tempo e por um certo preço.

Segundo Beni (2001), os atrativos naturais ou de legado histórico-cultural são considerados bens livres de um país. Como os turistas estão dispostos a se deslocar e pagar para conhecer tais atrativos, tornam-se bens econômicos.

Para Lage e Milone (2001), a oferta turística engloba as atrações naturais e artificiais de uma determinada região, além dos produtos turísticos que estão à disposição para a satisfação das necessidades dos turistas. Para os autores, trata-se do local onde as empresas ligadas direta ou indiretamente ao turismo ofertam seus produtos.

Ruschmann (1997) destaca a heterogeneidade como uma característica da oferta turística, categorizando-a em dois grupos. Como oferta diferencial, consideram-se os recursos naturais, socioculturais e tecnológicos, atrativos que, pelo seu grau de diversidade, conseguem atrair

consumidores para a destinação. Como oferta técnica, a autora distingue entre a específica, que são facilidades a serviço do turista que permitem seu deslocamento e sua permanência temporária para o local de visitação, e oferta técnica geral, que abrange toda a infraestrutura da região que também está a serviço da população local. Assim, para o atendimento da demanda pode-se inferir que a oferta turística é composta por atrativos turísticos, equipamentos e serviços turísticos e infraestrutura básica.

A partir da ótica desenvolvida pelo SISTUR, a infraestrutura básica faz parte de uma análise já apresentada neste texto. No entanto, para que possa se expandir a oferta turística carece de investimentos públicos que permitam tal movimento. Percebe-se, assim, que a oferta e todo o conjunto de ações operacionais influenciam diretamente o conjunto de relações estruturais. Por isso, há necessidade de planejar a escala de necessidades de investimentos por meio de critérios que considerem os aspectos do conjunto de relações ambientais.

Beni (2001) afirma que a oferta turística compreende os atrativos de ordem natural e artificial, e os serviços e equipamentos específicos para a atividade, segregando-a em original e agregada. A oferta original é constituída pelos atrativos turísticos de ordem artificial, natural ou cultural, sem a qual não há possibilidade do desenvolvimento da atividade turística. Já a oferta agregada é constituída pelos serviços de transporte, agências de viagens, meios de hospedagem, alimentação e recreação. Ressalte-se que a oferta agregada geralmente é criada como consequência da oferta primária, mas não obrigatoriamente. Portanto, a oferta turística é constituída por inúmeros elementos tangíveis e intangíveis, e não unicamente por um determinado bem.

Quanto aos atrativos turísticos, Lage e Milone (2001) consideram-nos como os lugares, objetos e eventos de relevância turística que motivam a locomoção de pessoas para conhecê-los. Valls (2006) infere que o processo turístico é desencadeado pelo atrativo.

Beni (2001, p. 57) define-os como “[...] elementos passíveis de provocar deslocamentos de pessoas, e que integram o marco geográfico-ecológico-cultural de um lugar, podendo por sua vez ser subdivididos em naturais e culturais.”

Neste sentido, os atrativos também são responsáveis pelo processo de definição da demanda, pois o processo de escolha do destino está atrelado às atividades a serem desempenhadas no local. Assim são criados os segmentos do turismo. Um sítio arqueológico atrairá o turismo cultural, um parque nacional, o ecoturismo, o mar e o clima quente, o turismo de sol e praia. Dessa forma climas, paisagens, costumes e construções tornam-se bens produtivos de uma cadeia econômica (BENI, 2001; MTUR, 2011).

Ruschmann (1997) destaca que, quanto maior a singularidade do atrativo e seu valor diferencial, maior será o valor potencial que a localidade poderá ter. São elementos primários compostos pelo patrimônio sociocultural e pela formação do meio ambiente regional.

Cooper *et al.* (2001) destacam como característica comum a todos os atrativos turísticos o fato de não serem objeto de uso exclusivo do turismo, mas compartilhado com a comunidade anfitriã. Como consequência disso, podem ocorrer conflitos entre esses dois grupos. Em destinos populares, os visitantes são vistos como culpados por problemas locais. Congestionamentos, acúmulo de lixo e problemas ambientais são atribuições decorrentes do turismo. Para os autores, fica pouca dúvida de que a gestão dos atrativos turísticos é um trabalho árduo.

Assim, os atrativos são elencados como a matéria prima do turismo. Tratam-se de elementos que imprimem ao destino sua característica essencial e permitem que seja possível a realização de ações que comporão a imagem do local, desenvolvendo assim uma marca.

Isso proporciona ao destino a elaboração de uma identidade, considerando-se tanto os aspectos naturais quanto os aspectos socioculturais. Beni (2001) afirma que são bens de propriedade da sociedade e que os governos de cada país são responsáveis pela prosperidade advinda do turismo.

Determinados locais que ainda não foram descobertos pelo turismo são recursos potenciais, matéria bruta de futuros atrativos. Para virem a ser considerados como atrativos turísticos, esses locais deverão ser, paulatinamente, procurados pelos turistas, mas é preciso observar que podem não ter uma estrutura adequada ou não ter a divulgação necessária para que tal fluxo de visitantes se estabeleça (OMT, 2011).

A classificação da OMT (2011) categoriza os atrativos em: naturais (gerenciados pelo homem ou em seu estado natural); criados pelo homem sem intenção de atrair visitantes; criados pelo homem com a intenção de atrair visitantes; e, eventos especiais.

O MTur (2011) classifica os atrativos em cinco grandes categorias: atrativos naturais, tipificando elementos da natureza, como relevo, vegetação, áreas costeiras, hidrografia, cavernas e unidades de conservação ou similares; culturais, abrangendo conjuntos arquitetônicos, comunidades tradicionais, sítios arqueológicos, lugares de manifestação de fé e de referências históricas, museus, centros culturais, teatros entre outros – a gastronomia, o artesanato, as atividades tradicionais de trabalho e as formas de expressão, bem como personalidades também são considerados como atrativos culturais; atividades econômicas, como o extrativismo de toda natureza, a agropecuária, o comércio, a indústria e atividades tecnológicas, e também as realizações técnicas, científicas e contemporâneas, por exemplo

hidroelétricas e centros de pesquisa; e, os eventos programados, que englobam feiras, congressos, festivais, *shows*, competições, festas populares, etc.

Complementando a oferta turística, os serviços e equipamentos turísticos são o conjunto de empresas que prestam serviços relativos ao setor. Denominada oferta turística agregada ou derivada, não lhe cabe satisfazer o turista sem que haja a complementação da oferta original.

Ruschmann (1997) denomina como facilidades os equipamentos e serviços com determinada qualidade e preço que propiciam a estadia e a locomoção do visitante na destinação. Lage e Milone (2001) consideram essas facilidades um conjunto de edificações e de serviços indispensáveis para o desenvolvimento da atividade turística. Para os autores, além ficar à disposição da demanda, essas facilidades devem apresentar padrão de qualidade, pois fazem parte do setor de serviços.

A oferta derivada é composta por empresas de transporte, pelas diversas formas de alojamento, serviços de entretenimento, serviços de alimentação, e por organizadores e agências de viagens. Lage e Milone (2001) explicam que o comércio que oferece itens que constituirão lembranças para o turista, tais como lojas de artesanato e de produtos típicos, agrega a oferta derivada.

Assim, o produto turístico é uma visão macroeconômica do amálgama de elementos tangíveis e intangíveis colocados em ação para uma atividade específica em uma destinação. Num sentido macroeconômico, para Beni (2011) a partir da combinação da oferta original e da oferta derivada, em diferentes momentos, interligados uns aos outros, ocorre o consumo do produto turístico. Ruschmann (1997) complementa, ao afirmar que o produto turístico também engloba a experiência que o visitante desejou e vivenciou ao longo da viagem.

PINE II E GILMORE (1999, p. 39), afirmam que “[...] experiência acontece quando uma empresa intencionalmente usa os serviços como um palco e os produtos como suportes para atrair os consumidores de forma que crie um acontecimento memorável.” Portanto, há interdependência das empresas que fazem parte da oferta derivada, para que se possa promover o sucesso de uma destinação e a qualidade da experiência do turista.

Entre as dificuldades para manter a qualidade dessa experiência está a necessidade de se estabelecer equilíbrio entre a oferta e demanda. A sazonalidade do turismo é um problema para a oferta turística, pois a qualidade dos serviços deve estar em níveis adequados, tanto na baixa quanto na alta temporada. Cabe ao gestor avaliar a adequação do seu estabelecimento à demanda potencial que possa receber, como também analisar o mercado, para posicionamento do seu negócio. A realização de eventos por parte do poder público e da iniciativa privada tende

a amenizar a ociosidade da baixa temporada. Dessa forma, procura-se manter, ao longo do ano, a economia aquecida, os empregos e a renda equilibrada.

As taxas de ocupação da oferta afetam diretamente o processo produtivo do turismo no subsistema de produção, conforme preconizado por Beni (2001). Como taxa de ocupação, entende-se o percentual de ocupação da capacidade total de um estabelecimento ou meio de transporte. Para o autor, a peculiaridade da atividade turística, como ramo de atuação na prestação de serviços, está no fato de que, ao mesmo tempo em que se dá a produção, o turista a está consumindo. É um processo de produção e consumo que ocorre ao mesmo tempo e no mesmo local.

Grande parte dos produtos turísticos são intangíveis. Não se pode armazená-lo, ou mesmo transportá-lo, excetuando-se os bens adquiridos ao longo da viagem, como lembranças e peças de artesanato, além de outros itens que são considerados tangíveis. O mesmo acontece com o setor de restaurantes e bares, que têm a refeição como algo tangível e o atendimento como intangível.

Neste sentido, Santos e Kadota (2012) afirmam que os serviços são consideravelmente heterogêneos, pois a experiência vivenciada por um turista, em um dado período, pode ser diferente daquela vivenciada por outro turista que tenha adquirido o mesmo pacote. Para os autores, o fator humano é uma das razões que levam à diferenciação dos produtos. O consumidor não sabe ao certo o que está adquirindo, mesmo que já tenha vivenciado situação semelhante.

Os bens e serviços produzidos por diversas atividades econômicas que estabelecem uma relação com os atrativos turísticos acabam por gerar o produto turístico. Seu processo produtivo ocorre com a associação de tecnologia, trabalho e capital. São hotéis, restaurantes, bares, salões de eventos, entre outros, que se organizam em um processo de interação ou de concorrência, para receber a atenção do turista. De certa maneira, esses aspectos guardam interdependência. É um valor sistêmico da atividade, considerando-se que há uma conexão entre as necessidades do turista e que a supressão de alguma atividade pode comprometer a viagem.

Dessa maneira, manter a qualidade da prestação dos serviços, com tantas empresas trabalhando em conjunto e cada delas com sua própria forma de agir, é de um dos grandes desafios para a atividade turística.

O turista não dissocia os diferentes produtores, quando viaja para uma determinada destinação, ou seja, não fragmenta sua imagem do local visitado, dividindo-o em diferentes áreas e segmentos. Ele julga sua experiência turística a partir de um conjunto de serviços que lhe é oferecido. [...] Caracterizado pela prestação de serviços, o turismo envolve muitos relacionamentos não só entre prestador e consumidor, como

também entre os próprios prestadores que, para fornecer um produto final de qualidade muitas vezes fragmentam e terceirizam serviços (BENI, 2003, p. 173).

A hospitalidade é, certamente, um dos valores intangíveis mais destacados da atividade turística. Para Valls (2006), é a razão de ser do serviço e a base da relação entre a oferta e a demanda. Enquanto em alguns destinos a hospitalidade é um valor voluntário, dentro da prestação de serviços, em outros é um valor esquecido, devido à mercantilização da atividade turística. Assim, cabe ao profissionalismo da atividade equacionar a relação entre empregados e turistas. Fatores como a qualidade de uma refeição devem estar atrelados a um serviço intangível, quanto valorizado pelo turista.

Há uma crescente percepção das empresas quanto à importância dos valores intangíveis. Para Pace, Oliveira, Alkmim (2012, p. 748), os “[...] ativos intangíveis representam a força condutora da nova economia do conhecimento, onde o capital intelectual surge como o responsável pela mudança realizada a partir de bens tangíveis, como produtos e serviços.”

Assim, o investimento na mão de obra qualificada no turismo torna-se um diferencial dos mais relevantes. Para Beni (2001), o aprimoramento dos serviços prestados faz do turismo um produto único, pois corresponde às necessidades psicológicas do consumidor. Para o turista, como valor residual após o consumo do produto turístico fica a satisfação da realização da viagem.

Para atender às necessidades do visitante, deve-se imprimir na oferta turística o envolvimento necessário, com a participação dos gestores públicos e dos empreendedores do setor, além da comunidade onde ocorre a atividade. Logo, o produto turístico transforma-se na experiência da viagem, um aspecto que irá englobar desde o transporte até o destino, passando pela qualidade da hospedagem e das vivências nos mais diversos estabelecimentos, dos restaurantes e das refeições, e de todo o atendimento.

Ao iniciar o planejamento da sua viagem, o turista começa a procurar por serviços que o satisfaçam. O subsistema da demanda procura entender o dimensionamento adequado para que os destinos possam realizar seus planejamentos em termos quantitativos e qualitativos.

Para Lage e Milone (2001), a quantidade consumida e desejada, por um indivíduo ou um grupo, por um dado tempo a um determinado preço de bens e serviços turísticos, é denominada demanda turística. Beni (2001) infere que o estilo de vida dos turistas e aquilo que lhes é permitido por sua renda posicionam a demanda.

Os meios de transportes são procurados com a intenção de se chegar a um destino. Quando possível, são escolhidos meios mais rápidos e caros, como o aéreo. Caso contrário, os visitantes optam por meios mais lentos e menos onerosos, como o terrestre. O transporte

marítimo pode também ser uma opção, caso haja disponibilidade. Conforme seu poder aquisitivo, o visitante pode optar pelo meio de hospedagem que lhe convém. Por esse motivo, a localidade turística precisa oferecer-lhe diversas opções. Conforme o grau de atratividade e a procura do destino, as opções podem variar desde hotéis de luxo a pousadas modestas.

As pessoas motivadas a consumir produtos turísticos compõem a demanda, que se torna real, quando efetivam sua viagem, ou potencial, quando desejam realizar o consumo de produtos turísticos, mas não o fazem por motivos diversos, como ausência de tempo, falta de recursos financeiros, entre outras razões. Cooper *et al.* (2001) entendem que estudos da demanda permitem conhecer os perfis dos visitantes, calcular os gastos por turista, prever o número de chegadas. Dessa forma, torna-se possível criar estratégias de marketing e desenvolver planejamentos que incrementarão a qualidade da experiência nos destinos.

Considerando que a viagem é um movimento entre um ponto emissor e um receptor, a demanda turística depende da compreensão relativa a esses pontos, bem como sobre o custo desse movimento. Assim como a oferta derivada depende da oferta original, o mesmo ocorre com a demanda. A demanda por atividades turísticas em uma destinação só pode ocorrer se houver meios de transporte, de hospedagem, de alimentação.

Como a oferta turística é composta por elementos que se complementam, formando o produto turístico, a demanda turística é formada pelos consumidores desses produtos, durante os momentos de viagem. Com características heterogêneas, a demanda turística procura serviços variados, de acordo com as condições financeiras e as preferências dos visitantes. Com isso, acabam formando produtos diferentes, compostos por meios de hospedagem, transporte, atividades recreativas, entre outras.

Santos e Kadota (2012) afirmam que o estudo do comportamento dos consumidores está baseado na premissa de que eles têm diversas necessidades, mas recursos escassos para satisfazê-los. Portanto, conhecer os elementos que determinam as escolhas da demanda são fundamentais para se agir no mercado turístico.

Esses são alguns dos fatores que influenciam o comportamento da demanda e que permitem um melhor planejamento da oferta.

Quanto ao tempo livre para a realização de uma viagem, os produtos turísticos devem se adequar ao período de que o turista dispõe para desfrutá-los: final de semana, feriado prolongado ou férias. Segundo Beni (2001), com o progresso econômico, existe a tendência de que o homem tenha mais tempo livre e, portanto, condições de fazer turismo com mais regularidade.

Quanto aos fatores espaciais, a natureza da atividade turística trata do deslocamento das pessoas. O homem busca no turismo um local que lhe ofereça uma experiência distinta daquela enfrentada no seu cotidiano. Considerando como características específicas do espaço sua imobilidade e invariabilidade, cabe ao turista decidir qual experiência procura. Essa decisão estará pautada em três níveis distintos: reconhecimento das características do local que deseja visitar, identificação harmônica com os atributos desse local; certo grau de similitude com alguns elementos peculiares; uma contraposição notável. Como exemplo, o sujeito que busca aspectos da natureza pode ter, como opções de fatores espaciais, praia ou montanha (BENI, 2001).

Quanto à disponibilidade econômica, quanto maior a renda, maior a probabilidade de consumo com turismo. Está claro que as condições financeiras dos consumidores definem consumo com viagens de maior ou menor valor (Santos; Kadota, 2014). Como estratégias, é possível aproveitar promoções em baixa temporada, o que permite que uma demanda potencial possa realizar a viagem em uma condição econômica favorável. Por outro lado, em alta temporada, como no final de ano, determinados destinos têm grande procura. Com o recebimento de uma renda extra, a demanda permite-se pagar um pouco mais para viajar (DIAS, 2005).

O perfil demográfico traz informações sobre elementos que devem ser considerados, para a formatação dos produtos turísticos. Idade, estado civil, gênero e composição familiar são elementos que influenciam na aceitação e na escolha de uma localidade. Os fluxos de turistas podem ser estimados a partir da localização geográfica, conforme os principais centros emissores e receptivos. O grau de instrução do turista permite conhecer suas preferências e os padrões de serviço que almeja (RUSCHMMAN, 1997), assim como a aceitação em um determinado grupo social em virtude do status que a escolha de uma destinação promove ao indivíduo (DIAS, 2005).

Percebe-se, portanto, que são muitos os fatores que influenciam a demanda. Como sugere Beni (2001), pode-se agrupá-los como sendo de ordem socioeconômica, psicológica, específico da destinação, e os que relacionam diretamente regiões emissoras e receptoras. Tais fatores auxiliam a conhecer os padrões de comportamento da demanda.

Ainda que se tenha informações que possam amparar uma visão do comportamento dos consumidores, tais dados muitas vezes não conseguem explicar a motivação que leva o turista a sua tomada de decisão: “Podemos dizer que um dos vetores da instabilidade da demanda por lugares específicos de destinação turística depende, não só de fatores estritamente econômicos, mas de mudanças, às vezes radicais” (BENI; 2009, p. 190).

Dessa forma, o subsistema de consumo, em conjunto com o subsistema da demanda, visa compreender as relações do turista em todo seu processo de definição de compra.

O comportamento do visitante, antes, durante e após a viagem, pode ser esclarecido com o estudo da demanda e do consumo. O turista realiza uma série de pesquisas, antes de tomar sua decisão. Entre os comportamentos mais comuns estão a geração do desejo, construção de imagem do destino e a busca por alternativas. Durante a viagem, com a locomoção e sua permanência na localidade, há o consumo de produtos turísticos, o convívio com a comunidade local e com outros turistas, e o trato com o meio ambiente. Ao regressar, traz lembranças da viagem, tem desejo de voltar e expressa sua opinião sobre o passeio expressada junto aos seus familiares ou colegas de (Santos; Silveira; Lobo, 2014).

Quanto à decisão de compra, algumas classes são elencadas. Podem ser decisões tomadas rapidamente, e também pode ser o resultado de um longo processo de escolha.

As decisões apressadas podem ser classificadas como de rotina ou de impulso. A decisão de rotina ocorre quando o turista já possui conhecimento necessário para fazer sua escolha, fundamentado em informações que fazem parte do seu pensamento. Já a decisão por impulso é tomada em geral por consumidores que são atraídos pela publicidade estrategicamente apresentada.

Beni (2001) sintetiza o processo extenso de decisão da compra pelo turista. Inicialmente, um estímulo o faz desejar conhecer alguma destinação. Esse estímulo pode ser provocado pela publicidade, por sugestões de outros viajantes, pelos atributos de algum hotel ou pela literatura especializada do setor. Partindo de suas características pessoais e socioeconômicas, ele estabelece uma referência conceitual, basicamente selecionando alguns segmentos, tais como sol e praia, turismo esportivo, turismo cultural, etc. Tendo estabelecido sua referência, efetiva o relacionamento com os fatos pela pesquisa de mercado, levantando os custos e buscando fatores de repulsa ou atração ao destino. A partir da escolha referencial das atividades e do levantamento das informações, monta um quadro com destino e suas alternativas possíveis. Na fase seguinte, trata das ponderações de cada alternativa, considerando os gastos previstos, a distância e o tempo disponível, o grau de satisfação, entre outros fatores tangíveis e intangíveis. Após a análise do custo/benefício de cada alternativa, toma a decisão de compra. Finalmente, ao término da viagem avalia o porquê de sua real satisfação ou decepção quanto a sua decisão.

Devem ser considerados também os fatores psicológicos que levam à decisão de compra. São os elementos de juízo subjetivo que definem a destinação escolhida por uma pessoa. A percepção, o aprendizado, os motivos e atitudes são alguns fatores que influenciam no processo decisório. Ademais, os fatores estimulantes também interagem com o turista no seu

processo de decisão, tais como o tamanho de um hotel, ou mesmo a combinação entre música e natureza que alguns destinos promovem.

Percebe-se o papel do *marketing* no processo de intermediação das relações entre a oferta e a demanda, promovendo destino e produtos turísticos e atraindo turistas para a efetivação do processo de compra. “Os esforços do marketing em turismo nesses casos podem ser decisivos para que o consumidor se incline por uma ou outra opção, já que o consumo turístico ocorre muitas vezes por sugestão ou emulação” (BENI, 2001; p. 243).

Para Mota (2011), marketing turístico tem como objetivo a promoção de uma destinação ou de uma empresa, fortalecer sua imagem e possibilitar a venda no mercado de viagens.

Segundo Kloter e Keller (2006), uma das ferramentas de marketing que as empresas utilizam é a comunicação de mercado que, por meio da informação, torna seus produtos conhecidos no mercado, com o intuito de persuadir os clientes consumi-los.

Dessa forma, na formatação do processo de marketing turístico estão o conhecimento dos objetivos dos turistas, isto é, aquilo que eles desejam. Assim, são desenvolvidos produtos que atendam a esses desejos. Desenvolve-se também a comunicação com o turista, por meio de publicidade e promoção dos produtos turísticos.

Finalmente, o subsistema de distribuição faz com que os produtos turísticos formatados possam chegar até seus clientes em potencial da forma mais eficiente. Trata-se do conjunto de medidas que objetivam apresentar, por meio de canais de distribuição adequados, características dos produtos adequadas aos hábitos de consumo dos turistas.

Na comercialização de um produto turístico, o estabelecimento do processo de distribuição é considerado uma estratégia de *marketing*. Depois de estabelecidos quais produtos ou serviços turísticos que serão comercializados, a um dado preço, com uma determinada técnica de comunicação, definem-se os melhores canais de distribuição, para que se possa alcançar o maior número de consumidores possível (Beni, 2001).

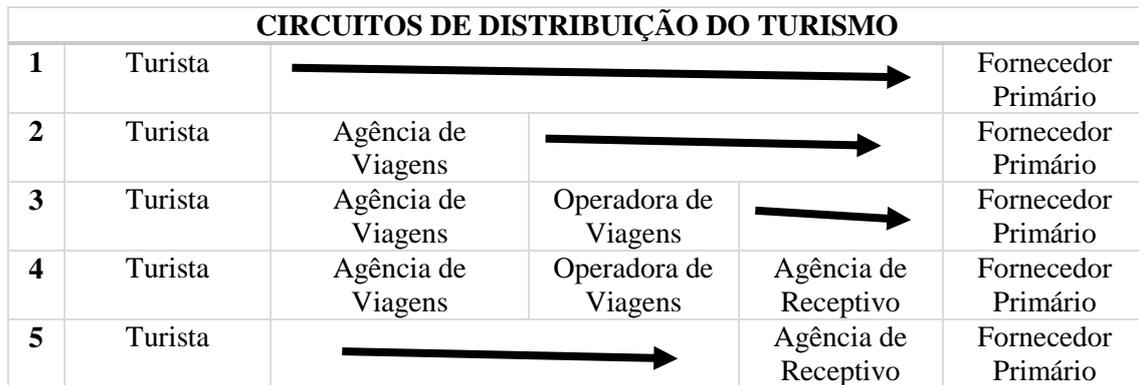
Denominam-se canais de comercialização ou de distribuição as empresas que se relacionam de maneira recíproca e que estão comprometidas no processo de oportunizar ao consumidor produtos ou serviços. Também conhecidos como intermediários, acabam por gerar maior produtividade, pois levam o produto ao público alvo por meio de sua rede de contatos. Devido ao grau de especialização, atingem maior número de clientes, o que não ocorre quando uma empresa atua sozinha (Kotler; Keller, 2006)

Considerando-se as características do produto turístico, quanto à sua produção e consumo, os canais de distribuição permitem que se realize a venda no destino emissor. Os canais de distribuição conduzem os clientes à decisão de compra (Beni, 2001). A facilidade de

aquisição de produtos turísticos on-line, a expansão de agências de viagens como pontos de vendas físico e a criação de produtos turísticos pelas operadoras de turismo são fatores que colaboram para o êxito comercial (DIAS, 2005).

Os circuitos de distribuição são o caminho do produto turístico até o consumidor final, em função do número de intermediários envolvidos na operação. A Figura 10 apresenta as modalidades de relacionamento entre o turista e o fornecedor primário. No caso número 1, a ausência de intermediários caracteriza a relação entre o turista e o consumidor primário. É uma situação cada vez mais comum no turismo, com a venda direta de produtos diretos ao consumidor. Já no caso número 2, uma agência de viagens facilita o acesso a produtos turísticos. No circuito de distribuição apresentado no caso 3, a operadora de viagens, como rede atacadista, repassa seus produtos a uma rede varejista que, por sua vez, vende-os ao consumidor final. Assim, a agência de viagens intermedeia a relação entre o atacadista e o consumidor. No circuito 4, tem-se a participação de uma agência de viagens receptiva que realiza a organização do turismo localmente, fornecendo seus produtos para operadoras que, por meio de seus canais de distribuição, entregam o produto ao consumidor final. Por fim, no circuito 5, o turista realiza sua viagem adquirindo produtos turísticos organizados pela agência de turismo receptiva, que por sua vez conta com fornecedores locais para organizar seus produtos.

Figura 10 – Canais de distribuição



Fonte: Brasil (2010), adaptado.

No Brasil, as empresas que atuam na intermediação remunerada entre consumidores e fornecedores de produtos turísticos são denominadas agências de turismo. Devido ao seu posicionamento no mercado, podem ser classificadas como operadoras de turismo, agências de viagens ou agências de receptivo.

Com a função primordial de elaboração, desenvolvimento e montagem de pacotes de viagens, as operadoras de turismo realizam negociações em grande escala com os produtores, com o objetivo de conseguir melhores preços. Em geral, os pacotes de viagem são compostos por serviços de transporte, acomodação, visita a atrativos e, ocasionalmente, serviços de alimentação. As operadoras assumem o risco com o não preenchimento das vagas, pois as contratações antecipadamente (BENI, 2001; BRASIL, 2010).

Em contato direto com o consumidor, as agências de viagens realizam a venda de produtos turísticos comissionados, dentre os quais, serviços de transporte, de acomodação, ingressos para os atrativos, seguros viagem, pacotes turísticos, entre outros.

Entretanto, verifica-se uma tendência de desintermediação, com a constante atualização para os novos padrões de consumo dos turistas. O surgimento dos fenômenos tecnológicos que permitem a conectividade cada vez maior entre o produtor e o consumidor. Ademais, a tecnologia torna-se cada vez mais familiar às pessoas, para aquisição de produtos via internet. Como em outros setores da economia, o futuro das agências de viagens emissiva é incerto, pois seus fornecedores, que antes eram parceiros comerciais, atualmente são concorrentes, pois estão em contato direto com o consumidor (LAGO; CANCELLIER, 2005).

Dessa forma, uma das estratégias de sobrevivência passa por sua relação estreita com o consumidor final, pois muitas vezes as agências de viagens auxiliam na configuração dos pacotes turísticos, em conjunto com os serviços receptivos. Também cabe às agências de viagem dar suporte ao turista para a resolução de problemas que ele possa vir a enfrentar. Por

contar com pessoal especializando, proporciona ao turista confiança e segurança para a realização de uma viagem intermediada. Assim, a personalização dos serviços turísticos é uma tendência nesse mercado (BENI, 2001; DIAS, 2005; BRASIL, 2010).

Em contrapartida, atuando no núcleo receptor as agências de viagens receptoras ou agências de receptivo não sofrem com as intempéries do mercado. São empresas que operam e vendem serviços turísticos. Sua finalidade é primordial para a atividade, pois o consumo dos produtos turísticos está diretamente atrelado a sua função. Cabe a esses estabelecimentos o atendimento do turista no local da viagem, providenciando os ingressos para acesso aos atrativos, realizando roteiros e passeios turísticos, traslados e demais serviços requisitados (LAGO; CANCELLIER, 2005). Trata-se de operacionalizar a logística de atendimento ao turista durante sua viagem. Neste sentido, a satisfação do visitante está atrelada a prestação de serviços com segurança e qualidade.

No entanto, esse setor deve estar em constante atualização, pois:

[...] mostra-se cada vez mais importante o desenvolvimento de produtos próprios, altamente especializados e destinados a nichos de mercado. A qualidade e a elaboração de serviços personalizados devem ser pensadas como alternativas importantes para a sobrevivência das agências de turismo (LAGO; CANCELLIER, 2005, p. 500).

A concepção do planejamento de atividades programadas e a execução dos serviços voltados para a apresentação dos atrativos da destinação é de responsabilidade das agências receptoras. A elaboração de roteiros que permitam ao turista captar uma temática na qual o contexto da destinação esteja inserido faz com que a viagem se torne uma experiência prazerosa. Com a liberdade de criação e com o conhecimento das particularidades locais, as agências receptoras podem desenvolver produtos que proporcionem ao visitante experiências únicas (Pazini; Braga; Gandara, 2017).

A agência receptiva promove a localidade, bem como os demais insumos que fazem parte do pacote turístico, satisfazendo o turista no que se refere aos anseios que o levaram a realizar a viagem.

As agências de turismo, independentemente da sua atuação, são os canais de intermediação entre o destino e os serviços turísticos e os consumidores, futuros turistas. Seu papel é relevante, pois lhe cabe promover as regiões e países com base nos seus recursos turísticos, bem como exercer a função de encantar o turista, levando-o à aquisição dos destinos.

Conclui-se aqui a apresentação do fenômeno do turismo a partir da abordagem sistêmica proposta por Beni, com os pressupostos necessários para amparar a pesquisa sobre as Representações Sociais de discentes e docentes do ensino técnico.

Nos próximo subitem apresenta-se a caracterização turística da região dos Lençóis Maranhenses, a partir dos seus principais segmentos turísticos.

2.5 Caracterização da Segmentação Turística do Polo Turístico dos Lençóis Maranhenses

Aproximadamente 60% dos turistas internacionais ingressaram no país por motivos de lazer. Os principais segmentos turísticos no Brasil procurados pelos estrangeiros são os de turismo de sol e praia (70%), ecoturismo (17%) e turismo cultural (9,5%) (BRASIL, 2018).

O governo maranhense, visando potencializar o investimento e a diversificação do seu portfólio de produtos turísticos, dividiu diferentes regiões do estado em polos turísticos. O objetivo primordial desse desmembramento do estado em polos é apresentar aos potenciais consumidores os diferentes interesses turísticos, tais como o ecoturismo, lazer histórico, cultural, musical e folclórico. Atualmente, o estado conta com 10 polos turísticos: Amazônia Maranhense, Floresta dos Guarás, São Luís, Lagos e Campos Floridos, Munim, Parque dos Lençóis, Delta das Américas, Cocais, Serras Guajajara, Timbira e Kanela, Chapada das Mesas (MARANHÃO, 2012).

Localizado no litoral oriental do Maranhão, o Polo Parque dos Lençóis é reconhecido pela beleza de suas paisagens. Seus atrativos naturais são rios, mangues, dunas móveis e lagoas interdunas. Trata-se de uma região com aspectos ideais para o desenvolvimento de diversos segmentos do turismo. Esse Polo turístico é composto pelos municípios da área do PNLM: Barreirinhas, Santo Amaro do Maranhão, Primeira Cruz, e de Humberto de Campos, que estão localizados na zona de influência do parque.

Dentre os municípios que compõem o polo, Primeira Cruz e Humberto de Campos são os que apresentam menor desenvolvimento turístico. Em Primeira Cruz há uma rica biodiversidade do ecossistema estuário, bem como praias desertas. Já Humberto de Campos têm função estratégica no acesso a Santo Amaro pela via fluvial. Também está localizada nesse município a Lagoa do Cassó, atrativo turístico utilizado para atividades de lazer e descanso. Entretanto, a infraestrutura de serviços é deficitária, para o atendimento aos turistas (MARANHÃO, 2012).

Na porção mais a oeste do parque está o município de Santo Amaro do Maranhão uma rota alternativa de acesso ao PNLM, especificamente no que se diz respeito ao turismo de

aventura, por conta da prática de kitesurf. Quanto a sua paisagem, há dunas relativamente mais altas, em comparação com as de outras regiões do parque. O acesso ao litoral, especialmente à praia da Travosa, é um destino procurado por surfistas (MARANHÃO, 2012). Conta com uma infraestrutura incipiente para o receptivo de turistas, o que limita o desenvolvimento da atividade. Somente em 2018 foi concluída a rodovia asfaltada, para acesso à região. Entretanto para se chegar à cidade é necessário utilizar veículos com tração 4x4 (ICMBIO, 2018).

Barreirinhas, o principal município do Polo do Parque dos Lençóis, é considerado o portal de entrada para o PNLM. A sua infraestrutura de acesso, via rodovia asfaltada desde 2002 e o advento de meios de hospedagem e de serviços turísticos permitiram que a atividade turística fosse consolidada.

Além das atividades desenvolvidas no PNLM, o município é banhado pelo sinuoso rio Preguiças, onde são realizadas atividade de ecoturismo. O rio conduz o turista às localidades de Caburé e Atins, localizados na sua foz e banhados pelo mar. A região é conhecida por Pequenos Lençóis e, devido à menor quantidade de restrições em comparação ao PNLM, são realizadas atividades de cavalgada e passeios de quadriciclo, o que amplia o número das atividades oferecidas.

Quanto ao turismo cultural, em Barreirinhas há grande tradição, no artesanato de fibra de buriti. Utilizando técnicas do trançado tradicional, de crochê e macramê, a fibra é processada, compondo obras de artesanato vendidas localmente e enviadas para todo o Brasil e para o exterior (MARANHÃO 2012).

Lima, Barbosa, Sampaio e Grimm (2018) procuraram identificar novos segmentos turísticos e alternativas para o desenvolvimento de atividades turísticas que possibilitassem prologar o período de estadia dos visitantes ao Polo dos Lençóis Maranhenses. Segundo os autores, trata-se de um desafio para a gestão pública, visto que poucos dias são necessários para a visita apenas ao PNLM.

Como forma de caracterizar as principais atividades são empregadas formas de segmentação turística, o que significa organizá-las, com a finalidade de planejar e gerir o mercado. Devido às peculiaridades da região do PNLM, estão apresentados aqui os principais segmentos turísticos a partir dos elementos de identidade da oferta regional: ecoturismo, aventura, sol e praia, cultural, náutico e pesca.

A Figura 11 apresenta os segmentos turísticos desenvolvidos em cada município da região.

O turismo de sol e praia permite que atividades de recreação e lazer, de descanso e contemplação da natureza estejam combinados. Diretamente relacionado à água e ao calor, é

um segmento do turismo que também se associa a outros, como turismo de pesca e ecoturismo. A praia, um espaço democrático que permite usos múltiplos, está historicamente relacionada ao turismo de massas. É um segmento do turismo que sofre com a sazonalidade, pois a demanda está concentrada principalmente nos meses de verão (BRASIL, 2010).

Figura 11: Segmentos turísticos do polo dos Lençóis

SEGMENTO TURÍSTICO	DEFINIÇÃO	BARREIRINHAS	SANTO AMARO	PRIMEIRA CRUZ	HUMBERTO DE CAMPOS
ECOTURISMO	Atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, por meio da interpretação do ambiente e do bem-estar das populações.	X	X	X	
AVENTURA	Movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo.	X	X		
SOL E PRAIA	Atividades turísticas relacionadas a recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor.	X	X		X
CULTURAL	Atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo bens materiais e imateriais.	X			
NÁUTICO	Utilização de embarcações náuticas para movimentação turística.	X	X	X	
PESCA	Atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora.	X		X	

Fonte: Elaborada pelo autor com base em MTUR (2006), Maranhão (2012), ICMBIO, (2018).

O turismo cultural abrange as atividades turísticas em que se destaca a vivência de elementos de notoriedade do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais. Dessa forma, há incentivo à promoção dos bens materiais e imateriais da cultura. O turismo permite que os valores culturais sejam difundidos e preservados, para acesso de visitantes e da comunidade local. Neste segmento são realizadas atividades de visitação a espaços de cunho religioso, cívico, místico, étnico, arqueológico e gastronômico.

Os estabelecimentos da oferta derivada que estão estabelecidos nesse segmento tendem a desenvolver produtos diferenciados, que valorizam elementos da cultura local. Isso se dá em

restaurantes com gastronomia regional, artesanatos locais e programação de eventos com manifestações culturais.

O turismo de aventura, que outrora era associada ao ecoturismo, tem-se desenvolvido como segmento próprio. É impulsionado pelo comportamento contemporâneo dos consumidores, que almejam um estilo de vida mais saudável e um contato mais próximo com a natureza. Isso acaba por refletir no desenvolvimento de atividades de lazer e recreação que atinjam esse fim. Dessa forma, o turismo de aventura engloba atividades de experiência física para enfrentamento de desafios e riscos assumidos e controlados que proporcionam sensações de liberdade, prazer e superação (MTUR, 2006)

Em virtude das especificidades das atividades ligadas à aventura, cujas diretrizes devem estar pautadas por questões de segurança, este segmento vem sendo lapidado para permitir que mercado e consumidores possam ter acesso a produtos que respeitem as questões legais. Tem-se procurado, também, embasamento para formulação de políticas públicas direcionadas a esse segmento de turismo.

O ecoturismo, principal atividade desenvolvida na região do PNLM, é um segmento turístico voltado para o contato com a natureza. Alinhado com o modelo de sustentabilidade, que a sociedade tanto almeja, o Ecoturismo é estimado por muitas comunidades como forma de se alcançar o equilíbrio entre o desenvolvimento e preservação ambiental.

Segundo Sachs (2002), diversas são as dimensões em que se assenta a sustentabilidade: social, pela sua finalidade de desenvolvimento, cultural, ecológica, ambiental, distribuição territorial, econômica (que não pode estar acima das outras dimensões) e política. Todas elas devem estar interacionadas, para que a sustentabilidade esteja assegurada.

Cabe aqui ressaltar a distinção entre os termos Turismo Sustentável e Ecoturismo. Ainda que comunguem princípios em comum, há distinções conceituais.

Na década de 1960, quando o turismo de massa estava no seu auge, foram observados os impactos negativos que a atividade turística poderia gerar. Dessa forma, desmistificou-se o conceito de “indústria sem chaminés”, que estava ligado à imagem do turismo. A gestão do público turista foi colocada em discussão, assumindo-se a ideia de que o turismo poderia ser uma indústria poluidora, caso não houvesse métodos de controle da atividade (BARRETO, 1999).

Por conta dessa situação, em 1983, ao longo das discussões no âmbito das Nações Unidas, foi cunhado, em um primeiro momento, o termo “Turismo Verde”, que nos anos de 1990 foi transformado em “Turismo Sustentável” (MTUR, 2010).

Assim, na elaboração do Código Mundial de Ética do Turismo, a OMT define:

Turismo Sustentável é o que relaciona as necessidades dos turistas e das regiões receptoras, protegendo e fortalecendo oportunidades para o futuro. Contempla a gestão dos recursos econômicos, sociais e necessidades estéticas, mantendo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas de suporte à vida (OMT, 1999).

Dessa forma, as premissas do Turismo Sustentável devem abranger todos os segmentos do turismo, inclusive o ecoturismo.

A prática do ecoturismo como atividade econômica, para que seja viável em longo prazo deve promover harmonia entre seres humanos e natureza. Para tanto, demanda uma forma de desenvolvimento que possibilite às próximas gerações o acesso aos mesmos recursos naturais da geração atual (OMT, 1999).

Assume-se, assim, a definição de Ecoturismo cunhada a partir das diretrizes para a Política Nacional de Ecoturismo:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (MTUR, 2010).

O enfoque deste segmento reside na conservação, interpretação, e vivência com a natureza, como fator de atratividade. A sustentabilidade está na relação estabelecida entre a atividade turística e a natureza e sua comunidade receptora (RUSCHMANN, 1997).

Neste sentido, a prática sadia do ecoturismo inclui a dissimilação dos benefícios oriundos dessa atividade turística à coletividade receptora que, dessa forma, acaba por converter-se em protagonista do processo de desenvolvimento. São geradas, assim, formas de progresso que minimizam as disparidades entre os diferentes grupos sociais envolvidos.

Segundo Pires (1998), as comunidades anfitriãs, quando aceitam a concepção do ecoturismo no seu território, buscam envolver-se nas diversas etapas do seu desenvolvimento, desde o planejamento até a operacionalização dos recursos.

Conseqüentemente, a comunidade acaba por condensar uma nova proporção ao ecoturismo: uma forma de renda e de sobrevivência que emerge da necessidade de prestígio aos recursos naturais disponíveis. Assim, transformam-se em guardiões dos atrativos de sua região.

Portanto, o ecoturismo possibilita, com o contato com a natureza, complexas formas de aprendizado. Por um lado, o turista atraído por manifestações exuberantes da natureza pode desenvolver conceitos de educação ambiental, ao descobrir quão sutis são as conexões que permitiram a construção dessas paisagens. Já as comunidades receptoras, beneficiadas pela

prática saudável dessa forma de turismo, colocam-se como depositárias de uma riqueza que não pode ser degradada, em nome da preservação do seu bem-estar.

Dentre os diversos atores envolvidos no processo de planejamento participativo do Ecoturismo no município de Barreirinhas, as Instituições de Ensino têm papel preponderante e, neste caso particular, a Instituição de Ensino Profissional que realiza capacitação dos futuros agentes que virão a ter relação direta com a atividade turística.

2.6 A educação Profissional no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer

A Lei nº 9.384 (BRASIL,1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, garante a oferta da educação profissional de nível técnico. Essa modalidade de ensino passou por diversas transformações ao longo dos anos, com base nas demandas das políticas públicas dos diferentes governos. Atualmente a oferta de cursos técnicos de nível médio está organizada pelo Decreto nº 5.154 (BRASIL, 2004), nas modalidades médio integrado, concomitante e subsequente. Na modalidade integrada, a formação de ensino médio e técnico se dá em uma única instituição por meio de uma única matrícula. Na modalidade concomitante, o ensino técnico e o ensino médio são cursados de forma paralela, em duas instituições distintas. Já na modalidade subsequente, a formação de nível técnico acontece após o término do ensino médio.

Em 2007, com vistas a organizar os cursos técnicos em eixos profissionalizantes, foi lançado pelo Ministério da Educação o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos - CNCT, que estruturou as áreas em eixos tecnológicos. Eixos tecnológicos são conjuntos de matrizes com uma orientação profissional baseada em critérios de correlação e representatividade laboral.

Cada eixo abrange uma série de cursos relativos a uma grande área. A última atualização do referido documento ocorreu em 2017, quando a área do turismo foi contemplada no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer. O documento indica que esse eixo compreende:

[...] tecnologias relacionadas aos processos de recepção, viagens, eventos, gastronomia, serviços de alimentação e bebidas, entretenimento e interação. Abrange planejamento, organização, operação e avaliação de produtos e serviços inerentes ao turismo, hospitalidade e lazer, integradas ao contexto das relações humanas em diferentes espaços geográficos e dimensões socioculturais, econômicas e ambientais (BRASIL; 2017, p. 246).

Quanto ao programa técnico da formação integrada, a educação profissionalizante visa à inserção do egresso no mercado de trabalho, por meio de um preparo que corresponda às ocupações de trabalho existentes. Com vistas a suprir a necessidade de formação específica do

setor, o Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer propõe sete cursos técnicos: Agenciamento de Viagens, Cozinha, Eventos, Guia de Turismo, Hospedagem, Lazer, e Serviços de Restaurante e Bar (BRASIL, 2017).

No processo de desenvolvimento das competências que compõem o perfil profissional do eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, a interdisciplinaridade e a contextualização constituem os princípios pedagógicos estruturantes. A interdisciplinaridade possibilita interlocução, complementaridade ou confluência entre as bases científicas e tecnológicas, gerando sobretudo possibilidades de aquisição de novos conhecimentos e novas formas de ensinar e aprender sobre um mesmo objeto de estudo.

Conforme o parecer CNE/CEB 15/98, a contextualização poderá ser um recurso para conseguir esses objetivos, a partir da compreensão de que contextualizar significa

[...] assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto. Na escola fundamental ou média o conhecimento é quase sempre reproduzido das situações originais nas quais acontece sua produção. Por esta razão quase sempre o conhecimento escolar se vale de uma transposição didática, na qual a linguagem joga papel decisivo (BRASIL, 2010, p. 441).

A concepção metodológica estruturante da ação docente que dará suporte à efetivação dos princípios de interdisciplinaridade e contextualização parte do pressuposto de que, por meio da problematização e da mediação docente, é possível que os alunos aprendam a olhar o mesmo objeto conforme diferentes perspectivas.

O futuro profissional da área de turismo acaba por ser exigido em um ambiente que requer conhecimento em diversos aspectos culturais e sociais. Por conta da heterogeneidade da demanda, o ensino requer competências em diversas áreas:

Sob o enfoque da qualificação, o profissional do turismo possui as dimensões econômica, sociológica e ético-política. As exigências das tendências profissionais das competências do modelo flexível: atributos psicológicos para adaptação às mudanças do capitalismo e mobilidade no trabalho autônomo, em razão da diversidade de segmentos do setor e da heterogeneidade da demanda. [...] Enfatiza-se, no turismo, a importância das pessoas, pois há uma relação mais constante e direta entre o profissional e o cliente (TOMAZONI, 2007, p. 209).

Nessa perspectiva, a qualificação profissional busca responder pedagogicamente aos princípios de interdisciplinaridade e contextualização, bem como aos pressupostos da problematização e da mediação pedagógica. Trata-se de articular os conhecimentos de diferentes áreas, tendo a realidade como base para a intermediação entre a teoria e a prática, visando atingir uma formação integral dos discentes para resolução de problemas.

Segundo Ruschmann (2002), é preciso acompanhar as mudanças no ambiente fora dos muros da escola, integrando os processos educativos e administrativos do turismo. A autora

aponta para a relevância da capacitação de um processo de formação continuada que acarretará avanço da qualidade dos serviços prestados na área de turismo.

Busca-se, então, a elaboração de uma instrução que privilegie, além da educação formal, elementos como a cidadania, a sociabilidade, a cultura e a valorização do patrimônio natural. Devido ao seu caráter multidisciplinar, a formação turística deve:

Educar visando formar cidadãos críticos e participativos é uma maneira de envolver os educandos nos acontecimentos cotidianos, despertando uma postura ativa e engajada sobre as questões sociais. [...] Visando fornecer conhecimentos que agreguem e, conseqüentemente, complementem a formação básica dos educandos (FONSECA FILHO; 2007, p. 10).

Dencker (2002) observa que, para os cursos técnicos na área de turismo, a formação prática é fundamental, por propiciar o conhecimento da realidade de atuação, com vistas ao aprimoramento do aprendizado teórico adquirido em sala de aula.

Neste sentido, a educação profissionalizante em turismo vem se reconfigurando para atender às novas demandas do mercado. Devido ao fato de a formação ser integrada ao ensino médio, são requeridas competências e conhecimentos socioculturais que fazem parte da educação básica: comunicação oral, escrita, interpessoal e em grupo, a autonomia, criatividade, cooperação, solução de problemas e processo decisório, e também atributos relativos à expressão lógica e ao raciocínio (TOMAZONI, 2007).

Visando orientar a os conhecimentos a serem contemplados na organização curricular do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, o CNCT assim os descreve:

Leitura e produção de textos técnicos; raciocínio lógico; historicidade e cultura; línguas estrangeiras; ciência, tecnologia e inovação; tecnologias sociais, empreendedorismo, cooperativismo e associativismo; prospecção mercadológica e marketing; tecnologias de comunicação e informação; desenvolvimento interpessoal; legislação; normas técnicas; saúde e segurança no trabalho; gestão da qualidade; responsabilidade e sustentabilidade social e ambiental; qualidade de vida; ética profissional (BRASIL, 2017, p. 246).

Observe-se que a formação técnica para desempenhar atividades ligadas ao turismo deve compreender aspectos ligados às demandas de ordem específica e aspectos que demandem do discente habilidades de análise crítica. Ainda que complementarmente, deve-se procurar segregar a educação do treinamento na esfera turística:

A educação para o turismo olha além de um setor individual e tenta oferecer mais uma perspectiva geral do que uma abordagem específica de um setor. O conceito-chave é a provisão de transferência de habilidades básicas, tais como a habilidade analítica, a habilidade de comunicação escrita e verbal e a liderança, que deveriam ser

desenvolvidas pela educação e aplicadas pelo indivíduo, em diferentes contextos. [...] O treinamento, por outro lado, é uma atividade muito mais específica que se concentra na aplicação detalhada em nível mais baixo, frequentemente habilidades práticas (CANTRAMBY; COSTA, 2004, p. 32).

Neste sentido, o ensino técnico tem como foco a formação para o mercado de trabalho, em que tais alunos desempenharão funções operacionais da atividade turística. Logo, de tais profissionais espera-se como características primordiais a adaptabilidade, a disponibilidade, a capacidade de comunicação e o trabalho em equipe.

Ainda assim, percebe-se que a educação básica é condição fundamental que influencia no processo de qualificação:

Existe, ainda, o entendimento e a aceitação geral de que uma efetiva profissionalização está baseada em uma educação básica de boa qualidade, requisito que deve ser atendido pela área de turismo e hospitalidade, uma vez que ele abrange muitos outros setores econômicos e múltiplos bens, serviços e conhecimentos de várias áreas da atividade humana (TOMAZONI; 2007, p. 211).

Dessa forma, constata-se que o Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, por estar inserido no setor de serviços, tem no capital humano sua razão de ser. A profissionalização por meio da capacitação é um caminho que conduz à excelência, tornando-se um diferencial nos mercados que hoje concorrem pelo turista.

Para Cantramby e Costa (2004, p. 33), a formação é imprescindível para o sucesso do setor do turismo:

A qualidade dos serviços prestados está diretamente ligada a qualificação da mão-de-obra. No setor de serviços é evidente a necessidade de qualificar os recursos humanos que lidam diretamente com o público.

Portanto, espera-se que o ensino profissionalizante consiga oferecer, durante a duração do curso, uma formação que contemple, tanto as competências gerais que garantam ao aluno versatilidade necessária para relaciona-se com as dinâmicas de mutações do mercado de trabalho, como as competências específicas de certas demandas.

Gatti (2013, p. 52) assinala que “[...] educação é processo que envolve necessariamente pessoas com conhecimentos em níveis desiguais propondo-se a compartilhar esses conhecimentos”.

A educação colabora para a construção de comunidades, ao oferecer vias para a independência do ser humano e desenvolver estratégias para o pleno crescimento da sua carga criativa.

2.7 Teoria das Representações Sociais e seu Conceito

A Teoria das Representações Sociais foi divulgada ao mundo com a publicação, em 1961, do livro de Serge Moscovici intitulado “A Psicanálise, sua imagem e público”. O autor buscou analisar como a psicanálise, um tema em evidência na sociedade parisiense da primeira metade do século XX, era apreendido e transformado em uma modalidade de conhecimento por diferentes grupos sociais. Dessa forma, Moscovici procurou destacar um campo de estudo que havia sido relegado ao ostracismo pelas ciências clássicas: o conhecimento gerado pelo senso comum.

As pesquisas de Moscovici inserem-se no campo da Psicologia Social. Sua teoria fundamentou-se nos estudos de Durkheim, a partir da teoria de Representação Coletiva (1898). Durkheim observou, em suas pesquisas sobre a religiosidade de tribos australianas, que as Representações Coletivas, quando partilhadas e transmitidas, colaboravam para o assentamento de uma realidade social. Ligadas à cultura e transmitidas paulatinamente por gerações, as Representações Coletivas são duradouras. Diferentemente, Moscovici postulou que as Representações Sociais são compartilhadas velozmente no meio social, como uma epidemia. São efêmeras, lembram modismos (Nóbrega *et al.*, 2016).

Na época dos estudos de Durkheim, a Psicologia Social buscava seu espaço como ciência entre as grandes áreas da Psicologia e da Sociologia. A instigação de Moscovici partiu da discordância dos estudos individualistas e materialistas, que eram os paradigmas vigentes à época.

Segundo Guareschi e Roso (2014), a Psicologia Social estruturou-se a partir de uma psicologia individualista, em que a soma dos individuais formava o social, e de uma psicologia materialista, em que só era válido o empiricamente constatado, positivo e fisiológico.

Em meados dos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial, essa Psicologia Social de vertente americana era o pensamento corrente. Na França, Moscovici reagiu, estranhando e duvidando que essa tendência individualista pudesse responder a todas as questões sociais. Procurou, então, por meio de uma nova teoria, superar essa dicotomia entre o individual e o social (GUARESCHI; ROSSO, 2014).

Dessa forma, a Psicologia Social deveria situar-se, não ao lado da Sociologia e da Psicologia, mas articulando essas duas ciências. Deveria ter como objeto de estudo a interação social e, como unidade de análise, o indivíduo. Assim, passaria a compreender como se dá

construção dos conhecimentos do indivíduo e de que forma esses conhecimentos agem no social (Chamon, 2007).

Diante desse contexto, Moscovici insiste na importância do papel da construção ativa e social por meio das relações. Para ele, a compreensão do mundo que ocorre na elaboração do senso comum é a base da TRS, e essa construção é feita pelo coletivo. As representações sociais transformam a maneira como o indivíduo pensa e também transforma o objeto que ele está buscando conhecer, dando-lhe forma.

As Representações Sociais são fenômenos heterogêneos que atuam na vida social de forma ativa. Esse fenômeno é composto por elementos variados, tais como crenças, valores, imagens, entre outros, que muitas das vezes são estudados de forma isolada. Entretanto, esses elementos são sempre estruturados como uma categoria de saber que reflete algo a respeito da realidade. E é a significância dessa totalidade, atrelada à ação, que o situa no ponto central da investigação científica (JODELET, 2001).

Neste pensamento, o conhecimento são estruturas organizadas a partir de uma coerência própria de um grupo social. Como é elaborado pelo grupo, esse conhecimento não constitui uma criação individual.

Segundo Moscovici (2012), as representações sociais são conjuntos dinâmicos regidos pelas relações com o ambiente e pela geração de comportamentos. Tais ações modificam-se mutuamente, contrariamente à ideia de repetição de comportamentos ou vínculos, em face de uma incitação estranha. Neste sentido, as representações são acontecimentos sempre ativos, na vida social.

A assimilação do mundo mediante o senso comum é o modo como é elaborada a TRS. Trata-se de uma construção enérgica, pois as representações estão em incessante mutação. Neste sentido, há uma relação ativa entre o sujeito e objeto. Assim, a representação social pode ser entendida como o sujeito que representa algo a respeito de um determinado objeto de análise (Chamon; Lacerda; Marcondes, 2017).

O sujeito estático e independente de ações individuais das Representações Coletivas é superado. Na TRS, o sujeito torna-se dinâmico, acessível à investigação psicossocial (Guareschi; Rosso, 2014).

Além de Durkheim, outras linhas teóricas contribuíram para a criação da TRS. Os estudos antropológicos de Levy-Bruhl, sobre a Ciência dos Costumes (1903), a Teoria da Linguagem de Saussure (1879), a Teoria das Representações Infantis de Piaget (1948) e a Teoria do Desenvolvimento Cultural de Vygotsky (1927) também colaboraram para a formação das bases do pensamento de Moscovici (ALEXANDRE, 2007).

A partir de uma perspectiva cognitiva, Moscovici olha o indivíduo de forma ativa e complexa. Não há mais separação entre objeto e sujeito, psíquico e social, e as relações são concebidas de forma circular, dialética e profunda (Nóbrega *et al.*, 2016).

A complexidade de opiniões e de perspectivas que emergem nos grupos sociais é passível de ser capturada pela TRS. É a percepção do todo por intermédio do senso comum. Fruto de uma correlação edificante entre o objeto e o sujeito, a RS torna-se construção do coletivo.

Uma das conceituações da TRS é apresentada por Moscovici, quando afirma que “[...] a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 27).

Para identificar as Representações Sociais, Jodelet (1984) indica alguns aspectos gerais: frequentemente fazem alusão de alguém para alguma coisa; têm atividade própria, pois são criativas e de natureza social, visto que seus elementos estruturantes são provenientes de uma cultura comum. A autora também ressalta o sentido simbólico das RS, visto que se trata de um processo mental que apresenta qualidades, como o caráter generativo e autônomo da percepção de conceitos e ideias.

Moscovici procurou não determinar e não definir uma resolução final de sua teoria. Para ele, essa forma de pensamento está em construção. Deveria, em contrapartida, buscar elementos para construção de um conceito. Segundo Chamon (2007, p.119), “[...] ele sempre resistiu à tentação de dar definições fáceis e que começar definindo as representações sociais poderia limitar, desde o início, as possibilidades do conceito”.

Os estudos sobre RS desenvolvidos por Moscovici tiveram desdobramentos a partir de outras perspectivas. Dentre as mais difundidas está a Teoria do Campo Central (1976), desenvolvida por Jean Claude Abric. Essa teoria defende que as representações se organizam a partir de uma unidade central fundamental, denominada núcleo da representação. Esse núcleo determina sua significação e organização, e há ligação direta entre o elemento central e a significação do objeto (CHAMON, 2007). No entanto, essa linha não será seguida neste estudo.

O referencial escolhido para esta pesquisa foi o inaugurado pelo próprio Moscovici, a teoria do Campo Estruturado, que visa estudar as origens das Representações Sociais, isto é, seu conteúdo, bem como os princípios que organizam a estrutura do campo de representação (CHAMON, 2014).

2.7.1 A Gênese das Representações Sociais

A partir da perspectiva da TRS, a sociedade é vista como uma trama na qual as relações têm movimento dinâmico. Os conhecimentos de um grupo acerca de um determinado fenômeno ou objeto social são interdependentes das condições sociais, culturais e históricas a que está exposto. A comunicação e a interação grupal forja esse conhecimento, mediante a convergência ou divergência das relações (Nóbrega *et al.*, 2016).

Logo, sempre que há interação social, representações emergem, pois são conhecimentos elaborados pelas pessoas e comungados pelos componentes de um determinado grupo. Como têm base em conhecimentos preexistentes, contribuem para a concepção de uma realidade partilhada.

Ao longo da convivência entre as pessoas são criados mecanismos de comunicação e distintas formas de contribuição. Para Moscovici (2012), tais interações entre as pessoas são apreciadas como RS. O autor afirma que, solitariamente, o sujeito não gera representações. Concebidas, as RS movem-se de modo contínuo, apartam-se, aglutinam-se, orientam condutas e edificam novas RS, que sobrepujam as RS antigas, que tendem ao esquecimento.

As representações sociais elucidam o comportamento de um grupo, apropriando e recriando coletivamente o significado de um objeto social. Podem, dessa forma, por dedução, orientar a prática do grupo e, posteriormente, justificar suas (Chamon, 2015).

Assim, compreende-se que as Representações Sociais são uma:

[...] forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outros, do conhecimento científico (JODELET, 2001, p. 36).

Pode-se pontuar que as Representações Sociais realizam a mediação entre dois conhecimentos; por um lado, o conhecimento real, científico, formal e estabelecido com rigor, e por outro lado, o conhecimento do senso comum, abstrato, consensual, informal.

Essa relação entre o científico e o senso comum ocorre por meio da formação das Representações Sociais. Moscovici indicou três critérios necessários para que haja condições de um objeto social se tornar um objeto de RS:

- Dispersão da Informação: por meio a incerteza e da falta de informações, os atores sociais estão sujeitos a não formarem um ponto de vista claro. Não havendo consenso, contribui-se para um processo de reestruturação social;
- Focalização: diz respeito ao ponto de vista assumido pelo grupo sobre um determinado objeto social. Assim, alguns aspectos são ressaltados, em detrimento de outros; e

- Pressão à Inferência: os atores sociais devem se posicionar em relação a um objeto, mesmo sem informações suficientes. Assim, além desse posicionamento, buscam mais informações sobre o objeto social (Chamon, 2007).

As Representações Sociais apresentam-se como imagens. São concretas reproduções do real, e se apresentam como conceitos, que são abstrações do sentido do real, portanto correspondentes à imagem real (Chamon, 2007).

Diante do estranho, do objeto social novo, o sujeito procura minimizar essa situação de desequilíbrio. Ao buscar uma solução ao dilema que se coloca, ele internaliza no universo cognitivo esse objeto novo, por meio da comunicação, da interação. Ocorre, então, uma mediação social que se trata de uma forma de enfrentar a diversidade e a mobilidade desenvolvidas pelos atores sociais (Jovchelovitch, 2012).

2.7.2 Representações Sociais: Objetivação e Ancoragem

Essa mediação ocorre por meio de dois processos que estão na gênese das Representações Sociais: a objetivação e a ancoragem. Com esses processos, fica estabelecido de que forma o social converte uma ideia em representação e de que forma essa ideia converte o social (Jodelet, 2001).

O mecanismo da objetivação é considerado uma operação imaginante e organizacional, que alicerça esquemas conceituais de maneira a filtrar o excesso de significações, método necessário ao fluxo de comunicações (Alves-Mazzotti, 2008). Esse processo permuta o objeto pela sua imagem, que se torna o próprio objeto, não mais a sua representação (Chamon, 2008).

O processo de objetivação ocorre em três etapas. Primeiramente ocorre a seleção, em função de critérios normativos e culturais. Em seguida, é retirada a conjectura do meio científico, ideológico ou outro ao qual o objeto de representação pertença, para que possa ser apropriado pelo indivíduo ou grupo. Trata-se da construção seletiva. Em seguida, ocorre a formação do núcleo ou esquema figurativo. Uma estrutura imaginante é reproduzida dos aspectos mais relevantes da informação, e passa a ser o núcleo figurativo. Dessa maneira, o sujeito pode assimilar a informação individualmente e nas suas relações, a partir dessa estrutura conceitual de uma imagem coerente. Por fim, ocorre a naturalização, quando há a ligação com o objeto, com a proximidade do conhecimento do grupo, integrando a realidade com o senso comum. Ou seja, o objeto, que antes era oculto, é reformulado, tornando-se tangível, assumindo uma forma natural e cumprindo a etapa final da objetivação (Jodelet, 2001, Chamon, 2007, Alves Mazzotti, 2008).

A objetivação busca na memória e no repertório social uma imagem idealizada, para aproximá-la de uma realidade desconhecida, mitigando conflitos que possam intimidar a segurança de um grupo social (MOSCOVICI, 2011).

Assim, ao oportunizar a comunicação no interior do grupo, a objetivação cumpre uma de suas atribuições, e a ancoragem arremata o processo de objetivação, apontando de que forma um objeto localiza sua posição na ordenação cognitiva preexistente de um indivíduo ou de um grupo.

O processo de ancoragem faz com que se torne familiar o que era estranho, com base em categorias previamente assimiladas pelo indivíduo ou pelo grupo. A ancoragem difere do processo de objetivação, pois não se ocupa da idealização do conhecimento, mas de sua incorporação em um pensamento estabelecido.

Para Chamon (2007, p. 117), a ancoragem é o “[...] enraizamento social da representação e sua função é de realizar a integração cognitiva do objeto representado em um sistema de pensamento preexistente”.

Dessa forma, por não ter o conhecimento necessário sobre um determinado objeto, o indivíduo experimenta a resistência. A resistência ocorre pelo fato de não haver condições de classificar as coisas que lhe são obscuras. Na direção da conciliação, cabe ao processo de ancoragem a classificação e a nomeação de algo que não faz parte do círculo de um indivíduo ou grupo (Moscovici, 2011).

Com o processo de ancoragem, dá-se significado, sentido ao objeto. Esse processo ocorre dentro do acervo familiar do indivíduo, por meio de analogias, colocando o objeto estranho em categorias que lhe são conhecidas. Arruda (2002) afirma que a ancoragem ocorre no instante em que o indivíduo reconhece o objeto por intermédio da aproximação das categorias familiares.

Trata-se de um processo que possibilita ao indivíduo se acercar de um objeto alheio ao seu entendimento e, sob essa circunstância, acaba por esmiuçar seu acervo de memórias e familiarizar o desconhecido. Para vencer essa relutância entre objeto e indivíduo, precisa categorizá-lo e internalizá-lo. Estabelece, dessa forma, sua explicação da realidade ambiente, deixando de temer situações nebulosas, ao convertê-las em compreensíveis e esclarecedoras junto ao grupo social do qual faz parte. Dessa forma, adquire parâmetros referenciais ao objeto.

Jodelet (2001), observando a ancoragem como atribuição de sentido, aponta que a hierarquia de valores dentro de um determinado grupo colabora para gerar em torno do objeto social de representação uma rede de significações na qual ele pode se inserir e ser avaliado como fato social.

Já no que se refere à utilidade do processo de ancoragem, os elementos de representação, não apenas manifestam relações sociais, mas também colaboram para sua constituição. A ancoragem permite que o indivíduo conceba uma referência de orientação da realidade. Essa referência de orientação media a relação do indivíduo com o meio e os demais membros do seu grupo, reafirmando, dessa maneira, sua identidade grupal e seu sentimento de pertença (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Pontua Moscovici (2011) que o processo de ancoragem modifica o excêntrico que intriga o sujeito, em seu sistema único de categorias, e o relaciona a uma categoria que ele pode considerar como apropriada. Complementa o autor que o sujeito procura estabelecer tal processo em conceitos preestabelecidos, visando minimizar incertezas diante de algo duvidoso.

Assim, novos conhecimentos são alocados dentro da trama de saberes, conectando-se com classes já próximas. Dessa forma, o grupo assume sua identidade a partir da noção de compartilhamento de uma representação.

Segundo Jovchelovitch (2012, p.69), os processos de objetivação e de ancoragem são “[...] formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social”. Os processos de objetivação e ancoragem não podem ser compreendidos de forma separada. Pelo contrário, são processos complementares, pois a objetivação torna acessível o que é complexo, enquanto a ancoragem torna familiar o que é excêntrico. Em outras palavras, a objetivação formula a realidade em si, e a ancoragem concebe-lhe significado.

Sintetizando, a objetivação materializa os conceitos em imagens, enquanto a ancoragem assimila e adapta as recém-adquiridas informações aos conceitos formados e objetivados.

Neste sentido, afirmam Moreira e Chamon (2015) que os conceitos de ancoragem e objetivação fazem com que o sujeito estipule um consenso sobre certas indagações. Assim, as RS emergem e, no grupo social do qual o sujeito faz parte, disseminam-se em modalidades de comunicação e são classificadas como difusão, propagação e propaganda. As RS reproduzem-se e mantêm-se por meio dessas formas comunicacionais.

A difusão de informações ocorre a partir do compartilhamento entre os membros do grupo, quando um saber se torna comum. As informações são difundidas de forma fluida, sem regras preestabelecidas.

Na propagação de informações, há uma elaboração de significados mais rígida, e a produção de informações é mais organizada. Trata-se de uma forma de regulação das crenças e comportamentos, contra os questionamentos externos de um determinado grupo.

Já a propaganda ocorre quando conflitos internos ameaçam as estruturas do grupo. Dessa forma, urge a necessidade de reestruturação identitária do grupo, por meio do controle de opinião.

A gênese da RS de um objeto em um grupo, portanto, acontece quando há a simplificação desse objeto, ressaltando seus aspectos mais distintos, complementarmente pela aquisição desse objeto sintetizado dentro do conjunto de categorias próprias desse grupo.

Por fim, segundo Moscovici (2011), as RS têm como objetivo retirar determinados sentidos obsoletos e, em contrapartida, ressignificar ordens e percepções atualizadas que possam se reproduzir no mundo. Para Alves-Mazotti (2008), Moscovici constata que há certa dificuldade em compreender a essência do conceito, ainda que as RS povoem o cotidiano do sujeito. No entanto, devido à singularidade da interdisciplinaridade dos trabalhos de pesquisa que utilizam a TRS, pesquisadores de diversas áreas buscam superar essas dificuldades.

Portanto, tendo como base a TRS, o objeto social em questão neste trabalho de pesquisa será o Ecoturismo, e o grupo social que compartilha crenças e valores serão os alunos e professores de uma Instituição de Ensino Profissionalizante. Os sistemas que referenciam as impressões desses sujeitos poderão ser identificados. Assim, contextualizado como objeto social deste estudo, o turismo poderá ser compreendido por meio de seus processos simbólicos.

3 MÉTODO

O método científico é um complexo de normas ordenadas, a fim de se aferir conclusões, com base em determinados objetivos antecipadamente estabelecidos. Cabe ao pesquisador identificar e empregar as técnicas pertinentes que oportunizem alcançar os objetivos propostos em uma pesquisa científica. A esse conjunto de procedimentos dá-se o nome de método científico (Richardson, 1999; GIL, 2008).

Logo, a pesquisa científica é um mecanismo racional e metucioso que tem como propósito desenvolver soluções para os problemas estabelecidos. Esse processo é constituído em diversas etapas, partindo da caracterização de um problema até os resultados, que devem ser expostos e discutidos (GIL, 2008). Para que se possa lograr sucesso na execução da pesquisa científica, devem-se estabelecer critérios a fim de desenvolver os procedimentos adequados.

Ao se empregar a metodologia científica para buscar novos conhecimentos sobre os aspectos envolvendo as relações do homem com os outros e com as instituições sociais, enquadra-se esse trabalho no campo da pesquisa social (GIL, 1999).

Assim, o pesquisador deve construir a elaboração pertinente de abordagens teóricas abrangentes, bem como observar o aglomerado de técnicas metodológicas que permitam refletir a realidade (MINAYO, 2002).

Dessa maneira, a escolha da TRS foi definida como referencial teórico-metodológico, pois atende às características deste estudo, que visa aclarar as manifestações sociais nos aspectos de suas conotações e de seus propósitos. Assim, a análise técnica de aspectos relacionados ao turismo será feita a partir do exame sistêmico do turismo proposto por Beni (2002).

As técnicas metodológicas definidas nesta pesquisa estão apresentadas adiante.

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa é caracterizada por ser exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa.

Gil (2008) pontua que o principal objetivo da pesquisa descritiva é fazer com que o pesquisador estude as principais características de uma determinada população, de um fenômeno, ou de variáveis que possam ser estabelecidas em relações.

Complementarmente à pesquisa descritiva, desenvolvem-se a descrição das características e observações sistêmicas sobre o objeto pesquisado, o que exige do investigador conhecimento de uma série de elementos sobre o que almeja pesquisar (TRIVIÑOS, 1987).

Por ter caráter exploratório, este estudo abrange os fenômenos investigados a partir de compreensão que possibilita um recorte do problema com maior precisão, porque conduz a hipóteses novas (GIL, 2008). No estudo exploratório, que envolve a pesquisa *in loco*, são realizadas entrevistas com pessoas que vivenciam o cotidiano do problema. Dos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, porque se fundamenta em estudos secundários já desenvolvidas por outros pesquisadores.

As pesquisas descritivas e exploratórias, quando conjugadas, permitem a compreensão dos fenômenos sociais, pelo aspecto mais amplo, e também oportuniza sua descrição e sua análise (LAKATOS; MARCONI, 2003).

No que se refere à abordagem do problema, a pesquisa é caracterizada como qualitativa com aporte quantitativo (RICHARDSON, 1999). É característica dos estudos qualitativos a tentativa de compreensão da totalidade do fenômeno a ser estudado a partir da interpretação dos eventos. Salienta-se, nessa modalidade de abordagem, a possibilidade da descrição e explicação das experiências por meio do subjetivo. Os métodos qualitativos colocam a interação do investigador com os membros e o campo como fatores latentes da confecção do saber, pois não a exclui forçosamente como uma variável interveniente, isto é, uma propriedade que afeta o fenômeno (DUARTE, 2009).

Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com o domínio dos significados, aspirações, valores, atitudes e causas, que representa um espaço acentuado dos processos, dos fenômenos e das relações.

O conhecimento das características sociodemográficas dos sujeitos da pesquisa é importante para que se possa compreender as Representações Sociais dos grupos estudados. Ao se obter tais dados, é possível realizar análises comparativas entre as variáveis dos grupos estudados.

3.2 População / Amostra

Ao conjunto de elementos que apresentam determinadas características dá-se o nome de universo ou população. Amostra refere-se quando se toma um fixado número de elementos de uma população para se aferir algo (Richardson, 1999).

De acordo com Gil (2008), os tipos de amostragem podem ser classificados em dois grupos: probabilísticos e não-probabilísticos. As amostragens tipo probabilísticas utilizam-se de rigor científico para a seleção dos elementos. Já as amostragens não probabilísticas não requerem rigor estatístico, ficando a critério do pesquisador a seleção dos elementos.

O universo desta pesquisa foi composto por dois grupos distintos: professores e alunos do Curso Técnico de Agenciamento de Viagens.

O critério de amostragem adotado em ambos os grupos foi não-probabilística denominada por acessibilidade ou por conveniência. Ao definir o parâmetro de conveniência, “[...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso admitindo que estes possam [...] representar o universo” (GIL, 2008, p. 94).

Atualmente, a IEP conta com 45 docentes no seu quadro, dentre os quais 30 estão aptos a ministrar aula no curso de Agenciamento de viagens, por terem correlação com as disciplinas. Assim, adotou-se o critério de aceitação e disponibilidade dos docentes em participar da pesquisa. Aceitaram o convite 30 professores. Devido aos fins científicos desta pesquisa, considera-se que a amostra é relevante.

O universo dos alunos é composto por três turmas de 40 alunos.

Para compor a amostra foram convidados todos os alunos (120) e 61 deles aceitaram participar da pesquisa.

Entendeu-se que a quantidade de elementos de cada amostra foi adequada aos instrumentos aplicados a cada grupo. A descrição dos instrumentos está apresentada no subitem que segue.

3.3 Instrumentos

Para cada grupo investigado foram aplicados instrumentos que possibilitam apreender os fins da pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2003), as investigações geralmente utilizam-se de mais de uma técnica, e considera-se apropriado o uso de uma combinação de duas ou mais, simultaneamente.

3.3.1 Análise Documental

Segundo Gil (2008), a pesquisa documental ocorre quando são estudados que não receberam tratamento analítico. Trata-se de um procedimento que visa extrair informações relevantes por meio da compreensão de variados tipos de documentos.

Como primeira etapa da pesquisa foram coletados dados a partir da análise documental referente à atividade turística na região do município de Barreirinhas-MA. Foram analisados materiais que permitiram embasar a pesquisa. Essa fase do trabalho é relevante, pois auxilia a delinear o objeto de estudo, e também assume a posição de orientação para a caracterização dos demais instrumentos de pesquisa.

3.3.2 Questionários

Para caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes foram aplicados questionários. Segundo Richardson (1999), a análise de dados sociodemográficos atendem a duas funções: a primeira é descrever características desejáveis para aferição das opiniões dos sujeitos; a segunda, mensurar determinadas variáveis importantes para o pesquisador, que incluem gênero, idade, estado civil, local de residência.

Cada questionário foi composto por 10 perguntas, tanto para alunos quanto para professores.

Para os alunos, as questões propostas foram divididas em perguntas sociodemográficas e de perspectiva profissional na área de turismo.

Para o grupo dos professores, levantaram-se informações sobre o perfil sociodemográfico, atuação no Curso de Técnico de Agenciamento de Viagens, formação acadêmica e atuação profissional na área do turismo.

3.3.3 Entrevistas

Conforme apontam Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa social necessita do suporte de dados sobre o mundo social, construídos a partir dos processos de comunicação.

Para os professores foram realizadas entrevistas, para a apreensão das representações sociais. As entrevistas são uma forma de contato social que ocorre de forma assimétrica, em que uma das partes procura a coleta de informações e a outra se apresenta como uma fonte de dados (Gil, 2008).

Minayo (2002) compreende que, por meio das entrevistas, o pesquisador obtém informações por meio da comunicação verbal, reforçando assim a importância da linguagem e da fala.

Optou-se, para o grupo dos professores, pela aplicação da categoria de entrevista semiestruturada. Nessa modalidade, o pesquisador conduz a entrevista por intermédio de um

roteiro de perguntas acerca do tema estudado. O pesquisador, conforme as respostas vão surgindo e outras questões sejam levantadas, dá liberdade ao entrevistado para que fale espontaneamente. Compreende-se que esse processo tende a enriquecer a investigação (Triviños, 1987; Minayo, 2002).

O pesquisador pode direcionar o diálogo no sentido de buscar a temática em questão, bem como evitar que o entrevistado perca a autonomia da sua linha de pensamento. Dessa maneira, por se tratar de uma pesquisa que visa apreender as Representações Sociais, ao permitir a livre expressão do entrevistado torna-se possível compreender as opiniões, atitudes e crenças que surgem no discurso.

Os questionamentos não procuraram respostas definitivas por parte do entrevistado. Permitiu-se o juízo de valores, pois dessa maneira o sujeito perpassa os três níveis de representação: as imagens mentais, as representações referenciais e os sistemas de relações. Dessa forma, é possível retirar as verdadeiras organizações cognitivas para encontrar as representações (Silva; Ferreira, 2012)

Ressalte-se que, ao longo da entrevista semiestruturada, coube ao pesquisador fazer questionamentos adicionais, para elucidação de alguns pontos. Isso porque é preciso cuidar que não se peca o foco da pesquisa ao longo da entrevista, devido à liberdade de que o entrevistado necessita para expressar sua opinião (Boni; Quaresma, 2005). No presente estudo, foram realizadas questões norteadoras, elaboradas sobre a temática do Ecoturismo conforme APÊNDICE III.

3.3.4 Grupo Focal

Como procedimento de coleta de dados primários, o grupo focal, orientado e mediado pelo pesquisador, é um método de pesquisa elaborado a partir da constituição de uma reunião de sujeitos com características em comum. Sua finalidade de debater e dialogar um assunto, tese ou tema com base nos conhecimentos e práticas similares (Gatti, 2005; Gil, 2008).

Ao reunir dados detalhados acerca de um assunto, o grupo focal proporciona ao pesquisador a compreensão de atitudes, valores, representações e simbologias que os indivíduos partilham. Essas informações surgem a partir das interações a que os participantes ficam sujeitos.

A interação entre os membros do grupo faz com que o pesquisador tenha sua influência reduzida. Dessa forma, o grupo pode expor seus pontos de vista com maior confiança (Gatti, 2005).

As oscilações dentro do grupo, que ocorrem durante a realização dos grupos focais, são importantes momentos para a apreensão das representações sociais. Ao se aproximar de uma conversa cotidiana, a técnica de grupo focal permite acesso aos contextos de elaboração de produção dos sentidos e de geração das representações (Nobrega *et al.*, 2016).

No convívio propiciado pelo grupo focal podem ser observados a intersubjetividade, os variados saberes individuais e as relações entre os indivíduos, o mundo e o objeto social. Assim, esta técnica permite a captação da gênese das representações sociais e seu funcionamento na sociedade, pois torna possível identificar o modo como a representação é produzida e quais são seus vínculos sociais (Jovchelovitch, 2014).

3.4 Procedimentos para Coleta de Dados

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), para que fosse possível coletar dados junto a seres humanos. Como finalidade, esse órgão protege os interesses dos sujeitos da pesquisa por meio lisura e probidade, concorrendo para o adiantamento da pesquisa eticamente referenciada. Posteriormente a sua aprovação, via protocolo, a Instituição de Ensino Profissionalizante foi notificada, e foi solicitado ao seu gestor autorização para a realização da coleta de dados (APÊNDICE VIII).

Autorizada a realização do procedimento de coleta de dados (APÊNDICE IX), foi agendada com a gestão da IEP uma reunião para tratar do cronograma de ação para a coleta de dados dos grupos estudados, que ocorreram ao longo de uma semana.

3.4.1 Coleta de Dados dos Professores

Com o grupo dos professores, o convite para a participação no estudo foi realizado pessoalmente no próprio ambiente escolar. Foram agendados encontros individuais, conforme a adequação de cada entrevistado, bem como da gestão da IEP.

As entrevistas foram realizadas em locais com privacidade, bem iluminado e conforto acústico, para que houvesse qualidade na coleta de dados. Na IEP havia locais que atendiam a essas características. Informações sobre data e horário da entrevista foram oferecidas ao participante.

Inicialmente foram realizados procedimentos prévios à coleta de dados. Para a familiarização do investigado, o pesquisador falou sobre a finalidade da entrevista, os objetivos da pesquisa, e apresentou, de forma sucinta, o Programa de Mestrado da UNITAU do qual faz

parte, Ressaltou a importância da colaboração do investigado e buscou estabelecer com ele uma relação de simpatia. Esse momento tratou de uma etapa fundamental, pois o sujeito investigado sentiu-se confortável, em um clima de harmonia e confiança para a realização da entrevista (Triviños, 1987; Gil, 2008).

Em seguida, foi apresentado ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE V), sendo-lhe garantido o sigilo de sua identidade, bem como assegurada sua saída do estudo a qualquer tempo, se fosse sua vontade. O TCL foi emitido em duas vias: uma delas foi arquivada pelo pesquisador, e a outra foi entregue ao entrevistado.

Depois da apresentação do estudo e da questão burocrática, a coleta de dados foi realizada. Primeiramente, ao entrevistado foi solicitado o preenchimento do questionário sociodemográfico (APÊNDICE I). Em seguida, foi realizada a entrevista, utilizando-se as questões norteadoras elaboradas para pesquisa (APÊNDICE III).

As entrevistas foram gravadas em áudio, em um aparelho de *smartphone*, e as informações, armazenadas no formato digital. O arquivo será mantido sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, quando então será destruído.

3.4.2 Coleta de Dados dos Alunos

Os alunos que participaram da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE V). Considerando que grande parte dos alunos que participaram da pesquisa tem idade inferior a 18 anos, foram utilizados o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE VII), que foi assinado pelo aluno, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores de 18 anos (APÊNDICE VI), que foi assinado pelos pais. Esses documentos foram emitidos em duas vias: uma delas foi arquivado pelo pesquisador e a outra foi entregue ao participante. A entrega e o recolhimento desses documentos foram feitas pela direção da IEP. Para organização e desenvolvimento dos trabalhos com grupo focal, alguns aspectos de planejamento foram considerados.

A coleta de dados atendeu a alguns critérios. Quanto a sua constituição, observou-se que o grupo tivesse elementos com características homogêneas. Entretanto, adverte Gatti (2005, p. 18) sobre a composição dos membros do grupo deve haver suficiente variação “[...]entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes”.

Dessa forma, a composição dos grupos se deu a partir da combinação de alunos das diferentes turmas. A composição de grupos de alunos da mesma turma, segundo a autora “[...] podem inibir manifestações e coibir a espontaneidade entre os que se conhecem” (*Idem*).

Foram formados seis grupos. Quanto ao número de participantes por grupo, trabalhou-se com cinco turmas de 10 alunos e uma turma de 11 alunos.

O local de realização dos encontros foi em salas de aula que estavam vazias, fazendo com que a coleta de dados ocorresse sem transtornos. Atendendo a esses critérios, a IEP disponibilizou ambientes adequados para a realização dos encontros. Os encontros contaram com a participação do pesquisador e de um observador voluntário que trabalha na instituição.

O papel do pesquisador foi o de moderador do grupo. Como moderador, buscou manter a interação do grupo, com pouca interferência, para que houvesse os entrevistados tivessem liberdade de expressão, mas sem deixar que o assunto se esgotasse antes do final do encontro. Assim, coube ao moderador realizar proposições dentro da temática, a fim de evitar constrangimentos (NOBREGA et al., 2016).

O observador analisou a rede de interações criada no ambiente do grupo. Com um papel passivo, este prestou atenção aos mecanismos de comunicação não-verbais, além das atitudes relevantes e a da organização das respostas por parte dos elementos do grupo.

No início do encontro, o pesquisador fez sua apresentação, bem como a do observador presente. Em seguida, apresentou os objetivos da pesquisa, agradecendo a presença de todos e ressaltando a importância da participação dos alunos.

Os alunos foram posicionados em círculo, para que pudessem manter contato visual entre si. Depois, foi a vez dos participantes se apresentarem, por meio de uma dinâmica de grupo. Assim, houve interação inicial, para a realização da coleta de dados. Em seguida, foi solicitado aos alunos o preenchimento do questionário sociodemográfico (APÊNDICE II).

Após as apresentações, o moderador projetou algumas imagens relacionadas à temática do Ecoturismo. A função das imagens foi desencadear o fluxo de ideias no imaginário dos alunos. A cada imagem seguiram-se alguns questionamentos (APÊNDICE IV), para reflexão e discussão, a fim de se conhecer opiniões, valores e crenças acerca do objeto de estudo.

O pesquisador esclareceu que não existiam respostas corretas ou incorretas, encorajando assim a participação de todos, no decorrer da discussão. Em muitos casos, aprofundou as discussões, criando um ambiente de oposição de opiniões (KIND, 2004).

O grupo focal foi gravado em áudio, para posterior análise.

3.5 Procedimentos para Análise de Dados

Minayo (2004) indica que a austeridade nas pesquisas em Ciências Sociais está ligada à credibilidade na forma como é realizada a análise dos dados obtidos e, conseqüentemente, em sua interpretação.

Os dados obtidos por meio dos questionários sociodemográficos foram tabulados no software Excel. Em seguida, foram gerados gráficos que facilitaram a interpretação das informações.

Os dados coletados por meio das entrevistas individuais com os professores foram transcritos e tratados pelo software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009). O programa estrutura a distribuição do vocabulário de forma compreensível e visualmente clara (Camargo; Justo, 2013). A partir do material coletado, o software realiza a leitura do texto, classifica unidades de contexto e descreve a classificação efetuada.

O objetivo é fazer uma análise automática dos textos transcritos, classificando-os em função de ocorrências simultâneas do vocabulário empregado pelos indivíduos pesquisados. O software realiza de forma estatística a análise de discursos, interpreta textos com base na identificação contextual e de vocabulário.

Desse modo, os diálogos classificados em grupos que receberam uma classificação hierárquica descendente – CHD. O software gera classes diferentes com a aglutinação de palavras que se associam entre si. Em cada classe há palavras que se assemelham, pois compartilham conteúdo conforme uma mesma visão temática.

Segundo Camargo e Justo (2013) o processo de organização das CHD ocorre por meio da categorização de segmentos de textos e do vocabulário empregado. Assim, a criação de classes tende a indicar um pensamento compartilhado acerca de um determinado objeto de estudo (o senso comum de um conhecimento) e de representações equivalentes.

O relatório, com as mesmas classes e as listas de palavras e suas ocorrências, que recebe o nome de *Rapport*, permite uma verificação das diferenças mais relevantes entre os termos. Para Camargo e Justo (2013, p. 15) o documento “[...] contém a descrição lexical de cada uma das classes formadas pela CHD.” Tal análise permite coletar informações substanciais dos sujeitos estudados, como crenças, atitudes e suas representações.

Já os dados coletados nas reuniões com os alunos foram agrupados em temas, com base nas perguntas norteadoras. A partir da transcrição das falas dos alunos, a pesquisa submeteu os textos ao software *Wordart*. O software gerou imagens com nuvem de palavras, tendo como base a frequência das palavras no texto. As palavras mais utilizadas no discurso dos alunos são

apresentadas em tamanho maior. O tamanho das palavras vai diminuindo conforme sua menor ocorrência.

Para a análise, optou-se pela técnica de triangulação. Segundo Minayo (2005), esse procedimento facilita e valida a compreensão de uma diversidade de áreas do conhecimento ao longo da pesquisa, ao quantificar dimensões objetivas e interpretar os aspectos subjetivos do processo social em questão.

A partir do estabelecimento de duas variáveis, procurou-se encontrar um terceiro ponto, que apresentasse congruência de informações. De acordo com Fígaro (2014), a triangulação é uma forma segura de validar a pesquisa, pois permite empreender múltiplas práticas metodológicas, garantindo rigor, riqueza e complexidade ao trabalho.

Sendo assim, uma gama de combinações foi possível, referenciadas pela lógica dos objetivos propostos.

A apresentação e a discussão dos resultados constituem o conteúdo do capítulo subsequente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Contexto do Turismo em Barreirinhas-MA

A atividade turística do município de Barreirinhas tem como seu principal atrativo o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Historicamente, o desenvolvimento turístico ocorre a partir de pesquisas da Petrobras na região e da criação do PNLN, em 1981, por meio do Decreto nº 86.060. A atividade intensificou-se com a construção, em 2002, da Rodovia MA-225, que liga a capital, São Luís, à região de Barreirinhas. Neste mesmo ano, com vistas a reger a visitação na região, foi elaborado o Plano de Manejo do PNLN.

Economicamente, um grande impulso para a atividade foi a inserção do município no Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste, em sua segunda fase. Esse Programa garantiu, por meio de recursos do Banco do Nordeste e do Banco de Interamericano de Desenvolvimento, investimentos para melhoria da qualidade de vida da comunidade local, com atividades norteadas pela sustentabilidade (ATAÍDE JÚNIOR et al., 2020).

Visando estabelecer diretrizes de planejamento turístico do território, na esfera municipal foi elaborado, em 2007, a Política Municipal de Turismo, que legisla sobre a criação do Conselho Municipal do Turismo – COMTUR e o Fundo Municipal do Turismo. Ambos os organismos foram reorganizados em 2016.

Na esfera estadual, destaca-se a criação, em 2012, do Plano Estratégico de Turismo do estado do Maranhão, conhecido como Plano Maior 2020. Ainda em 2012 foi elaborado o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo de Barreirinhas, com o intuito de preparar a cidade para ações e programas do Plano Maior 2020.

A respeito das atividades de turismo descritas no Plano de Manejo do PNLN, o documento afirma que:

No que se refere aos objetivos da visitação, ficou evidente que um grande número de pessoas vão ao Parque para desfrutar dos atrativos naturais oferecidos (dunas, lagoas, rios, lagos), realizar caminhadas em trilhas e praticar o turismo contemplativo. Registrou-se também, embora em pequena intensidade, o interesse pela pesquisa científica e atividades de caráter cultural e educativo (BRASIL, 2004, p. 129).

Considerando o ano da publicação do documento, nota-se a ênfase em um turismo contemplativo, ainda dado ao fato de que a atividade no PNLN era incipiente. O Plano de Manejo discorre sobre a disponibilidade de informações para os turistas, para que se sintam confortáveis. Entre os temas estão disponibilização de dados sobre a formação de dunas e lagoas, o conhecimento da flora e fauna local, o tempo de deslocamento entre os atrativos e a

divulgação de fatos históricos e culturais da região. Também há recomendações no documento sobre a implantação de sinalização informativa, construção de centro de atendimento e informações ao turista, e implantação de trilhas interpretativas.

Notam-se que muitas das recomendações apontadas no Plano de Manejo elaborado em 2002 não foram implementadas, como a sinalização turística e a implantação das trilhas.

Há uma série de diretrizes apontadas no Plano de Manejo do PNLM para a fomentação de atividades turísticas, principalmente ligadas ao ecoturismo. No que se refere ao desenvolvimento de áreas estratégicas, o ecoturismo é a atividade econômica que visa conciliar a proteção ambiental com o desenvolvimento regional.

São diversas ações elencadas, que deveriam acompanhar o progresso do turismo na região. Dentre as ações apontadas e que foram implementadas estão a criação do Conselho Consultivo do PNLM e a colaboração nos programas de capacitação de condutores de turismo local,

Dentre as intervenções concernentes ao turismo que estão no Plano de Manejo e que não foram implementadas salienta-se a criação do Centro de Visitantes e dos postos de informações aos turistas.

No Plano Maior 2020, documento com as matrizes de desenvolvimento regional do Maranhão, o Polo Parque do Lençóis é citado como um dos principais indutores do turismo. Aponta a publicação que a região dispõe de produtos competitivos necessários para motivar demandas dos mercados mais longínquos.

Além das belezas naturais cênicas que a região oferece, há um enfoque maior do desenvolvimento de operações relacionadas ao ecoturismo. Para o documento, a região oferece grande potencial, ao analisar, do ponto de vista mercadológico, algumas das melhores atividades turísticas do Maranhão. O Polo Parque dos Lençóis:

[...] caracteriza-se prioritariamente pelos atributos ecoturísticos, dentre os quais se destaca o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, um dos mais raros fenômenos geológicos do mundo e principal atrativo do Maranhão hoje; foco da atenção e mobilização dos principais fluxos de brasileiros e estrangeiros para o Estado” (MARANHÃO, 2012, p. 193).

O documento também destaca o artesanato local, que tem abrangência nacional, como fonte de renda para as comunidades da região:

Das florestas de buriti, outrora abundantes, saem a matéria prima para produção de bolsas, redes, chapéus, toalhas de mesa e uma série de outros acessórios e objetos funcionais e decorativos. Processadas em técnicas tradicionais de trançado, crochê,

macramê e etc., pelas habilidosas artesãs do polo, as fibras de buriti compõe o melhor do artesanato maranhense, vendido localmente e exportado (MARANHÃO, 2012, p. 70).

Em contrapartida, o Plano de Manejo prevê a implementação de ações relativas à produção de artesanato local. Em um primeiro momento, procura identificar a produção, valorizando a utilização de energias renováveis. Busca incentivar a criação de cooperativas de artesãos, por meio de parcerias com as outras entidades do poder público e da iniciativa privada. Quanto a questões do meio ambiente, o Plano de Manejo destaca a adoção de ações para coibir o extrativismo predatório do buriti, principal matéria-prima do artesanato local.

Na estância municipal, o documento que reorganizou o Conselho Municipal de Turismo de Barreirinhas não infere diretamente sobre a produção artesanal local. Acaba por focar na manutenção do patrimônio cultural, entre outras medidas:

[...] estabelecer, por meio de resoluções, regras e padrões para o exercício regular das atividades [...] de forma a garantir a proteção e conservação do patrimônio natural, cultural, histórico e arquitetônico, o desenvolvimento socioeconômico do município e o bem-estar da população local (BARREIRINHAS, 2011, p. 1).

Os aspectos de capacitação profissional para o desenvolvimento da atividade turística na localidade são considerados preponderantes para o sucesso da atividade. O Plano de Manejo do Parque previa a qualificação e treinamento para agentes de proteção ambiental, condutores de turismo, guias especializados em meio natural e cultural, além do aperfeiçoamento da mão de obra para o atendimento do setor de serviços ligados ao turismo.

O Plano Maior 2020 observou a urgência no aprimoramento dos recursos humanos, tanto no setor turístico, quanto na rede de serviços que dá suporte à atividade. O documento infere sobre a necessidade de medidas integrativas que provam o progresso de maneira integral. No entendimento da publicação:

O Diagnóstico do Plano Maior apontou graves deficiências de qualidade na rede de serviços turísticos [...] principalmente por questões que envolvem a (falta de) capacitação do quadro profissional e funcional, problemas de gestão empresarial, pouco conhecimento técnico da atividade e falta de visão do negócio, dentre outros (MARANHÃO, 2012, p. 267).

Assim, o documento destaca como ações pertinentes a oferta de cursos específicos para cada setor da atividade. Dentre eles a capacitação de condutores voltados ao ecoturismo e ao turismo de aventura. Ademais, orienta o treinamento de prestadores de serviço turísticos dos setores de alimentos e bebidas, bares, restaurantes e setores de entretenimento.

A capacitação dos profissionais do turismo é uma das destinações dos recursos do Fundo Municipal de Turismo. Cabe ao CONTUR acompanhar o andamento dos projetos e do desenvolvimento de programas de capacitação e aperfeiçoamento dos trabalhadores do setor. Observa-se que há uma atuação do CONTUR nesse sentido, por meio de parcerias do município com instituições de ensino profissionalizante e com o SEBRAE.

O próximo subitem trata da análise do perfil dos grupos participantes da pesquisa.

4.2 Perfil sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa

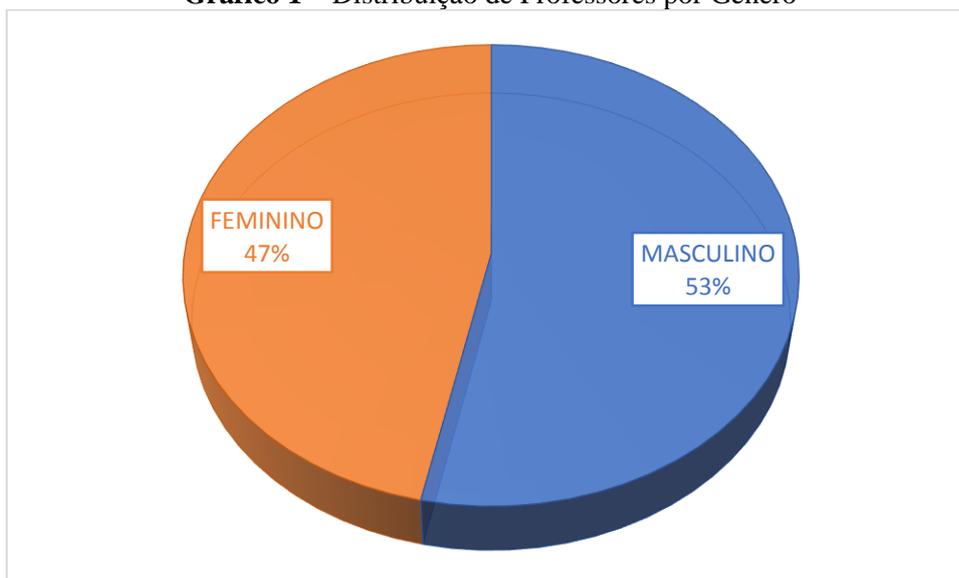
Concluída a aplicação dos instrumentos para a coleta de dados, foi possível aferir as características que constituem o perfil sociodemográfico dos sujeitos participantes. Considerando os atributos de cada grupo pesquisado, são aqui apresentados e discutidos os resultados obtidos junto aos professores e alunos.

4.2.1 Perfil sociodemográfico dos professores

A pesquisa realizou o levantamento de dados dos professores com o objetivo de realizar a caracterização sociodemográfica. Os resultados do questionário aplicado para esse fim, bem como as discussões, são apresentados adiante.

4.2.1.1 Caracterização dos professores: Gênero

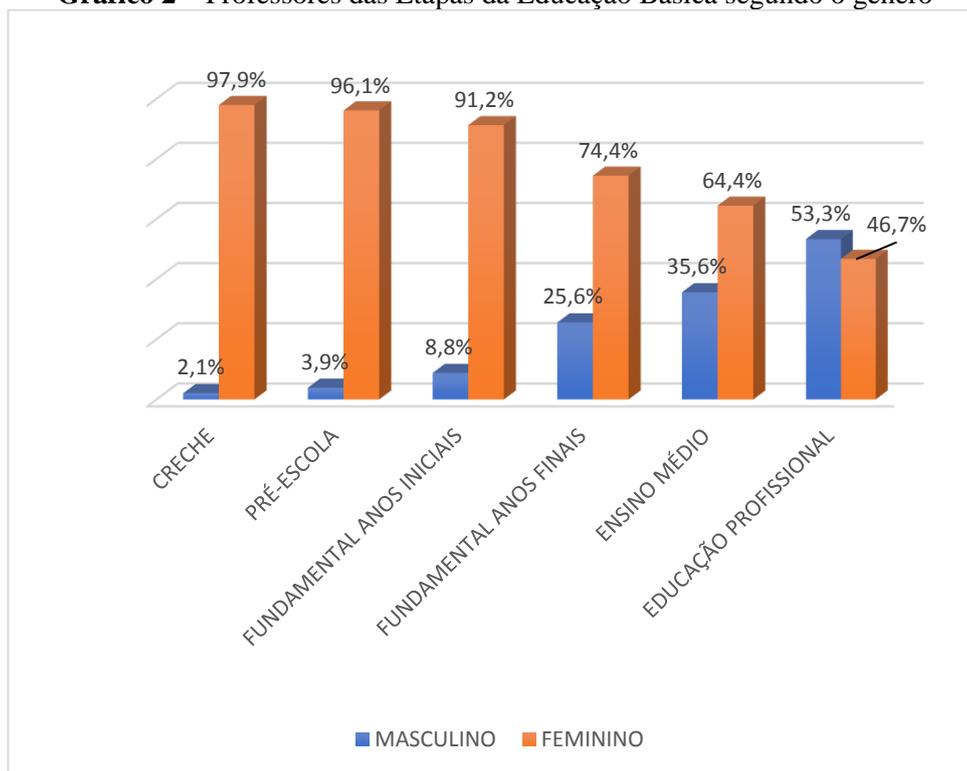
Foram entrevistados 30 professores, 16 do gênero masculino (53%) e 14 do gênero feminino (47%), conforme pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição de Professores por Gênero

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Segundo levantamento do INEP (BRASIL, 2017), do total de 127.055 docentes do ensino profissional no Brasil, 63.419 (49,91%) são do gênero feminino e 63.636 (50,09%) são do gênero masculino. Os dados do estado do Maranhão, quanto ao gênero dos docentes do ensino profissional, são: 1.172 (45,91%) docentes do gênero feminino e 1.411 (54,63%) do gênero masculino.

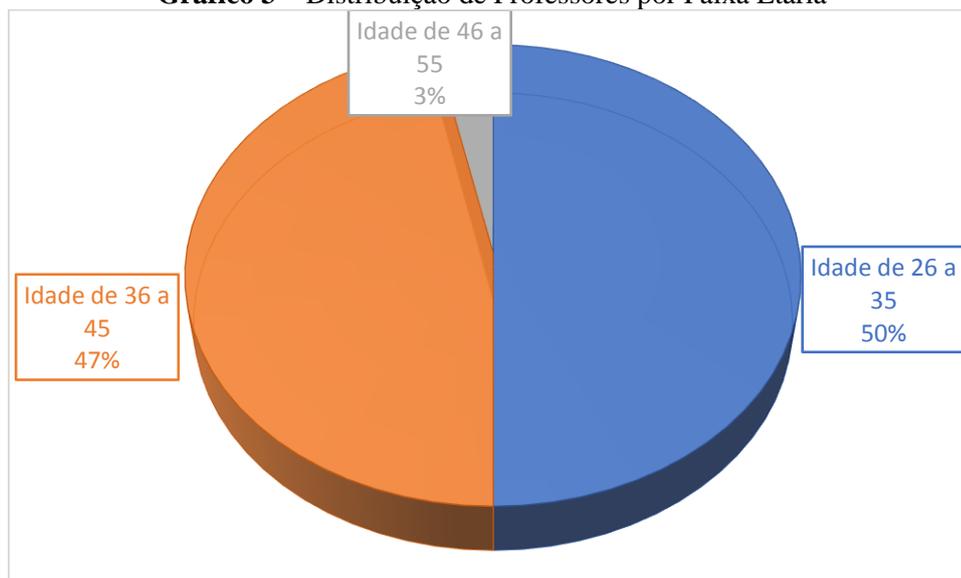
Há uma tendência de ocupação do gênero masculino na docência do ensino profissional. Como pode ser observado no Gráfico 2, de acordo com INEP (BRASIL, 2009), enquanto nos anos iniciais da educação infantil há uma superioridade de docentes do gênero feminino, essa tendência vai se invertendo no ensino médio e na educação profissional.

Gráfico 2 – Professores das Etapas da Educação Básica segundo o gênero

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.2.1.2 Caracterização dos professores: Faixa Etária

Quanto à faixa etária dos professores pesquisados, no momento da entrevista 15 tinham idade entre 26 e 35 anos, 14 tinham idade entre 36 e 45 anos e 1 professor tinha idade entre 46 e 55 anos. Esses dados estão apresentados no Gráfico 3.

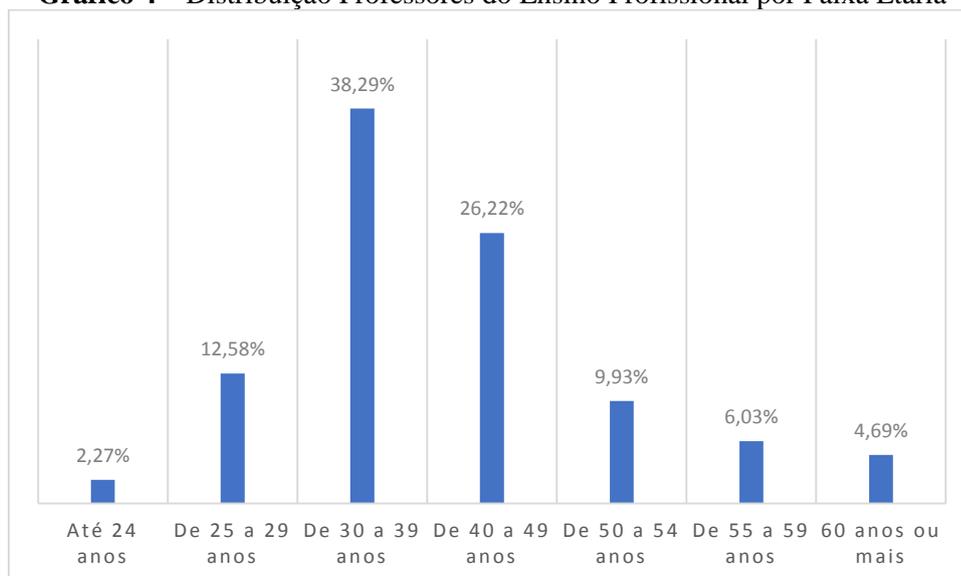
Gráfico 3 – Distribuição de Professores por Faixa Etária

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, os professores brasileiros estão entre os mais jovens do mundo, com idade média de 37,8 anos. Considerando-se grande parte dos países que pertence à Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média mundial é de 40 anos (UNESCO, 2004).

Segundo dados do INEP (BRASIL, 2017), 77,09% dos professores do ensino profissional estão entre 25 e 49 anos de idade. As informações acerca do total de professores por faixa etária estão apontadas no Gráfico 4.

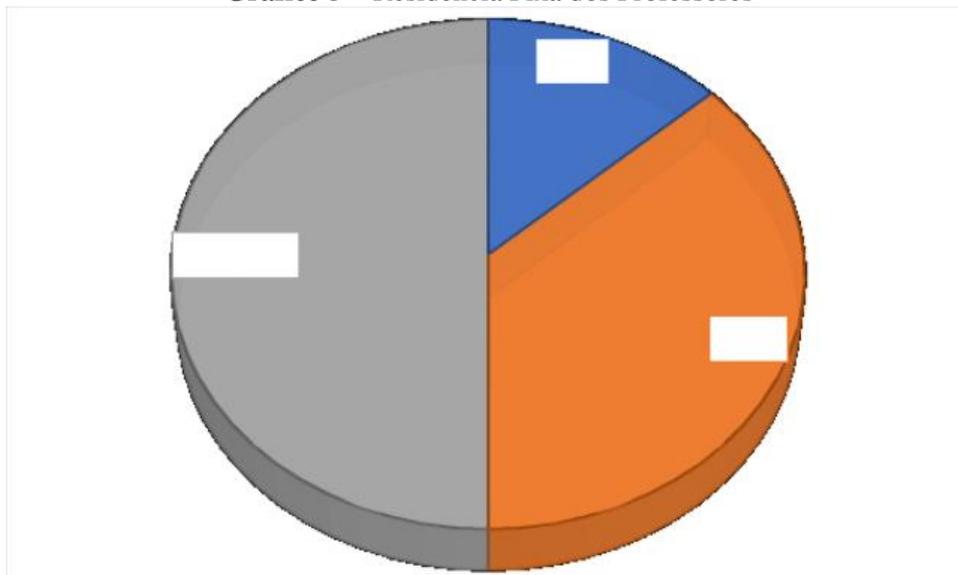
A faixa etária abaixo dos 45 anos, além de ratificar os dados referentes aos docentes em nível nacional, pode ser justificada por meio do processo de expansão das unidades da IEP pesquisada. Por meio da abertura de novas unidades, vagas são abertas para a redistribuição interna, o que aponta a possibilidade de contratação de novos professores, por meio de concurso público.

Gráfico 4 – Distribuição Professores do Ensino Profissional por Faixa Etária

Fonte: Elaborado pelo autor em 2020 com dados do INEP (Brasil, 2017).

4.2.1.3 Caracterização dos professores: Residência Fixa

A pesquisa realizou levantamento sobre o local de residência fixa dos professores, conforme apresentado no Gráfico 5. Afirmaram ter residência fixa em Barreirinhas-MA, 15 entrevistados (50%), 11 (37%) têm residência fixa em São Luís, capital do estado do Maranhão e 5 (13%) têm residência em outras localidades.

Gráfico 5 – Residência Fixa dos Professores

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Para Pacheco (2012), a expansão da rede de IEP assume uma posição de agentes de atração a investimentos locais e de desenvolvimento regional. Contudo, a falta de profissionais para assumir cargos que exigem maior qualificação justifica o relevante número de professores que optam por declarar residência fixa em outra localidade.

Segundo dados do IBGE quanto ao grau de escolaridade da população acima dos 25 anos completos, em Barreirinhas-MA apenas 3% concluiu o ensino superior, enquanto a média nacional é de 11,27% (BRASIL, 2010).

Portanto, visto que o ingresso na carreira docente na IEP é por meio de concurso público, um número relevante de professores provém da capital do estado, São Luís-MA, localizada a 240 km, ou de outros polos regionais de desenvolvimento, como Parnaíba-PI ou até mesmo Teresina-PI, que está localizada a 400 km de distância.

Em um estudo sobre a saúde dos professores que se sujeitam a grandes deslocamentos para o exercício profissional, Cardoso e Ribeiro (2016, p. 31) descrevem:

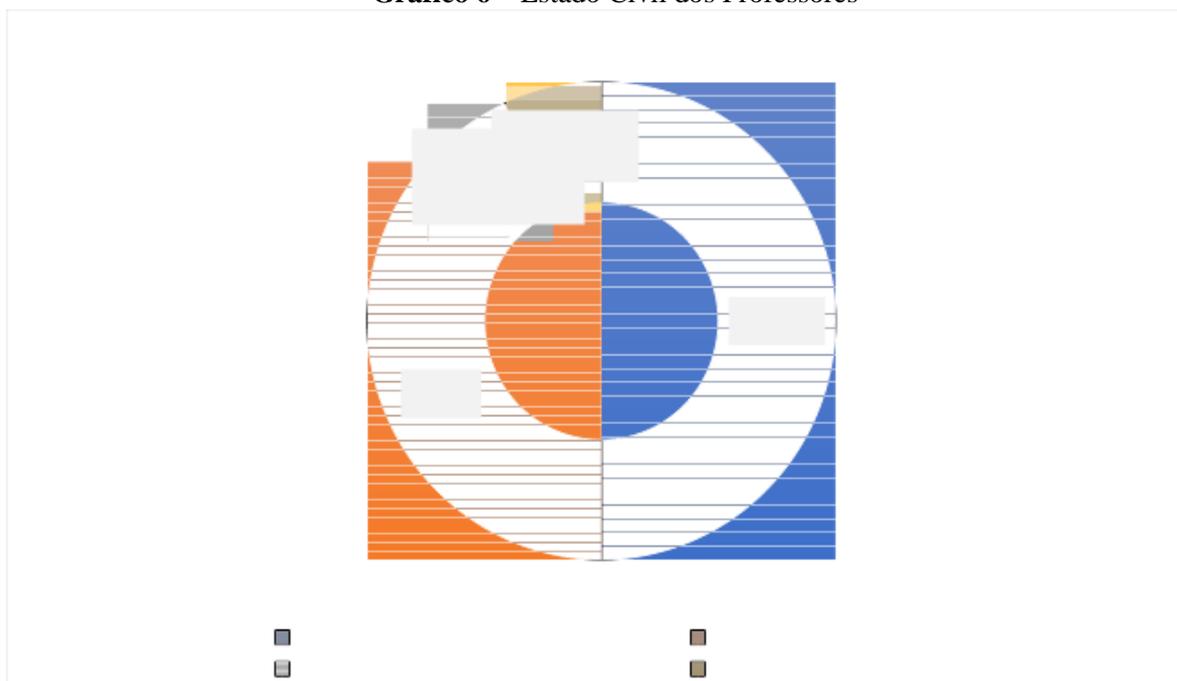
[...] concentram a sua carga horária de trabalho e estabelecem suas rotinas em apenas alguns dias, dessa forma, não passam a semana inteira na cidade. Alugam imóveis que, para uns, são moradias improvisadas, para outros, são casas, enquanto terceiros se hospedam em pousadas. Percebemos, dessa maneira, o vínculo que cada um estabelece com a cidade e com o seu trabalho

Pode-se afirmar que o fato de não residirem no município em que trabalham dificulta o estabelecimento de vínculos com a cidade. Não convivendo integralmente na cidade, deixam de apreender sobre a cultura, o povo, a história da região, os hábitos e costumes. Tal característica acaba por relativizar o sentimento de pertencimento ao local. Consequentemente, infere-se que pode influenciar nas representações que os sujeitos apresentam acerca de temas regionais, como o turismo na região.

4.2.1.4 Caracterização dos professores: Estado Civil

Quanto ao estado civil, os dados levantados mostram que 15 professores são solteiros (50%), 11 são casados (36%), 2 professores (7%) vivem maritalmente e 2 (7%) afirmaram ser divorciados/desquitados/separados. Esses dados podem ser observados no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Estado Civil dos Professores



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

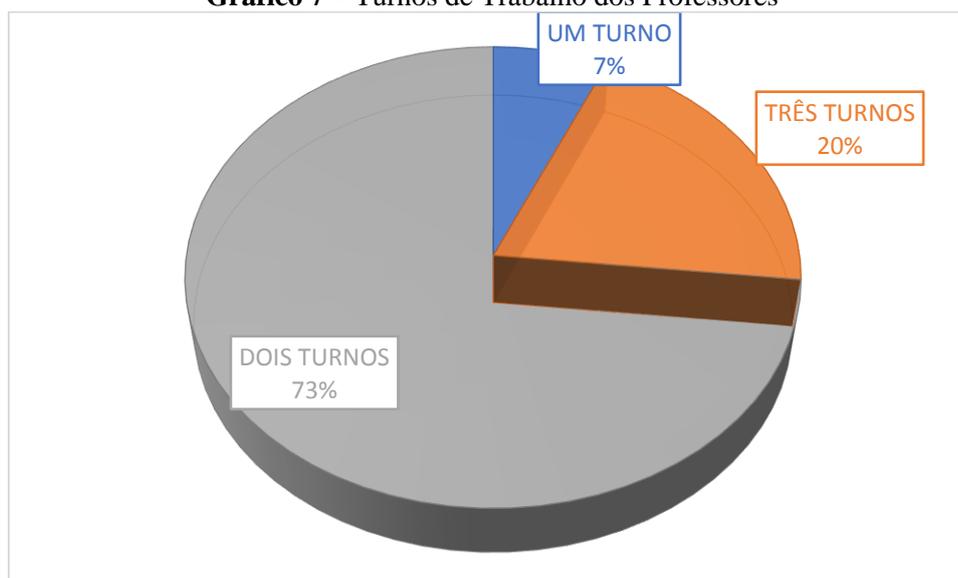
Os resultados apresentados diferem dos dados apresentados pela Unesco, quanto ao estado civil dos professores brasileiros: 55% são casados, 28% são solteiros, 8% são divorciados e 6% vivem maritalmente (BRASIL, 2010).

4.2.1.5 Caracterização dos professores: Turnos de Trabalho

A pesquisa investigou quantos turnos de trabalho os professores vêm cumprindo. Dois turnos de trabalho foi a resposta de 22 professores (36%), três turnos foi a resposta de 6 professores (36%) e um turno diário foi a resposta de 2 professores (36%). O Gráfico 7 apresenta esses dados.

A IEP pesquisada conta com uma resolução própria que rege a gestão das atividades dos docentes (BRASIL, 2011). Os professores pesquisados estão enquadrados em regime de 40 horas semanais. Essa carga horária pode ser dividida em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Como atividades de ensino são consideradas as aulas, a organização do ensino e a orientação acadêmica. Coordenação de projetos de pesquisa, participação em grupos de pesquisa e orientação em programas institucionais de iniciação científica são consideradas atividades de pesquisa. Aulas em programas, orientação de bolsistas, participação, assessoria e/ou coordenação de programas de projetos de extensão, projetos de atividade física, esporte ou lazer dos servidores, prestação de consultoria técnica e atividades relacionadas a incubação de empresa júnior são consideradas atividades de extensão (BRASIL, 2011).

Gráfico 7 – Turnos de Trabalho dos Professores

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Quanto à distribuição das atividades nas 40 horas semanais, os docentes devem ter no mínimo 12 horas/aula. Em caso de não desenvolvimento de atividades de pesquisa e/ou extensão, os professores devem cumprir a carga horária de 40 horas com atividades de ensino (BRASIL, 2011).

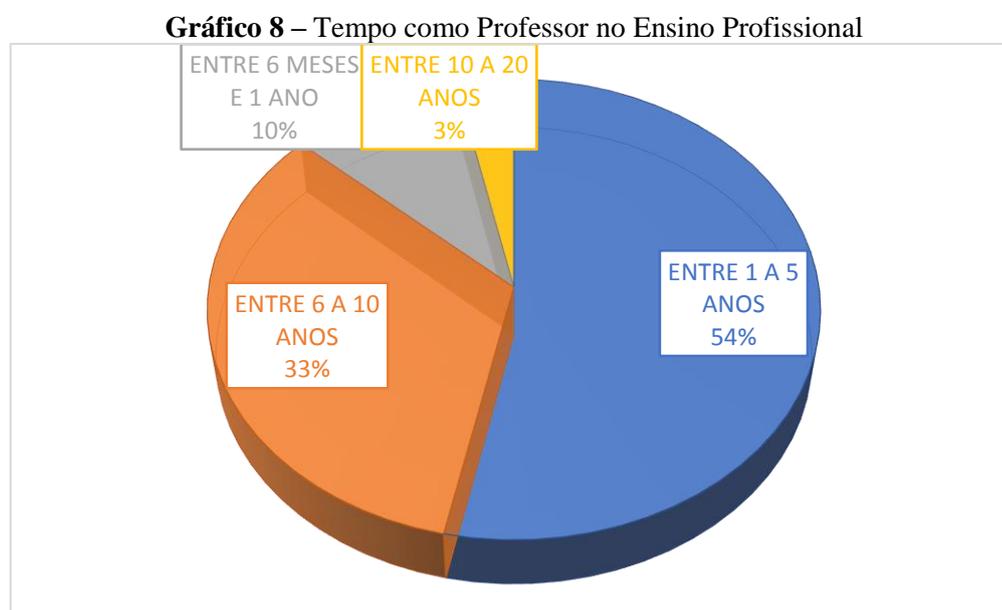
Gatti e Barretto (2009) ressaltam que o número de horas semanais geralmente ultrapassa o número de horas aulas informadas. Atividades como preparação de aulas, correção de provas, estudos realizados em outro horário que não o escolar, deveria ser acrescido ao tempo de ensino. Dessa forma, a carga horária semanal de trabalho dos professores seria mais bem estimada.

Também faz parte das possíveis atribuições dos professores da instituição a investidura em cargos de direção na instituição ou de funções gratificadas, como coordenação de cursos ou núcleos de desenvolvimento de atividades inerentes ao funcionamento burocrático da IEP. Quando investidos nesses cargos, os professores podem ter redução das atividades do tripé ensino-pesquisa-extensão (BRASIL, 2011).

A maioria dos professores de Ensino Médio exercem sua atividade em apenas um turno, conforme apontam Gatti e Barreto (2009). Esse dado difere dos dados obtidos, visto que a IEP, além de oferecer Ensino Médio, oferece também a parte técnica integrada, e observa uma resolução que amplia as funções do professor para além do ensino. Outrossim, os docentes que responderam que trabalham três turnos talvez exerçam algum cargo burocrático na instituição.

4.2.1.6 Caracterização dos professores: Tempo de Trabalho na Instituição

O Gráfico 8 apresenta as respostas dos professores quanto ao tempo de exercício de docência no ensino profissional. Como resultado, 16 professores (54%) responderam exercer a profissão de professor entre 1 e 5 anos, 10 professores (33%), entre 6 e 10 anos, 3 professores (10%) entre 6 meses e 1 ano, e 1 professor (3%) entre 10 e 20 anos.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Segundo Gonçalves (2000), a trajetória profissional docente é resultado da ação concomitante de três processos: crescimento pessoal, aquisição de competências e socialização profissional.

Para Huberman (2000), a vida profissional docente pode ser segmentada em etapas: entrada na carreira, que abrange os três primeiros anos; estabilização, entre 4 e 6 anos; diversificação, entre 7 e 25 anos; serenidade, entre 25 e 35 anos; e, a fase de desinvestimento, ao final da carreira, após 35 anos de exercício.

Considerando a proposta apresentada por Huberman, os professores participantes da pesquisa estão concentrados nas três primeiras etapas: entrada na carreira, estabilização e diversificação.

Na primeira fase, o docente explora e descobre a nova carreira. Se, por um lado, há entusiasmo com os desafios, por outro lado há constantes questionamentos sobre o próprio desempenho. Impasses a respeito da disciplina dos alunos, da utilização de material didático e do afastamento entre as suas ideias preestabelecidas e a realidade das jornadas diárias são comuns nesta fase. Tais sentimentos resultam em choque de realidade, e podem surgir dúvidas quanto à escolha da profissão (HUBERMAN, 2000).

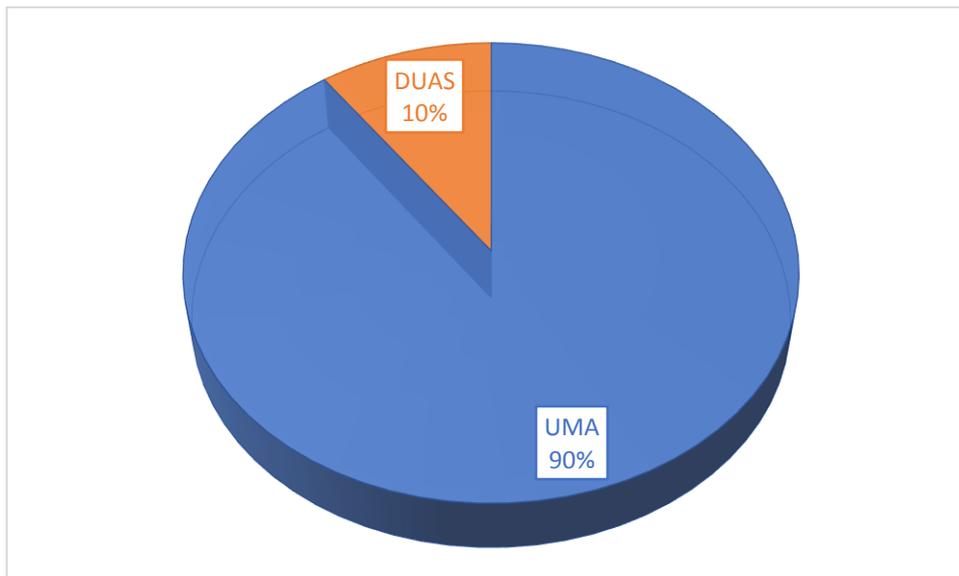
Superada a fase que marca a entrada na carreira, o professor entra em uma etapa de engajamento definitivo no ofício. É na fase de estabilização da carreira que o docente solidifica sua identidade profissional. Para Huberman (2000), esse momento ocorre entre 4 e 6 anos de profissão, e se caracteriza pela emancipação do professor diante dos colegas mais experientes e do próprio envolvimento no desenvolvimento da profissão. Surge nessa fase o interesse por metodologias de aprendizagem e emerge o fascínio pelos objetivos pedagógicos quanto à aprendizagem dos alunos.

No sétimo ano de magistério, o professor chega à fase de experimentação ou diversificação. Conforme descreve Huberman (2000), é o momento de consolidar a capacidade pedagógica. O docente procura diversificar seus modos avaliativos, materiais didáticos e formas de trabalhar, por meio do conhecimento pessoal. Nessa terceira fase, que é mais longa, três tipos básicos podem ser constatados: alguns buscam aprimorar seu desempenho, por meio do aperfeiçoamento da sua maneira de lecionar; outros sentem-se atraídos pela burocracia administrativa, com o objetivo de impulsionar-se profissionalmente ou incrementar seus rendimentos; e outros, ainda, acabam por limitar seu empenho como professor, buscando uma ocupação concomitante ou mesmo a abandonar a carreira (Lawall *et al.*, 2009).

4.2.1.7 Caracterização dos professores: Instituições em que trabalha como docente

No levantamento realizado, 27 professores (90%) trabalham em uma instituição como docente, e 3 professores (10%) trabalham em duas instituições. Esses resultados estão apresentados no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Quantidade de instituições em que trabalha como docente



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

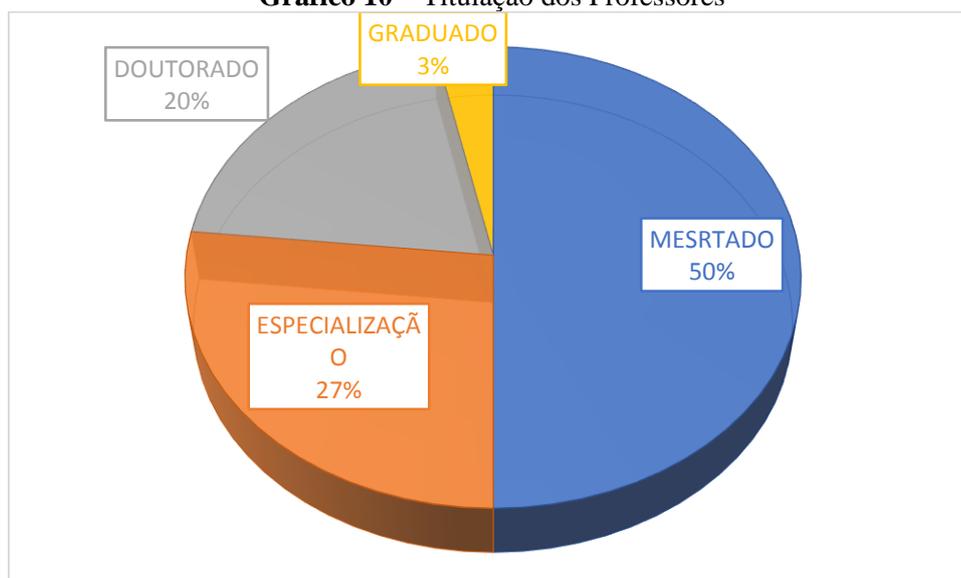
O ingresso de professores na instituição pesquisada se dá por meio de concurso público. Até 2012, havia três regimes de trabalho para os professores efetivos: de tempo parcial de 20 horas semanais, de tempo parcial de 40 horas semanais e de dedicação exclusiva de 40 horas semanais de trabalho (BRASIL, 2008).

Essa lei foi revogada em 2012, pela Lei nº 12.772, excluindo o regime de trabalho de 40 horas semanais. Dessa forma, os concursos públicos para professores passaram em sua maioria a selecionar profissionais no regime de trabalho de dedicação exclusiva (BRASIL, 2012).

Os dispositivos legais acima citados refletem o resultado obtido no qual predominou o grupo de professores que afirmaram trabalhar em apenas uma instituição.

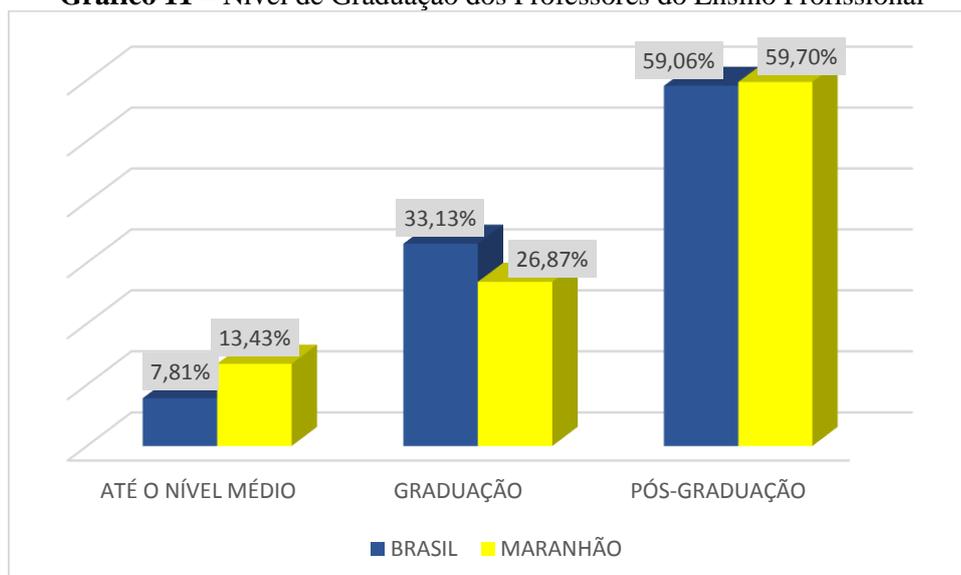
4.2.1.8 Caracterização dos professores: Titulação

No que diz respeito à titulação acadêmica, 15 professores (50%) são mestres, 8 professores (27%) são pós-graduados com nível de especialização, 6 professores (20%) são doutores e 1 professor (3%) é graduado (ver Gráfico 10).

Gráfico 10 – Titulação dos Professores

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

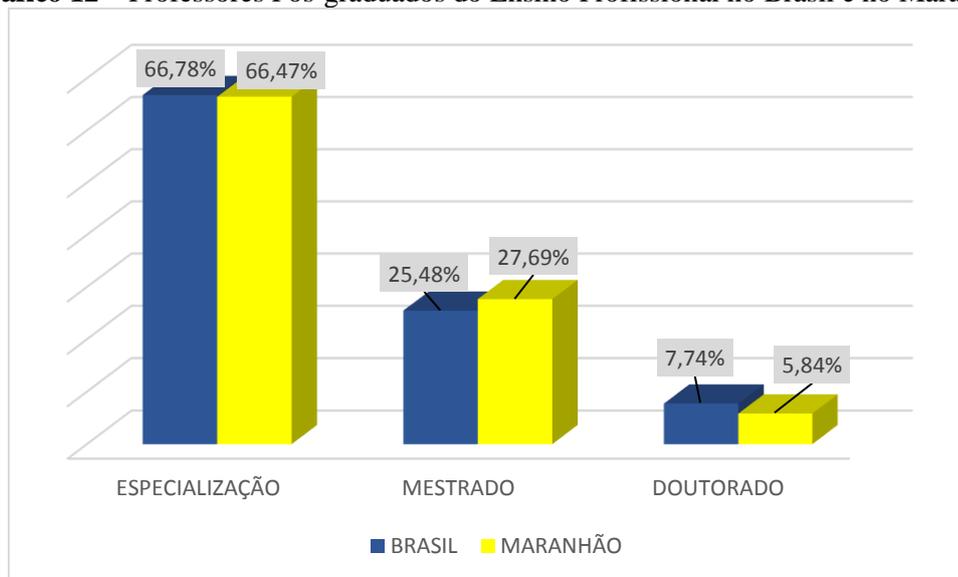
Segundo o INEP (BRASIL, 2017), 7,81% dos professores do ensino profissional têm até o nível médio; 33,13%, graduação; e 59,06%, pós-graduação. No estado do Maranhão 13,43% dos professores do ensino profissional têm até o nível médio, 26,87% têm graduação, e 59,70%, pós-graduação (BRASIL, 2017) (ver Gráfico 11).

Gráfico 11 – Nível de Graduação dos Professores do Ensino Profissional

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do INEP (BRASIL, 2017).

Entre os professores do ensino profissional pós-graduados no Brasil, 66,78% são especialistas, 25,48% são mestres e 7,74% são doutores. Já no estado do Maranhão, entre os docentes do ensino profissional com pós-graduação 66,47% são especialistas, 27,69% são mestres e 5,84% são doutores (BRASIL, 2017). O Gráfico 12 apresenta essas informações.

Gráfico 12 – Professores Pós-graduados do Ensino Profissional no Brasil e no Maranhão



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do INEP (BRASIL, 2017).

Uma justificativa possível para esse quadro está relacionada ao interesse dos docentes pelo plano de carreira docente do magistério federal.

O desprestígio da carreira docente no que se refere à remuneração foi o ponto mais relevante apresentado pela categoria, em um estudo feito pela UNESCO (2004). A pesquisa indicou que profissionais com formação acadêmica similar, em outras profissões, percebem salários superiores aos da categoria dos professores.

Para Gatti (2012), o debate sobre a qualidade da educação no Brasil guarda relação com a questão salarial. Ademais, a atratividade da carreira e sua permanência são temas que perpassam as características da remuneração dos professores. Para a autora, por se tratar de uma profissão que exige formação específica ou continuada, os salários não podem ser vistos como adequados.

Gatti (2012) complementa que há pressões para que ocorra um processo de reversão em busca de melhoria salarial para a categoria dos professores. A movimentação que busca essa melhoria ocorreu nas diversas esferas da gestão pública e se intensificou a partir dos anos 2000.

Gomes e Alves (2015) realizaram investigação comparativa entre os planos de carreira e os cargos do magistério federal. Ainda que o plano anterior estivesse defasado, pois vigorava desde 1987, o estudo afirma que o reconhecimento da titulação é uma conquista para os docentes.

Segundo a pesquisa, a parcela da participação da retribuição por titulação, na remuneração, aumentou em 55,35%, e os valores, quando comparados com os do plano anterior, são treze vezes maiores. A pesquisa concluiu que a valorização da titulação acadêmica na formação docente foi o maior benefício do novo plano de carreira instituído (GOMES; ALVES, 2015).

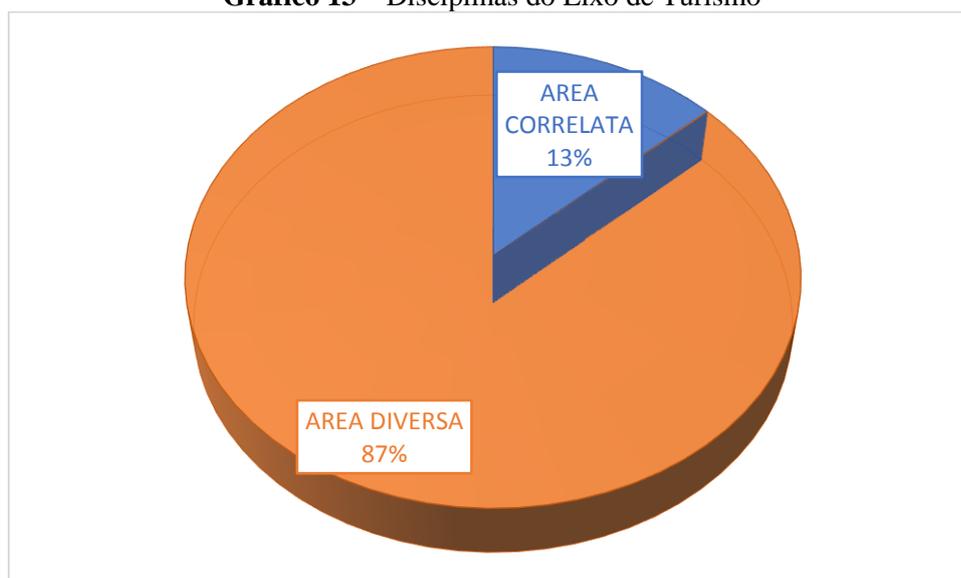
Oliveira e Nunes (2017) compararam os planos de carreiras docentes de ensino médio de redes públicas estaduais e municipais com o plano de carreira docente da rede da qual faz parte a IEP pesquisada. Concluíram que nas instituições de ensino como a IEP analisada há laboratórios e estruturas para a realização de pesquisa e extensão, e que os docentes são estimulados a buscar qualificação por meio da obtenção de títulos.

O Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal, disposto pela Lei nº 12.772/2012, atraiu os profissionais com titulação de mestres e doutores, o que se confirma pelos dados apresentados nesta pesquisa.

4.2.1.9 Caracterização dos professores: Área de Atuação no Curso de Agenciamento de Viagens

A pesquisa aferiu a relação entre a disciplina lecionada pelo grupo de professores com o Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer. São da área diversa ao eixo de turismo 26 professores (87%), e são da área correlata ao eixo 4 professores (13%) (ver Gráfico 13).

Além dos professores de áreas propedêuticas, participaram da pesquisa professores de área técnica que não estão diretamente relacionadas ao Eixo de Turismo, mas que ministram disciplinas no curso.

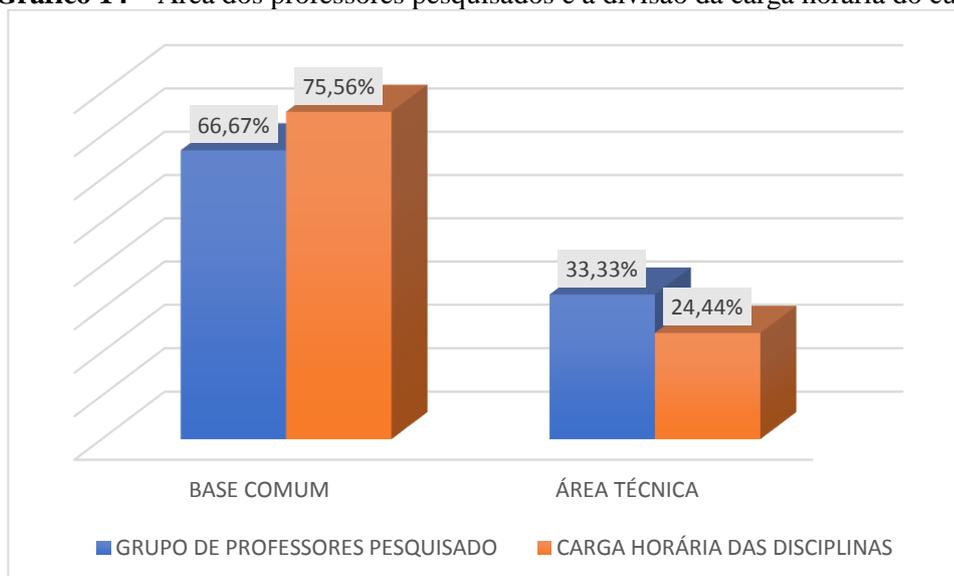
Gráfico 13 – Disciplinas do Eixo de Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Por meio do levantamento das características dos professores, foi possível observar, no grupo pesquisado, 20 professores (66,67%) que ministram disciplinas da base comum, e 10 professores (33,33%) que ministram, disciplinas das áreas técnicas, no curso de agenciamento de viagens.

No curso técnico de agenciamento de viagens de modalidade integrada, 75,56% da carga horária correspondem a disciplinas do eixo comum, e 24,44%, a disciplinas da área técnica. Em comparação com a divisão da carga horária do curso técnico de agenciamento de viagens, percebe-se que, proporcionalmente, houve uma proximidade entre o grupo de professores pesquisados e suas respectivas disciplinas e a divisão da carga horária total do curso em disciplinas da base comum e da área técnica. A comparação é exibida no Gráfico 14.

Segundo Oliveira (2016), instituições similares à IEP pesquisada têm em seu quadro docentes da base comum que acabam por desenvolver na prática a melhor maneira de integrar o ensino propedêutico ao ensino técnico.

Gráfico 14 – Área dos professores pesquisados e a divisão da carga horária do curso

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Quanto às atividades dos professores, ressalta-se também que a dinâmica da instituição apresenta uma característica específica, a da verticalização do ensino, da educação básica ao ensino superior. Na instituição pesquisada, há oferta de cursos técnicos na modalidade integrada ao ensino médio, subsequente e EJA – educação de jovens e adultos, além de um curso de ensino superior.

Segundo a lei que estabeleceu as diretrizes para a criação da rede federal da qual faz parte a IEP pesquisada, a verticalização visa à otimização da infraestrutura física e dos recursos humanos (BRASIL, 2008).

Portanto, ao assumir responsabilidades em diversas modalidades de ensino, corre-se o risco de não atender às demandas quanto à qualidade da docência.

Comenta Oliveira (2016) que os docentes acabam atendendo uma diversidade de alunos, de faixas etárias distintas, de classes de trabalhadores, pessoas com vulnerabilidade social, e discentes do ensino superior, praticamente ao mesmo tempo. As condições de trabalho são levadas ao limite, devido à eficiência de gestão, e isso faz com que a ocupação de salas de aula e a oferta de material didático sejam enxutas.

Para Keunzer (1999), com a precarização da formação do professorado dedicado ao ensino técnico, visto que não há um marco legal que caracterize tal especificidade, cria-se uma lacuna para a o exercício da atividade por profissionais de formações variadas. Reconhece a

autora que esse panorama permite que os sujeitos, por dominarem uma determinada técnica, estejam aptos para a docência no ensino profissional, ainda que não tenham formação pedagógica (KEUNZER, 1999).

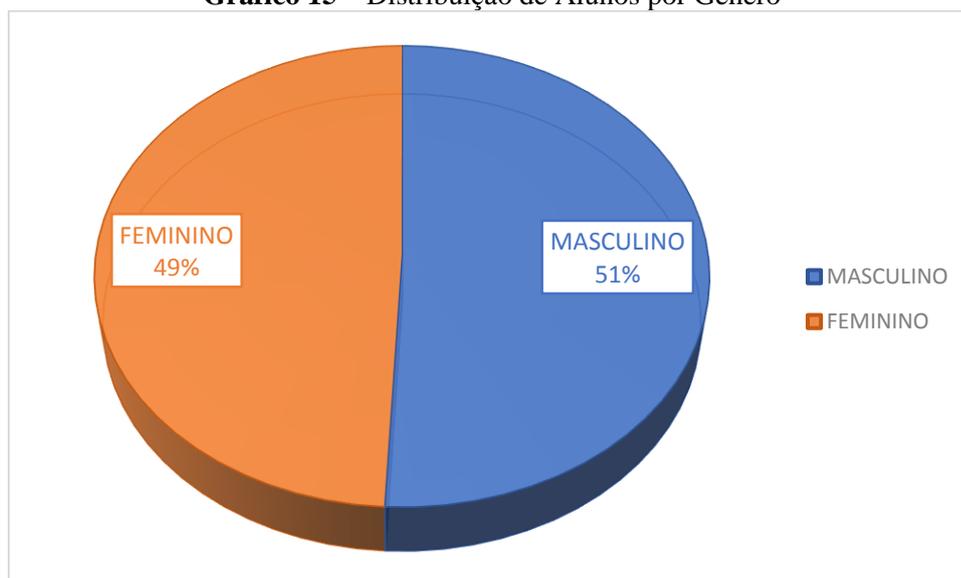
Realizada a caracterização sociodemográfica do grupo dos professores, segue-se com a caracterização sociodemográfica do grupo dos alunos.

4.2.2 Perfil sociodemográfico dos alunos

4.2.2.1 Caracterização dos Alunos: Gênero

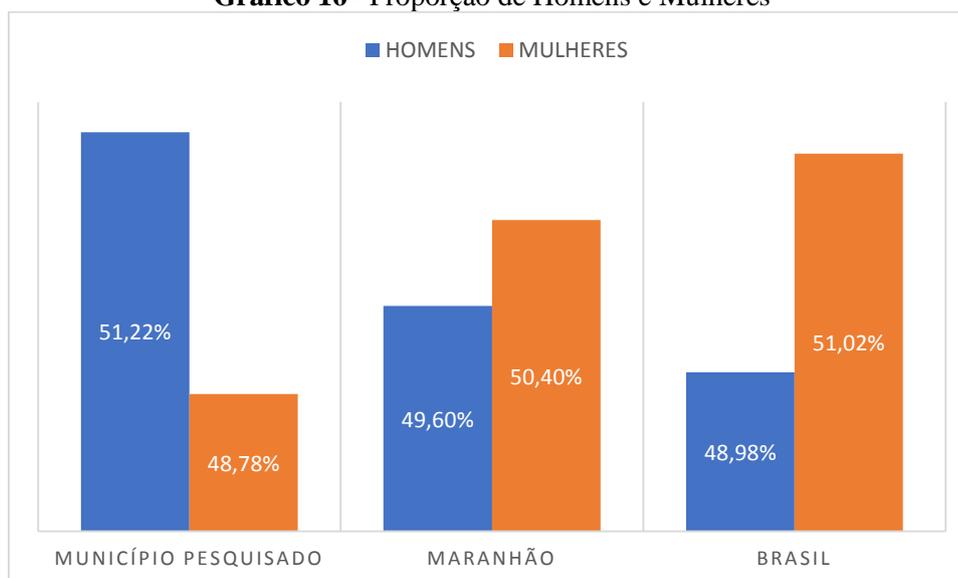
A caracterização do gênero da amostra estudada (Gráfico 15) apresentou um total de 30 sujeitos do gênero feminino (49%) e 31 sujeitos do gênero masculino (51%).

Gráfico 15 – Distribuição de Alunos por Gênero



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Esses dados corroboram os números acerca da divisão por gênero da população no município estudado. Quando comparados com os números de gênero do município de Barreirinhas, do estado do Maranhão e da população brasileira. Segundo o IBGE, no município estudado há maioria de homens (51,22%), no Maranhão, os homens correspondem a 49,60%, e no Brasil, a 48,98% (ver Gráfico 16).

Gráfico 16– Proporção de Homens e Mulheres

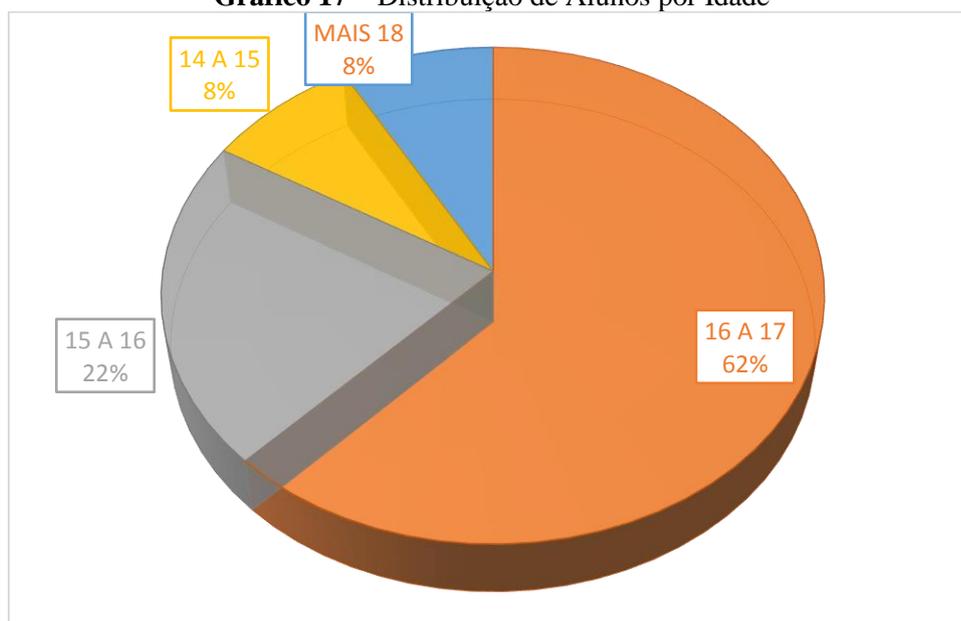
Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE (BRASIL,2010)

Em relação ao número de matrículas no Ensino Médio no município de Barreirinhas, segundo dados do INEP (BRASIL, 2017), a amostra da pesquisa apresenta resultados similares: 1509 matrículas do sexo masculino (50,5%) e 1479 matrículas do sexo feminino (49,5%).

4.2.2.2 Caracterização dos Alunos: Idade

Quanto à idade dos alunos pesquisados (Gráfico 17), 38 entrevistados tinham entre 16 e 17 anos (62%), e 13, entre 15 e 16 anos (22%). Completando a amostra, 5 entrevistados faziam parte da amostra mais jovem, com 14 a 15 anos de idade (8%), e 5 entrevistados (8%) tinham mais de 18 anos completos, no momento da coleta de dados.

Neste sentido, a idade dos alunos pesquisados condiz com a amostra dos alunos no que se refere ao ano letivo dos alunos selecionados para a amostra desta pesquisa. Segundo o INEP (BRASIL, 2017), considerando-se os alunos do ensino profissional no estado do Maranhão com idade até 19 anos, 70% dos alunos têm até 17 anos. Contudo, os dados apresentados pelo INEP incluem alunos oriundos da Educação de Jovens e Adultos, cujo pré-requisito é ter idade superior a 18 anos.

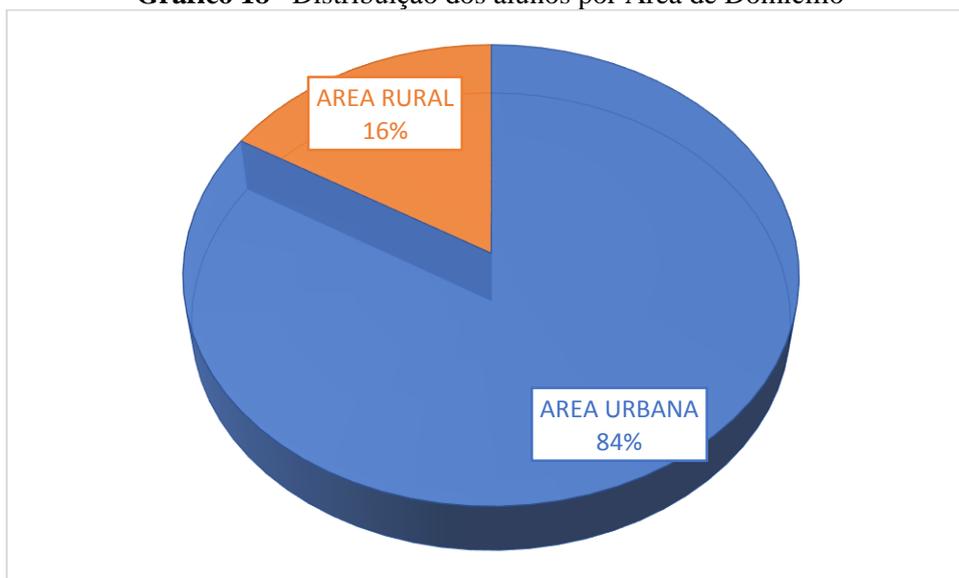
Gráfico 17 – Distribuição de Alunos por Idade

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.2.2.3 Caracterização dos Alunos: Área de Domicílio

O Gráfico 18 apresenta os resultados referentes à caracterização dos alunos quanto à área de domicílio: 51 (84%) são provenientes da área urbana, e 10 (16%) declararam ser provenientes da área rural.

Esses dados permitem algumas conjecturas, pois, no município estudado, dos sete estabelecimentos de ensino médio, cinco estão localizados na zona urbana, segundo o INEP (BRASIL, 2017). Assim, visando à realização dos estudos de ensino médio na IEP pesquisada, os jovens acabam por residir na região urbana, devido à distância entre a área rural e a urbana.

Gráfico 18– Distribuição dos alunos por Área de Domicílio

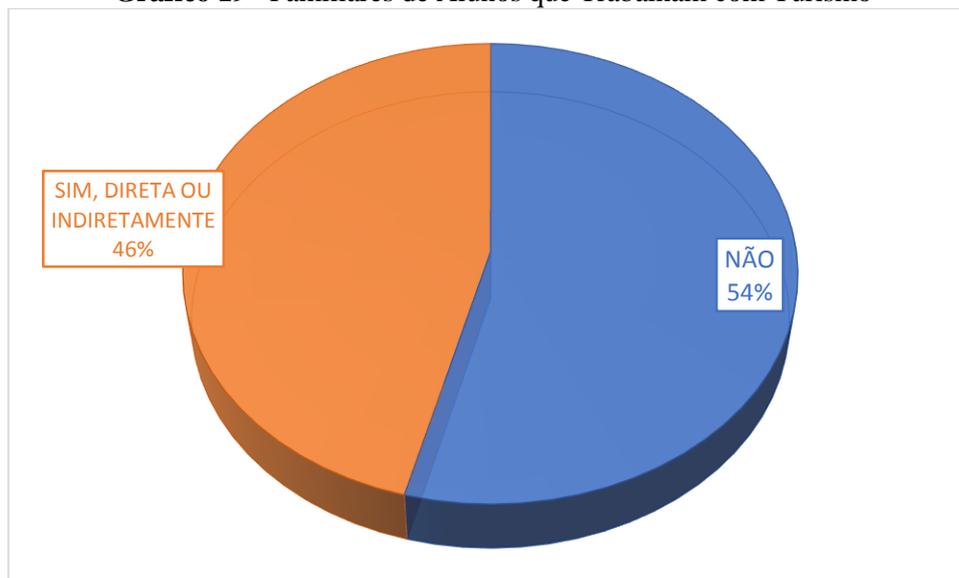
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

4.2.2.4 Caracterização dos Alunos: Familiares que Trabalham com Turismo

A pesquisa levantou informações dos familiares dos sujeitos no que se refere a participação na cadeia produtiva do turismo. Ademais, a partir das respostas positivas dos sujeitos quanto ao exercício de atividade com o turismo por familiares, verificou-se também a participação deste trabalho na renda familiar.

No total, 33 entrevistados (84%) responderam que não tinham familiares que trabalhassem com turismo, direta ou indiretamente, e 28 (46%) afirmaram que tinham familiares que trabalhavam com turismo. Esses dados são exibidos no Gráfico 19.

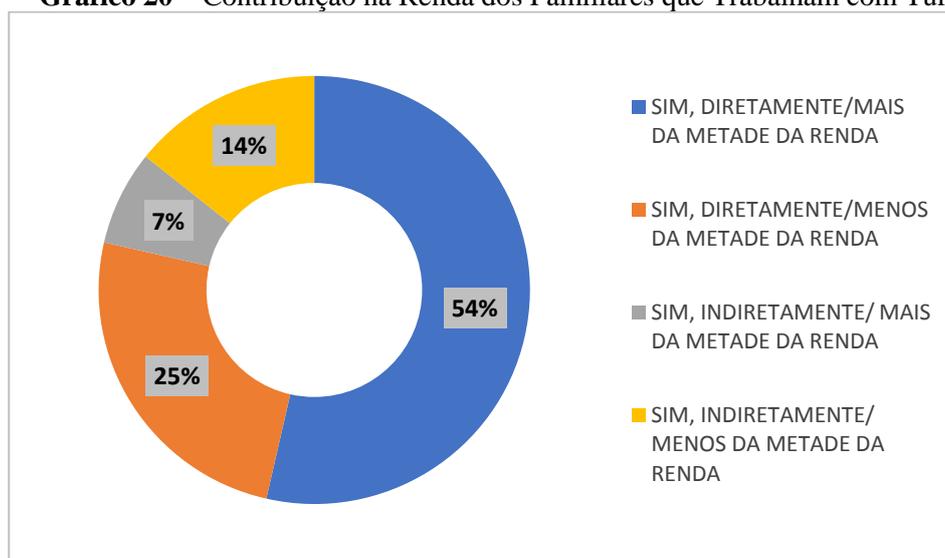
A Organização Mundial do Turismo – OMT, denomina Atividades Características do Turismo – ACT, as que representam as atividades com os gastos mais expressivos do turista (IBGE, 2012). Atividades atreladas ao alojamento, alimentação, transportes, agências de viagens e cultura e lazer estão relacionadas diretamente com turismo. São consideradas atividades indiretamente ligadas ao turismo, as ocupações de trabalho que não estão relacionadas às ACT. Neste sentido, as atividades indiretas podem ser definidas como “[...] postos de trabalho que surgem nos setores que compõem a cadeia produtiva, já que a produção de um bem final estimula a produção de todos os insumos necessários à sua produção” (SINGER, 2006, p. 200).

Gráfico 19– Familiares de Alunos que Trabalham com Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ao analisar a parcela dos entrevistados que afirmaram ter familiares que trabalham com turismo (Gráfico 20), verificou-se que 22 (79%) afirmaram que, quanto a participação na renda familiar, 15 (54%) contribuía com mais da metade da renda, e 7 (25%), com menos da metade da renda. Complementando, 6 sujeitos (21%) afirmaram que 2 (7%) contribuía com mais da metade da renda, e 4 (14%), com menos da metade da renda.

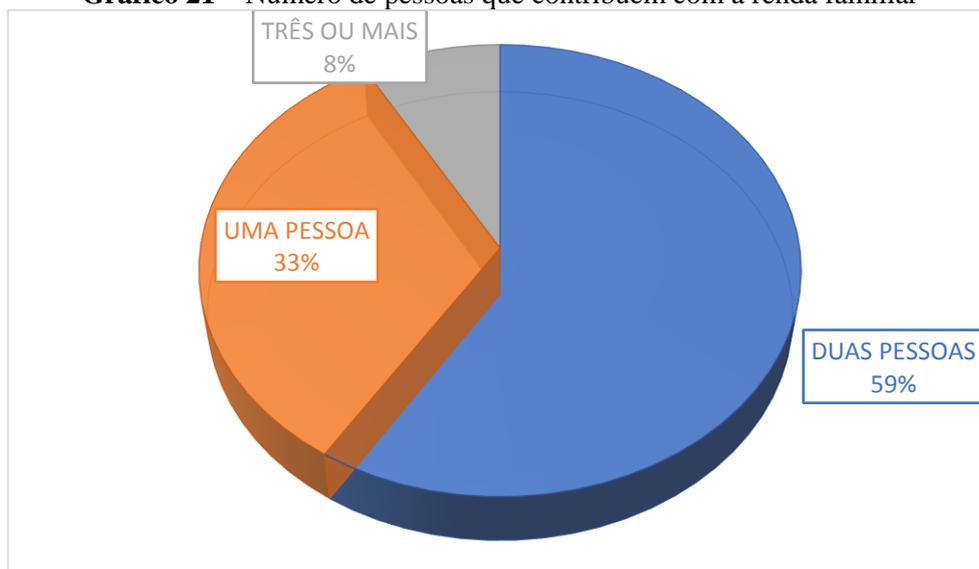
Segundo o IBGE (BRASIL, 2015), a atividade de serviços corresponde a 35% do PIB do município. Assim, compreende-se o porquê de grande parcela dos entrevistados ter afirmado que têm familiares ligados à atividade do turismo.

Gráfico 20 – Contribuição na Renda dos Familiares que Trabalham com Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.2.2.4 Caracterização dos Alunos: Pessoas que contribuem com a Renda Familiar

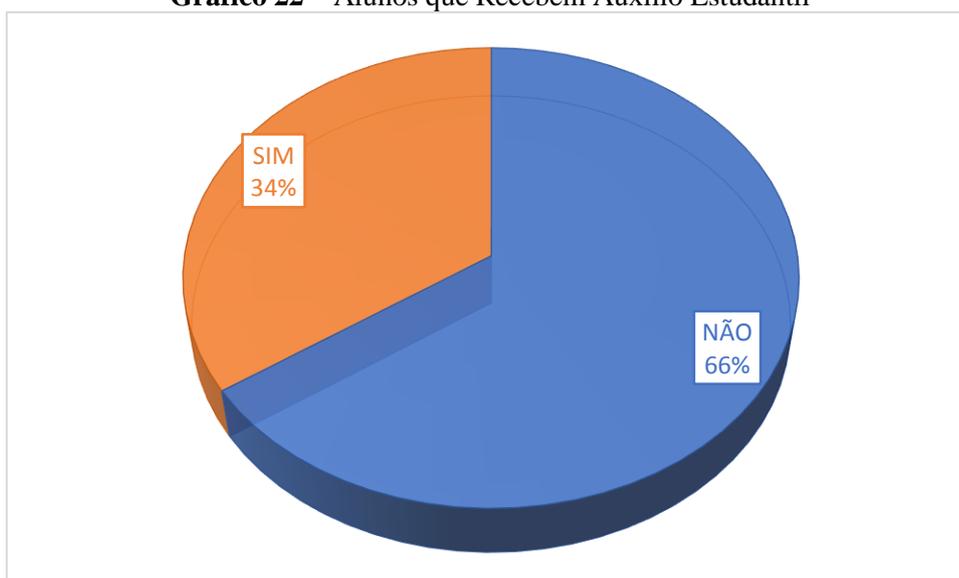
Quanto à participação de pessoas que contribuem com a renda familiar do grupo pesquisado, 36 sujeitos (59%) afirmaram que: duas pessoas contribuem com a renda familiar, 20 sujeitos (33%), uma pessoa; e 5 sujeitos (8%), três ou mais pessoas. O Gráfico 21 mostra esses resultados. Consta-se que na maior parte das famílias pesquisadas há necessidade de dois entes da família colaborarem para a composição da renda.

Gráfico 21 – Número de pessoas que contribuem com a renda familiar

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

4.2.2.5 Caracterização dos Alunos: Alunos que Recebem Auxílio Estudantil

A pesquisa aferiu que 21 entrevistados (34%) recebem algum tipo de auxílio estudantil, e que 40 entrevistados (66%) não recebem auxílio (ver Gráfico 22).

Gráfico 22 – Alunos que Recebem Auxílio Estudantil

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

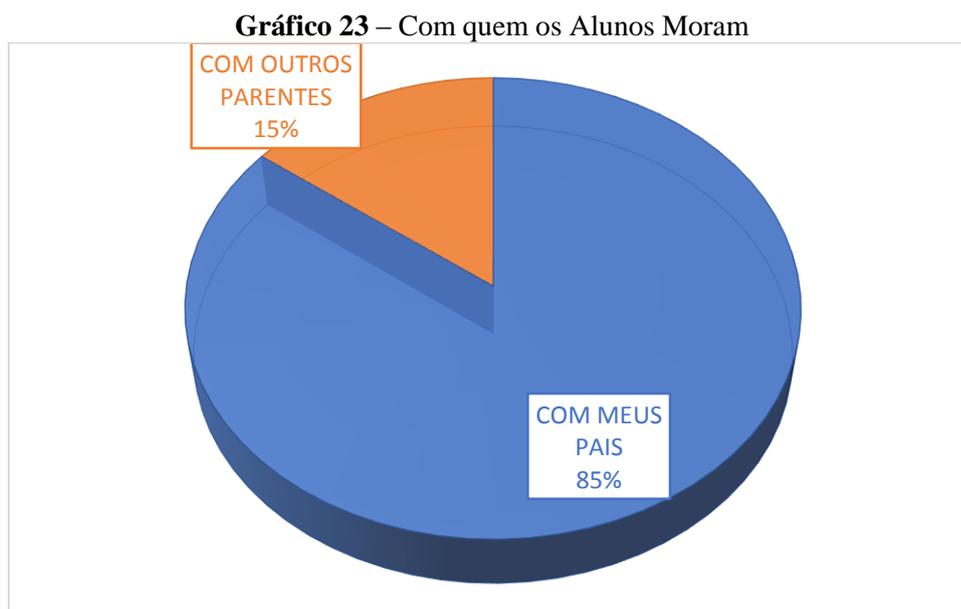
A IEP estudada oferece um programa de assistência estudantil, que, estabelecido pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil, visa minimizar as taxas de evasão, reduzir os efeitos das desigualdades sociais, promover o sucesso acadêmico e colaborar para a promoção da inclusão social por meio da educação (BRASIL, 2010).

Dentre as diversas políticas de assistência estudantil elaboradas pelas IEP, estão o apoio financeiro mediante a oferta de bolsas de estudo, auxílio transporte e auxílio moradia. A seleção de alunos é realizada por meio de editais (BRASIL, 2014).

Percebe-se que a política implementada, ainda que não consiga abranger a totalidade dos alunos da instituição, prioriza os estudantes em desvantagem socioeconômica (TAUFICK, 2014).

4.2.2.6 Caracterização dos Alunos: Com Quem Mora Atualmente

O Gráfico 23 apresenta os dados sobre a pergunta feita aos sujeitos sobre com quem eles moram. Responderam que moravam com os pais 52 entrevistados (85%), e outros 9 responderam (15%) que moram com outros parentes.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Estes dados parecem refletir a necessidade de alguns alunos de saírem do meio rural, pois, segundo o Censo 2010, 59,85% da população do município vivem na zona rural (BRASIL, 2010).

O resultado indica que para que se possa completar a educação em uma escola na área urbana, alguns estudantes vêm para a cidade, morando com parentes próximos.

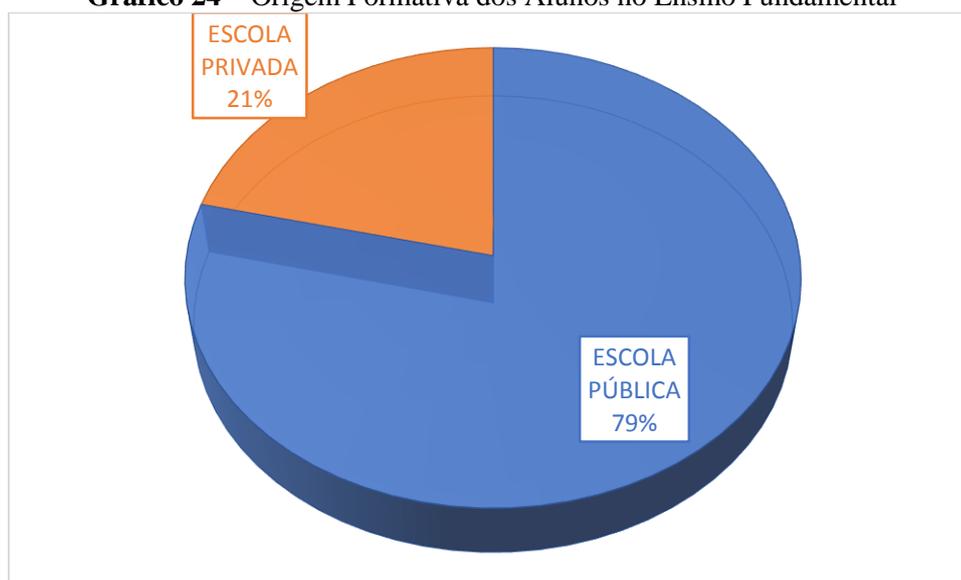
4.2.2.7 Caracterização dos Alunos: Formação no Ensino Fundamental

Declararam ter feito o ensino fundamental em escola pública 48 entrevistados (79%), e 13 entrevistados (21%), em instituições privadas (ver Gráfico 24).

Dados do INEP apontam que, no município estudado, de um total de 168 estabelecimentos de ensino de ensino fundamental, 5 são privados, portanto apenas cerca de 3% (BRASIL, 2017).

Como consequência, infere Frigotto (2007), a educação básica de baixa qualidade resulta em menosprezável educação profissional. Observa-se que há discrepância entre o número de estabelecimentos de ensino privado no município estudado e o número de alunos do grupo estudado que são oriundos dessas instituições.

Gráfico 24 – Origem Formativa dos Alunos no Ensino Fundamental

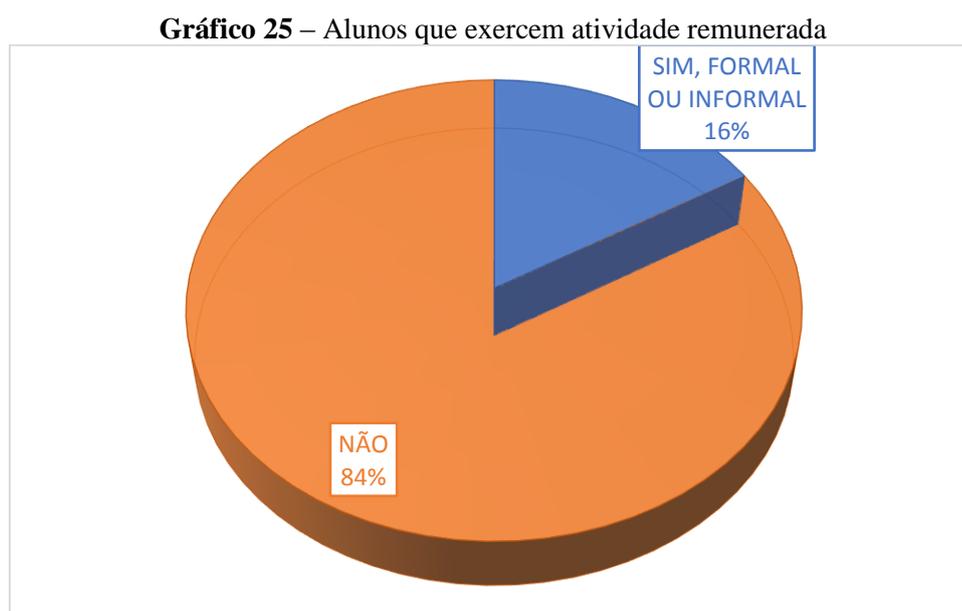


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

4.2.2.8 Caracterização dos Alunos: Exerce Atividade Remunerada

Os entrevistados foram questionados sobre o exercício de alguma atividade remunerada, formal ou informal. Conforme Gráfico 25, 51 dos entrevistados (84%) não exercem atividade remunerada, enquanto 10 dos entrevistados (16%) exercem algum tipo de atividade remunerada, informal ou formal.

Sobre esses dados, é preciso considerar que os entrevistados são estudantes de nível médio, matriculados nos horários matutino e vespertino. Como não há oferta do curso de agenciamento de viagens na modalidade integral no período noturno, considera-se que o número de alunos que não trabalham é adequado às necessidades de estudo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

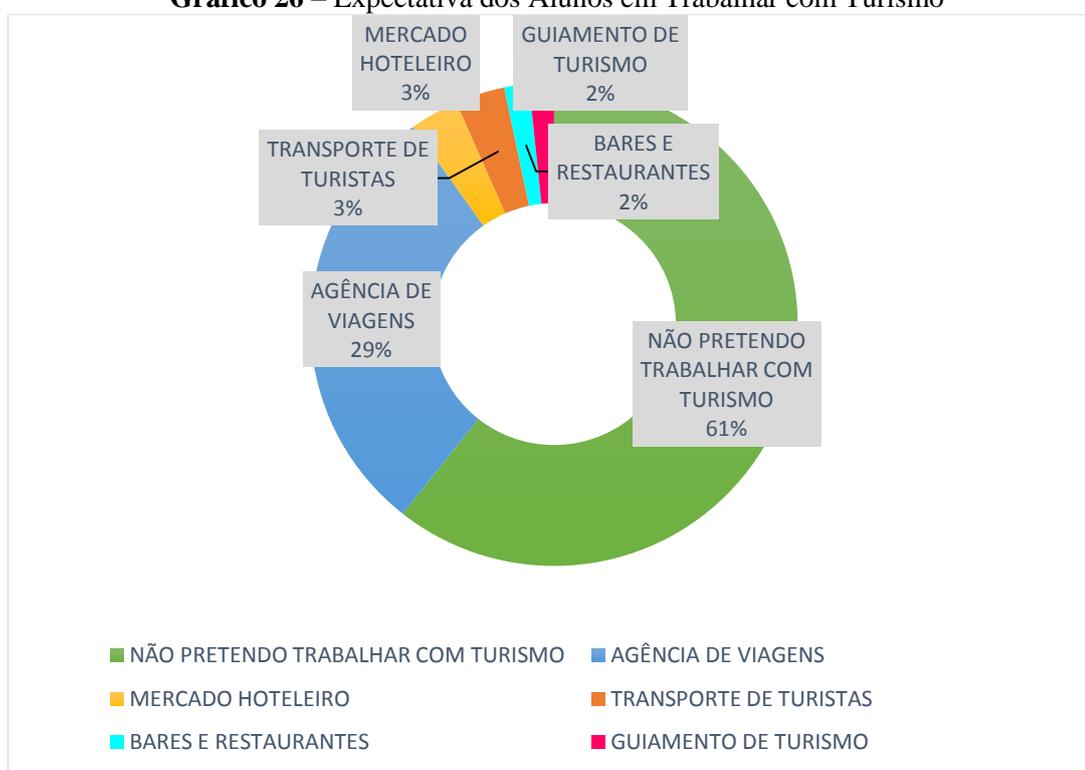
4.2.2.9 Caracterização dos Alunos: Em qual Setor do Turismo Gostaria de Trabalhar

Por fim, a pesquisa procurou saber qual era a expectativa dos alunos quanto a trabalhar na área de formação técnica de turismo, ao final do curso. Como resultados (Gráfico 26), 37 entrevistados (61%) declararam que não pretendem trabalhar com turismo. Entre os que afirmaram pretender exercer atividades relacionadas ao turismo, 18 (29%) pretendem trabalhar em agências de viagens; 2, no mercado hoteleiro (3%); 2, com transporte de turistas (3%); 1,

no setor de bares e restaurantes (2%); e 1, com guiamento de turistas (2%). Setor de serviços e o setor público não foram mencionados pelos entrevistados.

Esses resultados permitem algumas reflexões. Em relação aos que afirmaram o desejo de trabalhar no setor turístico ao término do curso, foi escolhida majoritariamente a opção de trabalhar em agência de viagens. Percebe-se a relação da opção escolhida com a área do curso dos alunos entrevistados. Assim, o resultado não surpreendeu, pois houve tendência de buscar trabalho na área principal da formação técnica.

Gráfico 26 – Expectativa dos Alunos em Trabalhar com Turismo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

As demais opções mencionadas são áreas primárias e fundamentais para a atividade turística. Contudo, observa-se que a minoria dos entrevistados (39%) menciona desejo de trabalhar com turismo, ao término do curso.

No que diz respeito aos entrevistados que afirmaram não pretender trabalhar com o turismo ao término do curso, algumas considerações podem ser feitas.

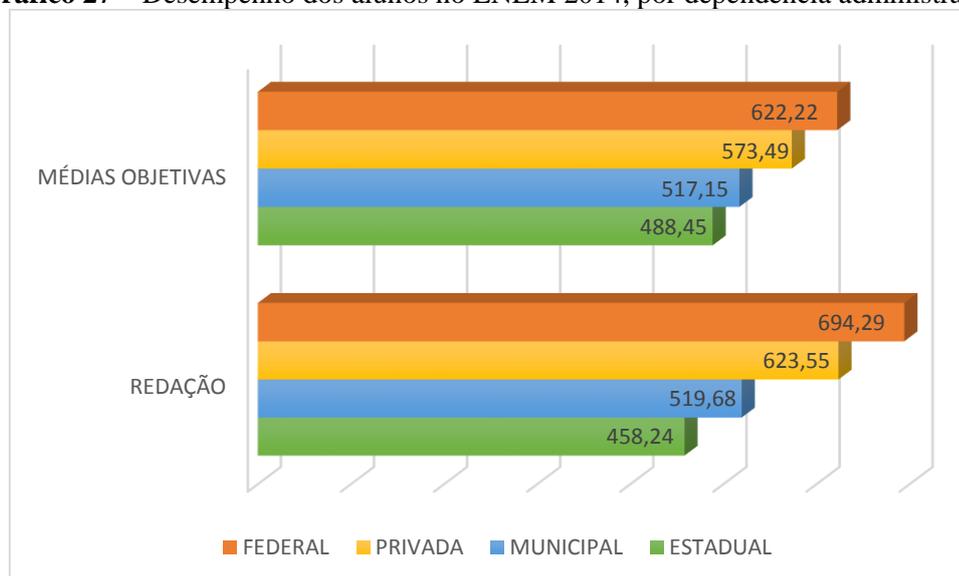
A composição do PIB, levantado pelo IBGE no município estudado, com quase um terço proveniente do setor de serviços, revela a importância do turismo para a economia da região (BRASIL,2010).

Para Tasso (2011), a implementação da atividade turística na cidade de Barreirinhas fez com que investidores locais e externos concentrassem seus investimentos no dinamismo econômico do turismo. Assim, o setor terciário, isto é, de serviços, adequou-se a essa demanda, gerando empregos, tanto diretos como indiretos, em virtude da demanda crescente de turistas.

Ainda assim, percebe-se o desejo do alunado de procurar outras áreas de atuação. Mesmo que o desejo dos entrevistados não seja trabalhar com turismo após a formação no ensino, atestou-se, nesta pesquisa, por meio dos resultados dos próprios alunos, que um número considerável de familiares exerce atividades relacionadas direta ou indiretamente com turismo.

Percebe-se que, para os alunos, a atividade profissional ligada ao turismo não é seu é seu desejo primário. Ademais, o baixo número de menções reflete uma realidade recente dos cursos de modalidade técnica integrada ofertados pela rede federal.

Gráfico 27 – Desempenho dos alunos no ENEM 2014, por dependência administrativa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do ENEM 2014 (INEP, 2014).

Jesus, E. e Jesus, V. (2013), constataram, em pesquisa com alunos de curso técnico integrado, que considerável parte dos estudantes que frequentam cursos oferecidos por

instituições federais têm como principal objetivo uma boa formação que lhes possibilite ingresso no ensino superior.

Valaski (2012), ao realizar pesquisa em uma Instituição de Ensino Profissionalizante da rede federal, perguntou aos alunos de ensino médio técnico se eles optariam por realizar o curso sem a parte técnica. A pesquisa evidenciou que mais de 70% dos pesquisados fariam o curso sem a parte técnica, o que ratifica que os alunos buscam a instituição pela qualidade do ensino ofertado.

Corroboram esses dados o desempenho dos alunos da rede federal em comparação às demais dependências administrativas, como pode ser observado no Gráfico 27. Segundos dados do INEP (2014), sobre o desempenho dos estudantes no ENEM 2014, a média dos alunos da rede federal é superior à dos alunos das demais dependências administrativas. Deduz-se, portanto, que esta é uma das razões que justificam o não interesse dos alunos em buscar colocação profissional na área do turismo.

4.3 Análise de Discurso dos Professores

A partir dos dados coletados foi possível compreender, as representações sociais de alunos e professores sobre o turismo nos Lençóis Maranhenses. Como a pesquisa abarcou dois grupos distintos, de alunos e professores, inicialmente são discutidos os resultados obtidos por meio da coleta de dados dos professores.

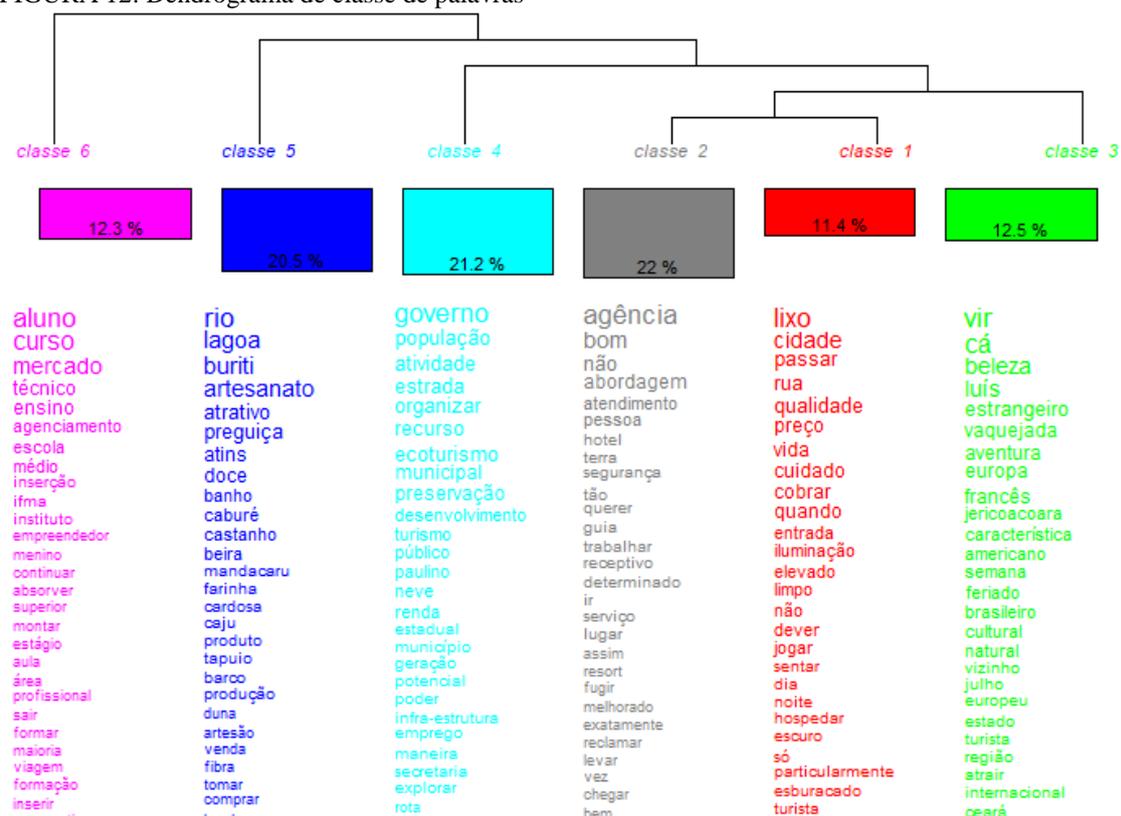
4.3.1 Mapa Conceitual da Análise do Discurso do Grupo dos Professores

O material coletado com o grupo dos professores referente ao caráter qualitativo da pesquisa foi tratado com o auxílio do software IRaMuTeQ, que gerou um gráfico, denominado dendrograma, que pode ser observado na Figura 12.

Os temas que apareceram no discurso dos sujeitos pesquisados foram estruturados conforme a recorrência das palavras utilizadas. Tal organização é denominada “classe de palavra”. Cada classe de palavras foi separada em forma de lista, com tonalidades diferentes. A ordem das palavras de cada classe é organizada conforme aparecem na frequência das falas dos sujeitos, de forma decrescente, das que tiveram maior frequência para as de menor frequência.

Como pode ser observado na Figura 12, a fonte das palavras vai diminuindo conforme a frequência das palavras em cada uma das classes. Exemplifica-se a classe 4, em que as palavras mais frequentes foram **governo**, **população**, **atividade**, exibidas com fonte maior. Já as palavras **explorar** e **rota**, no final da lista da classe 4 aparecem em fonte menor, pois foram menos frequentes.

FIGURA 12: Dendrograma de classe de palavras



Fonte: Dados da pesquisa.

A fragmentação do discurso em diferentes classes e com o enquadramento no qual foram classificados pelo software IRaMuTeQ possibilitou a elaboração de temas e subtemas.

Tal denominação fundamentou-se a partir da análise dos relatórios de análise de similitude. Esse documento permitiu observar a frequência dos segmentos de texto por classe em que as principais palavras surgiram, o que tornou possível constatar quantos e quais sujeitos as enunciou, e em que contexto. A análise permitiu captar a correspondência entre as palavras e suas classes. Desse modo, por meio da análise do conteúdo das falas dos professores, identificaram-se convicções e opiniões que nortearam a concepção dos temas e subtemas para cada classe.

A Figura 13 apresenta os temas e subtemas.

Logo, a investigação foi realizada a partir do reconhecimento dos termos que integram os temas. Alguns termos foram destacados para cada subtema, tendo como vínculo com o a temática geral da pesquisa, isto é, com o turismo nos Lençóis Maranhenses, por meio de suas representações sociais. A estruturação de mapas conceituais de cada classe oportunizou a exposição da ancoragem dos discursos dos sujeitos.

FIGURA 13: Temas e Subtemas das Classes de Palavras

Classe de Palavras	Temas	Subtemas
Classe 1	Infraestrutura Urbana	<ul style="list-style-type: none"> ● Serviços Básicos ● Comunidade Local e o Turismo
Classe 2	Oferta Turística Derivada	<ul style="list-style-type: none"> ● Prestação de Serviços ao Turista ● Equipamentos Turísticos
Classe 3	Mercado Turístico Receptivo	<ul style="list-style-type: none"> ● Demanda Turística ● Oferta Turística Original
Classe 4	Poder Público	<ul style="list-style-type: none"> ● Gestão Pública ● Infraestrutura
Classe 5	Recursos Turísticos	<ul style="list-style-type: none"> ● Atrativos Naturais ● Atrativos Culturais
Classe 6	Formação Profissional	<ul style="list-style-type: none"> ● Inserção no Mercado de Trabalho ● Capacitação Técnica

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.1 Classe 2: “Oferta Turística Derivada”

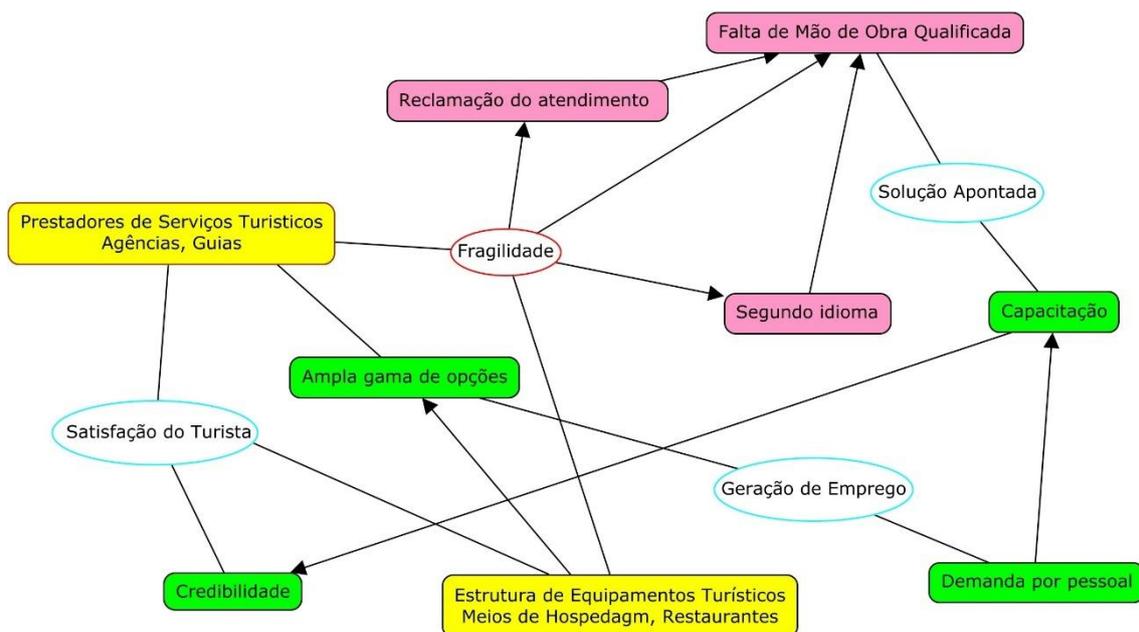
Estabelecido pela análise do software IRaMuTeQ, a classe 2 trouxe 22% de termos frequentes das falas do grupo de professores pesquisados. Foi a classe com maior ocorrência de palavras, quando comparada com as demais classes geradas. O relatório gerou uma lista com 28 palavras.

A análise desta classe partiu da exploração do termo que ocorreu com maior significância – **agência**. Este termo está relacionado aos serviços receptivos turísticos que são prestados por esse tipo de empresa. Os segmentos de texto em que a palavra **agência** foi encontrada, no relatório gerado pelo IRaMuTeQ, permitiu uma investigação acerca de sua ocorrência, bem como sobre quantos e quais sujeitos o empregaram.

Dessa forma, notou-se que o termo **agência** se refere a prestação de serviços turísticos e observou-se de que forma a palavra estabelecia associações com outros termos da classe 2,

tais como **abordagem**, **atendimento**, **pessoa**. Dando prosseguimento à análise, objetivou-se exaurir as relações entre cada um dos termos da classe 3. Em seguida, foi desenvolvido um fluxograma que apresenta as correspondências observadas na fala dos professores (ver Figura 14).

FIGURA 14: Mapa Conceitual – Classe 2 – “Oferta Turística Derivada”



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da visualização gráfica das relações entre as palavras mais frequentes na Classe 2 e do modo como as falas dos sujeitos pesquisados se relacionam com elas, a análise passa a um novo estágio, qual seja, a exploração das 3 palavras desencadeadoras das demais palavras da classe: **agência**, **abordagem**, **atendimento**.

A palavra **agência** é o termo mais citado nesta classe. Os professores avaliaram o papel das instituições no contexto do turismo para a região de Barreirinhas-MA. O termo reflete as impressões dos sujeitos pesquisados desse setor do mercado turístico. Os professores demonstraram como avaliam os serviços prestados pelas agências de turismo.

A palavra **abordagem** relaciona-se com a opinião dos professores sobre a maneira como os turistas são interpelados pelos guias turísticos ou pelos agenciadores que trabalham na cidade. Os segmentos de textos destacam, em sua maioria, que há uma impressão pejorativa dos professores, na abordagem dos turistas pelos agentes de turismo.

Outra palavra mais recorrente da classe 2 foi **atendimento**. O termo está relacionado com toda a cadeia de turismo. A prestação de serviços da oferta turística é analisada pelos professores, e o termo evidencia a importância do relacionamento pessoal entre o mercado e os turistas.

Observa-se que o grupo pesquisado analisou de forma crítica o trabalho desenvolvido pelas empresas de agenciamento de viagens receptivas de Barreirinhas, ancorando suas opiniões a partir de uma visão depreciativa do atendimento oferecido por essas empresas e não observando o vínculo entre a formação dos indivíduos e os serviços que prestam, nesse setor.

Com tema central intitulado **Oferta Turística Derivada**, a análise propõe a relação das palavras da classe 2 com subtemas propostos. A Figura 15 apresenta a composição elaborada.

FIGURA 15: Subtemas e palavras da Classe 2

Subtemas	Palavras da Classe
Prestação de Serviços ao Turista	atendimento – abordagem – agência – querer – guia – serviço – melhorado
Estrutura de Equipamentos Turísticos	hotel – receptivo – agência – resort – determinado

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.1.1 Subtema: “Prestação de Serviços ao Turista”

Na nuvem de palavras, os termos que mais se destacam são: **atendimento, abordagem, agência, querer, guia, serviço, melhorado**. Os professores, em suas falas, interpretam de que forma o turista é recebido na região dos Lençóis Maranhenses.

A compreensão e interpretação dos subtemas pode ser realizada por meio da observação da nuvem de palavras (Figura 16). Esse recurso gráfico apresenta com grafia maior as palavras consideradas mais relevantes no contexto do corpus textual das falas dos professores.

FIGURA 16: Nuvem de Palavras – Prestação de Serviços ao Turista

serviço abordagem bom
 ir atendimento
 melhorado guia
 não agência
 pessoa
 querer

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os professores refletem sobre a prestação de serviços ao turista em Barreirinhas-MA. Ao reconhecer o turismo como importante ferramenta para o desenvolvimento econômico regional, observam parte do mercado turístico, especificamente o trabalho das agências de turismo. Percebe-se que o trato com o turista é um ponto observado no trabalho das agências. Os professores emitem essa opinião.

[...] tem agências mais estruturadas e tem atendimento personalizado, que oferece todo o suporte desde o traslado até os passeios e tudo mais e a hospedagem (Professor 15).

[...] e movimenta os carros de passeio as agências. E aí até os meninos que fazem o recrutamento de turista. De várias formas eu imagino, é um movimento bem significativo na economia da cidade (Professor 20).

O produto turístico é composto por elementos tangíveis e intangíveis. Como bens tangíveis, considera-se o que é palpável, concreto, material. As refeições usufruídas na viagem, a qualidade da cama e do banho de um hotel, o artesanato local, são bens tangíveis ligados ao turismo. Já os elementos intangíveis do produto turístico são compostos por tudo o que não se pode tocar, como o atendimento hospitaleiro de um agente de viagens, o bom humor de um guia, as histórias, lendas e mitos de uma destinação. Portanto, a qualidade dos serviços prestados na área do turismo é um processo que passa necessariamente pela qualificação profissional do setor.

Sendo um dos indicadores de avaliação do produto turístico, os professores consideram que a qualificação das pessoas que trabalham no atendimento ao público precisa ser

aperfeiçoada. Os aspectos quanto a educação, empatia e afinidade com os turistas puderam ser observados.

Uma professora expressa assim sua impressão sobre os serviços de atendimento ao turista.

[...] muitas reclamações com relação ao atendimento, ao recebimento desses turistas. De repente essas pessoas que trabalham com turismo acabam sendo um pouco mal-educadas (Professor 24).

A opinião de outros professores reflete a interpelação de agentes de turismo, que procuram vender pacotes ou passeios na cidade.

[...] você vai fazer algum passeio, vai se hospedar em algum lugar já é uma abordagem em certo ponto até intimidada por parte desses profissionais (Professor 3).

Se você passa de carro e ele (o agente turístico) fica te seguindo e a gente como tem essa violência toda no Brasil às vezes fica com medo de ser uma abordagem de assalto (Professor 2).

A partir dessas falas dos professores, pode-se perceber que há uma impressão de falta de educação por parte das pessoas que trabalham com turismo. Compreende-se assim que os professores estão relacionando o atendimento com a falta de educação turística. Para Rabelo (1998), a educação turística é entendida como um processo instrutivo da população, que visa transmitir saberes da atividade turística para localidades onde há potencial turístico.

Tal instrução é composta pela educação formal, quando o turismo faz parte de disciplinas ou temas da Educação Básica, ou em curso da área do turismo; pela educação não-formal, com palestras, encontros ou até mesmo em propagandas de instituições do terceiro setor, por exemplo; e pela educação informal, quando praticada pela leitura, observação, com mudanças de atitude na relação com os turistas, em modalidade em curso da área do turismo (FONSECA FILHO, 2007)

Assim, observa-se que há uma distinção entre as falas dos professores, a educação turística e a falta de capacitação, de preparo. O domínio de um segundo idioma está entre os fatores que deveriam ser trabalhados na qualificação dos prestadores de serviço do turismo. Por ser uma cidade que tem um fluxo de turistas de todas as partes do mundo, as pessoas que trabalham com o turismo em Barreirinhas-MA carecem de aperfeiçoamento em línguas estrangeiras. A impressão sobre os turistas estrangeiros que visitem Barreirinhas-MA fica demonstrada na fala do professor:

Bom, eu observo por eu rodar na cidade. Eu percebo que tem bastante estrangeiros porque eu percebo muito as pessoas falando em outras línguas (Professor 13).

Complementarmente, a necessidade do atendimento em língua estrangeira é expressa na fala de dois outros professores:

Quando eu preciso indicar para alguém porque tem alguns guias que a gente conhece aqui, que já trabalham no receptivo, que são bem informados. Talvez tenha muito entrave da língua que eu percebo, que às vezes as pessoas não têm uma segunda língua (Professora 11)

[...] eu acho que mostrar aonde tem informação. Como é ver quais são as possibilidades de fazer coisas diferentes. Ter um bom atendimento, de repente falar outras línguas também ter um diferencial no atendimento. Educação. Respeito (Professora 24).

Neste sentido, demonstra-se que a capacitação dos profissionais que trabalham no mercado turístico é necessidade prioritária, tanto no que se refere à educação turística quanto ao treinamento, e pode-se perceber que ainda há outro ponto a ser observado, referente aos profissionais que trabalham esporadicamente na área do turismo.

Destinações turísticas sofrem com o fenômeno da sazonalidade. A atuação de pessoas que não estão ligadas diretamente ao turismo na alta temporada é comum. São sujeitos que deixam suas atividades primárias para exercer funções no turismo. Por não terem uma qualificação adequada, esse arranjo muitas vezes é danoso ao turismo.

Essa temática é observada na fala do Professor 7:

A gente já percebe empresas muito sérias com propostas muito acertadas. Mas o que a gente consegue enxergar e se preocupa é pescador que no tempo da alta deixa de pescar e vai ser o guia, entre aspas, do passeio no rio.

Entretanto, cabe a reflexão sobre o papel da mão-de-obra, que não está preparada para exercer as atividades, pois que a exerce de forma esporádica.

Tomazoni (2007) aponta que muitas funções da área do turismo permitem que pessoas com baixa qualificação possam inseridas no mercado de trabalho. Esse fenômeno apresenta um lado benéfico: proporciona o emprego no setor do turismo e permite que pessoas possam ter contato com a área. Para o autor, ainda que informal, a oportunidade de emprego sazonal desperta nas pessoas o desejo de alcançar posições melhores no setor por meio da capacitação.

Assim, pode-se perceber a importância da Instituição de Ensino Profissionalizante localizada na cidade. As falas dos professores expressam a necessidade de qualificação de

pessoal, para que a região possa lograr um patamar de excelência no que se refere ao atendimento aos turistas.

Ao analisar os discursos dos professores quanto à urgência de melhoria do atendimento dispendido ao turista na localidade estudada, percebe-se que há um entendimento quanto à necessidade de capacitação dos profissionais do setor. Contudo, pode-se inferir que não se consideram como incumbidos dessa tarefa. Neste sentido, representam o trade turístico como o ator social encarregado pelo preparo da mão de obra, ainda que estejam alocados na principal e única instituição de ensino profissionalizante da região do PNLN.

4.3.1.1.2: Subtema: “Estrutura de Equipamentos Turísticos”

A Estrutura de Equipamentos turísticos foi definida como subtema da Classe 2 - Mercado Turísticos. A nuvem de palavras com os termos que se relacionam com este subtema está apresentada na Figura 17.

FIGURA 17: Nuvem de Palavras – Estrutura de Equipamentos Turísticos



Fonte: Elaborada pelo autor.

As palavras que compõem a nuvem, **hotel**, **resort**, **pessoa** e **lugar** evidenciam a descrição e a impressão dos professores sobre os equipamentos turísticos da cidade de Barreirinhas. As falas demonstram como a estrutura turística na região é representada pelos professores.

Agora, com relação aos hotéis eu não os conheço, mas dizem que são muito bons, bem estruturado. Como se fosse um mundo à parte. Você entra naquele

hotel e praticamente não precisa ter que vir para a cidade. Porque no hotel tem tudo (Professor 5).

[...] porque na verdade toda essa estrutura turística eu diria que Barreirinhas, aqui no Maranhão, só perde para São Luís. Tem bons hotéis, tem boas agências, tem boas opções de alimentação (Professor 10).

Para Beni (2003), os equipamentos, como hotéis, fazem parte da categoria de serviços e equipamentos turísticos. Compõem a oferta turística de uma região, juntamente com os atrativos turísticos e a infraestrutura de apoio. São considerados equipamentos turísticos as estruturas tais como de meios de hospedagem, de restaurantes ou de transportadoras. A oferta turística, quando a serviço dos turistas, pode ser considerada como produto turístico. Para o autor, os produtos podem ser considerados turísticos, num sentido macroeconômico, quando estão em conjunto, e num sentido microeconômico, quando são observados individualmente.

O Professor 5 ressalta a imagem que se tem sobre esse equipamento turístico:

Eu vi lá imagens do hotel *Encantes do Nordeste*. Um hotel imenso, infraestrutura muito boa. Então nós temos hotéis aqui, dos grandes aos menores. Quando há festas aqui, recentemente no final de ano, muita gente estava procurando local para ficar. (Professor 5).

Um ponto de destaque na fala dos professores é a oferta de meios de hospedagem que existe na cidade, desde hotéis de luxo, até pousadas mais simples. Também são destaques na fala dos professores o papel dos eventos como atrativo turístico e a alta temporada de final de ano.

Assim, as falas emitem opiniões a respeito da demanda turística. Beni (2003) observa que a composição de bens e serviços compõe a demanda turística. Lage e Milone (2011) complementam que a demanda turística são produtos e serviços que um turista almeja consumir por um determinado valor, por um período de tempo delimitado.

[...] essa diversidade de pousadas que nós temos para aquele turista que tem pouco de dinheiro, ou para aquele turista que tem o poder aquisitivo bem maior. Então tem essa diversificação aqui na cidade em relação a isso (Professor 23).

Dessa forma, Barreirinhas consegue atender a diferentes perfis de turistas. Há oferta de meios de hospedagem que compõem um perfil de demanda turística mais popular, com preços

médicos. Opostamente, a cidade oferece hospedagem de luxo. Esse perfil tende a pouco usufruir de outros equipamentos turísticos na região, pois encerram o turismo entre os atrativos e o meio de hospedagem. Essa tendência é observada na fala de Professor 30:

Os turistas ficam longe disso. Então tem o resort daí, fica dentro do resort e fica totalmente afastado. Não tem essa integração com a cidade e com cenário e com os turistas. Então as agências, elas poderiam trabalhar para isso.

Observa-se que a estrutura turística da cidade é um vetor econômico. Os equipamentos turísticos, tais como os meios de hospedagem e restaurantes, fazem parte do setor de serviços e são grandes empregadores. Beni (2003) ressalta o efeito multiplicador do turismo, pois há repercussão na qualidade de vida das pessoas que vivem em cidades com vocação turística. Os professores observam essa questão, ainda que ressaltam a falta de preparo profissional.

[...] para bem lhe servir e bem lhe receber e que ele saísse daqui satisfeito com uma boa impressão. Falta preparar as pessoas que trabalham nas pousadas, nos restaurantes, a receber melhor e ter mais paciência (Professor 5).

[...] são várias pessoas envolvidas aí e o lucro ou a renda que vem do turista vai ser bem distribuída. Pode ser que fique concentrada nos donos das agências na maior parte, nos donos das pousadas, dos restaurantes (Professor 18).

O que me deixa intrigada é que é para dar lucro. E vem pessoas de fora e a cidade não está preparado para receber essas pessoas. Os hotéis nós temos. Grandes hotéis, muitas pousadas (Professor 12).

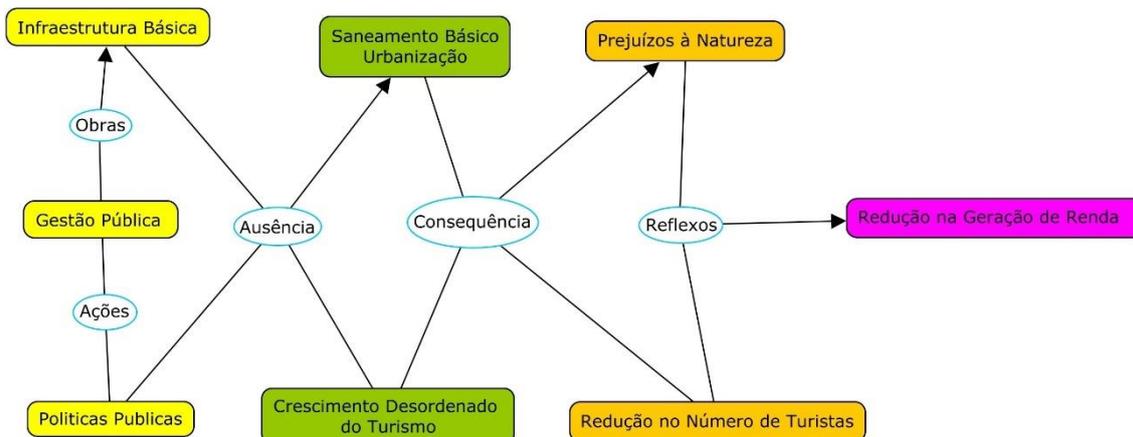
Dessa maneira, os efeitos econômicos do turismo são notáveis. Como exemplo, criação de vagas de trabalho que se relacionam diretamente com turismo, em toda a estrutura turística da cidade, isto é, em meios de hospedagem, empresas de transporte, estabelecimentos de alimentação. Também gera empregos diretos na prestação de serviços, como agências de viagens receptivas e com oferta dos serviços de guiamento local. Complementarmente, também há a criação de vagas para trabalho indiretamente ligado à cadeia produtiva do turismo. Para exemplificar, fornecedores de materiais de construção que serão utilizados na implantação de estruturas turística, ou estabelecimentos que irão suprir os restaurantes com gêneros alimentícios, estendendo essa cadeia até a agricultura local e o fornecimento de produtos rurais regionais. Portanto, quando há incremento na demanda, ocorre a geração de empregos, formais ou informais.

4.3.1.2 Classe 4: “Poder Público”

Gerada pelo IRaMuTeQ, a Classe 4 foi a segunda com maior incidência de termos. O relatório destacou que houve 21,2% de termos recorrentes das falas dos professores. A palavra de maior recorrência foi **governo**. A partir deste termo, foi feita uma pesquisa detalhada nas falas dos professores participantes da pesquisa, por meio da análise dos segmentos de textos desta classe. O relatório com os segmentos do texto dos professores, na qual se destaca o termo principal da classe, possibilita a identificação do contexto da e de quem a enunciou.

Após analisado os segmentos de texto em que a palavra **governo** foi encontrada, estabeleceu-se sua relação com as outras palavras de maior destaque da Classe 4. Percebeu-se que ela desencadeou os demais termos da classe, reforçando que os entrevistados apontavam as maneiras como o poder público participava no processo da atividade turística. Os termos **população, atividade, estrada e organizar**, que foram os mais destacados pelo relatório, reforçam essa posição e constituem objeto de uma análise mais criteriosa. Seguindo essa etapa da análise, foi elaborado um fluxograma para que se pudesse conhecer as relações de cada uma delas com a palavra governo, como pode ser verificado na Figura 18.

FIGURA 18: Mapa Conceitual - Classe 4 “Poder Público”



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da visualização gráfica das relações entre as palavras mais frequentes na Classe 2 e do modo como os sujeitos pesquisados se relacionam com elas, a análise passa a um novo estágio, ao explorar as 5 palavras desencadeadoras das demais palavras da classe: **governo**, **população**, **atividade**, **estrada** e **organizar**.

A palavra mais citada nesta classe foi **governo**. O termo aparece na fala por meio da análise dos professores a respeito da atuação do poder público na administração da cidade, considerando os órgãos das três esferas de governo: municipal, estadual e federal. As falas dos professores ancoram-se em críticas sobre a gestão governamental que ocorre em Barreirinhas.

O segundo termo mais frequente nas falas dos professores foi **população**. Os professores relacionam a atividade turística que ocorre na cidade de Barreirinhas com a maneira como a população é afetada por esse fenômeno. As falas apontam indicam que na cidade há carência de infraestrutura básica e que a população participa parcialmente do aproveitamento da renda gerada pelo turismo.

A palavra **atividade** foi a terceira mais recorrente. O termo é empregado na fala dos professores como o conjunto de ações relacionadas ao turismo. Os docentes utilizam-na no sentido de realizações do turismo, desde atividade econômica, até a opção de lazer. Dessa forma, ao empregar essa palavra os professores buscam exprimir a importância do turismo para a cidade.

A quarta palavra mais recorrente foi **estrada**. Para os professores, a estrada tem a denotação de acesso. No turismo, o acesso é um dos componentes mais relevantes, pois trata da forma como o turista chega ao seu destino. Dessa forma, a palavra **estrada** está diretamente

ligada à palavra **governo**. Os professores avaliam como o governo vem mantendo o acesso a Barreirinhas. A estrada também é relacionada a infraestrutura básica, necessária, não só para o turismo, mas para toda a cidade.

A quinta palavra mais recorrente da classe 4 foi **organizar**. Na fala dos professores, o termo indica a atuação pública no gerenciamento da atividade turística. Também tem relação com alternativas de organização por meio da população, no que se refere a formas de trabalhar, tais como cooperativas. Conclui-se, da leitura dos segmentos de texto, que a palavra **organizar** relaciona-se com a ausência ou com as possibilidades de organização, seja do setor público, seja da sociedade civil.

Neste sentido, infere-se que os docentes ancoram e objetivam suas representações a partir de uma gestão pública ausente, bem como de uma sociedade civil limitada de participação no planejamento da atividade turística. Para os professores, como consequência, há tendência de redução da atividade turística na região, vem como diminuição de renda das comunidades locais.

Com o tema central intitulado **Poder Público e o Turismo**, a análise propõe a relação das palavras da Classe 4 com os subtemas propostos (ver Figura 19).

FIGURA 19: Subtemas e Palavras da Classe 4

Subtemas	Palavras da Classe
Gestão Pública	Governo – Estrada – Organizar – Municipal – Desenvolvimento – Infraestrutura – Estadual – Turismo – Poder
Meio Ambiente e Geração de Renda	Ecoturismo – Preservação – Geração – Emprego – Potencial – População – Atividade - Explorar

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.2.1. Subtema “Gestão Pública”

A Gestão Pública foi definida como subtema da Classe 4 – Poder Público. Ver nuvem de palavras – Figura 20.

FIGURA 20: Nuvem de Palavras – Gestão Pública



Fonte: Elaborada pelo Autor.

As palavras que compõem a nuvem são: **Governo, Estrada, Organizar, Municipal, Desenvolvimento, Infraestrutura, Estadual, Turismo e Poder.** Os termos evidenciam a descrição e a impressão dos professores sobre a gestão pública desenvolvida em Barreirinhas.

A pesquisa demonstra que os professores têm um olhar crítico acerca do trabalho desenvolvido pelo poder público na cidade de Barreirinhas. Considerando a importância das ações dos gestores na administração pública para o desenvolvimento do turismo, a fala dos professores denota que há descaso, omissão e ausência.

Como aponta Cordeiro (2014), o turismo é visto como uma atividade geradora de crescimento no território, e acaba por influenciar a vida econômica, cultural e social. Neste sentido, o turismo torna-se tema primaz de inquietações para gestores de políticas públicas.

Ainda que em uma determinada região existem elementos de atração turística relevantes e que iniciativa privada tenha interesse em realizar investimentos, deve haver contrapartida dos órgãos públicos. Cabe às instituições governamentais estabelecer diretrizes que permitam incentivar o desenvolvimento da atividade turística, a partir de um arranjo jurídico e administrativo fundamentado em uma série de medidas, estratégias e planejamentos institucionais (BENI, 2003).

A fala do Professor 7 expõe essa temática:

Eu acho que no caso de Barreirinhas a gente nunca teve nenhuma gestão pública municipal que se voltasse para atividade. Elegendo o turismo. Como é uma atividade elementar geradora de muitas receitas impulsionadoras da economia.

Em referência às diretrizes organizacionais para o desenvolvimento do turismo e à infraestrutura básica de responsabilidade do poder público, os professores analisaram a participação das esferas estaduais e federais. Percebe-se que não deixam claro qual seria a participação da esfera federal como promotora do turismo.

É atribuição da esfera federal incrementar políticas públicas que visem ao desenvolvimento estratégico, em conjunto com os órgãos estaduais e municipais, por meio de órgãos de fiscalização e regulação. Essa articulação é mencionada pelo Professor 2:

Essa integração do governo municipal, estadual e federal poderia desenvolver mais essa questão de infraestrutura na região. Eu não vejo esse investimento. Talvez não tenha a tal parceria público privada.

Os professores demonstram preocupação com a ausência de políticas públicas que promovam o turismo. A descontinuidade nos processos administrativos governamentais é preocupante, segundo os entrevistados, pois o imediatismo surge como pretexto para ações sem planejamento. Assim, por ocasião da mudança de governantes, há um sentimento de insegurança.

Um faz uma coisa e o outro descontinua. Na verdade, tem que ser criado políticas que fiquem. Sem pensar em governos que entra e sai. Por exemplo a questão da infraestrutura (Professor 15).

Complementarmente às políticas públicas que devem ser estabelecidas, com a criação de regulamentos que estimulem o desenvolvimento e a promoção do turismo, cabe ao poder público a criação de uma infraestrutura básica na localidade: saneamento básico, iluminação pública, energia elétrica, transporte público, estrutura viária e de transportes, equipamentos de comunicação.

Logo, segundo a análise dos professores, o trabalho executado pelo poder público em Barreirinhas está muito aquém do que é necessário para o desenvolvimento do turismo na região.

[...] por conta dessa falta de estrada. O poder público municipal também, nós entramos numa questão seríssima que a parte da urbanização da cidade. Quando você entra aqui no centro da cidade dá aquela má impressão de uma cidade abandonada (Professor 2).

Não observei grandes melhorias. Aí observa que independente de qual foi a gestão, poucas coisas mudaram. Está faltando ainda muitas melhorias aqui na cidade. Você observa o poder público ainda ineficiente (Professor 10).

Os professores observam que há uma grande omissão por parte do poder público no que se refere à urbanização da cidade. Fica latente, na classe estudada, que há um descompasso entre as obras públicas básicas necessárias para a estruturação da cidade e o atual estágio do turismo desenvolvido na região.

Tasso (2011) caracterizou os serviços e obras públicas de Barreirinhas-MA. Ainda que considerada como a melhor infraestrutura física da região dos Lençóis Maranhenses, a cidade é incapaz de atender dignamente os visitantes e a população em geral. No diagnóstico, o estudo relata tais problemas, como o de saneamento básico, como o despejo de esgoto sem tratamento no Rio Preguiças. Na extensão urbana não há asfaltamento adequado, e a iluminação pública é de baixa qualidade. O estudo relata outros problemas, como a presença de lixo, por falta de um aterro sanitário adequado. Assim, o lixo exposto nas ruas cria um cenário negativo. São problemas também a ausência de serviço público de transporte e a baixa qualidade dos serviços de telefonia e internet.

Todos esses pontos foram descritos nas falas dos professores, ao longo da pesquisa. As regiões que apresentam características turísticas devem dimensionar sua infraestrutura básica para atender de maneira satisfatória os visitantes. Isso atrai investimentos por parte da iniciativa privada no setor do turismo, gerando emprego e renda.

No entanto, a realidade é que, em muitos casos, esses processos ocorrem simultaneamente. A construção de equipamentos turísticos, tais como hotéis e restaurantes, acontece em conjunto com implementação da infraestrutura básica. Isso acarreta a insatisfação da população local, pois há sérios danos à natureza.

Em conjunto, quando há omissão do poder público, com o crescimento do turismo de forma desorganizada os prejuízos são consideráveis. Observa-se que a falta de planejamento gera um desenvolvimento desenfreado. Sem a devida participação dos órgãos públicos, na fiscalização e normatização das obras, pode ocorrer desmatamento de áreas naturais. A poluição dos rios também surge como consequência, pois a urbanização, que é uma consequência da implantação de equipamentos turísticos em uma cidade, eleva consideravelmente a demanda por saneamento básico.

Ainda que na visão dos professores o poder público se mostre ausente quanto ao planejamento da atividade turística no município de barreirinhas, não foi observado em suas falas o papel da instituição de ensino como aglutinador de ideias para o desenvolvimento do setor. Ressalte-se que a academia faz parte do sistema turístico, visto que cabe às instituições de ensino criar relações junto às instâncias governamentais, amparadas por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Infere-se que as representações dos professores não trazem a instituição de ensino como um ator relevante no planejamento do sistema turístico, pois atribuem aos demais atores sociais a responsabilidade por essa ação.

Como consequência, há descontentamento da população com a atividade turística, visto que, apesar de a atividade gerar emprego e renda, há uma descaracterização do local. Por meio das consequências da ocupação sem a devida infraestrutura, estabelece-se uma relação de distanciamento e desconfiança com o turismo.

[...] a grande reclamação deles é que o turismo acaba poluindo os rios. Aí fica a questão se é que a população que polui, se são os turistas que poluem (Professor 5).

Eu acho que o turismo é muito importante, porque tem uma grande parte da população trabalha direto e indiretamente com turismo. No entanto eu acredito que ainda está numa forma muito desorganizada, e às vezes causa alguns transtornos (Professor 21).

4.3.1.2.2: Subtema: “Meio Ambiente e Geração de Renda”

As palavras que compuseram o subtema “Meio Ambiente e Geração de Renda” formaram a nuvem de palavras que pode ser visualizada na Figura 21.

FIGURA 21: Nuvem de Palavras – Meio Ambiente e Geração de Renda



Fonte: Elaborada pelo autor.

As impressões dos professores emergem ancoradas na importância da preservação do patrimônio natural. A região dos Lençóis Maranhenses, por sua beleza cênica, atrai turistas de todo o mundo. Apesar de uma série de transtornos causados pela atividade turística desorganizada, a descoberta desse paraíso pelo mercado turístico transformou a dinâmica econômica da região.

Tal visão da natureza é similar à apresentada no estudo de Dutra (2012), em que as representações do espaço natural são pautadas como um espaço lúdico e belo e passível de exploração comercial.

Nesse sentido, a dinâmica do turismo em Barreirinhas deve contemplar estratégias que visem desenvolvimento do turismo sustentável. Garantir o direito da propriedade da terra para as comunidades locais, limitar o número de visitantes, proteger o meio ambiente e fiscalizar a construção de empreendimentos em áreas de risco à natureza são exemplos de ações que podem ser estabelecidas pelo poder público, tendo como objetivo a sustentabilidade da atividade turística.

No entanto, a omissão do Estado na condução de políticas públicas que busquem preservar uma região com apelo natural, tal como os Lençóis Maranhenses, pode acarretar o assédio da iniciativa privada na exploração de um turismo predatório.

Na fala dos professores está evidenciado o desafio que se impõe para que as gerações futuras possam usufruir esse recurso natural.

[...] de fazer um ecoturismo que seja consciente, de forma com que a gente não esgote o que a gente tem aqui e no futuro tudo isso acabe no futuro tudo se extinga, que essa noção de preservação é muito importante (Professor 25).

A relação entre o meio ambiente e o local onde ocorre a atividade turística, segundo Beni (2003), deve considerar os aspectos econômicos, ecológicos, culturais e sociais, que interagem, proporcionando um fenômeno complexo. Neste estudo, que investiga representações dos professores sobre o turismo, emergem impressões que refletem essa complexidade.

Quanto ao aspecto ecológico, a atividade turística possibilita, além da obtenção de recursos financeiro para a região anfitriã, que as pessoas tenham contato com a natureza e compreendam a necessidade de preservação do meio ambiente. Paradoxalmente, caso não haja conscientização ambiental por parte dos visitantes e a exploração seja exacerbada, o turismo pode denegrir o patrimônio natural.

[...] o turista é muito importante nesse sentido, porque é ele que vai aos Lençóis. Se ele não tiver um comportamento adequado ali, ele pode simplesmente ajudar avançar esse processo de degradação, que pode acontecer com a atividade do turismo (Professor 25).

Os entrevistados estão conscientes da necessidade de buscar alternativas para o turismo sustentável. Emergem em seus discursos ações que procuram aprofundar a relação ente o turista e o meio ecológico, incluindo aí as comunidades locais.

[...] por exemplo não são vendidos pacotes específicos para ecoturismo no sentido de fazer uma trilha, de visitar uma área de proteção, de observação. Ou então vivenciar uma experiência dentro de uma família, que vive na região do entorno do parque (Professor 15).

Um dos professores observou que a população não pode ser relegada a um segundo plano, com o estabelecimento do turismo. Ele espera que a exploração turística na região seja benéfica para a comunidade.

[...] eu acho que eu não se posso pensar em turismo abrindo mão das pessoas que vivem do lugar. Tem que ser integrado. As pessoas têm que compreender que é a região onde elas estão tem potencial que pode ser utilizado para melhoria da vida delas (Professor 11).

Logo, questiona-se se a atividade turística tem gerado renda às comunidades locais e de que maneira isso ocorre. Os professores concordam, nos segmentos de texto pesquisados, que, notadamente, o ecoturismo cria oportunidades para a geração de emprego e renda.

[...] acredito que o ecoturismo da maneira como ele está sendo praticado hoje em Barreirinhas, ele alavanca o desenvolvimento econômico da região, o que é um fato inegável. Turista que visita região são pessoas de diversas nacionalidades (Professor 19).

Ainda que o meio ambiente, principalmente no seu aspecto ecológico, permita o crescimento do turismo, especificamente o ecoturismo na região dos Lençóis Maranhenses, outros aspectos devem ser considerados. Emergem no discurso dos professores aspectos que são entraves para o progresso do turismo. Para eles, a falta de profissionalismo dos trabalhadores do setor e a má gestão pública são pontos negativos.

[...] e isso vem desde o poder público por conta de um potencial turístico. E em acreditar apenas nas belezas naturais que elas são autossuficientes em trazer o turista, e não é verdade (Professor 12).

[...] outros serviços que são essenciais para a permanência de apoio, mas ele está encantado com a questão dos atrativos naturais. Todos saindo aqui muito satisfeito nesse sentido. Acho que preciso melhorar na parte de serviço (Professor 15).

Portanto, percebe-se que os professores compreendem o potencial turístico de Barreirinhas, em virtude de seus aspectos naturais; no entanto, por saberem da fragilidade do meio natural, preocupam-se com sua preservação.

Quanto à distribuição da renda que é gerada pelo turismo, os professores percebem que há dificuldades a serem superadas. Entre as dificuldades elencadas estão o distanciamento que ocorre por conta da baixa capacitação profissional da população e a gestão pública ineficiente.

Assim, percebe-se a importância de um planejamento turístico para a promoção da atividade que considere, além da gestão pública e da iniciativa privada, as expectativas da sociedade civil. Para Ruschmann (1997), ao se adotar um planejamento turístico sustentável, devem ser estabelecidos objetivos, como: evitar danos que possam ser irreversíveis nos meios turísticos, reduzir os custos sociais às comunidades locais e maximizar os benefícios econômicos.

4.3.1.3 Classe 5: “Recursos Turísticos”

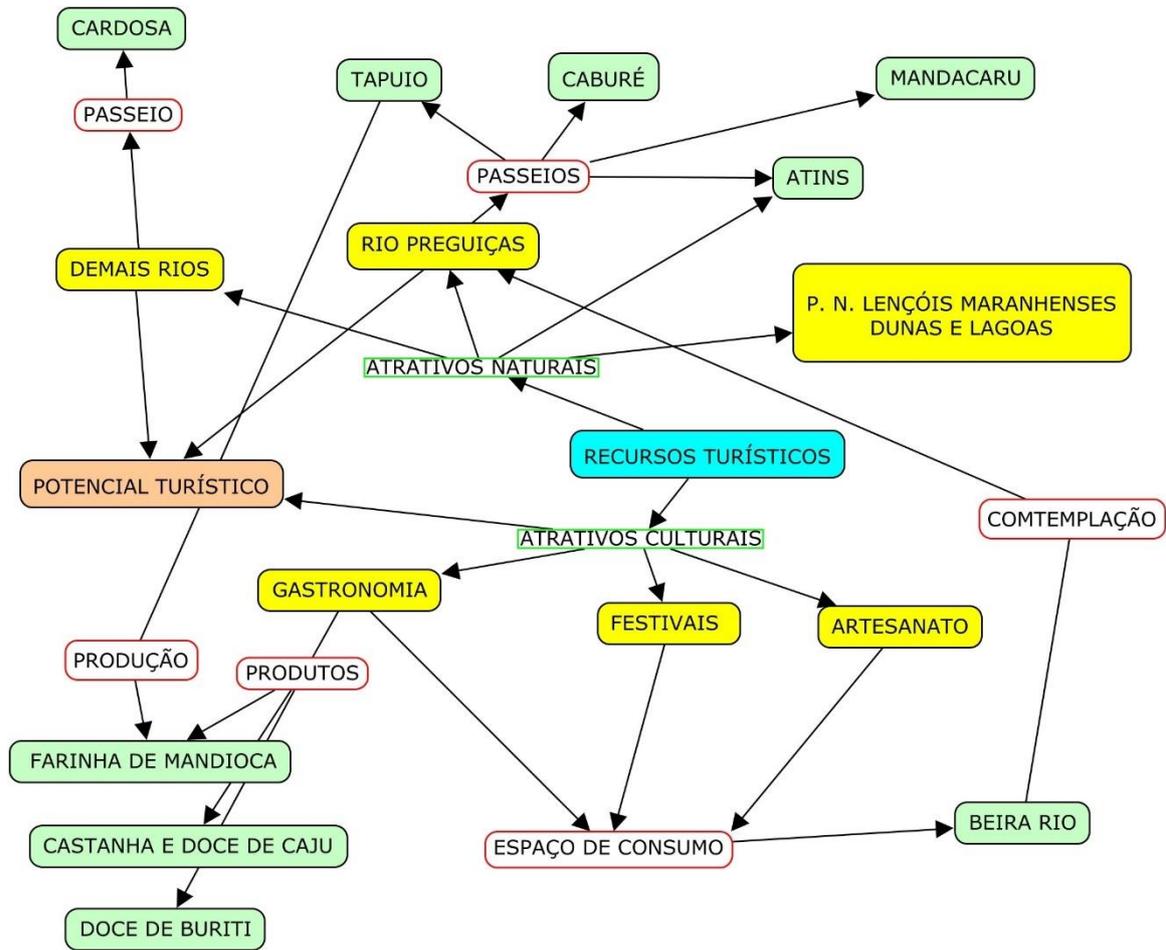
A classe 5 trouxe 20% de termos frequentes nas falas do grupo de professores pesquisados. Foi a classe com a terceira maior ocorrência de palavras, pois o relatório gerou uma lista com 26 palavras.

A análise desta classe partiu da exploração do termo que ocorreu com maior significância – **rio**. O relatório gerado pelo IRaMuTeQ permitiu uma investigação acerca da ocorrência desse termo, bem como quantos e quais sujeitos o empregaram.

Dessa forma, notou-se que o termo **rio** se refere ao recurso natural presente na cidade estudada, em que esse acidente geográfico é de interesse turístico e que o termo se relaciona com as outras quatro principais palavras da classe 5: **lagoa**, **buriti**, **artesanato** e **atrativo**. Tais termos em destaque permitiram afirmar que os sujeitos expressavam suas crenças e opiniões acerca dos atrativos turísticos de ordem natural e cultural.

Dando prosseguimento à análise, objetivou-se exaurir as relações entre cada um dos termos da classe 5. Para tanto, foi desenvolvido um fluxograma, que apresenta as correspondências observadas na fala dos professores (ver Figura 22).

FIGURA 22: Mapa Conceitual – Classe 3: “Recursos turísticos”



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da visualização gráfica das relações entre as palavras mais frequentes na Classe 2 e como as falas dos sujeitos pesquisados se relacionam com elas, a análise passa a um novo estágio, ao explorar as 5 palavras desencadeadoras das demais palavras.

O termo **rio** foi o mais recorrente na Classe 5 - Recursos Turísticos. Sua utilização por parte dos professores faz referência a dois elementos distintos. Por um lado, alude aos cursos de água da região de Barreirinhas, principalmente ao rio Preguiças. A segunda utilização foi empregada para enunciar a avenida que comporta uma série de estabelecimentos comerciais, principalmente voltados para o turismo que fica às margens do rio Preguiças, denominada Beira Rio.

Quando o termo rio é aplicado para indicar curso de água, os professores referem-se tanto ao rio Preguiças quanto aos menores rios que compõem o espaço geográfico do local. O rio Preguiças é descrito por sua beleza natural cênica e por sua vocação turística. Muitos

docentes se referem aos passeios de lancha realizado na extensão do rio. Ademais, o termo rio também foi utilizado para descrever outros cursos de água que, portadores de potencial turístico, são pouco explorados pela atividade, como pode ser constatado nestes trechos:

O rio Preguiças que eu sempre gosto de dizer que é uma atração à parte. Então a minha avaliação aqui é um lugar de muitos encantos e com potencial sem limites (Professor 3).

Também gosto muito essa parte do banho do rio, simplesmente de chegar num povoado pequeno e conversar com as pessoas, tomar um banho só no rio. E ficar com a família também é legal (Professor 14).

Complementarmente, a avenida Beira Rio é referida pelos professores como um local de passeio, onde os turistas podem contemplar o rio Preguiças. Contextualizou-se como sendo uma região com oferta de artesanato e de opções de restaurantes, evidenciando sua função de lazer. Neste sentido, observa-se uma relação entre os termos **rio** e **artesanato**, exemplificado no trecho abaixo:

Apesar de pequena beira rio os restaurantes lá são bons eu tive mais contato com a produção local de artesanato. A produção de artesanato aqui é bem legal, você tem os artesanatos característicos do buriti, e é muito bonito assim (Professor 1).

A segunda palavra em destaque na Classe 5 - Recursos Turísticos, foi **lagoa**. Os professores utilizaram o termo para se referir aos passeios que são realizados no PNLN. Além da contemplação do campo de dunas, a principal atividade do passeio até o parque são os mergulhos em suas lagoas naturais. Portanto, além do termo ser empregado para indicar o fenômeno natural, também guarda relação com os diferentes roteiros que são vendidos para se conhecer o PNLN.

O terceiro e quarto termos em destaque da Classe 5 - Recursos Turísticos são **buriti** e **artesanato**. Seu contexto no discurso dos professores faz referência aos produtos típicos da região. O buriti é uma palmeira nativa e abundante na região estudada. A polpa de seus frutos se prepara doces, e a palha de sua folha é a matéria-prima do artesanato típico de Barreirinhas-MA. Os discursos dos professores apontam uma imagem que associa os produtos típicos da região com o turismo:

Produção local de artesanato. A produção de artesanato aqui é bem legal, você tem os artesanatos característicos do buriti, e é muito bonito assim (Professor 25).

Tem muita produção, tem muita variedade. Em relação a frutas, o buriti que é o carro chefe daqui. O murici, o munim... A questão também da fibra do buriti. O buriti, na verdade, é carro chefe (Professor 10).

A palavra **atrativo**, sendo o quinto termo mais recorrente, reflete as impressões dos professores acerca dos elementos que despertam interesse turístico na região. O termo acaba por relacionar-se com os demais termos em destaque na Classe 5 - Recursos Turísticos. Foi utilizado para exprimir o nível de conhecimento sobre a região e seus produtos locais, para destacar qualidades e fragilidades dos principais locais de visitação e para apontar localidades nas quais imaginam ser possível o desenvolvimento de atividades turísticas.

Na visão dos docentes, além dos recursos naturais explorados pelo turismo na atualidade, outros locais ainda não são conhecidos pelos visitantes e os atrativos culturais são subestimados pela atividade turística.

A temática desta classe foi nomeada **Recursos Turísticos**, propondo assim dois subtemas, com suas palavras associadas. A Figura 23 apresenta a composição elaborada.

FIGURA 23: Subtemas e Palavras da Classe 4

Subtemas	Palavras da Classe
Atrativos Naturais	Rio – lagoa – atrativo – preguiça – Atins – banho – caburé – mandacaru – barco - duna
Atrativos Culturais	Buriti – artesanato – doce – castanha – beira rio – farinha – caju – fibra

Fonte: Elaborada pelo autor

4.3.1.3.1 Subtema: “Atrativos Naturais”

O subtema Atrativos Naturais é constituído pelo conjunto de vocábulos que sinalizam relação dentro da Classe 5 – Recursos Turísticos. Graficamente, a Figura 24 apresenta o referido subtema com uma nuvem de palavras, em que o tamanho da fonte dimensiona a relevância do termo nos argumentos dos sujeitos no corpus textual. Dessa forma, indicam as representações sociais dos professores.

FIGURA 24: Nuvem de Palavras Atrativos Naturais



Fonte: Elaborada pelo Autor.

Em destaque na nuvem de palavras os termos **rio**, **lagoa**, **atrativo**, **Preguiças**, **Atins**, **banho**, **caburé**, **mandacaru**, **barco** e **duna** apontam as opiniões dos docentes sobre os atrativos de ordem natural da região de Barreirinhas.

Verifica-se que nas entrevistas os professores buscaram elencar as atividades consideradas atrativos que podem ser desfrutadas pelos turistas. O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses é considerado como o principal atrativo da cidade, quanto ao seu poder midiático, e no discurso dos professores foi observado o alcance do interesse dos visitantes. Os trechos que seguem referem-se a esse ponto turístico:

Para mim o principal atrativo de Barreirinhas são os lençóis, Lençóis Maranhenses. Mesmo as dunas e lagoas é o atrativo. Isso que chama a atenção do turista no contexto nacional, para o turista do sul. E internacional (Professor 30).

Principalmente procuram vir para as dunas, ir para os lençóis. Acho que é isso que eles procuram mesmo. É o que mais divulgado, que são os lençóis, a parte das dunas das lagoas (Professor 15).

Para Beni (2001), trata-se de um atrativo natural de valor excepcional, com grande significado para o turismo, pois tem condições de trazer notáveis fluxos de turistas, de qualquer parte do mundo.

Para Ruschmann (1997), o grau de singularidade é o fator determinante do valor de um atrativo. Assim, para a localidade em que está localizado o atrativo, será possível induzir o

deslocamento de visitantes para conhecê-lo. O PNLM tem alto grau singularidade, com a formação de lagoas perenes em um imenso campo de dunas que se assemelha a um deserto. Neste sentido, o interesse turístico associado à natureza ocorre por meio da originalidade que os aspectos geográficos da região exibem, como nota-se se observa nesses trechos dos discursos dos participantes:

E aí acabam vindo com esse interesse mais ecológico. Lençóis maranhenses: um monte de areia e lagoas. Um espetáculo. Acabam atraindo-os nesse sentido, porque eles já não conhecem essa área e aí desperta esse desejo porque realmente é um cenário único.
(Professor 21).

Então a gente ainda se pega maturando esse produto que sem sombra de dúvidas é singular em matéria de atrativos de beleza.
(Professor 12).

Para Julião (2018) as imagens simbólicas do turismo fazem-se presentes em materiais de divulgação e contribuem para a imaginação de grupos que participam direta e indiretamente da atividade.

Os discursos revelam que, para os professores, a paisagem tem uma função influenciadora, em que o turismo é relacionado com a apreciação da natureza. Considerando que a natureza em seu estágio primitivo é sensível à presença humana, o comportamento do turista foi evidenciado nas falas dos docentes.

As falas dos professores apontaram também para a complementariedade dos atrativos turísticos naturais da cidade. Assim, majoritariamente, os termos destacados fazem referência ao rio Preguiças e aos passeios de barco que são realizados em seu curso. Para os professores, fica evidente que a localidade de Barreirinhas não se resume somente ao PNLM.

No sentido que a gente tem banhos interessantes tem muitos locais paradisíacos que dá para você fazer um turismo interessante, então acaba ficando o turista vem procurando os lençóis porque é divulgado lá fora e muita das vezes ele só fica mesmo com esse carro chefe (Professor 7).

O próprio rio Preguiças que eu coloquei que é quase todo um universo de possibilidades de turismo. Principalmente no turismo e as praias. Atins e caburé é o litoral que ainda tem muita coisa para ser explorada, mas já é maravilhoso (Professor 18).

Beni (2001) sugere que a substituição de um atrativo turístico pode ser uma alternativa estratégica para a conservação de recursos turísticos naturais. Dessa forma, não basta a não utilização ou supressão de um atrativo, pois isso acarretará ausência de turistas e suas consequências econômicas e sociais. O que se deve pensar para minimizar os impactos de uma

atividade turística que venha a deteriorar o meio natural são normas ecológicas sustentáveis. Para os professores, na região de Barreirinhas, no que tange a gama de oferta de recursos naturais, é possível efetivar o conceito de substituição de atrativos para o atendimento do turista, evitando assim uma deterioração precoce do meio ecológico:

E o turista que vem, ele não conhece ainda. Mas ele se surpreende com a beleza do passeio do rio Preguiças, da vila de Atins e o de Vassouras. Tem uma outra alternativa aos lençóis maranhenses e que fica o ano todo (Professor 3).

A utilização integral dos atrativos naturais é outra estratégia de conservação sugerida pela análise das entrevistas. O discurso dos professores apontaram para esse caminho, recomendando outras atividades recreativas para o rio Preguiças. Trata-se de ampliar as possibilidades com formas distintas de consumo de um recurso, a partir do seu uso múltiplo, sem sobrecarregar ou interferir nas funções primordiais do atrativo.

Um pacote uma vez por mês aproveitando o período da lua cheia, aproveitando da escuridão de alguns trechos do rio aproveitar a lua, e poderia utilizar esse momento para esse passeio (Professor 17).

É uma opção que poderia ser feito também. Em algumas localidades onde o rio a correnteza é mais tranquila além dos caiaques que eu já observei, os moradores poderiam comprar uma espécie de pedalinho (Professor 10).

Sabe-se que o impacto gerado pela atividade, quando não bem gerida, pode provocar danos ao meio ambiente. Logo, observou-se que os professores apontaram para a atividade turística como responsáveis pelo lixo deixado nos atrativos.

Mas quando ela chega e vai tomar um banho na lagoa e acha uma latinha de cerveja, uma série de questões, um copo descartável e tudo mais. E às vezes você fica se perguntando mas quem foi que trouxe (Professor 4).

Como aponta Cooper (2001), a gestão dos atrativos que apresentam grande fluxo de visitantes é problemática para a gestão pública. Assim, os professores identificam a questão do lixo dentro do PNLM.

A observação do discurso dos professores detectou uma noção satisfatória acerca das opções de atrativos turísticos ligados à natureza. Além disso, constatou-se um olhar crítico sobre a utilização desses atrativos, quanto a alternativas viáveis de consumo e quanto a suas deficiências e potencialidades.

4.3.1.3.2 Subtema: “Atrativos Culturais”

O subtema Atrativos Culturais foi constituído como o segundo da classe 5 – Recursos Naturais. A Figura 25 apresenta uma nuvem de palavras que possibilita observar a relevância dos termos dentro da argumentação do grupo de entrevistados. Dessa forma, indicam-se as representações sociais dos professores.

Figura 25: Nuvem de Palavras – Atrativos culturais



Fonte:

Elaborada pelo autor.

Em destaque na nuvem de palavras os termos **buriti**, **artesanato**, **doce**, **castanha**, **beira-rio**, **farinha**, **caju** e **fibra** demonstram, no discurso dos professores, alusão à produção cultural e aos seus atrativos turísticos encontrados na localidade de Barreirinhas-MA.

A motivação para os deslocamentos de pessoas em busca de novas culturas está no âmago da atividade turística. A pluralidade cultural local, aliada aos recursos turísticos, permite que a região de Barreirinhas-MA tenha destaque no mercado turístico nacional. Ademais, o turismo permite que haja resgate de tradições culturais e promoção das comunidades locais.

O Dentre as competências do Conselho de Turismo de Barreirinhas (2017) está a elaboração de valorização de costumes locais e da cultura regional. Dessa forma deve-se implementar ações para reconhecimento do patrimônio cultural.

Os professores atestam esse conceito, pois consideram o artesanato local um atrativo cultural importante, cuja exploração tende a reter a atenção do turista, devido a sua peculiaridade.

[...] até para os próprios turistas conhecer o material que é feito aqui. A palha de buriti que eles fazem até umas bolsinhas e tal seria um atrativo a mais para poder envolver com a cultura daqui (Professor 5).

O artesanato da palha de buriti é vendido em todo o Brasil e também exportado para outros países (MARANHÃO, 2012). A partir das fibras das folhas desse vegetal são produzidos objetos com utilização de técnicas de crochê, trançado, macramê, entre. As comunidades tradicionais que realizam essa produção também se tornam atrativos turísticos, visto que têm um saber específico.

Segundo o Plano Maior 2020 (2012) o artesanato de buriti tende a complementar a oferta turística dos grandes atrativos. Por isso, constitui uma função estratégica para prolongar a estadia de turistas ou motivar uma nova visita à região. Assim, cabe ao trade turístico e ao poder público formatar programas de melhoria para a elaboração de produtos que gerem o fluxo de turistas de maneira satisfatória.

Simonetti, Nascimento e Chaves (2016) também compreenderam que as comunidades locais têm no artesanato importante fonte de geração de renda. Neste sentido, os entrevistados consideram o artesanato local um atrativo turístico, e em certo grau corroboram a linha teórica apresentada pela publicação acima citada.

[...] eu acho muito bonito o artesanato, muito bonito, principalmente quando envolve a questão da palha do buriti. Eu acho que falta um trabalho em conjunto envolvendo artesão, pousadas, transporte, que tudo fosse organizado e preparado para esse turista (Professor 19).

[...] então esse artesanato, a venda desse artesanato, a sua produção e comercialização desse artesanato é algo que deveria ser observado pelo poder público, no sentido de dar suporte aos artesãos. Financiamento em banco e essa coisa toda (Professor 27).

O plano de Manejo do PNLM (2002) prevê ações que deem suporte à atividade artesanal local, reconhecendo a importância do setor para o desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais. Essas ações visam à capacitação de artesões, no que se refere a cursos e estímulos à constituição de cooperativas, e aos condutores e guias locais, para que valorizem temas que fazem parte da vida do Parque.

Como a obtenção de matéria-prima se dá por meio do extrativismo vegetal, há preocupação com o meio ambiente. Assim, o Plano de Manejo visa impedir atividades predatórias que prejudiquem a cadeia produtiva.

Outros produtos locais de destaque na fala dos professores foram a produção de caju e de farinha. Ambos fazem parte da cultura local, em virtude do processo seu de produção, que é manual.

[...] vamos exportar isso para o mundo vamos fazer como todo mundo saia daqui levando um doce de caju, um doce de buriti. Então a gente não está organizado para trabalhar com o que dá aos montes em nosso quintal (Professor 16).

[...] e também essas pessoas que produzem o seu artesanato e os seus produtos locais doce de buriti tiquira elas vendem mesmo ali na casa numa barraca é um setor que carece de atenção (Professor 30).

Os professores destacam esses produtos gastronômicos; entretanto, observam que há uma lacuna no processo de distribuição aos turistas.

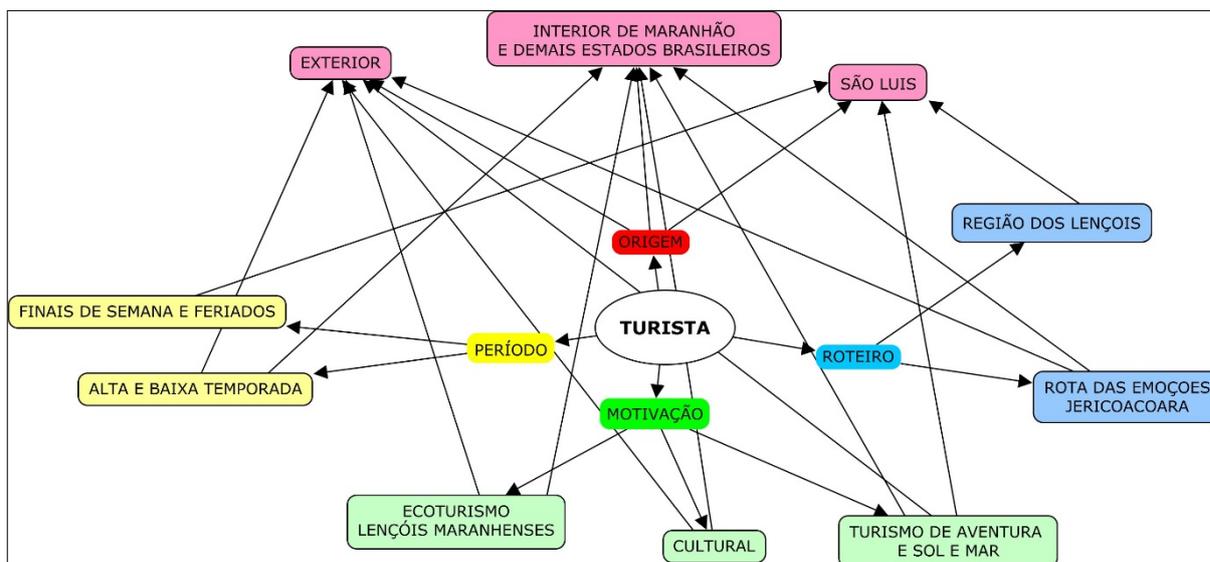
4.3.1.4 Classe 4: “Mercado Turístico Receptivo”

A Classe 4, gerada no relatório do IRaMuTeQ foi a quarta em termos de ocorrência, em comparação com as demais classes desta análise. O relatório revelou 12,5% de termos recorrentes. Uma lista com 26 termos foi gerada, e a palavra **beleza** foi a de maior recorrência.

A partir dessa palavra foi realizada uma metódica pesquisa, por meio da análise dos segmentos de texto. Neste sentido, verificaram-se as relações entre o termo e outras palavras de grande destaque na Classe 3.

Constatou-se que a palavra **vir** estabelece vínculo com outros vocábulos empregados pelo grupo de professores. O termo diz respeito aos deslocamentos de turistas (do seu local de origem e do seu próximo destino). Assim, as palavras **beleza**, **estrangeiro** e **aventura**, que também aparecem com destaque na classe, enfatizam essa ação e foram investigadas com maior apuro. Em seguida, um fluxograma foi desenvolvido, para demonstrar as estabelecer as inter-relações entre os termos (ver Figura 26).

Figura 26: Mapa Conceitual – Classe 3 “Recursos Turísticos”



Fonte: Elaborada pelo autor.

Observadas as relações entre os termos mais recorrentes na Classe 3 e a associação dessas palavras no discurso dos professores, a próxima fase da análise foi perscrutar as 4 palavras desencadeadoras da classe: **vir**, **beleza**, **estrangeiro** e **aventura**.

O termo **vir** foi empregado com maior frequência. Os professores usam essa palavra para descrever a locomoção dos visitantes à região de Barreirinhas. É utilizada em referência à origem dos turistas, a sua chegada, a sua ida aos passeios, e também em referência às motivações que os trazem à cidade.

A palavra **beleza** foi a segunda mais recorrente. Os professores utilizam-na como adjetivo para natureza, principal atrativo turístico da localidade. Enaltecem os encantos da região possui que tanto fascinam os turistas. Portanto, indica uma associação entre o deslocamento do turista e sua motivação.

O terceiro termo mais recorrente foi **estrangeiro**. Foi empregado pelo grupo pesquisado para apontar a origem dos turistas que visitam a região. Assim, a proveniência do visitante, para os professores, reflete nas atividades turísticas que realizam na localidade. Ao indicar tal característica, os professores exprimem um posicionamento mercadológico turístico da cidade.

O quarto termo mais recorrente foi **aventura**. Na fala dos professores, nota-se o apontamento de um tipo de turismo ofertado pela região. Também infere na experiência do visitante ao conhecer os atrativos da região, pois implica contato com a natureza e com as formas de deslocamento necessárias para se chegar aos atrativos.

Com tema central, intitulado **Mercado Turístico Receptivo**, a análise propõe a relação das palavras da Classe 3 com subtemas propostos. A Figura 27 apresenta a composição elaborada.

Figura 27: Subtemas e Palavras da Classe 3

Subtemas	Palavras da Classe
Perfil de Origem da Demanda Turística	Vir – São Luís – Estrangeiro – Julho – Feriado - Brasileiro
Aspectos da Oferta Turística Original	Beleza – Natural – Aventura – Cultural – Jericoacoara - Vaquejada

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.4.1. Subtema “Perfil de Origem da Demanda Turística”

A Demanda Turística foi definida como subtema da Classe 3 – Mercado Turístico Receptivo. A elaboração gráfica da nuvem de palavras, com os termos que se relacionam com este subtema, pode ser observada na Figura 28.

Figura 28: Nuvem de Palavras – Perfil de origem da Demanda Turística



Fonte: Elaborada pelo autor

A nuvem de palavras evidencia os termos **vir**, **São Luís**, **estrangeiro**, **brasileiro**, **feriado** e **julho**. Na fala dos docentes, observa-se alusão à origem dos turistas no que tange a sua origem e a sua frequência de visitação à região de Barreirinhas. O grupo entrevistado procura caracterizar o deslocamento físico do local de residência dos viajantes.

Para Beni (2001), a demanda pode ser influenciada por fatores de ordem variada. Destacam-se os fatores socioeconômicos, psicológicos, e os inerentes ao tipo de destinação

turística. Percebe-se que o grupo dos professores focaram suas falas em fatores relativos à região de origem dos visitantes.

[...] eu percebo que tem muitos turistas maranhenses que vem de São Luís e frequentam aos finais de semana e feriados. Os turistas de outras regiões, aí tem muitos paulistas, mineiros, do Brasil inteiro (Professor 20).

Apura-se, nos diálogos dos professores, uma tentativa de descrição da demanda turística que tem como destinação principal o PNLN. É percebido o interesse dos entrevistados acerca da distinção dos turistas quanto a sua origem. Dividem-se em seus discursos o contingente de indivíduos que vêm do exterior, outro grupo que é oriundo do Brasil e um terceiro conjunto composto por turistas que provêm da capital do estado, São Luís.

Cada agrupamento tem suas especificidades no que diz respeito à motivação para visitar a região. Esses segmentos, no discurso dos pesquisados, ora compartilham as razões das visitas, ora denotam seus próprios interesses.

[...] e também pela fama que já ganhou internacionalmente, o turismo. Ele tem uma receptividade grande de turistas de outros países e da região sul e sudeste do Brasil. Principalmente São Paulo também, o fluxo é bastante alto (Professor 21).

A demanda internacional que visita Barreirinhas é assimilada pelos professores. Sua presença na cidade não causa espanto, haja vista que o fluxo internacional para a localidade é habitual.

[...] mas também tem muita gente de fora. Estrangeiros que a gente escuta na rua com uma linguagem diferente (Professor 7).

[...] eu vejo como um local extremamente visitado e requisitado. Mesmo não só de dentro do Brasil. Mas nós temos aqui, pelo que eu vejo diariamente na cidade, um número de turistas estrangeiros muito grande (Professor 11).

Segundo dados do Ministério do Turismo, 54,3% dos turistas internacionais visitam o Brasil por motivos de lazer. Acerca dos aspectos motivacionais da viagem de lazer que trouxeram o visitante estrangeiro ao país, o tipo de turismo de sol e praia corresponde a 64,8%, enquanto natureza, ecoturismo ou aventura corresponde a 18,6% (MTUR, 2019). Tanto o

turismo de sol e praia quanto o ecoturismo e o turismo de aventura são atividades desenvolvidas na região de Barreirinhas-MA.

Na fala dos professores, os turistas oriundos de outros estados formam um perfil distinto: a demanda nacional.

[...] durante o ano que eu percebo que a média anual é de você ver mesmo turistas brasileiros de outros estados (Professor 5).

[...] turistas de regiões do país que já tem uma tradição, do rio de janeiro por exemplo. Tem turistas cariocas, que é um lugar onde o turismo é bem desenvolvido (Professor 18).

Esses turistas, segundo os entrevistados, visitam a região em diversos momentos do ano. São observados na alta temporada, na baixa temporada e também nos feriados prolongados.

[...] os turistas nacionais que já vem nos feriados mais prolongados, talvez pelo deslocamento. E os turistas estrangeiros, desde os lugares mais remotos da Ásia e até da Europa e da América (Professor 17).

Por fim, o outro grupo aferido pelos professores diz respeito aos visitantes que têm como polo emissor a cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão. A facilidade se dá pelo acesso, por via rodoviária, e ao tempo de percurso, cerca de 4 horas.

[...] quem vem de São Luís tem acesso bem interessante, dá para chegar em pouco tempo. E quem vem do interior do Maranhão também, mas na minha visão, que eu venho do Piauí, é muito difícil chegar até aqui (Professor 18).

Segundo dados do Observatório do Turismo do Maranhão (2019), os dados estatísticos relativos ao turismo nacional são próximos, tanto em alta quanto em baixa temporada. A Figura 29 apresenta uma comparação entre esses dados.

Figura 29: Procedência dos Turistas Nacionais de Barreirinhas

Procedência dos Turistas	Alta Temporada	Baixa Temporada
Estado do Maranhão	27,7%	26,6%
Nordeste	22,3%	28,8%
Sudeste	29%	26,6%
Norte	13,5%	11,1%
Centro-Oeste	5,4%	4,4%
Sul	2%	2,2%

Fonte: Maranhão (2019), adaptado.

Pode-se afirmar, portanto, que o discurso dos professores condiz com os dados estatísticos sobre a região emissora dos visitantes de Barreirinhas-MA.

4.3.1.4.2: Subtema: “Aspectos da Oferta Turística Original”

O segundo subtema da Classe 3 - Mercado Turístico Receptivo, foi intitulado “Aspectos da Oferta Turística Original”. Os termos que se relacionam com esse tema foram aglutinados graficamente em forma de uma nuvem de palavras (ver Figura 30).

Figura 30: Nuvem de Palavras – Aspectos da Oferta Turística Original

Cultural
Aventura
Jericoacora Vaquejada
Beleza
Natural

Fonte: Elaborada pelo autor.

As palavras que compõem a nuvem são: **beleza, aventura, natural e cultural**. São palavras que demonstram a impressão e opinião dos entrevistados a respeito da oferta turística da região de Barreirinhas-MA, especificamente, da oferta turística original.

Verifica-se que os professores fazem a conexão entre os atrativos turísticos e o deslocamento do contingente de turistas para a Barreirinhas:

[...] é isso que chama atenção. São as belezas naturais que faz com que as pessoas venham até aqui. E de certa forma também tem muita gente também que gosta de fazer aventuras (Professor 14)

[...] visitar porque olham as imagens, olham a propaganda que se faz sobre a região e realmente é lindo. Muito legal o aspecto paisagístico e querem conhecer. Pelos relatos que eu já ouvi não se decepcionam com a questão da paisagem natural (Professor 5).

Segundo Lage e Milone (2007), a oferta turística é composta pelos atrativos naturais e artificiais, e pelos demais produtos turísticos voltados à satisfação dos consumidores. Beni (2007) afirma que a oferta turística pode ser segmentada entre oferta original e oferta agregada. Enquanto a oferta agregada trata dos equipamentos que são suporte à atividade turística, como transporte, hospedagem e alimentação, a oferta original compreende os atrativos de ordem natural, cultural e artificial.

Como aponta Ruschmann (1997), quanto maior a originalidade do recurso natural, maior será o valor potencial que a localidade poderá ter. A exuberância dos Lençóis Maranhenses é constatada pelo grupo pesquisado.

[...] o turista que visita a região pelo fato do parque nacional dos lençóis mundialmente atrai turistas de todo o mundo. Turistas de âmbito nacional e internacional procuram pela beleza proporcionada pelo parque dos lençóis até mesmo porque é uma área atípica dentro contexto geográfico, no Brasil é uma área que é única (Professor 29).

Na região há uma série de recursos naturais que efetivamente conseguem atrair o turista nacional e o internacional. Nota-se, portanto, sua dimensão de destaque no processo de desenvolvimento da cidade.

Em referência ao conjunto de atrativos turísticos da oferta original, o grupo de professores apontam quais atividades são desenvolvidas pelos turistas, e confrontam o comportamento de turistas estrangeiros com o dos brasileiros, quanto ao tipo de turismo que praticam:

[...] e isso falando em turistas brasileiros e estrangeiros. Desse tipo de turismo que a gente tem aqui, o ecoturismo para os estrangeiros principalmente falando é uma novidade para eles, porque o turismo na Europa, no velho mundo, é diferente (Professor 30).

[...] os brasileiros, eles preferem o turismo de aventura e o cultural. Enquanto que o que eu percebo dos turistas que vêm de outros lugares sem ser no Brasil, eles querem muito mais o turismo voltado para os Lençóis (Professor 27).

As narrativas demonstram o conhecimento dos professores sobre a gama de atrativos turísticos que compõem a oferta turística regional e de que forma o mercado turístico receptivo desenvolve as atividades, buscando atender aos diversos perfis de consumidores. Na localidade há várias opções de turismo: turismo de aventura, ecoturismo, turismo de sol e praia e turismo cultural. Este último, na visão dos professores, ainda carece de uma estruturação mais adequada, para atender aos turistas.

[...] no finalzinho de festa junina que começam a virem para cá. As pessoas de São Luís, dos lugares mais próximos que estão de férias vem para cá. Mas nesse intervalo de carnaval para festa junina durante o semestre eu não vejo nenhum acontecimento cultural na cidade (Professor 17).

[...] Mas acho que aqui tem também muito de atrativo cultural que a gente subutiliza. Para essa gente oriental, os japoneses. É uma gente muito interessada nas experiências (Professor 7).

[...] Eu acho que a cultural é consequência, como eu vejo. As pessoas vêm visitar e vão ao tapuio para ver como se faz a farinha, que é uma prática indígena (Professor 20).

Com o fomento da prática do turismo cultural, conseqüentemente há reconhecimento e encorajamento para o resgate dos costumes, hábitos, saberes e produção cultural das comunidades locais. Beni (2001) afirma que os turistas estão dispostos a consumir esse produto, que pertencem à sociedade como bens livres.

[...] a partir do momento que você vende o pacote turístico e que você encontra deparado com esse espaço lindo que é do turismo aqui de Barreirinhas, falta conhecimento técnico. E o conhecimento da região, conhecimento cultural (Professor 2).

Os professores exprimem seu conhecimento sobre os roteiros turísticos desenvolvidos na região. Compoendo a oferta turística regional, a Rota da Emoções, que conecta os estados do Maranhão, Piauí e Ceará, apresenta inúmeros atrativos turísticos. Uma das pontas dessa rota é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, e a outra é o Parque Nacional de Jericoacoara, que abriga a vila do mesmo nome.

[...] desde quem vem para Jericoacoara, que é bastante conhecida, e quem vem para o Delta do Parnaíba. E depois para os Lençóis, porque eles vêm bastante as belezas naturais que no país deles não conseguem encontrar (Professor 15).

A ligação entre os três estados é uma forma de incrementar a atividade turística, conforme visão dos professores. Os roteiros temáticos, neste caso com sol, praias e natureza, possibilitam aos visitantes uma imersão na inter-relação dos diferentes destinos, correlacionados pela atividade turística.

4.3.1.5 Classe 6: “Formação Profissional”

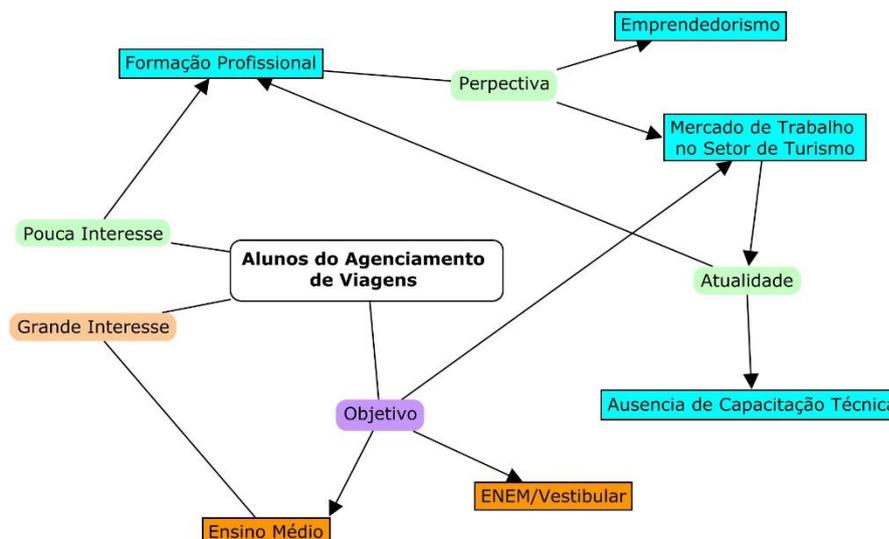
A Classe 6 trouxe 12,3% de termos frequentes nas falas do grupo de professores pesquisados, a quinta maior ocorrência de palavras, quando comparado com a das demais classes geradas. O relatório gerou uma lista com 27 palavras.

A análise desta Classe partiu da exploração do termo que ocorreu com maior significância: **aluno**. Os segmentos de texto no qual esse termo **aluno** foi encontrado, no relatório gerado pelo IRaMuTeQ, possibilitou uma investigação sobre a ocorrência dessa palavra.

Percebeu-se que o termo **aluno** se refere ao sujeito inserido no curso técnico, do qual os entrevistados fazem parte como docente e expressam suas crenças sobre a formação. Esse termo se relaciona com as outras quatro principais palavras da classe 5: **curso, mercado, técnico e ensino**. Esses termos permitem afirmar que os sujeitos emitem suas opiniões acerca da capacitação profissional e da inserção no mercado de trabalho.

Na sequência da análise, objetivou-se observar os termos da Classe 6. Para tanto, foi desenvolvido um fluxograma que apresenta as correspondências constatadas nos discursos dos professores (ver Figura 31).

Figura 31: Mapa Conceitual – Classe 6 “Formação Profissional”



Fonte: Elaborada pelo autor.

Considerando a visualização gráfica das associações entre os termos mais repetidos na Classe 6 e a forma como as falas dos entrevistados se relacionam com elas, foram examinadas as 5 palavras desencadeadoras das demais palavras da classe: **aluno**, **curso**, **mercado**, **técnico** e **ensino**.

A palavra **aluno** é a mais citada nesta classe. Os professores avaliaram de que maneira o estudante atua dentro da instituição de ensino, e seus objetivos acadêmicos e profissionais foram expressos pelo grupo entrevistado. O termo retrata o posicionamento dos sujeitos pesquisados acerca dos discentes. Os professores expuseram sua avaliação do modo como os alunos recebem a formação profissional que é ministrada pela escola.

A palavra **curso** relaciona-se com a opinião dos professores sobre o desenvolvimento da capacitação técnica ofertada aos discentes pela IEP. Os segmentos de textos destacam, em sua maioria, que os professores questionam o papel da instituição quanto a sua função: de capacitadora para o mercado de trabalho ou de ensino regular, preparando os discentes para o ensino superior em outras áreas distintas do eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

A terceira palavra mais recorrente da Classe 6 foi **mercado**. O termo é alusivo ao mercado de trabalho. Os entrevistados tendem a mensurar a absorção dos formandos do curso técnico em agenciamento de viagens pelas empresas do setor. O termo evidencia a relevância da formação profissional para o desenvolvimento do turismo na cidade de Barreirinhas.

Ademais, os professores exprimem suas opiniões sobre as relações entre a oferta de empregos e a procura de trabalho pelos alunos.

Técnico foi o quarto termo mais frequente desta classe. Aparece nas falas dos professores como a modalidade de ensino ofertada pela IEP. Os professores acreditam que os alunos, em sua maioria, não procuram a formação profissionalizante, ao ingressarem na escola. Assim, demonstram certa fragmentação da formação oferecida, entre o ensino médio e o ensino técnico.

A quinta palavra mais recorrente foi **ensino**. Os professores mencionam o termo aos diferentes estágios da educação formal. Assim, podem exprimir suas crenças acerca de cada fase formativa.

Os professores ancoram suas opiniões de que os alunos do curso de Agenciamento de Viagens procuram a formação na IEP em virtude da qualidade do ensino médio ofertado. Observam que não há grande interesse por parte dos discente em seguir no mercado de trabalho da atividade turística e que eles estão mais interessados em se preparar para o ENEM.

A temática desta classe foi nomeada **Formação Profissional**, propondo assim dois subtemas com suas palavras associadas. A Figura 32 apresenta a composição elaborada.

Figura 32: Subtemas e Palavras da Classe 6

Subtemas	Palavras da Classe
Ensino Médio Técnico	Aluno – curso – ensino – escola – médio – superior – aula - formar
Mercado de Trabalho	Mercado – Técnico – agenciamento – inserção – empreendedor – absorver – estágio - profissional

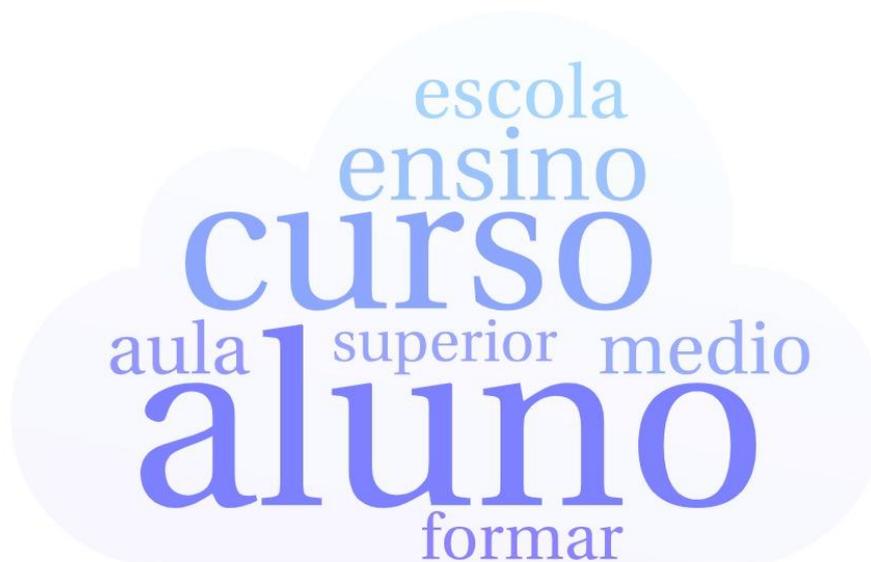
Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.5.1 Subtema: “Ensino Médio Técnico”

Na nuvem de palavras, os termos que mais se destacam são: **aluno, curso, ensino, escola, médio, superior, aula e formar**. Os professores interpretam como se dá a formação pela IEP e como os discentes estabelecem vínculo com o ensino técnico.

A compreensão e a interpretação dos subtemas podem ser observada na nuvem de palavras (Figura 33).

Figura 33: Nuvem de Palavras – Ensino Médio Técnico



Fonte: Elaborada pelo autor.

Os professores refletem sobre o interesse dos alunos na formação profissionalizante, ao perceberem seu interesse por educação técnica. Para os entrevistados, os alunos da IEP estão mais interessados no ensino médio em comparação com sua disposição para aproveitar o ensino técnico. As falas dos professores apontam esse interesse dos alunos|:

[...] e um quantitativo bem pequeno de alunos pensando em dar continuidade com um curso superior na área de turismo. Enfim, enveredando nas áreas do curso técnico, mas a maioria pensa somente e o curso médio (Professor 20).

[...] hoje eles entram para fazer o Enem, para fazer as universidades, entram pela qualidade boa do ensino mesmo, mas não para se formar. É consequência, mas não para se formarem em técnicos (Professor 10).

Observa-se que os professores reconhecem na qualidade de ensino oferecido pela IEP como o fator preponderante que leva os alunos a escolherem o ensino técnico. Isso porque estabelecem uma comparação entre o ensino disponibilizado pela IEP com o ensino disponibilizado por outras instituições, na cidade de Barreirinhas.

Todavia, os docentes não se veem como um fator causador da falta de ânimo dos alunos pelo ensino técnico. Pode-se inferir que eles não se sentem como parte da instituição de ensino, apartando o processo de ensino-aprendizagem das atividades de ofício que exercem.

De certo modo, procuram as IEP públicas os alunos que têm uma formação do ensino fundamental mais sólida. Neste sentido, o corpo discente tem condições de ingresso em um

ensino superior de maior qualidade, pois já passaram por um processo seletivo para ingressar na IEP.

[...] mas ele não quer fazer turismo. Ele aproveitou uma oportunidade de fazer ensino médio, talvez melhor do que na rede estadual para vir para cá, mas talvez ele realmente não vá trabalhar com turismo (Professor 29).

[...] essa é a grande vinculação que os alunos têm aqui. Então não existe o ensino particular de ensino médio da cidade. E esses alunos então ou ficam com o ensino estadual que é de qualidade bem duvidosa para eles (Professor 11).

Assim, segundo os professores pesquisados, poucos são os discentes que desejam realizar a educação técnica, ao ingressarem na instituição. Ao verificar o baixo interesse dos alunos com o ensino técnico, o discurso dos professores corroboram o estudo de Valaski (2012), que constatou que grande parte dos alunos buscam o ensino técnico integrado pela qualidade da educação ofertada.

[...] de conversar com amigos, professores, porque que os meninos praticamente fazem aqui é usar o colégio que preza pelo ensino técnico, mas que o objetivo deles é usar o colégio para obter um diploma de ensino médio. Para poder seguir carreira no ensino superior (Professor 11).

[...] e não ficar restrito em relação ao curso técnico. Fiquei sabendo que tem um aluno que passou no vestibular da USP de turismo. Então que seja uma coisa que traga benefícios para o município, mas também que ele possa continuar a progredir em outras áreas (Professor 20).

4.3.1.5.2 Subtema: “Mercado de Trabalho”

Na nuvem de palavras (Figura 34), os termos que mais se destacam são: **mercado, técnico, agenciamento, inserção, empreendedor, absorver, estágio e profissional**. A inserção no mercado de trabalho pelos alunos e seu interesse em se tornar profissionais ligados ao setor do turismo foram as opiniões expressas pelos entrevistados.

Figura 34: Nuvem de Palavras - Mercado de Trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor.

Grande parte dos entrevistados considera vulnerável a empregabilidade dos alunos do curso de técnico de agenciamento de viagens. Isso, devido à questão da capacidade do mercado para absorver a mão de obra formada pela instituição e ao próprio interesse dos alunos em ingressar no mercado de trabalho.

Infere-se que os professores representam que a falta de interesse na inserção dos alunos no mercado de trabalho não tem relação com a formação dos recursos humanos. Os formadores isentam-se da responsabilidade quanto à melhoria da qualidade no atendimento na atividade turística, ainda que exerçam a docência em uma instituição que oferta educação profissional por meio de diversos cursos do eixo de Hospitalidade, Lazer e Turismo.

[...] a maioria não exerce a função de técnico. Não pretende e não exerce. O mercado não consegue absorver e os alunos não têm perspectiva. A realidade do curso de agenciamento hoje, a inserção é um pouco maior (Professor 21).

[...] a maioria sai da cidade, não volta. E a cidade também não consegue garantir um ambiente profissional. A gente acaba criando, a gente enche esses meninos de sonhos e às vezes a cidade não consegue absorver (Professor 20).

Os professores exprimem certa insegurança quanto à inserção dos alunos na vida profissional. Acreditam que os desejos de parte dos discentes quanto ao seu futuro não estão na cidade de Barreirinhas, mas direcionados a outras atividades empregatícias.

Para o grupo entrevistado, o estágio torna-se uma forma de inserção dos alunos no mercado de trabalho. Entretanto, alguns apontam o interesse do mercado somente para suprir pontualmente alguma posição em suas empresas, com essa opção de vínculo.

[...] e aí são absorvidos dentro dessa parte, mais de estágio, mas não como profissionais técnicos devidamente formados. O problema é esse né, falta de um lado o interesse do aluno e do outro o mercado (Professor 24).

[...] o mercado às vezes tem ciência que nós estamos ofertando cursos dentro desta área. Mas o mercado nem sempre chega para correr atrás desse profissional, às vezes chega para correr atrás, mas mais para o estágio (Professor 10).

Na visão de Julião (2018), o docente tem a possibilidade de colaborar para que discentes e sociedade civil ressignifiquem e valorizem a cultura local e contribuam para o desenvolvimento sustentável por meio de uma transformação social, em que a escola tem papel preponderante.

Para Melo, Pimentel e Silva (2011), a formação educacional no setor do turismo é importante para o desenvolvimento profissional, pois gera oportunidades em um concorrido mercado de trabalho, especificamente no setor operacional em que se situam os formandos de cursos técnicos.

O grupo pesquisado corrobora o pensamento exposto na pesquisa supracitada, ao considerar que a formação profissional no eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer é relevante para o desenvolvimento da atividade turística na região. Como infere Ruschmann (2002), a formação profissional eleva a qualidade na área de turismo quanto aos serviços ofertados, visto que se trata de um trabalho de contato humano.

[...] e de fato trabalhar dentro da área. Assim como o mercado já vai observar com bons olhos, porque vai ver que a escola está formando profissionais graduados. Estamos precisando de pessoas qualificadas para trabalhar. (Professor 12).

[...] e ver se mercado realmente vai absorver eu acho que a princípio ainda tem bastante para crescer até porque deve ter gente saindo com ideias novas (Professor 23).

O Plano de Manejo do PNLN orienta a qualificação de trabalhadores para os setores de atuação da localidade. O Plano Maior, documento elaborado pelo governo do estado do Maranhão, infere sobre a necessidade de aprimoramento dos recursos. O Plano Maior 2020 observou a carência de recursos humanos instruídos para atuar na atividade turística, bem como nos setores da oferta agregada ao turismo que dão suporte à atividade.

No entanto, para os entrevistados, devido à falta de oportunidades de empregos a alternativa é o serviço autônomo. O empreendedorismo torna-se então uma forma distinta para o aluno ingressar na profissão.

[...] aí eu acho que a gente vai ter um pouco mais de inserção porque uma coisa chama a outra se você tem um profissional de gestão que é formado aqui no campus e ele está inserido no mercado ou que ele tem um espírito empreendedor de montar um negócio dele (Professor 3).

[...] nós temos que tomar cuidado com os investimentos locais. Eu vejo assim: ainda há uma inserção muito baixa no mercado, eu penso também que é uma questão de maturidade dos alunos. Têm possibilidades desses alunos se inserirem como o empreendedor (Professor 3).

O Catálogo Nacional de Cursos Técnico (2017), documento do Ministério da Educação que norteia a orientação profissional de cada Eixo Tecnológico, afirma que, na área de Turismo, Hospitalidade e Lazer, a organização curricular do curso deve contemplar o empreendedorismo, o associativismo e o cooperativismo como conteúdos a serem desenvolvidos. Tomazoni (2007) afirma que, dentre as exigências da qualificação dos profissionais de turismo, está a autonomia como competência para adaptação a um modelo flexível de trabalho.

4.3.1.6 Classe 1: “Infraestrutura Urbana”

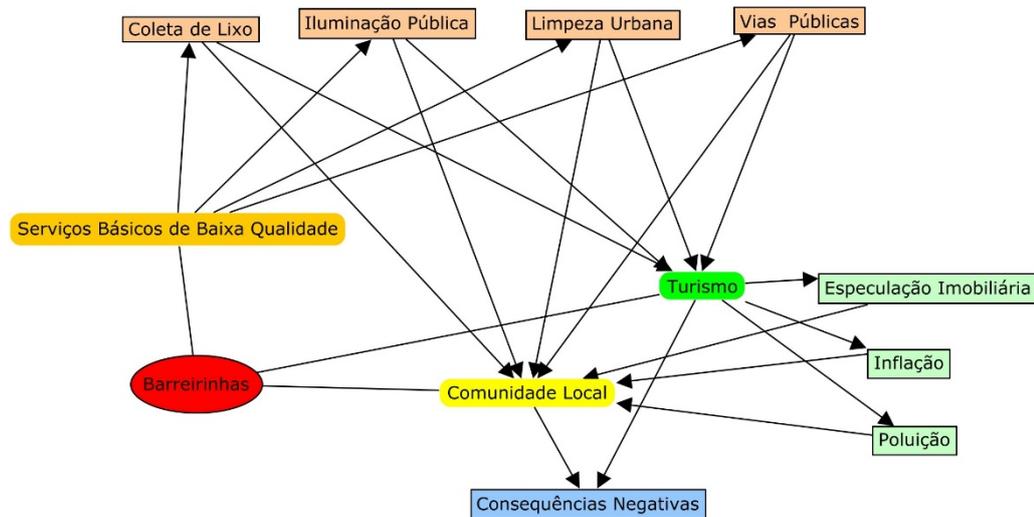
A classe 1 apontou 11% de termos nas falas do grupo de entrevistados. Foi a classe com a menor ocorrência de palavras, quando comparada com as demais classes geradas. O relatório gerou uma lista com 26 palavras.

A investigação desta classe partiu da exploração do termo que ocorreu com maior significância: **lixo**. Os segmentos de texto onde a palavra **lixo** foi encontrada, no relatório gerado pelo IRaMuTeQ, possibilitou uma análise sobre sua, bem como quantos e quais sujeitos enunciaram a empregaram.

Observou-se que o termo **lixo** foi empregado em referência à sujeira urbana presente na cidade estudada. O termo é apontado como reflexo da falta de serviços públicos essenciais. Foi possível verificar como se relaciona com as outras palavras de destaque da classe 1, **cidade**, **rua**, **qualidade** e **preço**, que permitem afirmar que os sujeitos expressaram suas crenças e opiniões acerca da infraestrutura urbana da cidade de Barreirinhas.

Dando continuidade à investigação, buscaram-se ligações entre cada um dos vocábulos da classe 1. Logo, elaborou-se um fluxograma que mostra as conexões que surgiram na fala dos professores (ver Figura 35).

Figura 35: Mapa Conceitual – Classe 1 “Infraestrutura Urbana”



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da visualização gráfica das relações entre os termos mais frequentes na Classe 1 e da observação de que as falas dos professores se relacionam com elas, a análise passa a um novo estágio ao aprofundar a investigação nas 5 palavras desencadeadoras dos demais termos.

A palavra **lixo** foi a mais recorrente na Classe 1 – Infraestrutura Urbana. Seu emprego pelo grupo pesquisado diz respeito às condições da limpeza da cidade. Os professores exprimem insatisfação com o descaso constatado nas ruas de Barreirinhas. Para eles, tanto a comunidade local quanto o turismo são afetados.

O termo também é utilizado num sentido adverso, quando relacionado ao turista. Os professores estabelecem uma comparação entre o comportamento dos turistas e o dos residentes locais: os primeiros descartam seus resíduos de forma inadequada, o que não acontece com residentes locais.

O segundo e terceiro termos mais frequentes, **cidade** e **rua**, associam-se. São utilizados para descrever a localidade. Os professores retratam de que maneira ela é observada nos aspectos de urbanização e de utilização para o turismo e pelo turista. O termo rua refere-se às vias urbanas da cidade. Na visão dos professores, tais vias não se encontram em condições adequadas, tanto para a comunidade local, quanto para os turistas. Quando da colocação do termo para descrição da cidade, a infraestrutura básica é citada como uma deficiência percebida. Há uma opinião de que o poder público não atua de forma prudente. Já do seu emprego aliado ao turista, o termo se refere às possibilidades de uso pelo visitante.

A quarta palavra mais frequente na classe 1 foi **qualidade**. Sua aplicação está relacionada à avaliação da infraestrutura da região. É latente no discurso dos professores que há carência de qualidade em determinados aspectos dos serviços públicos. Também é utilizado para apontar as expectativas do turista em relação às condições de vivência na cidade.

O quinto termo mais recorrente foi **preço**. Os professores fazem considerações sobre o preço de produtos, serviços e moradia na cidade de Barreirinhas. Como grande parte do grupo pesquisado está domiciliado em outras cidades, há um sentido comparativo quanto ao custo de vida. Concluem também que o preço dos serviços e produtos oferecidos na região não correspondem aos valores estabelecidos.

Com o tema central intitulado **Infraestrutura Urbana**, a análise propõe a relação das palavras da Classe 1 com subtemas propostos. A Figura 36 apresenta a composição elaborada.

Figura 36: Subtemas e Palavras da Classe 1

Subtemas	Palavras da Classe
Serviços Básicos	Lixo – cidade -rua – entrada – iluminação – limpo – escuro - esburacado
Comunidade Local e o Turismo	Comunidade – qualidade – preço – vida – cobrar – elevado – hospedar - turista

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.1.6.1. Subtema “Serviços Básicos”

No subtema da Classe 1, “Serviços Básicos”, foi possível verificar os termos desta classe que se relacionam (ver nuvem de palavras – Figura 37).

Figura 37: Nuvem de Palavras – Serviços Básicos



Fonte: Elaborada pelo autor.

Os termos que mais se destacam na nuvem de palavras são: **lixo, cidade, rua, entrada, iluminação, limpo, escuro e esburacado**. Os professores apresentam questões sobre a oferta de serviços públicos essenciais na cidade de Barreirinhas. Procuram qualificar aspectos urbanísticos da localidade e como eles afetam o cotidiano da comunidade local e dos turistas. Para os professores, as condições da cidade quanto a limpeza pública, iluminação e asfaltamento são precárias. A seguir, alguns trechos que fazem referência as essas demandas:

[...] porque a cidade é pequena mas ela é bonita. Só que ela é mal-cuidada. Muito lixo espalhado, logo pela entrada da cidade já se vê lixo dos dois lados e falta de cuidado com a cidade (Professor 11).

[...] a rua para chegar em casa também está esburacado. Aí eu tenho que fazer outro caminho muito mais longo para poder chegar em casa. Eu não uso dos serviços públicos da cidade (Professor 23).

As condições da cidade refletem na atividade turística. Ainda que os recursos naturais sejam únicos, o produto turístico é composto por outros elementos que necessitam certo equilíbrio, para que seja competitivo. Ruiz e Gandara (2013) afirmam que as áreas turísticas competem entre si e que um dos fatores que definem a eleição de um determinado destino por parte dos turistas é o planejamento urbanístico. Nesse sentido, os professores observam a deterioração das condições do município, principalmente em sua área urbana.

[...] porque você já chega na entrada da cidade com uma visão muito ruim, todo aquele pedacinho da entrada da cidade toda esburacada, na feira tem aquele pedaço com muito lixo, muito urubu (Professor 12).

[...] eu acho que é paisagem maravilhosa, mas eu acho que falta uma infraestrutura da cidade para receber os turistas. Eu sempre brinco dizendo que sobre o turismo: seja bem-vindos, a gente tem coisas maravilhosas. Mas desculpe pela bagunça (Professor 19).

Beni (2001) afirma que a insalubridade e a fragilidade da administração pública quanto à higiene local atingem diretamente o setor turístico. Ademais, o fluxo de turistas na alta temporada tende a agravar tais setores, devido ao aumento temporário da população.

Neste sentido, o Plano Maior 2020 (2012), que visou orientar o desenvolvimento da atividade turística no Maranhão, indicou como relevantes as questões ligadas à infraestrutura local. Ações correlacionadas à manutenção urbana em geral são objeto de questionamento da cadeia de distribuição turística e de uma parcela de consumidores.

Infere-se que a fala dos professores apontam esse problema, recomendando ações das entidades públicas no sentido da realização de melhorias. Fazem alusão ao papel da administração da cidade e à necessidade de que seja mais atuante.

[...] e as vezes fica muito mais no discurso do que na prática. Ainda tem muito o que fazer aqui em Barreirinhas, muitas melhorias que são questões públicas. Essa entrada aqui de Barreirinhas eu particularmente acho horrorosa (Professor 11).

Dentre os problemas apontados, a iluminação pública foi destacada. Os professores afirmam que a taxa paga não condiz com o serviço prestado. Isso ocorre, tanto pelos equipamentos ofertados, quanto por sua ausência.

[...] sempre que eu entro aqui em Barreirinhas eu acho a entrada, essa avenida, muito escura. E isso deveria porque faz parte da iluminação pública, então o imposto que se é pago na conta da companhia elétrica tem uma taxa iluminação pública (Professor 14).

Conforme constataram Almeida, Fumega e Alves (2011), a iluminação permite a circulação dos turistas durante a noite, dilatando o número de horas para ações da atividade. Assim, a luminosidade artificial possibilita novos atrativos das destinações turísticas. Ademais, um sistema de iluminação pública eficiente transmite segurança aos turistas e à comunidade local, como foi observado pelos professores, em suas falas.

4.3.1.6.2 Subtema: “Comunidade Local e Turismo”

Na nuvem de palavras, os termos que mais se destacaram foram: **qualidade, preço, vida, cobrar, elevado, hospedar e turista**. A convivência entre a comunidade local e os turistas oriundos da atividade e, conseqüentemente, algumas das repercussões dessa relação foram observadas nas falas dos professores.

A nuvem de palavras (Figura 38) apresenta o desenvolvimento dos termos deste subtema.

Figura 38: Nuvem de Palavras – Comunidade Local e Turismo



Fonte: Elaborada pelo autor.

A ausência do conjunto de serviços básicos para a cidade interfere na vida da população local e, por conseguinte, na atividade turística. Neste sentido, os professores entendem que a falta de qualidade da infraestrutura é um problema estrutural grave e latente aos olhos dos turistas.

[...] porque vem muita gente para cá. Por ser uma cidade muito movimentada eu acho que falta algo para prover qualidade de vida para o turista. Para que ele chegue até aqui não tenha somente o hotel para ficar (Professor 14).

Há um contraste no discurso dos professores e a visão dos turistas, em relação à qualidade da oferta privada e dos serviços públicos disponíveis. Enquanto para os turistas a qualidade dos meios de hospedagem é ressaltada, na cidade ela tem um conceito baixo, segundo os entrevistados.

[...] então nós temos essa problemática, mas assim que você chega na cidade, passando por essas intempéries de estrada, a gente percebe que tem uma série de pousadas e hotéis. Hotéis de boa qualidade (Professor 26).

Isso faz com que a relação entre o turista e a comunidade seja distante. Trata-se de um fenômeno social em que turistas e residentes geram influências mútuas, tanto socialmente como

economicamente. Tendo em vista a necessidade de suprir uma demanda particular, os espaços turísticos criam oportunidades de consumo fugaz. Residentes e visitantes tornam-se antagonistas entre os usos nativos do lugar e sua aplicação para fins mercantis (ANJOS, 2001). O relato que segue demonstra essa dicotomia.

[...] e é uma coisa que incomoda particularmente em Barreirinhas é que eu percebo que tem muitas ações que são feitas não para os moradores elas são feitas para o turista (Professor 10).

Para os docentes, muitas vezes os residentes são alijados dos processos de planejamento urbano, devido à ausência de envolvimento com o turismo. Isso acarreta o aprofundamento da desigualdade social e provoca conflitos.

No município de Barreirinhas há algumas instâncias de participação pública nas quais a população tem a oportunidade de cooperar no processo de planejamento turístico. O conselho de turismo da cidade é uma dessas instâncias. Logo, deduz-se que os docentes representam que a comunidade está alheia ao delineamento de ações voltadas ao turismo. Como 50% dos sujeitos entrevistados têm residência fixa fora do município, tal crença pode ser motivada pela falta de envolvimento com a rotina de Barreirinhas, visto que não a consideram como a cidade de sua moradia.

A especulação imobiliária e a pressão sobre os preços locais ocorrem com frequência, em destinações turísticas. Esses processos são objeto de observação nas falas dos professores. O fato de a precificação ser tendenciosa faz parte da opinião dos entrevistados.

[...] eles acabam fazendo um preço mais acessível porque isso é uma problemática muito grande aqui em relação ao turismo na cidade. Se eu sou moradora na cidade então preço é x (Professor 23).

[...] se você não é e for um turista é o preço é um pouco mais caro. Então acaba na minha opinião é um tipo de exploração que é feito aqui porque independente de eu morar aqui ou não eu também sou turista (Professor 5).

O valor despendido em relação ao produto adquirido, para os entrevistados, não é correto. Creem que não atingem a qualidade desejada.

[...] o que eu percebi muito desde quando cheguei é que os preços são muito elevados, mas a qualidade por aquele produto não corresponde ao valor que é cobrado (Professor 9).

Em função do acréscimo populacional em curtos períodos, há uma pressão sobre os preços que acaba atingindo a vulnerável comunidade local. Esse movimento ratifica o que

afirma Beni (2001), em relação ao planejamento turístico, que deve buscar o equilíbrio entre a comunidade local e a atividade turística, e não se excludente em relação à primeira.

[...] qualidade de vida no sentido de se ter algo ofertado publicamente como uma praça ele pode até lá e pode ficar lá só na praça curtindo como a gente vê em outros lugares (Professor 24).

Para tanto, os professores têm o desejo de que ambos os grupos, residentes e visitantes, consigam aproveitar a cidade. Cobram, dessa forma, que o poder público cuide dos espaços sociais, para que as pessoas possam usufruir harmoniosamente a localidade.

4.3.2 Análise de Discurso do Alunos

Para a análise dos resultados e discussão do grupo dos alunos, foi realizada a transcrição dos grupos focais dos alunos. Em seguida, tendo como base as perguntas que nortearam os grupos focais, os discursos foram separados nos seguintes grandes temas: **Poder Público, Produção Local e Atrativos Turísticos, e Agências de Turismo Receptivo.**

4.3.2.1 Tema: “Poder Público”

A partir da análise do conteúdo das falas dos alunos, observou-se que eles têm preocupação com a condução do poder público na gestão do município de Barreirinhas-MA. Isso permitiu a elaboração de nuvem de palavras para que fosse realizado uma discussão sobre as palavras mais recorrentes no discurso dos alunos (ver Figura 39).

Ao observar a nuvem de palavras, percebe-se que os termos de maior destaque foram: **cidade, turista, pessoa, falta, público, rio e investir.**

Com a leitura material dedicada ao tema, percebe-se que, ao serem questionados sobre a atuação do poder público, os alunos deram destaque à questão de urbanização da cidade. Acreditam que a atuação do poder público tem sido falha no sentido de atender às demandas de infraestrutura na cidade.

Os alunos percebem a ausência do poder público em trabalhos de zeladoria da cidade, e conseguem, em seus discursos, relacionar o tema com o turismo. Compreendem que uma cidade

bem cuidada é mais atrativa e faz com que o turista possa usufruir de bons momentos, além dos passeios nos Lençóis Maranhenses. O trecho da fala de um aluno enfatiza essa compreensão.

Então eles só fazem os passeios, passam dois, três dias aqui e vão embora. Acho que deveria ser investido um pouco mais, dentro da cidade. Algo que prendesse ele mais aqui. Assim eles iriam contribuir mais com a nossa renda. Porque as pessoas focam tanto nos Lençóis e acabam esquecendo que os Lençóis ficam dentro de Barreirinhas. Então também tem que ser investido na cidade em si. A questão do trânsito, iluminação, segurança. Acho que o poder público deve investir muito mais na estrutura da cidade. (GF1 – Aluno 7).

Há uma percepção dos alunos de que uma cidade bem cuidada favorece o turismo. Vivem com a dinâmica do turismo na região e percebem que sua cidade deixa a desejar aos olhos de quem a visita. Em uma localidade que propicie ao turista permanecer por mais tempo há aumento de gastos com serviços, o que permitiria o incremento na economia da cidade. Os alunos afirmam que a construção de equipamentos públicos, tais como praças ou parques poderia ser uma maneira de o turista desfrutar a área urbana de Barreirinhas.

Acho que falta investimento na cidade. Nas praças principalmente. Tu olhas e tem uma árvore, o máximo. Acho que deveria ter arborização. Bancos para as pessoas sentarem nas praças. Um parque para as crianças. Falta esse tipo de investimento na cidade (GF1 – Aluno 4).

Figura 39: Nuvem de Palavras – Poder Público e Turismo



Fonte: Elaborada pelo autor.

Há uma percepção dos alunos de que uma cidade bem cuidada favorece o turismo. Vivem com a dinâmica do turismo na região e percebem que sua cidade deixa a desejar aos olhos de quem a visita. Em uma localidade que propicie ao turista permanecer por mais tempo

há aumento de gastos com serviços, o que permitiria o incremento na economia da cidade. Os alunos afirmam que a construção de equipamentos públicos, tais como praças ou parques poderia ser uma maneira de o turista desfrutar a área urbana de Barreirinhas.

Acho que falta investimento na cidade. Nas praças principalmente. Tu olhas e tem uma árvore, o máximo. Acho que deveria ter arborização. Bancos para as pessoas sentarem nas praças. Um parque para as crianças. Falta esse tipo de investimento na cidade (GF1 – Aluno 4).

A questão da poluição gerada pelo turismo é outro ponto que se destaca na fala dos alunos. O rio Preguiças, que banha a cidade, vem sofrendo degradação, devido à falta de saneamento básico. A atividade turística, na visão dos alunos, tem sua parcela de culpa na poluição do rio. No entanto, reconhecem a ausência do estado no cumprimento da tarefa da implantação da infraestrutura.

O município deveria investir mais em saneamento básico. As pousadas, os restaurantes jogam tudo de esgoto, jogam tudo em cima do rio, poluem o rio, as pessoas vão banhar (GF2 – Aluno 3).

As palavras **deveriam** e **falta**, em destaque na nuvem de palavras do tema Poder Público, orientam a discussão sobre o papel do governo na gestão do município. Há uma emergência nas falas, haja vista que os discentes convivem com os problemas sociais da localidade. A fala dos alunos evidencia a omissão dos governantes. Ao realizarem o exercício de cidadania, os alunos elaboraram opiniões de que a responsabilidade pela gestão do patrimônio público é de todos os atores sociais. Notadamente, o Poder Público tem a maior parcela. Entretanto, eles entendem que os moradores da cidade também devem cumprir seu papel na sociedade.

[...] a conscientização das pessoas. Há algum tempo eles fizeram uma obra na beira rio, e depois já estava tudo destruído. Nós reclamamos, mas quando o poder público faz, as pessoas destroem. Falta conscientização da população e dos governantes. E também das pousadas, porque jogam esgoto dentro do rio. Falta fiscalização e reparos (GF2 Aluno 5).

Tem que conscientizar as pessoas que estão aqui na cidade, para manter o patrimônio público que a gente tem. Porque se acabar, acaba simplesmente a renda de quem vem para a cidade, porque grande parte de todo o dinheiro que vem para cá, é por causa do turismo (GF3 Aluno 2).

Os alunos esperam que a atividade do turismo possibilite melhora de vida para a população. Consideram que, para atingir essa meta, o Poder Público deve realizar uma gestão

Os alunos manifestam familiaridade com tais atrativos. Dividem-se entre os pontos de visitação, manifesta es culturais e produtos manufaturados localmente.

Como maior destaque na nuvem, o termo lagoa refere-se diretamente ao Parque Nacional dos Len ois Maranhenses, cujo principal atrativo são suas lagoas perenes, que se formam com as águas da chuva e contrastam com as dunas brancas, formando uma paisagem singular que mescla a imensidão de um deserto com a profusão de lagoas.

Com reconhecida capacidade de produzir representa es e práticas distintivas, para Garcia (2015) o turismo agrega valor de troca   natureza por meio de símbolos criados. Cria-se, assim o imaginário de atividade promissora e ecologicamente sustentável.

No entanto, para os alunos os turistas precisam conhecer mais lugares, além do PNLN. A visão aponta para a ancoragem e objetiva o do grupo sobre a amplia o da oferta como mecanismo de expansão da atividade turística na região. Sugerem que os visitantes realizem atividades de ecoturismo em outros locais, como o rio Preguiças, a praia de Atins e o povoado de Mandacaru. Conjuntamente, recomendam atividades como a prática de kitesurf, passeios de quadriciclo e sobrevoos sobre a região dos len ois.

Farol de Mandacaru, Cardosa, Vassouras, Tabocas, Caburé, Atins, Tapuio produ o de farinha, Beira-rio. O rio Preguiças, que poderia ser melhor explorado com barco, com um catamarã, para fazer passeio. Alaz o, riachos, São Domingos, passagem do canto, bonito, São Roque, as dunas, porque geralmente os turistas vêm por causa das lagoas e não valorizam, a praça da matriz, cantinho Santo Ant nio, rio Preguiças como todo (GF5 – Aluno 8).

Uma longa lista de produtos regionais foram citados pelos alunos. A partir da mandioca, tem-se a produ o da farinha, da tapioca e da tiquira, bebida de alto teor alcoólico. O caju fornece a castanha e a polpa, da qual se produzem doces. A fibra e o doce do buriti também foram aludidos como produtos regionais. Muitas frutas e outros produtos foram citados, confirmando o conhecimento dos alunos sobre sua localidade e estabelecendo uma forte conexão com suas raízes.

Os alunos ancoram um sentimento de que há ausência da venda de produtos agregados aos turistas. Existe, de certa maneira, um *modus operandi* da comercializa o de determinados artigos. Essa atitude faz com que se perca a oportunidade de lucro com a oferta de outras mercadorias. Trata-se de um hábito viciado pelo mimetismo já estabelecido entre os comerciantes.

Não somente o comércio é afetado, visto que, para os alunos, perde-se uma oportunidade de transmissão de informações aos turistas. O trecho que segue aponta esse fato, especificamente em um ponto de venda, na balsa da travessia do rio Preguiças.

O rio Preguiças, quando eles vêm para fazer os passeios, quando eles vêm dos passeios, eles encostam, quando vão para o tapiuo e param para comprar tapioca. Todo mundo vai, passa pelo rio e compra tapioca. Mas só isso, não oferecem outra coisa para vender. Não dão informação. É só café e tapioca (GF5 – Aluno 8)

Quanto às manifestações culturais, tem-se na vaquejada o seu maior expoente. A festa anual, tradicional em diversas partes do nordeste brasileiro, tem sua origem ligada à perseguição do gado, visto que nas áreas de criação não havia cercas. Além do tradicional evento esportivo, a vaquejada, uma festa com duração em média de 10 dias, movimenta toda a cidade.

Para os alunos, no que se refere à atividade cultural da cidade há uma lacuna no calendário de eventos. Reconhecem que na localidade há uma diversidade de manifestações que têm a atratividade necessária para trazer o turista. Entretanto, a ausência de um calendário anual de eventos restringe as atividades culturais a poucos meses, fazendo com que em determinadas épocas do ano não haja movimentação nesse setor. O depoimento de um discente apresenta essa interpretação:

Os principais atrativos daqui são a nossa cultura, do bumba-boi, a festa de São Gonçalo, as quadrilhas da região, que de vez em quando se apresentam. Mas acho que a prefeitura deveria organizar mais eventos na região, não só um por ano, porque o turista não está só aqui uma vez. O turista está aqui o ano todo. Precisa organizar durante o ano todo. Uma vez por final de semana eles poderiam organizar a presença de um bumba-boi, de uma quadrilha, de uma festa de São Gonçalo. Para poder ter um atrativo o tempo todo na cidade. Não somente uma vez no ano, porque daí isso se incluiria nos atrativos para os que vem para cá (GF2 – Aluno 2).

4.2.3.3 Tema: “Mercado Turístico Receptivo”

O funcionamento do mercado turístico de Barreirinhas foi o título de um dos grandes temas que surgiram na fala dos alunos pesquisados. Todo discurso que envolveu este assunto gerou uma nuvem de palavras (VER Figura 41).

Nesta nuvem, as palavras de maior destaque foram: **Agência, Turista, Turismo, Pessoa e Gente.**

Trata-se de uma estratégia comercial empregada há algum tempo. Por meio de comissões, as agências pagam esses pseudoguias turísticos para conduzirem os recém-chegados turistas aos seus estabelecimentos. Isso ocorre, por um lado, à forte concorrência entre as agências, e por outro lado, a um certo grau de insegurança por parte dos turistas. Em muitos casos, são cobrados valores acima da média de mercado.

O domínio de uma segunda língua é visto como uma deficiência das agências de turismo receptivo. Os alunos acreditam que a falta de um idioma em um destino que recebe turistas estrangeiros tende a dificultar o atendimento e causa perda de clientes. Neste sentido, prosseguem os alunos, há um déficit da capacitação dos funcionários das agências. Nesse ponto, a capacitação profissional foi latente nas falas dos discentes.

Falta capacitação e também capacitação para as agências. Falta organização. Faltam os atendentes falarem outra língua. Na maioria das agências, não tem uma pessoa que fale com o estrangeiro (GF2 – Aluno 1).

Por outro lado, os alunos reconhecem que determinados estabelecimentos investem em treinamento de seus colaboradores. Emergem em suas falas valores da hospitalidade, que primam pelo contato humano, a partir de princípios de empatia e acolhimento. Assim, privilegia-se o encontro interpessoal, que é assinalado por uma atitude de cortesia entre anfitrião e visitante.

Sobre as agências e até sobre o ramo da hotelaria. Quanto mais tempo a agência tem de serviço, mas ela investe na capacitação dos funcionários. E muda completamente o atendimento. Porque nós já chegamos em agências e a pessoa não dava um bom dia, não sorria, não fazia nada. Enquanto a gente já chegou em hotéis e pousada no caso, e o serviço foi maravilhoso. Literalmente, valorizava o cliente (GF3 – Aluno 3)

Quanto aos produtos ofertados pelas agências, há espaço para outros atrativos. Os alunos afirmam que muitos locais poderiam ser explorados pelas agências, e que elas acabam vendendo sempre os mesmos passeios. Neste sentido, demonstram domínio técnico sobre os diversos segmentos turísticos, reconhecendo oportunidades de mercado.

As agências não procuram novos atrativos. Tem muita coisa boa daqui, poderiam fazer algumas coisas culturais. Porque se ficar só nos Lençóis. É a mesma coisa, turismo de aventura. Sendo que poderia ter turismo cultural, turismo de lazer. O atendimento é bom, depende da agência (GF5 – Aluno 4),

A estratégia de segmentação tende a consolidar produtos por meio da estruturação do destino. Portanto, sabendo-se das diversas possibilidades do destino Lençóis Maranhenses, nichos de mercado podem surgir para dar suporte ao atrativo principal, fazendo com que a oferta cresça em variedade e qualidade.

Os alunos compreendem a forma como as agências de turismo receptivo atuam em Barreirinhas-MA. Observam que o tratamento despendido aos turistas em sua chegada à localidade não é o mais adequado. Admitem que a escassez de colaboradores com uma segunda língua prejudica a assistência aos visitantes estrangeiro, levando à perda de oportunidades.

Quanto aos aspectos da qualificação dos agentes turísticos, os alunos percebem que os estabelecimentos que investem em capacitação contam com funcionários mais bem preparados para a atividade. Melo, Pimentel e Silva (2011) identificaram que treinamentos e capacitações ofertadas por instituições da área do turismo contribuem para o desenvolvimento profissional de seus colaboradores.

Finalmente, quanto à venda dos passeios turísticos na região, os alunos têm a visão de que são favoráveis ao acréscimo da oferta turística, mediante a exploração de novos segmentos turísticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou as Representações Sociais de professores e alunos de uma instituição de ensino profissionalizante com relação ao segmento do ecoturismo na região dos Lençóis Maranhenses.

Ao longo da coleta de dados, a pesquisa obteve grande aceitação na IEP. É possível afirmar que os docentes e discentes receberam com entusiasmo a possibilidade de participar do trabalho. Houve compreensão de que o tema da pesquisa pode contribuir para uma percepção da importância da atividade turística no município, do ponto de vista econômico, ambiental e social.

A partir da caracterização sociodemográfica dos professores foi possível identificar o perfil dos participantes. A investigação permitiu compreender as tendências que influenciam os grupos. Alguns fatores relevantes foram observados, como a influência do local de residência fixa dos sujeitos na formação das opiniões sobre o turismo. Os que moram e os que não moram na cidade têm diferentes visões sobre a localidade. A formação acadêmica dos professores pode ser destacada como um ponto relevante da pesquisa, pois é alto o nível de graduação dos docentes da IEP, em comparação com o dos professores do ensino profissional no Brasil.

Os dados sociodemográficos referentes aos alunos evidenciaram seu interesse pelo ensino profissionalizante. Ainda que o curso estudado seja ofertado em uma região que demanda profissionais na área do turismo, grande parte dos participantes não tem interesse em exercer funções na área, no futuro. Há uma tendência dos alunos para cursar a IEP por conta da qualidade do ensino médio ali oferecido.

Com a coleta de dados nas entrevistas e nos grupos focais, a pesquisa obteve um vasto material a ser mais bem investigado. Houve o delineamento de assuntos relevantes nos discursos, passíveis de orientar suas Representações Sociais sobre o turismo nos Lençóis Maranhenses.

No discurso dos professores percebe-se a importância do material humano para o sucesso da atividade turística no município. O grupo reconhece o potencial turístico da região, em virtude de suas belezas naturais, mas o atendimento ao público é deficitário e não condiz com as expectativas dos turistas. Infere-se que os formadores da única instituição de ensino profissionalizante do município de barreirinhas representam que a responsabilidade de

instrução do capital humano compete ao mercado, isentando-se, assim, do compromisso com a qualidade do atendimento na atividade turística local. Considerando-se que a experiência turística é composta por diversos fatores, o relacionamento com os turistas por parte daqueles que exercem cargos que lidam diretamente com os visitantes carece de aperfeiçoamento.

O número de opções dos meios de hospedagem foi considerado um ponto forte pelo grupo de professores. Com possibilidade de atender à demanda turística de diversas classes sociais, esses equipamentos são vistos como uma estrutura distinta do restante da cidade. Em alguns hotéis e resorts que estão estabelecidos na cidade, o turista vive em um mundo à parte.

Toda essa oferta turística, com meios de hospedagem e estabelecimentos de alimentação, possibilita a geração de empregos para a população. Ainda assim, novamente os professores ressaltam que a ausência de qualificação pode ser um impeditivo para o progresso da atividade.

Quanto ao papel do poder público no fenômeno turístico, o grupo dos professores pondera sobre o governo como instituição promotora para seu desenvolvimento. A gestão pública mostra-se ausente como entidade fomentadora da economia. Não percebendo políticas públicas que priorizem a atividade turística, os professores são céticos quanto à atuação das esferas de poder na região. Entende-se que a instituição acadêmica faz parte do sistema turístico: entretanto, os professores não a citam como importante parceiro para planejamento e gestão do turismo local.

No que se refere à infraestrutura básica, há total descontentamento por parte dos professores. Problemas relacionados ao saneamento básico, asfaltamento e limpeza pública foram citados como críticos. Portanto, consideram ineficiente o poder público, que constitui um entrave ao progresso da atividade turística. Os professores, portanto, têm uma visão negativa da atuação governamental.

A análise trouxe o posicionamento dos professores sobre o segmento do ecoturismo e de seu potencial de geração de emprego e renda para a população. Os professores concordam quanto à relevância da atividade, em virtude do patrimônio natural da região dos Lençóis Maranhenses. A conscientização ambiental ancora-se no desenvolvimento da atividade para as gerações futuras. Propostas de um turismo alternativo, menos agressivo ao meio ambiente, também emergiram no discurso. As propostas procuraram incluir a participação da comunidade, para que possa ser beneficiada com a atividade. Por fim, os professores ressaltam que, ainda que a atratividade natural seja destacada, sem a qualidade nos serviços e sem uma gestão pública

eficiente corre-se o risco de redução da atividade turística no futuro. Mais uma vez não está evidenciado na fala dos professores o importante papel do único curso profissionalizante do município de Barreirinhas para o sucesso da atividade turística.

Quanto aos recursos turísticos, os professores evidenciam a singularidade e o valor turístico que a natureza oferece à região. Reconhecem na paisagem dos Lençóis Maranhenses o principal atrativo turístico do estado e fazem referência aos demais atrativos naturais, com especial atenção às atividades de ecoturismo no rio Preguiças. Essas evidências encontram consonância com políticas públicas federais e estaduais (Brasil, 2004; Maranhão, 2012) e com pesquisas acadêmicas sobre a região (Carvalho, 2007; Lima, 2018; Ataíde Júnior *et al.*, 2020). Quanto aos atrativos culturais de Barreirinhas, destacam o artesanato de buriti como símbolo primeiro da produção local e observam a necessidade de melhor organização do trade turístico, para a exploração desse patrimônio cultural.

Analisando o mercado turístico receptivo, os professores buscaram conhecer o perfil do turista que visita a região, e identificaram três grupos distintos: estrangeiros, brasileiros de outros estados e os maranhenses, especialmente os oriundos da capital do estado, São Luís. Para cada grupo, as opiniões foram distintas no que diz respeito à época de visitação e às preferências por atividades turísticas. Os estrangeiros e brasileiros visitam a região atraídos principalmente pelo Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e pelo turismo cultural. O turista regional prefere atividades ligadas ao rio Preguiças e ao turismo de sol e praia. Quanto à época de visitação, os turistas regionais são mais presentes em feriados prolongados.

A pesquisa revelou alguns posicionamento dos professores sobre a formação profissional ofertada pela IEP. Referem a falta de interesse dos alunos na educação técnica oferecida, mas não questionam se esse problema pode estar relacionado também ao processo de ensino-aprendizagem. Mais uma vez, infere-se que os professores não se veem como possíveis corresponsáveis por essa falta de motivação. Acreditam que há interesse maior no ensino médio com vistas à preparação para o vestibular e para o ENEM, devido à ideia de que o ensino oferecido pela instituição é superior ao de outras escolas da cidade. Quanto à inserção dos alunos formados pela IEP no mercado de trabalho, os professores acreditam que grande parte deles demonstra desinteresse em trabalhar na área do turismo. Na visão dos professores, o mercado de trabalho procura os alunos para vagas de estágio devido ao frágil vínculo empregatício estabelecido. Ademais, acreditam que a IEP contribui para a melhoria do desenvolvimento da atividade turística por meio da capacitação de mão de obra especializada.

Alguns aspectos negativos emergiram nos discurso dos professores, a respeito da oferta de serviços básicos. A limpeza urbana, iluminação pública e as condições das vias públicas são os itens da infraestrutura urbana que mais desagradam o grupo entrevistado. As opiniões cristalizadas mostram que o descaso do poder público com esses serviços públicos afeta diretamente, não somente a atividade turística, como também a comunidade local.

Os professores observam que turistas e residentes recebem atenção distinta das instâncias governamentais. Eles creem que determinadas ações públicas são voltadas exclusivamente para os interesses do turismo e que a população local não participa do processo de planejamento. No município de barreirinhas existem diversas instâncias para participação pública, tais como comissões, conselhos e audiências públicas, das quais a comunidade local tem participado ativamente. A partir daí infere-se que os professores representam um processo de planejamento público do turismo em que não há participação da comunidade local. Isso pode ser decorrente do desconhecimento de parte do grupo que tem residência fixa fora da cidade e que não participa de seu cotidiano.

Os professores atribuem à presença dos turistas a especulação imobiliária e a pressão sobre os preços dos produtos comercializados na cidade. Por fim, acreditam que ambos os grupos, turistas e residentes, necessitam de uma cidade melhor.

Com o grupo dos alunos, os resultados obtidos guardam relação com o papel do Poder Público. Em suas falas fica evidenciado que a parte urbana da cidade carece de maior cuidado por parte dos gestores. Ao estabelecer a relação do tema poder público com turismo, percebem que uma cidade atrativa, com instalação de locais de lazer e descanso, possibilitaria a permanência do turista por um período maior. Isso, no entendimento deles, incrementaria a economia do município. Na fala dos alunos há referências à falta de saneamento básico, que afeta diretamente o rio que banha a cidade. Finalmente, superando o discurso da má gestão pública, realizam uma análise que permite observar o exercício da cidadania, pois percebem que a população local também deve cumprir seu papel na preservação dos equipamentos públicos.

Os alunos compreendem a forma como as agências de turismo receptivo atuam em Barreirinhas. Observam que o tratamento despendido aos turistas, em sua chegada à localidade, não é o mais adequado. Admitem que a escassez de colaboradores proficientes em uma segunda língua prejudica a assistência aos visitantes estrangeiros e ocasiona perda de oportunidades. Quanto aos aspectos da qualificação dos agentes turísticos, percebem que os estabelecimentos

que investem em capacitação contam com funcionários mais bem preparados para a atividade. Sobre venda dos passeios turísticos na região, são favoráveis à expansão da oferta, com exploração de novos segmentos turísticos.

Percebe-se que os discentes não se imaginam como futuros integrantes do mercado turístico, atuando no receptivo local, nas agências de turismo, nos estabelecimentos de alimentos e bebidas e meios de hospedagem, ou como condutores de turismo. Constatou-se que 61% dos discentes alegam que não pretendem atuar no setor, após a sua formação. Não entendem que pode contribuir, por meio da sua formação, para a melhoria da qualidade dos serviços turísticos.

O grupo dos discentes demonstra conhecimento sobre a localidade e sobre os produtos originários da região. Têm um olhar, não apenas lisonjeiro, a respeito dos atrativos naturais e culturais, mas também crítico e analítico. Sugerem agregar atividades turísticas aos visitantes, explorando outros recursos naturais, ainda incipientes para o turismo, embora não falem de planejamento. Quanto aos produtos típicos da região, consideram oportunizar a oferta de uma variedade mais ampla de artigos, agregando valor e conhecimento aos visitantes. Em referência às manifestações culturais da cidade, anseiam por um calendário de eventos que contemple maior número de eventos, mais atividades, o que poderá levar os turistas a gastarem mais.

Considerando o papel do poder público com o desenvolvimento do turismo, é possível realizar uma análise comparativa entre as opiniões dos professores e as dos alunos.

Constata-se que os professores têm uma visão mais institucional, pois entendem que o poder público deve promover, por meio de projetos e programas, o turismo na região dos Lençóis Maranhenses. Há clareza sobre as responsabilidades das esferas municipais, estaduais e federais na gestão e a percepção da ausência de organização de diretrizes que permitam o desenvolvimento do turismo.

Os dois grupos convergem quanto à atuação do poder público em relação à infraestrutura básica da cidade. Ambos estão cientes dos problemas existentes em pontos cruciais, tais como saneamento básico, infraestrutura viária e zeladoria pública. Consideram que é função do poder público a implantação desses serviços, e um sentimento de indignação permeia ambos os grupos.

Por fim, no discurso dos alunos percebe-se enfoque na implantação de equipamentos públicos que permitam ao turista desfrutar da cidade e ir além das atividades no Lençóis

Maranhenses. O grupo também conseguiu estabelecer uma relação entre a manutenção da cidade e o comportamento da população.

Vale ressaltar que os discursos de professores e alunos não fazem referência às suas responsabilidades como profissionais atuais e futuros do sistema turístico.

Dessa forma, os resultados da pesquisa demonstraram a relevância da temática para a compressão de questões relativas ao turismo na região dos Lençóis Maranhenses.

Finalmente, reconhece-se que este assunto não foi totalmente explorado nesta pesquisa. Futuros estudos com utilização da TRS na área do Turismo poderão ser promissores, quanto à investigação de crenças e valores de diversos grupos sociais que compõem direta ou indiretamente a atividade turística.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metal Livros, 2001.
- ABREU, C. V. **O curso técnico em guia de turismo na Faculdade Senac Porto Alegre/RS**. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, PUCRS, 2012
- ACOSTA, S. F. **Escola**: as imagens que as representações sociais revelam. 225 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – PUC-SP, São Paulo, 2005.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A Investigação de Representações Sociais. In Trinca, W. (org.) **Formas de Investigação Clínica em Psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997.
- ALEXANDRE, M. Representação Social: Uma Genealogia do Conceito. **Comum**. Rio de Janeiro v. 10-nº 23. p.122 a 138-julh / dezembro, 2004. Disponível em: <<http://www.sinprorio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-Alexandre/Artigo7.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2017
- ALLIS, Thiago. **Projetos urbanos e turismo em grandes cidades**: o caso de São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.
- ALMEIDA, Diana; FUMEGA, João; ALVES, Teresa. A noite como produto turístico a integrar no planeamento urbano. **Finisterra**, v. 46, n. 92, 2011.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v. 1, n.1, p.18-43, jan./jun. 2008
- ANDRADE, J. A. P.; PEREIRA, T. A.; AZEVEDO, R. O. M. (coord.) Trabalho como princípio educativo: representações sociais de trabalho de alunos do IFRO. **REVES-Revista Relações Sociais**, v. 1, n. 2, p. 0149-0157, 2018.
- ANJOS, Francisco Antônio. O ESPAÇO TURÍSTICO E SEUS ELEMENTOS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS. **Turismo-Visão e Ação**, v. 4, n. 8, p. 127, 2001.
- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 117, p. 127-147, Nov. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742002000300007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 13 nov. 2017.
- ATAIDE JÚNIOR, Flávio *et al.* O desenvolvimento econômico do povoado Tapuio frente à criação do Parque Nacional dos lençóis maranhenses. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 12296-12303, 2020.
- BARREIRINHAS. Município. **Plano Estratégico de desenvolvimento do turismo em Barreirinhas**. Barreirinhas, MA: Prefeitura de Barreirinhas, 2011
- BARROS LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. Zahar, 1999.
- BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raul; FRENKEL, David. **Turismo, políticas públicas e relações internacionais**. Papirus Editora, 2003.

- BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: nem anfitriões nem convidados. **Anais da Reunião Brasileira da Associação Brasileira de antropologia**, 25, 2006.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1999 (Coleção Turismo).
- BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 11. ed. São Paulo: Senac, 20011.
- BENI, M. Política e estratégia do desenvolvimento regional: planejamento integrado e sustentável do turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 10, n. 1, p. 7-17, 18 maio 1999.
- BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo-Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017.
- BENI, Mario Carlos. **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão: desenvolvimento regional, rede de produção e clusters**. Barueri-SEP: Editora Manole, 2012.
- BINFARÉ, Paula Wabner *et al.* Planejamento turístico: aspectos teóricos e conceituais e suas relações com o conceito de turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 4, 2016.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista em Tese**. Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 3 nov. 2017.
- BORGES, Aylana Laíssa Medeiros; DA SILVA, Gilmar Barros. Mário Carlos Beni: contribuição para o estudo do turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 4, 2016.
- BRANDÃO, Pamela de Medeiros. **Análise da rede política do turismo brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. **PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>. Acesso em: 9 jun. 2019
- BRASIL. **Anuário Estatístico de Turismo –2018**. Ano base 2017. Volume 45 -1. ed. Brasília, Distrito Federal.
- BRASIL. IBAMA. **Plano de Manejo: Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Barreirinhas: Ibama, 2004
- _____. **Parecer CNE/CEB nº 15/1998**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB_15_1998.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2010e.

_____. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010

_____, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica. 2017**. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatistica-da-educacao-basica> Acesso em 23 jun. 2018

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Enem por escolas**. 2014. Brasília: Inep/MEC, 2014a.

_____. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil-PNAES**. Brasília, 2010

_____, Resolução n. 64, de 5 de dezembro de 2014. **Aprova a Política de Assistência Estudantil (PAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA**. São Luís, 2014.

_____, Resolução n. 87, de 5 de outubro de 2011. **Aprova a Política de Assistência Estudantil (PAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA**. São Luís, 2011.

BRITO, F. W. C. *et al.* In search of "likes": the influence of social media on consumer behavior in travel consumption. PASOS: **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 17, n. 1, p. 113-128, 2019.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRaMuTeQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicologia** Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

CAMPOS, A. M. N. O ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2006

CARDOSO, Valéria Maria Lima; RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. Entre travessias: a saúde dos docentes na expansão/interiorização do IFMA. **Rev. Subj.** Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 24-35, abr. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.23-36>.

CARVALHO, R. C. **Turismo nos Lençóis Maranhenses**: Estudo das Representações Sociais de Atores Sobre a Situação Atual e Futura nos Municípios de Barreirinhas e Santo Amaro do Maranhão. 312p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; DA COSTA, Stella Regina Reis. Qualificação profissional em turismo como fator de competitividade do setor. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 3, 2006.

CAVALCANTIL, K.; HORA, A. Política de turismo no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 13, n. 2, p. 54-73, 19 nov. 2002.

CHAMON, E. M. Q. O. A Educação do Campo: Contribuições da Teoria das Representações Sociais. In: CHAMON, E. M. Q. O.; GUARECHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. **Textos e Debates em Representação Social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014, p. 105-131.

_____. Representação Social e Risco: Uma Abordagem Psicossocial. In: CHAMON, E. M. Q. O. (org.). **Gestão de Organizações Públicas e Privadas: Uma Abordagem Interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Brasport Livros e Multimídia, 2007. p. 103-141.

_____. Representações sociais da formação docente em estudantes e professores da Educação Básica. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. Volume 18, Número 2, maio/agosto de 2014: 303-312. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-](http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-303-312.pdf)

CHAMON, Edna Maria Querido O; LACERDA, Pétala Gonçalves; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. Um breve revisar de literatura sobre a teoria das representações sociais. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 18, n. 4, p. 451-457, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. São Paulo: Makron Books, 1993. 0303.pdf> Acesso em 14 nov. 2017.

COOPER, C. *et al.* **Turismo: princípios e práticas**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

CORDEIRO, Renata de Sousa. **Os caminhos do frio no desenvolvimento do brejo paraibano**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

CORIOLANO, Luiza Neide; FERNANDES, Laura Marques. Migração temporária e mobilidade sazonal no turismo. **Seminário de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo-Anptur**, v. 9, 2012.

CORRÊA, J. M. F. G.; TEIXEIRA, R. M. Demanda e Competências dos Profissionais: estudo em agências de viagens e hotéis em Aracaju, Sergipe. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 2, p. 422-449, 2014.

COSTA, P. C. **Unidades de conservação: matéria-prima do ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

COSTA, S. P.; SONAGLIO, K. E. Análise das Representações Sociais dos comerciantes ambulantes e suas implicações no planejamento turístico. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 12, n. 1, p. 123-136, 2014.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: **América Latina: cidade, campo e turismo**. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, São Paulo, 2006

DENCKER, A.F.M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

DIAS, Reinaldo. Turismo e Terceiro Setor. **Revista Reuna**, v. 10, n. 1, 2005.

DUTRA, Carina Amorim. **O poder simbólico das representações sociais**: territorialidades conflitivas nas relações homem e natureza no distrito de Lavras Novas-MG. Dissertação (Mestrado em Instituições sociais e desenvolvimento; Cultura, processos sociais e conhecimento) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012

DUARTE, T. 2009. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). Cies e-working paper. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf. Acesso em: 5 ago. 2017.

EVANGELISTA, Isolda Machado. **Uma leitura sobre a praia de Iracema** - Fortaleza (CE): transformação socioespacial do lugar e suas representações. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, 2013.

FALCÃO, Roberto Pessoa Queiroz. Análise do perfil psicográfico de turistas da classe média emergente na Comunidade da Rocinha, Rio de Janeiro, RJ. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 11, n. 1, p. 113-142, 2017.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, ago./2002.

FONSECA FILHO, Ari da Silva. Educação e turismo: Reflexões para elaboração de uma Educação Turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.5-33, 1 set. 2007. ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

FÍGARO, R., A Triangulação Metodológica em Pesquisas sobre a Comunicação no Mundo do Trabalho. **Revista Fronteira - estudos midiáticos** 16 (2) 124-131, maio/agosto, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2014.162.06/4196> Acesso em 18 nov. 2017.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação & Sociedade**, vol. 28, núm. 100, outubro, 2007, p. 1129-1152. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas – SP, Brasil Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

GARCIA, R. M. de P. Representações sociais e o turismo: consubstanciação de geossímbolos. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.182-194, ago. 2015.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

_____. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

_____. Reconhecimento social e as políticas de carreira docente na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], v. 42, n. 145, p.88-111, abr. 2012. Fap UNIFESP (SciELO). Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 1 jun. 2018.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. **Professores**: aspectos de sua profissionalização, formação e valorização social. Brasília, DF: UNESCO, 2009 (Relatório de pesquisa).

GOELDNER, Charles R.; MCINTOSH, Robert W.; RITCHIE, Brent. **Turismo**: princípios, práticas e filosofias. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOMES, Carlos Francisco Simões; ALVES, Marcia Rodrigues. Uma abordagem comparativa dos planos de carreiras e cargos do Magistério Superior Federal. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**. ISSN 2237-1427, v. 5, n. 2, 2015. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/ReCaPe/article/view/24519>> Acesso em: 23/04/2020.

GONÇALVES, José Alberto. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000,

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARESCHI, P. Representações sociais e ideologia (Social Representations and Ideology). **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p. 33-46, jan. 2000.

ICMBIO. AUTOR OU ORGANIZAÇÃO. **Portal do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Guia do Visitante, 2018. Disponível em <<https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante.html>> Acesso em: 26/08/2020

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa. **Censo Demográfico 2015**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm> Acesso em: 29 mar. 2017.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

IRVING, M. A.; SANCHO, A. P. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual do Turismo**, nº 4, vol. 5, 2005

IVARS-BAIDAL, Josep. **Planificación turística de los espacios regionales en España**. Madrid: Síntesis, 2003.

HIRATA, Fernanda Akemi; BRAGA, Debora Cordeiro. Demanda turística e o estudo sobre motivação. EdUFRR, 2017.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores** 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

JESUS, Edilson Rosa Barbosa de; JESUS, Valéria Tomi Kamijo de Moraes. Perfil dos alunos ingressantes no ano de 2013 nos cursos técnicos integrados e concomitante do IFSP – Bragança Paulista. **Revista Iuminart**, Revista Científica eletrônica, ano VI, IFSP - campus Sertãozinho, março / 2014.

JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em psicanálise, sua imagem e seu público. In A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), **A teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília, DF: Techopolitk, 2014.

JULIÃO, D. V. **Com a fala o professor**: as representações e a produção de sentido sobre o turismo no currículo escolar. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

_____. Vivendo a vida com os outros intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em Representações Sociais**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KUENZER, Acácia Zeneida. Educação profissional: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. **Boletim Técnico do Senac**, v. 25, n. 2, p. 18-29, 1999.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. São Paulo: Papirus Editora, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 1998.

LACERDA, P. G. **As Representações Sociais dos Gestores sobre a Qualidade na Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAWALL, I. T. *et al.* Fases de desenvolvimento profissional de Professores em situação de inovações curriculares no Nível Médio. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2009, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/viienpec/VII%20ENPEC%20-%202009/www.foco.fae.ufmg.br/cd/pdfs/1418.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

LAGO, Ricardo; DE LORENZI CANCELLIER, Everton Luis Pellizzaro. Agências de viagens: desafios de um mercado em reestruturação. **Turismo-Visão e Ação**, v. 7, n. 3, p. 495-502, 2005.

LAGE, B. H. G.; MILONE, C. **Economia do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

LAGE, Beatriz Helena G. Segmentação do mercado turístico. **Revista Turismo em Análise**, v. 3, n. 2, p. 61-74, 1992.

LIMA, Rozuila Neves *et al.* Polo Parque dos Lençóis Maranhenses: uma investigação sobre o grau de atratividade do município de Barreirinhas e comunidades. **Guaju**, v. 4, n. 1, p. 75-93, 2018.

LINDERBERG, K., HAWKINS, D. E. (ed.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995.

LINS, A. G.; ARAUJO, L. M.; LIMA, Walter Matias. Turismo, espaço urbano e meio ambiente: análise do projeto de esgotamento sanitário do município de Maragogi (AL). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 10, n. 2, p. 270-299, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. M. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986.

MARANHÃO Secretaria de Turismo. Plano maior 2020 - Plano Estratégico de Turismo do Estado do Maranhão. **Relatório Final**, São Luís: SETUR-MA, 2012

MAIA, Andrei Giovani; DE PIETRO NETO, José. Análise das estruturas do mercado turístico no Brasil: um estudo baseado no número de empregados. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 9, n. 1, p. 82-118, 2015. MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991

MEDAGLIA, Juliana; MAYNART, Karla; SILVEIRA, Carlos. A segmentação de mercado e a demanda turística real em Diamantina/MG e Região. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, 2013.

MELO, Alessandro; CARDOZO, Poliana Fabiula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação & Sociedade**, v. 36, n. 133, p. 1059-1075, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRA, Celso Maciel; AMORIM, Mario Lopes. Política de Educação Profissional e Curso Técnico em Turismo: Desafios no Estado do Paraná, Brasil-Professional Education Policy and Technical Course in Tourism: Challenges in the State of Paraná, Brazil. **ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade**, v. 8, n. 4, 2016.

MELLO; PIMENTEL; SILVA, Trajetórias de Posicionamento Profissional no Setor Hoteleiro Capixaba. **Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica** Vol. VI, nº3, Rio de Janeiro, SET. 2011

MACEDO-SILVA, W.; TCHAICKA, L.; SÁ-SILVA, J. R. Representações sociais e percepção ambiental: a balneabilidade de praias de São Luís e São José de Ribamar, Maranhão, Brasil. **Rosa dos Ventos**, v. 8, n. 4, p. 405-418, 2016.

MELIANI, Paulo Fernando; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Contradições entre a importância do trabalhador e a precarização das relações de trabalho no turismo: notas

primeiras de uma pesquisa de tese para doutoramento. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 13/14, p. 117-126, 2010.

MELO-SILVA, Gustavo; EMMENDOERFER, Magnus Luiz; DE ARAÚJO, Joaquim Filipe Esteves Ferraz. Desenvolvimento de produtos tradicionais artesanais e destinos turísticos regionais no contexto da indústria criativa. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 3, 2018.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social :Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M. C. S. Assis SG, Souza ER, (Orgs.) **Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MONTEIRO, I. F. C. **Representações sociais da Educação Ambiental para professores no Ensino Fundamental II**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano). Universidade de Taubaté, 2015.

MOREIRA, Antônia Silva Paredes; CHAMON, Edna Maria Q. OLIVEIRA. **Estudos interdisciplinares de representação social**, v. 2, 2015.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 61-62.

_____. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Das Representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 45-66.

_____. **Representações Sociais: Investigação em Psicologia Social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

NISHIMOTO, Ellen; VARAJÃO, Guilherme Fortes Drummond Chicarino. Energia solar fotovoltaica em meios de hospedagem no Brasil: nicho de mercado ou tendência à massificação? **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 12, n. 1, p. 148-168, 2018.

NÓBREGA, D. O.; ANDRADE, E. R. G.; MELO, E. S. N. Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), p. 433-441. 2016.

NOVA, T. B. B. Representações sociais de escola das crianças: uma análise a partir de seus desenhos. **36ª Reunião Nacional da ANPed**. Goiânia - GO, 2003.

OLIVEIRA, Alexandra Campos. Turismo em áreas “menos desenvolvidas”: caracterização, desenvolvimento e planejamento turístico da Vila de Trindade, município de Paraty/Rio de Janeiro–Brasil. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. Tenerife, v. 3, n. 1, p. 149-169, 2005.

OLIVEIRA, Blenda Cavalcante de. **O trabalho docente na verticalização do Instituto Federal de Brasília**. 170 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Sistemas de informação gerenciais: estratégias, táticas, operacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, João Leandro Cássio de; NUNES, Claudio Pinto. A carreira docente nos Institutos Federais em comparação com outras escolas públicas. **Revista Educação e Emancipação** [s.l.], p.185-204, 1 ago. 2017. Universidade Federal do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v10n2p185-204>.

OLIVEIRA, R. P.; ARAÚJO, G. C. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 28, p. 5-20, jan./abr. 2005.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Código Mundial de Ética do Turismo**. Santiago do Chile: OMT, 1999.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Conceptos, definiciones y clasificaciones de las estadística de turismo**. Manual Técnico nº 1. OMT, 1995.

Organização Mundial do Turismo (OMT) & Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (PNUMA). **Declaração de Ecoturismo de Quebec**. Quebec – Canadá: OMT; UNEP, 2002

_____. **UNWTO Tourism Highlights**. Madrid: OMT, 2016

PACE, Eduardo Sergio; DE OLIVEIRA, Antonio Marcos; DE ALKMIM, William Fabio. A criação de valor na gestão da mão de obra voluntária no terceiro setor. **Revista de Administração Unimep**, v. 10, n. 3, p. 218-242, 2012.

PACHECO, Eliezer (Org). **Perspectivas da educação profissional técnico de nível médio: propostas de diretrizes curriculares**. São Paulo: Moderna, 2012

PANOSSO NETTO, A.; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, vol. 8, núm. 1, jan-mar, 2014, pp. 120- 144 Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo. São Paulo, Brasil

PANOSSO NETTO, A LOHMANN, G. **Teoria do turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

PAIVA, K. C. M. DE; DUTRA, M. R. S.; OLETO, A. Contribuições do Curso de Turismo para a Formação de Competências Profissionais: estudo longitudinal e comparativo com alunos de duas IES brasileiras. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 148-161, ago. 2017.

PINE II, B. J.; GILMORE, J.H. **The Expeience Economy: Work is Theatre and every Business a Stage**. Boston: Harvard Business School, Press, 1999.

PIRES, P. S. Dimensões do ecoturismo. São Paulo: Senac, 2002.

PAZINI, Raquel; BRAGA, Débora Cordeiro; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. A importância do guia de turismo na experiência turística: da teoria à prática das agências de receptivo de Curitiba-PR. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 17, n. 2, 2017.

PEREZ X.P. **Turismo Cultural**. Uma visão antropológica / El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. 307p.

PIRES, P. S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo-visão e ação**, v. 1, n. 1, p. 75, 1998.

RAMOS, Silvana Pirillo Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como atrativo de um Turismo Cultural. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**; v. 5, n. 1 (2013), 5(I), p. 44-59, jan-mar, 2013.

REBELO, Salete M. **Plano Municipal de Educação Turística – P.M.E.T. – Um modelo para os municípios brasileiros de potencial turístico**. Universidad Pontificia de Salamanca. Extracto de la Tesis Doctoral. Facultad de Ciencias de la Educación. Salamanca, 1998.

REJOWSKI, Mirian *et al.* Desenvolvimento do Turismo moderno. In: REJOWSKI, Mirian (org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

REJOWSKI, M. Produção científica em turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, 21(2), 2010, p-224-246.

RIBAS, L. C. C.; HICKENBICK, C. O Papel de condutores ambientais locais e de cursos de capacitação no ecodesenvolvimento turístico e as expectativas sociais no sul do Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 23, n. 1, p. 143-165, 2012.

RICHARDSON, R. J. *et al.* Conhecimento e método científico. In: **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIVEMALES, M. C. C.; RODRIGUES, G. R. S.; PAIVA, S. M. Técnicas Projetivas Gráficas: Aplicabilidade na pesquisa em representações sociais – revisão sistemática. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 9 n.2 2010.

ROCKTAESCHEL, B. M. **Terceirização em áreas protegidas: estímulo ao Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Senac, 2006.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997. (Série Linha de Frente)

RUIZ, Thays Cristina Domareski; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. A relação entre o planejamento urbano e a competitividade dos destinos turísticos. **Revista brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 2, p. 260-280, 2013.

RUSCHMANN, D. V. M. Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, Brasil, v. 4, n. 1, p. 56-68, mai. 1993. ISSN 1984-4867. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63069> >. Acesso: 19 mai. 2019.

_____. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Turismo)

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SALVATI, Sergio Salazar. Turismo Responsável no Pantanal: desenvolvendo uma visão comum para sua sustentabilidade. In: **IV Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal**. Corumbá/MS. 2004.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Turismo como Fenômeno Humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Revista Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 148-165, 2007.

SANTOS, G. E. d. O., & REJOWSKI, M. (2013). Comunicação científica em turismo no Brasil: análises descritivas de periódicos nacionais entre 1990 e 2012. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 7(1), 149-167.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; KADOTA, Décio Katsushigue. **Economia do turismo**. [S.l: s.n.], 2012.

SANTOS, G. E. d. O., & REJOWSKI, M. (2013). Comunicação científica em turismo no Brasil: análises descritivas de periódicos nacionais entre 1990 e 2012. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 7(1), 149-167.

SANTOS, Glauber Eduardo Oliveira; SILVEIRA, Carlos Eduardo; LOBO, Heros Augusto Santos. Estudos da Demanda Turística: métodos, análises e casos. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 1, p. 4-8, 2014.

SANTOS, Glauber Eduardo. Modelos teóricos aplicados al turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 16, n. 1, p. 96-108, 2007.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; PANOSSO, Alexandre; WANG, Xuanyi. Análise de citações de periódicos científicos de turismo no Brasil: subsídios para a estimação de indicadores de impacto. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, p. 61-88, 2017.

SÁ-SILVA, J.R.; TCHAICKA, L; SILVA, W. M. Representações Sociais e Percepção Ambiental: A Balneabilidade de Praias de São Luís e São José de Ribamar, Maranhão, Brasil. **Rosa dos Ventos**, v. 8, p. 1-14, 2016.

SIMONETTI, S. R.; NASCIMENTO, E. P.; CHAVES, M. P. S. R. As representações sociais sobre turismo em comunidades do Rio Negro (Iranduba-Am). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 183- 99, ago. 2016.

SILVA, Rafael Celestino; FERREIRA, Márcia de Assunção. Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que, para que. **Escola Anna Nery Revista de enfermagem**, vol. 16, 3, setembro, 2012, p. 607-612.

SILVA, Marina Duarte Gomes; DE ARAÚJO MIRANDA, Elis. Planejamento do turismo para o desenvolvimento local. **Revista brasileira de planejamento e desenvolvimento**, v. 2, n. 2, p. 94-103, 2013.

SILVA, V. C.B. As Representações Sociais de Docentes da Educação Básica quanto a Qualidade de Vida/Trabalho. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Humano) Universidade de Taubaté, 2018.

SINGER, Paul. **O que é economia**. São Paulo: Contexto. 2006.

SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **Cultur-Revista de Cultura e Turismo**, v. 9, n. 1, p. 36-59, 2015.
SPINK, M. J. P. & LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: M. J. P. Spink (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004

SOUZA, Celina. **Políticas públicas: conceitos, tipologias e subáreas**. Trabalho elaborado para a Fundação Luís Eduardo Magalhães. São Paulo, 2002. Disponível em:
<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3843/material/001-%20A-%20POLITICAS%20PUBLICAS.pdf>> Acesso em 15/08/2020

TAKASAGO, Milene MOLLO, Maria de Lourdes A economia do turismo e a redução da pobreza e da desigualdade no Brasil: o papel do Estado. **Revista Turismo em Análise**; v. 19 n. 2 (2008); 307-329

TASSO, João Paulo Faria. **Turismo na encruzilhada: estudo sobre os fatores de inserção socioeconômica em destinos turísticos emergentes (Barreirinhas - MA)**. 2011. 188 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

TAUFICK, A. L. O. L. Análise da política de Assistência Estudantil dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 30, p. 181-201, 2014.

TOMAZONI, Edegar Luis. Educação profissional em turismo: cria-se mercado pela formação? **Revista Turismo em análise**, v. 18, n. 2, p. 197-219, 2007.

TORRES, A. R. R.; CAMINO, L. Grupos sociais, relações intergrupais e identidade social. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2013, p. 515-539.

TRENTIN, Fábila; SAN SOLO, Davis Gruber. Políticas públicas de turismo e indicadores de sustentabilidade ambiental: um estudo sobre Bonito-MS. **Turismo-Visão e Ação**, v. 8, n. 1, p. 61-74, 2006.

TRIBE, J. Turismo, conhecimento e currículo. In: AIREY, D.; TRIBE, J. Educação
TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

Internacional em Turismo. São Paulo: Senac, 2008.

VALASKI, Marli Klein. **Ensino Médio Técnico Integrado no Paraná: formação e qualificação enquanto Política Pública**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012. Disponível em:
<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/Monografia-Marli-K-Valaski.pdf>. Acesso em: 7 de mar. 2018.

VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa. Conceitos e Modelos em Turismo: uma evolução do reducionismo aos sistemas turísticos. **Turismo-Visão e Ação**, v. 7, n. 1, p. 155-171, 2005.

VALLE, Paula. **Representações sociais de profissionais da educação infantil sobre alimentação escolar**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) Universidade de Taubaté, 2016

VALLS, Josep-Francesc. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

VELASQUEZ, G. G.; OLIVEIRA, J. P. O Sistema Flexível de Turismo: avanço na análise sistêmica do Turismo. **Turismo-Visão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 343, 2018.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, v. 26, p. 251-262, 2006.

APÊNDICE I – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA PROFESSORES

DATA	HORÁRIO INÍCIO	HORÁRIO TÉRMINO
LOCAL:		
1. Gênero <input type="radio"/> 1. Masculino <input type="radio"/> 2. Feminino		
2. Qual a sua idade em anos completos? <input type="radio"/> 1. De 18 a 25 anos <input type="radio"/> 2. De 26 a 35 anos <input type="radio"/> 3. De 36 a 45 anos <input type="radio"/> 4. De 46 anos a 55 anos <input type="radio"/> 5. Mais de 56 anos		
3. Residência Fixa <input type="radio"/> 1. Barreirinhas <input type="radio"/> 2. São Luís <input type="radio"/> 3. Outra cidade. Qual? _____		
4. Qual é o seu estado civil? <input type="radio"/> 1. Solteiro <input type="radio"/> 2. Casado <input type="radio"/> 3. Viúvo <input type="radio"/> 4. Separado/ Desquitado/Divorciado <input type="radio"/> 5. Vive maritalmente		
5. Quantos turnos você trabalha diariamente? <input type="radio"/> 1. Trabalho apenas um turno <input type="radio"/> 2. Trabalho dois turnos <input type="radio"/> 3. Trabalho três turnos		
6. Há quanto tempo você exerce a profissão de professor no ensino profissional? <input type="radio"/> 1. Entre seis meses e 1 ano <input type="radio"/> 2. Entre 1 e 5 anos <input type="radio"/> 3. Entre 5 e 10 anos <input type="radio"/> 4. Entre 10 e 20 anos <input type="radio"/> 5. Acima de 20 anos		
7. Em quantas Instituições você trabalha como docente? <input type="radio"/> 1. Trabalho apenas em uma <input type="radio"/> 2. Trabalho em duas <input type="radio"/> 3. Trabalho em mais que duas		
8. Qual a sua formação? <input type="radio"/> 1. Graduação. Especifique: _____ <input type="radio"/> 2. Especialização. Especifique: _____ <input type="radio"/> 3. Mestrado. Especifique: _____ <input type="radio"/> 4. Doutorado. Especifique: _____		
9. Qual a relação da sua disciplina com o Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer? <input type="radio"/> 1. Sou professor de área correlata <input type="radio"/> 2. Sou professor de área diversa Especifique as suas disciplinas: _____		
10. Você, ou algum familiar, exerce alguma atividade relacionada ao turismo? Qual?		

**APÊNDICE II – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS
CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA PARA ALUNOS**

DATA	HORÁRIO INÍCIO	HORÁRIO TÉRMINO
LOCAL:		TURMA:
Grupo FOCAL _____		
1. Gênero <input type="radio"/> 1. Masculino <input type="radio"/> 2. Feminino		
2. Qual a sua idade em anos completos? <input type="radio"/> 1. De 13 a 14 anos <input type="radio"/> 2. De 14 a 15 anos <input type="radio"/> 3. De 15 a 16 anos <input type="radio"/> 4. De 16 a 17 anos <input type="radio"/> 5. Mais de 18 anos		
2. Área de domicílio <input type="radio"/> 1. Área urbana de Barreirinhas <input type="radio"/> 2. Área rural de Barreirinhas <input type="radio"/> 3. Outro município _____		
4. Você tem familiares que trabalham com turismo, direta ou indiretamente? <input type="radio"/> 1. Não <input type="radio"/> 2. Sim, diretamente <input type="radio"/> 3. Sim, indiretamente Caso tenha familiares que trabalham com turismo, quanto eles representam, na renda familiar? <input type="radio"/> 4. Até metade da renda <input type="radio"/> 5. Mais da metade da renda		
5. Quantas pessoas contribuem com a renda familiar? <input type="radio"/> 1. Uma pessoa <input type="radio"/> 2. Duas pessoas <input type="radio"/> 3. Três pessoas ou mais		
6. Recebe Auxílio Estudantil <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> Sim. Qual? _____		
7. Com quem você mora atualmente? <input type="radio"/> 1. Com meus pais <input type="radio"/> 2. Com outros parentes <input type="radio"/> 3. Com amigos		
8. Onde você estudou a maior parte do ensino fundamental? <input type="radio"/> 1. Escola pública <input type="radio"/> 2. Escola privada		
9. Você exerce alguma atividade remunerada, atualmente? <input type="radio"/> 1. Sim <input type="radio"/> 2. Não		
10. Após o término curso, em qual setor do turismo você gostaria de trabalhar? <input type="radio"/> 1. Mercado Hoteleiro <input type="radio"/> 2. Agência de Viagens <input type="radio"/> 3. Bares e Restaurantes <input type="radio"/> 4. Guiamento de Turismo <input type="radio"/> 5. Transporte de Turistas <input type="radio"/> 6. Setor de Serviços <input type="radio"/> 7. Setor Público <input type="radio"/> 8. Não pretendo trabalhar com turismo		

APÊNDICE III – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1 Como você avalia o turismo nos Lençóis Maranhenses?
- 2 Caracterize o tipo de turista que visita a região?
- 3 O que você pensa sobre o trabalho das agências de viagens receptivas?
- 4 Como você avalia o trabalho do poder público municipal, estadual e federal, quanto ao desenvolvimento do turismo nos Lençóis Maranhenses?
- 5 Quais os principais atrativos da região de Barreirinhas?
- 6 Quais os principais produtos produzidos por Barreirinhas?
- 7 Comente sobre como o turismo traz renda para as comunidades locais
- 8 Qual a infraestrutura necessária para que o turismo possa se realizar de forma plena?
Como é, em Barreirinhas?
- 9 Fale-me sobre os desafios encontrados para a viabilidade do ecoturismo em Barreirinhas e nos Lençóis Maranhenses.
- 10 Como você caracteriza o turismo em Barreirinhas?
- 11 O PNLN tem um plano de Manejo, é acessível? Já teve oportunidade de conhecê-lo?
Se sim, o que chamou sua atenção?
- 12 Como é o trabalho do Conselho Municipal do Turismo?
- 13 Como você vê a inserção dos alunos do curso no mercado turístico?

APÊNDICE IV – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS
ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM OS ALUNOS

Questão Introdutória

Como vocês avaliam o turismo em Barreirinhas?

Mercado

Qual a opinião de vocês sobre o trabalho das empresas do ecoturismo (Agências, Meios de Transporte, Guias de Turismo) nos Lençóis Maranhenses?

Turistas

Como vocês acham que o turista se sente ao conhecer Barreirinhas e os Lençóis Maranhenses?

Poder Público

Qual é sua opinião sobre o papel do poder público na gestão do turismo, como a Prefeitura ou o órgão gestor do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses?

Meio Ambiente

Qual sua opinião sobre a relação do Turismo com o Meio Ambiente?

APÊNDICE V - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL, que será realizada pelo pesquisador Tiago Guelssi Armoa Vieira. Pretende-se identificar as representações sociais de alunos e professores do curso técnico de Agenciamento de Viagens sobre o Ecoturismo no município de Barreirinhas-MA. A participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas individuais com os professores, gravadas em áudio para posterior análise de dados, e por meio de participação dos alunos em Grupo Focal e Elaboração de Desenhos. Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve riscos. Os riscos previstos nesta pesquisa são: estigmatização, invasão de privacidade, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, embaraço de interagir com estranhos e medo de repercussões eventuais. Se você aceitar participar estará contribuindo para ampliar o conhecimento sobre as representações sociais do ecoturismo no município de Barreirinhas-MA. Para participar deste estudo, não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Receberá esclarecimentos sobre o estudo e estará livre para recusar-se a participar. Sua não lhe acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma de atendimento pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição, quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Esse termo de consentimento está impresso em duas vias: uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será entregue a você.

Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone 11 968391055 (inclusive ligações a cobrar) ou pelo e-mail tguelssi@gmail.com Em caso de dúvidas a respeito dos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA – RG. 30701599-3

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado dos objetivos da pesquisa ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e que me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20____

Assinatura do(a) Participante

APÊNDICE VI - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (No caso de menor (de 12 a 17 anos)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL. Nesta pesquisa, o pesquisador Tiago Guelssi Armoa Vieira pretende identificar as representações sociais de alunos e professores do curso técnico de Agenciamento de Viagens. Sua participação é voluntária e se dará por meio da participação em Grupo Focal e Elaboração de desenhos. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: estigmatização, invasão de privacidade e interferência em sua rotina, embaraço ao interagir com estranhos e medo de repercussões eventuais. Se você aceitar participar estará contribuindo para ampliar o conhecimento sobre as representações sociais do ecoturismo no município de Barreirinhas-MA. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não lhe acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma de atendimento pelo pesquisador, que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão a sua disposição quando a pesquisa estiver finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento está impresso em duas vias; uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será entregue a você. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (11) 968391055 (inclusive ligações a cobrar) ou por e-mail: tguelssi@gmail.com. Em caso de dúvidas a respeito de aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

NOME DO PESQUISADOR: TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA
RG. 30701599-3

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, deixar de participar, sem que venha a sofrer qualquer prejuízo, e que meu responsável poderá modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.

Taubaté, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do menor

APÊNDICE VII - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (No caso do responsável pelo menor)

O menor _____ está sendo convidado a participar da pesquisa ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL, a ser realizada pelo pesquisador Tiago Guelssi Armoa Vieira. Nesta pesquisa, busca-se identificar as representações sociais de alunos e professores do curso técnico de Agenciamento de Viagens sobre o Ecoturismo no município de Barreirinhas-MA. Sua participação é voluntária e se dará por meio de Grupo Focal e Elaboração de Desenhos. Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve riscos. Esta pesquisa apresenta risco mínimo, tais como invasão de privacidade, interferência na vida e na rotina dos sujeitos, embaraço de interagir com estranhos e medo de repercussões eventuais. Se ele aceitar participar estará contribuindo para ampliar o conhecimento sobre as representações sociais do ecoturismo no município de Barreirinhas-MA Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como ele será atendido pelo pesquisador, que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição, quando a pesquisa estiver finalizada. Nome ou o material que indiquem a participação do menor não serão liberados sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento está impresso em duas vias: uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será entregue a você. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (11) 968391055 (inclusive ligações a cobrar) ou pelo e-mail tguelssi@gmail.com Em caso de dúvidas a respeito dos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA – RG. 30701599-3

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do Responsável

APÊNDICE VIII – MODELO DE OFÍCIO

Ilmo. Sr. José Valdir Damasceno Araújo
Diretor Geral do IFMA Campus Barreirinhas
Rod. MA 225 – KM 04
Barreirinhas-MA

TAUBATÉ, _____ de _____ de 2018

Prezado Senhor:

Solicitamos permissão para realização de pesquisa pelo(a) aluno TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado O ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL. O estudo será realizado com 15 docentes e 36 alunos, sob orientação do Prof. Dr. (NOME DO ORIENTADOR).

Serão realizados questionários e realizadas entrevistas com os professores, e grupos focais e oficinas de desenhos com os alunos. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passou por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté e que foi aprovado sob o CEP/UNITAU nº ____/____ (ANEXO ____).

Certos de contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA, telefone (11) 968391055.

Solicitamos a devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Curso de Pós-graduação

APÊNDICE IX – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

LOCAL, _____, _____ de _____.

De acordo com as informações do ofício _____, sobre a natureza da pesquisa intitulada ECOTURISMO NOS LENÇÓIS MARANHENSES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL, com propósito de trabalho a ser executado pelo aluno TIAGO GUELSSI ARMOA VIEIRA, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, e após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa, a Instituição que represento autoriza a aplicação de questionários, a realização de entrevistas e a elaboração de grupos focais com alunos e professores.

JOSÉ VALDIR DAMASCENA ARAÚJO

DIRETOR GERAL

IFMA CAMPUS BARREIRINHAS

END. ROD. MA 225 – Km 4

BARREIRINHAS-MA